



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DOUGLAS LIMA DA COSTA

“CREIO, POR ISSO EU ESTUDO”: APROPRIAÇÕES DO PENSAMENTO
EDUCACIONAL DE MARTINHO LUTERO NO IMPRESSO MENSAGEIRO
LUTERANO (1917-1947)

**São Cristóvão - SE
2025**

DOUGLAS LIMA DA COSTA

“CREIO, POR ISSO EU ESTUDO”: APROPRIAÇÕES DO PENSAMENTO
EDUCACIONAL DE MARTINHO LUTERO NO IMPRESSO MENSAGEIRO
LUTERANO (1917-1947)

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Gama
Oliveira.

Coorientadora: Profa. Dra. Patricia
Weiduschadt

São Cristóvão - SE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837c Costa, Douglas Lima da.
“Creio, por isso eu estudo”: apropriações do pensamento educacional de Martinho Lutero no impreso Mensageiro Luterano (1917-1947) / Douglas Lima da Costa; orientador João Paulo Gama Oliveira; coorientadora Patricia Weiduschadt– São Cristóvão, 2025.
252 f. : il.

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

1.Lutero, Martinho, 1483-1546 – Educação. 2. Educação Religiosa – História. 3.Protestantismo – Brasil - História 4.Impressos Religiosos – Brasil – Século XX. I. Oliveira, João Paulo Gama, orient. II. Título.

CDD 230.046
CDU 2-67:37(81)(091)

Ficha elaborada pela bibliotecária Ludmilla Silva de Oliveira CRB 5/2126



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



DOUGLAS LIMA DA COSTA

'CREIO, POR ISSO EU ESTUDO': APROPRIAÇÕES DO PENSAMENTO EDUCACIONAL
DE MARTINHO LUTERO NA FORMAÇÃO EDUCATIVA DA IGREJA LUTERANA NO
BRASIL. ATRAVÉS DO IMPRESSO MENSAGEIRO LUTERANO (1917-1947)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Sergipe e
aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 21.07.2025



Documento assinado digitalmente
JOÃO PAULO GAMA OLIVEIRA
Data: 21/07/2025 13:30:42 -0300
Verifique em <https://brasil.gov.br>

Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS



DOCUMENTO ASSINADO DIGITALMENTE
PATRICIA WEIDUSCHADT
Data: 21/07/2025 13:30:37 -0300
Verifique em <https://brasil.gov.br>

Prof.ª Dr.ª Patricia Weiduschadt (Coorientadora)
Universidade Estadual de Maracá / UPEL



DOCUMENTO ASSINADO DIGITALMENTE
JOAQUIM TAVARES DA CONCEIÇÃO
Data: 21/07/2025 17:58:56 -0300
Verifique em <https://brasil.gov.br>

Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS



DOCUMENTO ASSINADO DIGITALMENTE
NORBERTO DALLABRIDA
Data: 21/07/2025 10:00:30 -0300
Verifique em <https://brasil.gov.br>

Prof. Dr. Norberto Dallabrida
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS e UDESC

Renata Castro

Prof.ª Dr.ª Renata Brião de Castro
Universidade de São Paulo / USP



DOCUMENTO ASSINADO DIGITALMENTE
SIMONE BARIOLI
Data: 21/07/2025 10:00:30 -0300
Verifique em <https://brasil.gov.br>

Prof.ª Dr.ª Simone Barioli
Universidade Estadual de Londrina / UEL

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2025

AGRADECIMENTOS

Este momento sela não apenas a finalização de um ciclo que durou quatro anos, mas também um longo caminho percorrido desde a infância humilde, na lavoura, onde a educação foi a candeia que iluminou e norteou os sonhos que pareciam tão distantes para aquele menino que hoje se torna doutor em Educação. No entanto, não conquistei este título sozinho: são devidas as homenagens neste momento.

A Deus, minha gratidão diária. Ele me inspirou, capacitou e conduziu em todo o tempo.

À minha mãe, Melânia Vicência de Lima, que foi minha primeira e maior educadora. Apesar de ter tão pouca instrução, conseguiu me ensinar as primeiras letras ainda em casa e não mediu esforços para que eu pudesse estudar e ter acesso às oportunidades que ela não teve. Carrego comigo as suas lições e o seu legado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira, e à minha coorientadora, Prof.^a Dr.^a Patrícia Weiduschadt, que foram tão importantes nesta etapa da minha vida. Além de mestres, foram companheiros comprometidos com a realização deste trabalho de forma leve e humana. Hoje dou este importante passo na minha jornada acadêmica, na pesquisa em História da Educação, porque vocês acreditaram na minha competência para desenvolver esta tese.

Aos colegas de classe, aos professores das disciplinas, ao grupo de pesquisa "História da Educação: sujeitos, patrimônio e práticas educativas – HESCOLAR", e aos professores da banca, minha gratidão pelas discussões, apontamentos e trocas que foram cruciais para o aprofundamento deste trabalho.

Agradeço também ao Seminário Concórdia, em São Leopoldo/RS, pela oportunidade de acesso às fontes pesquisadas na biblioteca e pela acolhida durante a estadia. Também sou grato aos responsáveis pelo Instituto Histórico da IELB pela disponibilização das fontes e receptividade, em especial à Elis Meister.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), meu agradecimento por tornar possível o desenvolvimento desta pesquisa e cursar este programa.

Aos meus sócios e amigos Crislaine Borges e Edson Cardoso, que tantas vezes compreenderam minha ausência no escritório e sempre acreditaram no meu potencial, vibrando comigo a cada conquista.

Enfim, a todos os amigos e familiares que torceram e, de alguma forma, foram compreensivos e acolhedores em tantos momentos desafiadores. A todos vocês, a minha sincera gratidão.

Do chão do campo ao cume da formação, cada passo foi poesia escrita com esforço, fé e amor à educação.

RESUMO

A presente pesquisa parte da tese de que o impresso Mensageiro Luterano foi concebido com o objetivo de instruir e orientar religiosamente o público luterano, alinhando-se aos princípios de Martinho Lutero, cuja intenção era favorecer o aperfeiçoamento tanto da condição social quanto da vida espiritual dos fiéis. Tendo isso em vista, destaca-se que objetivo geral do presente trabalho é analisar como se deram a recepção e apropriação do pensamento educacional de Martinho Lutero no contexto teuto-brasileiro, especialmente entre os membros da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), através das publicações periódicas do impresso 'Mensageiro Luterano' (1917-1947). Com isso, vale salientar que o presente trabalho busca compreender como ideias educacionais oriundas da Reforma Protestante, especialmente as de Martinho Lutero, foram recebidas, reinterpretadas e apropriadas pelos membros da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Metodologicamente, a presente pesquisa utiliza o impresso o Mensageiro Luterano, enquanto o enfoque teórico foi a história cultural, remetendo ao autor Roger Chartier como aporte principal. A partir das análises realizadas, conclui-se que o jornal Mensageiro Luterano constituiu-se como uma relevante ferramenta formativa da IELB, indo além da simples difusão de conteúdos religiosos. Sua atuação abrangeu disputas pedagógicas, doutrinárias e sociais, refletindo as estratégias institucionais da IELB frente aos desafios históricos e culturais do período. Evidencia-se, ainda, que o pensamento educacional de Martinho Lutero foi sistematicamente apropriado e ressignificado no contexto brasileiro, especialmente nas comunidades teuto-brasileiras do sul do país, moldando uma proposta educativa que articulava fidelidade à tradição reformista e adaptação às realidades locais. A leitura das edições do periódico revela, assim, a construção de um modelo educacional luterano centrado na formação espiritual e cidadã dos indivíduos, reafirmando o papel da educação como eixo estruturante da ação religiosa e comunitária da IELB.

Palavras-chave: Educação Religiosa; Igreja Luterana; Impresso Mensageiro Luterano; Martinho Lutero.

ABSTRACT

This research is based on the thesis that the Lutheran Messenger was conceived to provide religious instruction and guidance to the Lutheran public aligning itself with the principles of Martin Luther, whose intention was to foster the improvement of both the social condition and the spiritual life of the faithful. With this in mind, the general objective of this work is to analyze how Martin Luther's educational thought was received and appropriated in the German-Brazilian context, especially among members of the Evangelical Lutheran Church of Brazil (IELB), through the periodical publications of the Lutheran Messenger (1917-1947). Therefore, it is worth emphasizing that this work seeks to understand how educational ideas originating from the Protestant Reformation, especially those of Martin Luther, were received, reinterpreted, and appropriated by members of the Evangelical Lutheran Church of Brazil. Methodologically, this research uses the Lutheran Mensageiro newspaper, while the theoretical focus was cultural history, with Roger Chartier as the main contribution. Based on the analyses, it is concluded that the Lutheran Mensageiro newspaper constituted a relevant educational tool for the IELB, going beyond the simple dissemination of religious content. Its activities encompassed pedagogical, doctrinal, and social disputes, reflecting the IELB's institutional strategies in the face of the historical and cultural challenges of the period. It is also evident that Martin Luther's educational thinking was systematically appropriated and reinterpreted in the Brazilian context, especially in the German-Brazilian communities in the south of the country, shaping an educational proposal that combined fidelity to the Reformist tradition with adaptation to local realities. Reading the periodical's issues thus reveals the construction of a Lutheran educational model centered on the spiritual and civic formation of individuals, reaffirming the role of education as a structuring axis of the IELB's religious and community action.

Keywords: Religious Education; Lutheran Church; Periodical Mensageiro Luterano; Martin Luther.

LISTA DE SIGLAS

IELB	Igreja Evangélica Luterana do Brasil
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
PUC	Pontifícia Universidade Católica
UFS	Universidade Federal de Sergipe

QUADROS

Quadro 1	Pesquisas publicadas sobre revistas religiosas entre 2007 e 2024 levantadas junto à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)	24
Quadro 2	Mudanças no Jornal Mensageiro Luterano (1917-1947)	150
Quadro 3	Colunas do Jornal Mensageiro Luterano publicadas entre 1917 e 1947	160
Quadro 4	Formandos por ano (1917-1947)	169

FIGURAS

Figura 1	Exemplar de capa completa do Mensageiro Lutherano	14
Figura 2	Pedido de audiência ao General Mesquita sobre prejuízos com a proibição do alemão	130
Figura 3	Contratação de professor brasileiro para atender às exigências de ensino em português no Seminário (1918).	134
Figura 4	Fechamento do Seminário Concórdia por ordem da Polícia Militar em 1918	135
Figura 5	Defesa do Seminário Concórdia frente às acusações sobre uso do alemão	136
Figura 6	Fundação do Seminário Concórdia: origens institucionais e primeiros desafios (outubro/1920)	138
Figura 7	Estrutura curricular e objetivos do Seminário Concórdia: formação pedagógica e teológica (1917)	139
Figura 8	Exames finais no Seminário Concórdia (1918)	140
Figura 9	Esclarecimento editorial sobre a proposta do Mensageiro Lutherano e o papel das correspondências missionárias	146
Figura 10	Novo templo de Arroio das Pedras: símbolo do êxito missionário e do fortalecimento das comunidades luteranas em zonas rurais (edição de outubro de 1925)	152
Figura 11	A mudança de nome e a construção imagética: Lutero como símbolo central no Mensageiro Lutherano (junho/1918)	154
Figura 12	Novo cabeçalho do Mensageiro Lutherano: explicação editorial sobre a latinização do impresso e as mudanças visuais na edição de janeiro de 1929	157
Figura 13	Explicação editorial sobre os atrasos nas edições de agosto a novembro de 1930, devido interrupções no correio durante tensões nacionais	158
Figura 14	Primeira comunidade luterana luso-brasileira em Lagoa Vermelha: marco histórico das conferências e do trabalho missionário (edição de abril de 1923)	161
Figura 15	Formandos do Seminário Concórdia em dezembro de 1924: registro dos concluintes teológicos para expansão missionária	162

Figura 16	Capa comemorativa em azul do Mensageiro Luterano na edição de dezembro de 1947, marcando os 30 anos da publicação oficial do Sínodo Evangélico Luterano do Brasil.	163
Figura 17	Conflito intersínodos: tentativas de cooptação e resistência do Missouri (novembro/1918).	165
Figura 18	Conflitos com a Igreja Católica: crescimento protestante e tensões religiosas (outubro/1918).	167
Figura 19	O pastor João Alves	189

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	EDUCAÇÃO E A REFORMA PROTESTANTE: UM OLHAR PARA O CONHECIMENTO E A FÉ	32
2.1	A REFORMA PROTESTANTE COMO UM DESENCADEADOR DA MODERNIDADE: IDENTIFICANDO OS PROPÓSITOS DA REFORMA LUTERANA	58
2.2	A RELAÇÃO ENTRE REFORMA E MODERNIDADE	76
2.3	EDUCAÇÃO E RELIGIÃO – O MODELO DE ENSINO PROTESTANTE SEGUNDO MARTINHO LUTERO	87
2.3.1	Martinho Lutero: o reformador religioso da educação	88
2.3.2	Dos escritos pedagógicos: aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas	91
2.3.3	Uma prédica para que se enviem os filhos à escola	103
3	O SÍNODO DE MISSOURI E A IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA	113
3.1	MUDANÇAS NA ALEMANHA NA REVOLUÇÃO FRANCESA, COMO ATESTAM OS ESTUDOS DE WARTH, REHFELDT, DREHE E WEIDUSCHADT	115
3.2	DOIS MOVIMENTOS: DESPERTAMENTO E CONFSSIONALISMO	118
3.3	O PROTESTANTISMO DE MIGRAÇÃO E DE MISSÃO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA	121
3.4	DISPUTAS E CONFLITOS NO SÍNODO DE MISSOURI NO BRASIL	130
3.5	SEMINÁRIO CONCORDA: BREVE HISTÓRICO	137
4	MENSAGEIRO LUTERANO: MATERIALIDADE, APRESENTAÇÃO E USOS POR MEIO DOS IMPRESSOS	145
4.1	DESAFIOS LINGUÍSTICOS, SOCIAIS E RELIGIOSOS RELACIONADOS À CRIAÇÃO DO JORNAL MENSAGEIRO LUTERANO	146
4.2	RECURSOS VISUAIS E LINGUÍSTICOS: A MATERIALIDADE DO IMPRESSO	148

4.3	ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELO JORNAL MENSAGEIRO LUTERANO	165
5	PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DA IELB (1917-1947) ATRAVÉS DA APROPRIAÇÃO DO PENSAMENTO EDUCACIONAL DE MARTINHO LUTERO	169
5.1	O LEGADO DE LUTERO NA FORMAÇÃO PASTORAL SEGUNDO O MENSAGEIRO CHISTÃO (1917-1920)	172
5.2	A PEDAGOGIA LUTERANA E A MISSÃO EDUCATIVA DA IELB SEGUNDO O MENSAGEIRO LUTERANO (1921-1925)	175
5.3	IMPRESSOS, EDUCAÇÃO E MISSÃO LUTERANA NO BRASIL SEGUNDO O MENSAGEIRO LUTERANO (1926-1930)	180
5.4	A EDUCAÇÃO LUTERANA NO BRASIL ENTRE DISPUTAS CONFESSIONAIS E EXPANSÃO PEDAGÓGICA (1931-1935)	183
5.5	A CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL DA IELB E SUA NACIONALIZAÇÃO PEDAGÓGICA (1936-1940)	185
5.6	A CONSOLIDAÇÃO DO IDEAL EDUCACIONAL LUTERANO NO BRASIL SEGUNDO O MENSAGEIRO LUTERANO (1941-1947)	189
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
	FONTES	202
	REFERÊNCIAS	225
	APÊNDICE A – Tabela com todas as revistas utilizadas	235

1 INTRODUÇÃO

Como objeto de estudo desta tese, apresenta-se o impresso religioso denominado “Mensageiro Luterano”. Desde 1917, esse periódico constitui o principal veículo de comunicação da Igreja Luterana do Brasil (IELB). Observa-se que ele permanece em circulação na contemporaneidade, resistindo ao tempo e às mudanças institucionais ocorridas ao longo das décadas. Diante da longevidade e vitalidade do impresso, formula-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira ocorreu a apropriação das ideias educacionais de Martinho Lutero no cenário teuto-brasileiro, particularmente entre os integrantes da IELB, por meio da publicação periódica do Mensageiro Luterano (1917-1947)?

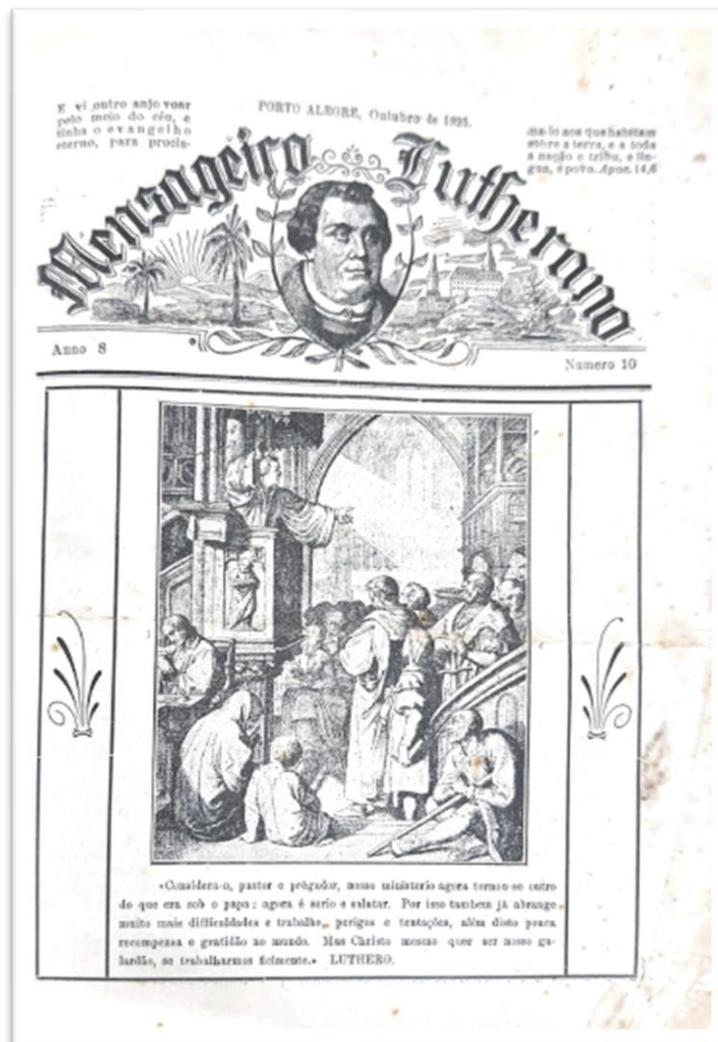
Nesse sentido, diante da vasta gama de impressos que compõe a circulação do jornal, fez-se necessário um recorte temporal que viabilizasse o presente estudo. Por isso, optou-se por analisar o período compreendido entre 1917 e 1947, correspondente a 30 (trinta) anos de publicação e a um total de 389 edições. Como inicialmente eram lançadas duas edições mensais, calcula-se uma média superior a 2.880 páginas analisadas, considerando que o número de páginas por exemplar — em geral, 8 laudas — manteve-se estável ao longo dos anos.

Assim, o recorte temporal selecionado está ligado a importantes eventos históricos como na primeira edição publicada do jornal, em plena Primeira Guerra Mundial, em 1917, e ao ano do seu trintenário, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1947. Dessa forma, evidencia-se que o intervalo escolhido apresenta implicações históricas relevantes para a análise do conteúdo e da historicidade do periódico, tais como: os efeitos pós primeira guerra nas comunidades teuto-brasileiras, a instauração do Estado Novo e a declaração de guerra do Brasil à Alemanha na Segunda Guerra Mundial, o que resvalou nas comunidades teuto-brasileiras. Além disso, também o impresso passou por mudanças significativas neste período (alteração do nome para Mensageiro Luterano e não mais Lutherano, alteração para a cor azul firmando-se como um jornal consolidado da IELB, a inserção de três colunas, ilustrações, entre outros) tendo como última edição analisada a de nº 12 de dez/1947.

Sob essa ótica, importa esclarecer que, embora o Mensageiro Luterano seja contemporaneamente identificado como uma revista, no período recortado pela presente pesquisa (1917–1947), o impresso era oficialmente denominado jornal,

conforme as próprias edições históricas analisadas. Portanto, optou-se neste trabalho por seguir rigorosamente a nomenclatura original das fontes, utilizando o termo “jornal” ou mesmo “impresso”, nas referências ao Mensageiro Luterano, a fim de preservar a coerência documental e o respeito ao período histórico no qual foi produzido, conforme se vê na figura 1. Sendo que apenas a partir de 1966 o periódico passou a ser oficialmente denominado revista, marcando uma nova fase editorial e institucional, distinta daquela investigada nesta tese.

Figura 1 – Exemplar de capa completa do Mensageiro Luterano



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 10, out. 1925, fls. nº 89.

As análises dos exemplares demonstram as mudanças sofridas em 06 (seis) momentos distintos entre 1917/1947, seja quanto à sua materialidade, recursos gráficos e tipografia, seja quanto ao próprio amadurecimento do jornal, que, de um folhetim ou boletim missionário, consolidou-se como o veículo de comunicação oficial do Sínodo. Nesse contexto, destaca-se que na edição de vinte e cinco anos da revista, na edição de jan./1942, o Sínodo Evangélico Luterano do Brasil rememora que por meio de sua Comissão Missionária, encarregou três indivíduos da elaboração de uma publicação escrita em português. Com isso, o objetivo era criar um instrumento de comunicação entre os membros das igrejas e aqueles dedicados à obra do Senhor (Mensageiro Luterano, 1942).

Diante desse cenário, o objetivo geral do presente trabalho foi analisar como se deu a apropriação do pensamento educacional de Martinho Lutero no contexto teuto-brasileiro, especialmente entre os membros da IELB, através das publicações periódicas do Jornal 'Mensageiro Luterano' (1917-1947). Sob esse prisma, como objetivos específicos, elencaram-se: (i) historicizar o movimento da Reforma Protestante; ii) discutir as condicionantes históricas para a implantação do Sínodo Missouri e da IELB, responsáveis pela elaboração e circulação do Jornal, (ii) investigar o jornal 'Mensageiro Luterano', destacando aspectos doutrinários e pedagógicos do impresso; e, por último, (iii) analisar o modelo de ensino proposto e suas reapropriações do pensamento educacional proposto pelo reformador Martinho Lutero.

Nesse caminho, o título da tese foi construído a partir de um excerto do próprio impresso, "Creio, por isso eu estudo; [...]" (Mensageiro Luterano, mar/1924, p. 23) e tem como hipótese: o impresso 'Mensageiro Luterano', em suas estratégias de atuação, foi planejado para educar e doutrinar o leitor luterano, sendo assentado na proposta de Martinho Lutero, que visava promover a melhoria do estamento social e espiritual. Tendo isso em vista, destacam-se as seguintes perguntas norteadoras, responsáveis pelo alicerce do trabalho aqui proposto: Qual foi o pensamento educacional de Martinho Lutero, formulado no contexto da Reforma Protestante, que sedimentou a base doutrinária e pedagógica presente no periódico *Mensageiro Luterano* no cenário teuto-brasileiro? Qual era a base doutrinária e pedagógica presente no jornal? A quem se direcionava a leitura do jornal?

É preciso, ainda, trazer à baila o caminho da pesquisa que se entrecruza na autodescoberta do próprio pesquisador como historiador da educação, uma vez que

o encontro com o objeto da tese percorreu um longo trajeto. Nesse caminho, o meu interesse por estudar religião surgiu, inicialmente, pelas experiências religiosas vividas assentadas numa base católica, mas que aos vinte e três anos, em 2014, foram ressignificadas quando da minha conversão à fé protestante na Assembleia de Deus em Itabaiana, estado de Sergipe, cidade onde nasci e vivo até hoje.

Em 2016, ao me formar em direito e ter sido aprovado na Ordem dos Advogados do Brasil, ingressei em uma comissão temática da referida instituição que tinha como pauta a liberdade religiosa, tendo sido empossado presidente da comissão em 2019, um ano após o meu ingresso no mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Sergipe, momento em que através do contato com algumas literaturas e profundas reflexões, optei por me desligar da igreja e seguir como um pesquisador interessado pelo fenômeno religioso e suas implicações sociais, sobretudo, na educação.

No mestrado, desenvolvi a dissertação defendida em 2020 intitulada “Cosmovisões em conflito: discurso cristão x discurso acadêmico na Universidade Federal de Sergipe”. Neste trabalho, busquei descrever e problematizar as experiências de vivências de grupos cristãos no ambiente acadêmico da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus São Cristóvão, pautando-se no debate fé x razão.

Com o ingresso no doutorado em educação, em 2021, também na Universidade Federal de Sergipe, o interesse em prosseguir nos estudos que relacionam educação e religião foi aprofundado através do contato com outras obras e em razão das primeiras orientações com o então orientador, Prof. Edmilson Menezes¹, que trouxe novas perspectivas de pesquisa. Dessa maneira, surgiu o interesse em estudar Martinho Lutero e investigar os fundamentos do seu pensamento educacional.

Com isso, busquei compreender sua contribuição no contexto educacional ocidental em uma abordagem mais voltada à epistemologia e à filosofia. Entretanto, após a mudança de orientação, no último ano do doutorado, tendo o Prof. João Paulo Gama aceito a substituição, o objeto de estudo careceu de uma reformulação. Com o convite para coorientação feito à Prof.^a Patricia Weiduschadt, foi apresentado o Jornal Mensageiro Luterano, que representou uma oportunidade de entrelaçar a discussão

¹ O Professor Edmilson Menezes orientou o presente trabalho de agosto/2021 até 26/03/2024, quando ocorreu sua saída do PPGED.

teórica já construída com um objeto de estudo ainda não explorado em estudos desta natureza, calcando a tese dentro do campo da História da Educação.

Assim, feitos os devidos ajustes, viajei para o Rio Grande do Sul, em novembro de 2024, em busca das fontes documentais que sedimentaram a tese. Como essa missão durou um mês inteiro, foram levantados os primeiros trinta anos de circulação do jornal, que existia apenas de maneira física. Ademais, esse período, apesar de curto, propiciou uma experiência enriquecedora que, além do ganho intelectual, permitiu conhecer não apenas a história desta instituição, mas também a sua atual comunidade, os seus princípios e valores, uma vez que me hospedei no Seminário Concórdia, na cidade de São Leopoldo/RS, local onde também estão salvaguardados os impressos foco da Tese. Cumpre também registrar que o acervo completo dos jornais foi disponibilizado fisicamente pela biblioteca do Seminário Concórdia, em São Leopoldo/RS, e, pelo Instituto Histórico da IELB, em Porto Alegre/RS.

Dessa forma, o primeiro contato com as fontes revelou seu excelente estado de preservação, organização e acessibilidade, o que permitiu digitalizar os exemplares e estruturá-los para análise. Dado isso, por meio da avaliação dos conteúdos e das temáticas veiculadas, tornou-se possível compreender a história do Sínodo de Missouri, da IELB e dos primeiros imigrantes que compunham as missões. A partir disso, destacam-se a base doutrinária e teológica que os orientava, os vínculos com acontecimentos sociais locais e globais, aspectos de sua cultura, formação e educação — sendo este último o foco principal desta tese.

Como se observa na literatura especializada, estudos sobre a contribuição da educação protestante podem ser encontrados em Maria Lúcia Barbant (1997), ao abordar sobre as 'Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens' (1977), e em Osvaldo Hack (1985), ao redigir o 'Protestantismo e educação brasileira' (1985). Do mesmo modo, Jether Ramalho destacou, em 'Prática educativa e sociedade' (1976), a influência da ideologia americana na prática educativa protestante. Além disso, Leda Rejane Sellaro, em 'A educação e religião' (1987), buscou reconstruir o processo histórico que permitiu a implantação e o desenvolvimento da educação protestante no Brasil, especialmente em Pernambuco, por meio das missões norte-americanas.

Como contribuição relevante, Peri Mesquida, em sua obra 'Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil' (1994), analisou a implantação e a prática educativa do metodismo de origem missionária norte-americana no Brasil,

entre 1870 e 1930. Por isso, enfocou a dialética que articulou, como um transplante cultural, um modelo confessional de educação oriundo de um contexto distinto do brasileiro. Além disso, Ester Fraga Vilas-Bôas (2000) abordou o mesmo tema na pesquisa 'Origens da Educação Protestante em Sergipe: 1884-1913'.

Todavia, tendo em vista o cenário exposto, pode-se compreender que a Reforma Protestante deixou vestígios profundos na educação. Conforme Carlota Boto (2017, p. 99), "a Reforma religiosa – no âmbito da pedagogia – revela-se uma privilegiada oportunidade para meditar sobre a história da educação, já que ali foi desenhado um prospecto de ensino universal". A partir disso, reconhece-se que o postulado protestante dependia da instrução como base para a disseminação da leitura bíblica.

Como resultado da Reforma Protestante, reservou-se um lugar importante para o aprendizado da leitura e da escrita, uma vez que essas ferramentas se tornaram essenciais ao fomento a uma educação religiosa baseada na leitura da Bíblia, de modo que se rompeu com a exclusividade clerical vigente durante a Idade Média. Por isso, compreende-se que essa mudança representou uma reorientação profunda no campo educacional, e, dado que essa necessidade surgiu por fundamentos teológicos, promoveu-se a universalização do acesso à instrução.

Como exigência prática, era necessário estruturar um sistema educacional que garantisse o acesso ao ensino. Dessa forma, consolidou-se uma concepção pedagógica voltada para a formação integral de todos os indivíduos. Assim, verifica-se que a educação foi concebida como meio indispensável à realização dos princípios reformados, de modo que, na busca por complementar os estudos mencionados quanto à temática, especialmente porque o protestantismo atuou de variadas formas, justifica-se o presente estudo.

Como se observa, seja no contexto europeu, seja no contexto americano, reconhece-se a importância de investigar a inter-relação do pensamento educacional do reformador religioso Martinho Lutero na depuração de uma pedagogia que se firmou nas instituições religiosas que sucederam de sua ação reformadora. Do mesmo modo, destaca-se o caso das instituições teuto-brasileiras localizadas no Rio Grande do Sul, especificamente aquelas comandadas pelo Sínodo de Missouri, Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), fundada em 24 de junho de 1904.

À medida que a instituição do Sínodo de Missouri chegou ao Brasil, por volta de 1900, além da vigilância espiritual com imigrantes alemães, manteve profunda

preocupação quanto à formação de seus adeptos. Por tais motivos, estabeleceram-se escolas paroquiais e veicularam-se impressos de cunho formativo aos seus membros. Contudo, ainda que o *Jornal Mensageiro Luterano* não tenha sido o primeiro a circular, mantém-se até a contemporaneidade com status de informe oficial da IELB e representa uma importante fonte de pesquisa que aponta os modos e meios a partir dos quais esta instituição desenvolveu sua prática educativa e religiosa.

Como se reconhece, o estudo dos periódicos para a compreensão das práticas escolares é relevante, incluindo a problematização de diversos aspectos educacionais. Por isso, compreende-se que o impresso religioso permite-nos conhecer o projeto educativo e formativo que se buscou implantar e dá indícios sobre os modos de apropriação dos leitores acerca deste conteúdo. Como destaca Jean-François Gilmont (1999, p. 50), esse traço distintivo acompanha, desde a origem, as igrejas protestantes, que de forma corrente utilizam “Bíblias, catecismos, Salmos e livros litúrgicos, mas os impressores protestantes envolvem-se também com trabalhos mais eruditos, destinados aos pastores”.

Como se observa, no período histórico missionário revela-nos a pouca instrução da população, sobretudo, pelo modo de vida rural e pela pouca oferta de ensino nessas regiões. Conforme aponta Mendonça (2008, p. 144), “para atender a tal necessidade, os missionários colocaram ao lado de cada comunidade uma escola”. Por isso, acredita-se na autenticidade e importância do estudo devido à escassez de pesquisas sobre o uso de impressos religiosos como ferramenta educacional nas escolas paroquiais.

Ademais, salienta-se que o *Mensageiro Luterano*, por ser um impresso sistematizado com recorrentes publicações ao ano e público-alvo definido, se diferencia de outras formas de produção e circulação de impressos. Como exemplo, citam-se panfletos e folhetos, bem como sua particularidade frente ao jornal do Sínodo Riograndense. Por isso, compreende-se que esta última era revestida de um aspecto pedagógico e ideológico distintos².

Adicionalmente, Arnaut de Toledo, ao citar Lutero, considera que (1999, p. 125) “[...] seus escritos sobre a educação só podem ser compreendidos à luz de sua concepção religiosa”. Não obstante, ao adentrarmos as leituras de seus textos,

² Ver Weiduschadt (2007, 2012) e Albrecht (2019, 2024) para melhor compreensão dos materiais produzidos pelos Sínodos Missouri e Riograndense.

compreende-se que a escola, segundo Lutero, formaria o bom cristão e o bom cidadão. Por conseguinte, a educação assume o compromisso espiritual, mas também secular, de modo que, diante disso, Lutero (2018, v. 5, p. 351) questiona: “[...] acaso não é servir a Deus quando se colabora na manutenção de sua ordem e do regime secular?”

Tendo em vista esse cenário, no que diz respeito aos aspectos metodológicos, compreende-se que o trabalho consiste em uma pesquisa majoritariamente documental. Desse modo, o levantamento realizado junto às edições do Mensageiro Luterano entre 1917 e 1947 evidenciou que o jornal atuou como um instrumento estratégico de formação religiosa e educativa nas comunidades teuto-brasileiras. Por meio da análise de 389 edições, observou-se a recorrência de temas vinculados à pedagogia luterana, à valorização da leitura bíblica, ao papel da escola paroquial e à defesa da educação como dever coletivo entre Igreja, família e Estado, estes destaques foram a base da análise do conteúdo da revista agrupadas na seção cinco desta tese, de modo que foi preciso a leitura integral de todas as edições pesquisadas para a construção do *corpus* de análise.

Elencadas tais categorias, foram agrupadas e discutidas como eixos temáticos recortados em períodos históricos a fim de facilitar a compreensão e instrumentalização das informações. Ademais, as edições revelam não apenas a difusão doutrinária, mas também disputas linguísticas, adaptações pedagógicas e reinterpretções do pensamento de Lutero conforme as necessidades históricas e culturais enfrentadas pela IELB no Brasil.

Assim, o estudo está inserido no campo da História Cultural, pois, conforme Chartier (1990, p. 16), “a História Cultural [...], tem por principal objeto identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Por conseguinte, fez-se necessário compreender o contexto social que envolveu a produção, circulação e recepção dos impressos religiosos. Dado isso, reconhece-se a especificidade de sua cultura religiosa, que pautava também a base de formação educativa dos membros da IELB.

Nessa perspectiva, ressalta-se que Albuquerque Júnior (2007), em ‘A arte de inventar o passado’, bem como em ‘O tecelão dos tempos’ (2019), propõe uma perspectiva radicalmente criativa do fazer historiográfico. Dessa forma, destaca-se que, para Albuquerque Júnior, a história não consiste em simples exercício de recuperação do passado, mas constitui prática inventiva, em que o historiador opera

como artesão, fiando, bordando e costurando sentidos a partir dos fragmentos resgatados no arquivo.

Por conseguinte, verifica-se, segundo Albuquerque Júnior (2007; 2019), que os documentos — inclusive os da esfera educacional — não entregam uma verdade fixa, mas proporcionam material para múltiplas leituras e experimentações. Nesse contexto, entende-se que a sensibilidade ao corpo, às subjetividades e à materialidade sensorial dos arquivos (o toque, os cheiros, os vestígios) integra esse processo criador, no qual escrever história assume também caráter poético e político, atravessado por escolhas que tensionam simultaneamente passado e presente.

Na concepção de Chartier (1990), a história cultural transcende a análise tradicional das obras literárias e artísticas canônicas para investigar as dinâmicas culturais em um contexto amplo e plural. Por isso, ele sugere que a cultura deve ser compreendida como um conjunto de práticas sociais e representações simbólicas que estruturam a realidade dos indivíduos em contextos históricos específicos.

Portanto, essas representações não são fixas; pelo contrário, são moldadas por lutas de poder, pela recepção dos sujeitos e pelas mediações institucionais, configurando-se como um campo de concorrências e negociações constantes. Conforme destaca Peter Burke (1992), o enfoque de Roger Chartier (1990) na articulação entre práticas e representações é central para sua proposta historiográfica. Por isso, ele argumenta que as práticas culturais, como modos de produção, circulação e recepção de bens culturais, estão intrinsecamente ligadas às representações que os sujeitos constroem do mundo ao seu redor.

Sob essa ótica, em relação a essa abordagem, José D'Assunção Barros (2005) enfatiza que tanto a criação quanto o consumo de objetos culturais, como livros e textos, são práticas que produzem e reproduzem significados, muitas vezes em desacordo com as intenções originais dos seus produtores. Assim, a leitura, por exemplo, é entendida por Chartier (1990) não apenas como um ato de recepção passiva, mas como uma prática criativa. Com isso, compreende-se que os leitores reinterpretam os textos de formas que podem subverter ou reconfigurar seus sentidos originais.

Sob essa égide, enquanto técnica de pesquisa historiográfica, a análise documental, nesse contexto, ganha uma dimensão ampliada. Para Chartier (1990), os documentos não são simplesmente repositórios neutros de informações sobre o passado; eles são também produtos de práticas culturais e carregam consigo as

marcas das representações e das disputas de poder de sua época. Assim, a análise documental implica não apenas o exame do conteúdo textual, mas também das condições materiais de produção e circulação dos documentos, como os suportes utilizados, as estratégias editoriais e os modos de leitura.

Essas dimensões permitem que o historiador compreenda não apenas “o que” é dito em um documento, mas também “como” e “por que” ele foi produzido e apropriado em determinado contexto (Chartier, 1990).

Ocorre que as práticas de leitura, segundo Chartier, não podem ser compreendidas como fenômenos puramente individuais ou naturais, mas como construções culturais historicamente situadas. Para o autor, ler é um ato profundamente enraizado em contextos sociais, materiais e institucionais, o que exige, de parte do pesquisador, uma abordagem que vá além da codificação do texto, buscando reconstruir os modos como diferentes comunidades de leitores, ao longo do tempo, se apropriaram dos escritos. Chartier (1995, p. 7-8) sublinha que:

devemos lembrar que a leitura tem uma história e uma sociologia. É pois necessário reconstruir as competências, as técnicas, as convenções, os hábitos, as práticas próprias a cada comunidade de leitores (ou leitoras). Deles depende também a significação que, em determinado momento ou lugar, um 'público' pode atribuir a um texto.

Esta perspectiva rompe com qualquer essencialismo sobre o leitor e propõe uma concepção plural e dinâmica da leitura. No interior dessa abordagem, Chartier (1996) destaca a importância do suporte material como um dos elementos fundamentais que mediam a relação entre o leitor e o texto. O livro, o códice, o jornal ou a tela digital não são apenas veículos neutros de transmissão de conteúdo: eles modelam as formas de leitura e influenciam o modo como os textos são apropriados.

A materialidade do texto condiciona as posturas físicas e mentais do leitor, suas possibilidades de deslocamento entre os sentidos e sua relação afetiva com o que lê. Nesse sentido, o ato de ler não é apenas uma prática cognitiva, mas uma prática corporal, sensorial e espacial. Outro ponto central na concepção chartieriana diz respeito ao vínculo entre leitura e poder.

A leitura, enquanto prática social, sempre esteve relacionada a processos de dominação, exclusão ou emancipação. No Antigo Regime, a aquisição da leitura era um privilégio restrito a poucos e frequentemente utilizada como instrumento de reprodução social. A leitura intensiva e guiada, vinculada a textos religiosos e morais,

foi aos poucos substituída, com o avanço da leitura silenciosa e extensiva, por formas mais autônomas e críticas de relação com o texto (Chartier, 1990).

Essa mudança, porém, não ocorreu sem resistências, sobretudo porque colocava em risco os dispositivos de controle sobre o sentido e a interpretação. Para Chartier (2003), esse deslocamento redefine os papéis do leitor e do texto: o primeiro deixa de ser mero receptáculo e passa a exercer “uma postura mais interativa e por isso, mais ativa e crítica do leitor em relação ao texto”, sendo o silêncio um espaço de emancipação e subjetivação. A leitura, portanto, não é apenas um ato individual de interpretação, mas um campo em disputa entre formas materiais, convenções culturais e subjetividades em formação, devendo ser sempre pensada em sua historicidade e complexidade sociocultural.

A partir desse cenário, cumpre pontuar que essa perspectiva leva à valorização de práticas culturais que antes eram marginalizadas na historiografia, como a leitura coletiva, as manifestações populares e os modos de vida cotidianos. Dessa forma, a história cultural proposta por Chartier (1990) abraça um horizonte de análise que inclui desde as grandes obras literárias até os artefatos do cotidiano. Com isso, reconhece-se a contribuição de diferentes agentes sociais na produção e circulação de cultura.

Assim, permite-se que a análise documental vá além da descrição factual, revelando as conexões entre textos e contextos históricos (Burke, 1992). Ademais, outro ponto central do pensamento de Chartier (1990) é a relação entre memória coletiva e identidade, na qual os documentos históricos são compreendidos tanto como registros do passado quanto como instrumentos de construção de narrativas e pertencimentos sociais. Dessa forma, evidencia-se que as representações culturais estão inseridas em lutas de poder e refletem hierarquias e relações de dominação. Por conseguinte, compreende-se que a história cultural se configura como um campo crítico e engajado (Burke, 1992).

Por fim, tem-se que a análise documental deve considerar não apenas o conteúdo dos textos, mas também sua materialidade, circulação e apropriação, aspectos amplamente discutidos por Chartier (1990). Esses elementos revelam não apenas o que foi registrado, mas também como e por que esses textos foram produzidos e recebidos em determinados contextos históricos. Assim, a história cultural da leitura e do impresso se torna inseparável da análise documental, evidenciando que os textos não apenas registram a cultura, mas também participam ativamente de sua construção.

O trabalho tem como objeto de pesquisa a análise de um impresso religioso, um tipo documental específico, denominado “Mensageiro Luterano”. Contudo, antes que se análise tal impresso, cabe, ainda, perguntar acerca de seu emprego como fonte de pesquisa. Para tanto, primeiramente, realizou-se um levantamento na BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações) dos trabalhos realizados no país, entre 2007 e 2024, que se serviram de revistas religiosas como fonte documental, uma vez que há uma produção acentuada acerca de revistas religiosas protestantes, diferentemente de jornais.

Tendo em vista as delimitações da pesquisa, os critérios de inclusão para a pesquisa na BDTD consideram trabalhos acadêmicos que utilizaram especificamente revistas religiosas como fonte principal para a análise documental. Contudo, restringiu-se à coleta de dissertações de mestrado e teses de doutorado disponíveis na plataforma, tendo sido utilizados os descritores “revistas religiosas” e “impressos religiosos” na busca.

Além disso, outro critério adotado foi que as pesquisas selecionadas tenham sido realizadas e defendidas no período entre 2007 a 2024, assegurando a relevância e a contemporaneidade dos estudos. Adicionalmente, os trabalhos deveriam abordar sobre revistas religiosas, com foco na realização de análise de conteúdo para a análise de representações sociais, práticas discursivas ou outros temas que explorassem sua função enquanto documentos históricos e culturais.

Por outro lado, os critérios de exclusão culminaram na eliminação de trabalhos que apenas mencionavam revistas religiosas, sem utilizá-las como fonte primária para a análise documental. Ademais, também foram excluídos estudos cujo objeto principal de investigação não estava diretamente relacionado às revistas religiosas, mesmo que inseridos no campo da pesquisa documental relacionadas às revistas como objeto de estudo na História da Educação. Por fim, foram descartados documentos incompletos, arquivos corrompidos ou aqueles cujo acesso completo não estivesse garantido na BDTD. Chegou-se, então, ao número de 07 (sete) pesquisas, listadas abaixo:

Quadro 1 – Pesquisas publicadas sobre revistas religiosas entre 2007 e 2024 levantadas junto à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

AUTOR	TÍTULO	TIPO	ANO
Maria Natividade Pereira do Nascimento	A religiosidade popular na Revista Família Cristã : uma	Dissertação	2007

	análise das matérias que aparecem na seção Cultura Popular das edições de 1980 a 1981		Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião
Patricia Weiduschadt	A revista O Pequeno Luterano e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas- RS (1931-1966).	Tese	2012 Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS - Programa de Pós-Graduação em Educação
Roseane do Socorro Gomes Barbosa	A prática de ensino religioso não confessional: uma análise da perspectiva e do conteúdo da revista Diálogo à luz do modelo das ciências da religião	Dissertação	2013 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião
Elisangela Marina de Freitas e Silva	Família e prosperidade no discurso da Igreja Messiânica Mundial do Brasil: as experiências da fé na Revista Izunome (2007-2011)	Dissertação	2013 Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de

			Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História
Alexei Padilla Herrera	A mídia religiosa e a esfera pública em Cuba: o papel desempenhado pela revista católica Espacio Laical	Dissertação	2016 Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
Samir Domingues Costa	Voluntariado religioso: uma análise da Revista Adventista (1982-2018)	Dissertação	2019 Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Elias Kruger Albrecht	O jornal Jovem Luterano : educação, doutrinação e sociabilidade na identidade	Tese	2024 Universidade Federal de Pelotas

	juvenil do Sínodo do Missouri (1929-1971)		(UFPel) - Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação
--	--	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados obtidos ao realizar pesquisa na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BTD), 2024.

Os estudos foram produzidos no período de 2007 a 2024, sendo que há um acentuado crescimento e interesse pela temática nos últimos anos. Contudo, tendo em vista os resultados identificados, nota-se que a maior parte dos trabalhos trata-se de dissertações (05) e (02) teses de doutorado. Adiante, apresenta-se uma brevíssima análise de cada trabalho e do tratamento dado às revistas religiosas enquanto fonte documental.

Inicialmente, destaca-se que o trabalho de Maria Natividade Pereira do Nascimento (2007) explora a religiosidade popular nas edições de 1980 e 1981 da revista Família Cristã, com foco específico no capítulo “Cultura Popular”. A partir disso, ressalta-se que a pesquisa contextualiza a criação da revista no Brasil, destacando suas raízes na Itália e sua evolução de um simples folheto a um importante veículo de divulgação do catolicismo.

Entretanto, a análise de Nascimento (2007) organiza as matérias em temáticas como devoções, folclore, romarias e santos, apresentando-as como representações da religiosidade popular. Com base nos valores culturais e religiosos expressos nessas matérias, a pesquisa utiliza referenciais teóricos para dialogar com o Documento de Puebla e aprofundar a compreensão do papel da fé popular na experiência humana.

Além disso, o uso da revista como fonte documental é central no trabalho, destacando sua capacidade de capturar práticas e crenças cotidianas. Contudo, Nascimento (2007) transcende a descrição ao interpretar como as matérias refletem o encontro entre o humano e o divino, tratando a publicação como um espaço de articulação cultural e religiosa. Essa abordagem revela a revista como um registro dinâmico de experiências religiosas e um veículo de diálogo entre tradição e modernidade no contexto do catolicismo brasileiro.

Patricia Weiduschadt (2012), por sua vez, analisa a revista *O Pequeno Luterano* como ferramenta de formação religiosa entre os pomeranos em Pelotas-RS, no período de 1931 a 1966. A pesquisa identifica a revista como um veículo pedagógico com objetivos educacionais e doutrinários claros, voltado à formação de crianças para a fé adulta. Para tanto, nesse estudo, depoimentos, análises documentais e teorias de Chartier e de Certeau são utilizados para examinar a circulação e a apropriação da publicação.

A revista é descrita como essencial na interação entre os leitores, combinando elementos lúdicos e religiosos para promover engajamento e legitimar práticas educacionais e religiosas do Sínodo de Missouri (Weiduschadt, 2012). Na análise da revista como fonte documental, Weiduschadt (2012) destaca o equilíbrio entre as estratégias editoriais e as táticas dos leitores, que reinterpretavam os conteúdos propostos. Assim, compreende-se que a publicação atuava como mediadora entre proposta institucional e recepção individual.

Segundo Weiduschadt (2012), a publicação vai além de sua função informativa ao mediar culturalmente a interação entre a comunidade e a tradição luterana. Esse uso permite compreender como a revista reforçou práticas educativas e doutrinárias e como facilitou a construção da identidade religiosa dos leitores. Sob outra perspectiva, Roseane do Socorro Gomes Barbosa (2013) foca na revista *Diálogo*, uma publicação voltada ao ensino religioso não confessional, destacando como a revista adota um modelo pluralista, respeitando a diversidade religiosa brasileira e oferecendo abordagens alinhadas aos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Entretanto, Barbosa (2013) argumenta que *Diálogo* desconstrói o modelo confessional tradicional e promove um ensino religioso crítico e inclusivo, apresentando as religiões sob diferentes perspectivas (Barbosa, 2013). Além disso, Barbosa (2013) utiliza a revista como plataforma para questionar preconceitos contra o ensino religioso, evidenciando seu papel mediador entre a legislação educacional e as práticas pedagógicas. A análise mostra que a publicação promove um modelo de ensino que valoriza o diálogo inter-religioso e a formação cidadã, posicionando-se como uma ferramenta educativa relevante.

Por outro lado, cumpre evidenciar o estudo realizado por Elisângela Marina de Freitas e Silva (2013), que analisa os discursos sobre família e prosperidade na revista *Izunome*, da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, entre 2007 e 2011. O foco recai sobre o capítulo “Experiências na prática da fé”, em que membros compartilham

relatos que exemplificam práticas religiosas messiânicas. Com isso, compreende-se que a publicação revela modos de vivência espiritual e organização simbólica próprios da tradição analisada.

Contudo, Silva (2013) interpreta esses relatos como mecanismos disciplinadores que reforçam comportamentos ideais, alinhados ao objetivo da igreja de construir o utópico Paraíso Terrestre. Além disso, a revista é utilizada por Silva (2013) como uma extensão da doutrina institucional, moldando identidades religiosas por meio de relatos pessoais. Ao destacar os valores e comportamentos promovidos pela publicação, a autora demonstra como a revista funciona como mediadora entre a vivência individual da fé e as diretrizes da Igreja Messiânica, servindo de instrumento para normatização religiosa.

Já Alexei Padilla Herrera (2016) investiga a revista católica cubana *Espacio Laical*, que fomentou debates públicos pluralistas no contexto das reformas políticas e econômicas em Cuba entre 2008 e 2014. Dessa maneira, a análise explora como a revista articulou diferentes setores sociais dentro e fora da ilha, promovendo uma rede de esferas públicas alternativas e dialogando com discursos oficiais do governo cubano. Complementarmente, cumpre pontuar que Herrera (2016) aborda a revista como uma ferramenta de mediação entre religião e esfera pública, revelando sua relevância como espaço de resistência e negociação em um regime socialista.

Portanto, o estudo de Herrera (2016) posiciona *Espacio Laical* como um agente articulador de debates democráticos, destacando sua importância na construção de espaços discursivos inclusivos em Cuba. Samir Domingues Costa (2019), por seu turno, examina o voluntariado religioso adventista na *Revista Adventista*, entre 1982 e 2018. A partir disso, o trabalho analisa tendências e desafios relacionados ao voluntariado, como engajamento pessoal, alcance global e comunicação transcultural.

Nesse sentido, a pesquisa combina análise documental e metodologias qualitativas e quantitativas para mapear o impacto das práticas voluntárias na Igreja Adventista. Além disso, a revista é tratada como um registro histórico e contemporâneo das práticas de voluntariado. Assim, Costa (2019) demonstra como a publicação constrói narrativas que reforçam a identidade religiosa e promovem o engajamento comunitário, de modo que esse uso revela a revista como espaço de reflexão e mobilização, articulando valores e práticas adventistas.

Por fim, Elias Kruger Albrecht (2024) analisa a revista *O Jovem Luterano*, no contexto do Sínodo de Missouri, entre 1929 e 1971, investigando seus impactos na

educação, doutrinação e sociabilidade juvenil. A pesquisa utiliza depoimentos e conceitos teóricos para explorar como a revista moldou a identidade juvenil luterana, complementando as instruções familiares e escolares. Em 1971, O Jovem Luterano foi descontinuado como publicação independente e integrado à revista Mensageiro Luterano.

A decisão foi motivada por questões financeiras, mas a proposta educativa e doutrinária permaneceu. A partir dessa integração, novos formatos de socialização foram adotados. Congressos e reuniões regionais tornaram-se espaços centrais para discussões e ações comunitárias, destacando o compromisso do Sínodo com a juventude (Albrecht, 2024). Sob essa ótica, Albrecht (2024) aborda a revista como um recurso formativo central para o fortalecimento da identidade religiosa e comunitária.

A análise mostra como a publicação combinou aspectos educativos, doutrinários e sociais, criando um espaço de interação entre jovens luteranos e promovendo o compartilhamento de experiências e valores. Esse uso posiciona a revista como uma ferramenta essencial na construção de uma identidade coletiva luterana. Dentre os trabalhos encontrados, três se configuram como dissertações voltadas para a área de ciências da religião, sendo eles os trabalhos de Nascimento (2007), Barbosa (2013) e Costa (2019).

Todavia, o trabalho de Herrera (2016) se destaca dentre os mencionados por ser o único de comunicação social, enquanto o trabalho de Silva (2013) é uma dissertação centrada na área da história e o de Albrecht (2024) é voltado para a história da educação. Adicionalmente, vale salientar, também, que o trabalho de Weiduschadt (2012), que é uma tese de doutorado, concentra-se na área da educação.

Nesse sentido, salienta-se que, conforme Chartier (1990), os impressos não são apenas registros do conhecimento, mas também elementos ativos na construção das representações culturais. Em complemento, cita-se que esses impressos podem ser notados por serem ferramentas de educabilidade, dado que desempenham um papel essencial na disseminação do conhecimento, na construção de identidades e na formação de sujeitos dentro de determinados contextos socioculturais.

Para empreender esta tarefa, a tese está organizada em seis seções. A primeira é a introdução, onde são supostas questões sobre o objeto de estudo, objetivos gerais e específicos, justificativa, problema de pesquisa, percurso metodológico, corpus e fontes do trabalho. A segunda seção oferece um panorama

histórico da Reforma Protestante, ressaltando o papel de Martinho Lutero e as consequências da Reforma no tempo moderno, em especial na educação. Nessa seção, é analisado o pensamento de Lutero sobre a educação por meio de seus principais escritos. A terceira seção discute o contexto de imigração que possibilitou a chegada do Sínodo de Missouri no Brasil até a consolidação do projeto educacional da IELB com a fundação do Seminário Concórdia. A quarta seção trata do Jornal Mensageiro Luterano, abordando sua materialidade, circulação, estratégias visuais e pedagógicas, além das disputas institucionais acerca do Seminário Concórdia. A quinta seção consiste na análise dos elementos doutrinários, ideológicos e pedagógicos do jornal à luz do pensamento educacional de Lutero. Por fim, a sexta seção corresponde às considerações finais, onde são retomados os principais pontos da tese em diálogo com a hipótese formulada, em conexão com as análises efetuadas.

2 EDUCAÇÃO E A REFORMA PROTESTANTE: UM OLHAR PARA O CONHECIMENTO E A FÉ

Nesta seção, analisamos o modelo de ensino proposto e suas reapropriações do pensamento educacional do reformador Martinho Lutero, destacando a sua importância e demonstrando aspectos de sua vida, desde o ingresso no mosteiro agostiniano até a publicação das 95 Teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg. Por conseguinte, entende-se que essa análise inicial é fundamental para a melhor compreensão do objeto da tese. Como se observa, há uma correlação direta entre esse acontecimento e a pertença religiosa que deu origem à IELB.

As contestações oriundas da Reforma Protestante são produtos de seu tempo e de uma instável Alemanha³ do século XVI. Além disso, resultam dos escândalos em que estava envolvida a Igreja Católica, do interesse de nobres e reis em romper com a submissão à autoridade papal, bem como de inquietações intelectuais, políticas, econômicas e religiosas que permeavam o tecido social. Embora concebida, inicialmente, como um movimento religioso, a Reforma Protestante logo produziu reflexos na política, na cultura e na economia, e, conforme descrição de Maria da Glória de Rosa (2004), as razões prementes para a eclosão da Reforma foram, entre outras:

1º a corrupção em que havia caído grande parte do clero; entre os vícios apontavam-se: a simonia, a avareza, a degradação dos costumes, a ambição política, etc.;

2º os protestos de Wiclef, na Inglaterra, e João Huss, na Boêmia, nos séculos XIV e XV, contra o desvio da Igreja de suas primitivas crenças;

3º o desenvolvimento do espírito crítico da corrente humanista que acentuou o valor da personalidade e da individualidade livre ante qualquer coação exterior (Rosa, 2004, p. 139).

Além disso, as questões que envolviam a nobreza e a Igreja e suas disputas políticas ante o seu projeto de expansão e altos custos de manutenção geraram conflitos que endossaram as razões substanciais para a Reforma, conforme sumariza Danilo Marcondes (2004):

A transferência da sede da Igreja para Avignon e a influência dos reis franceses sobre os papas durante esse período em muito contribuíram para

³ Nesse período a Alemanha não era propriamente um estado moderno como hoje concebemos, este se consolidou apenas em 1871 após a unificação. Assim, utilizamos Alemanha apenas para fins didáticos, no entanto, estamos nos referindo aos povos franco-germânicos reunidos em microestados, reinos e principados daquele período. Ver mais em Kitchen (2013).

a sua perda de autoridade. O envolvimento dos papas nas questões políticas da época foi também um fator gerador de conflitos. Além disso, o envolvimento político, a necessidade de manter exércitos e de sustentar os estados da Igreja – os territórios governados pelos papas na Itália – fizeram com que a Igreja necessitasse de grandes recursos financeiros, procurando obtê-los através da venda de indulgências e de outros favores a quem se dispusesse a pagá-los. As obras grandiosas patrocinadas pelos papas do Renascimento ilustram bem os custos imensos da Igreja nessa época, seu fausto e seu caráter muitas vezes mundanos (Marcondes, 2004, p. 162-163).

A Reforma Protestante, quanto à sua dimensão, é um evento paradigmático, segundo Mondin (1981, p. 27): “a Reforma protestante é daqueles acontecimentos que assinalam o fim de uma época e o começo de outra”. Além disso, é também considerada, por alguns historiadores, como um dos eventos propulsores da modernidade, conforme menciona Mondin (1981, p. 27): “por isso, alguns historiadores, não sem razão, colocam o início da época moderna não na descoberta da América (1492), mas na afixação das 95 teses nas portas da Igreja de Wittenberg (1517)”.

Assim, compreende-se que esse marco histórico transcende os limites religiosos e alcança implicações civilizatórias. Trata-se de um evento causador da cisma que rompeu a unidade do cristianismo no Ocidente e que trouxe impactos à cultura ocidental em amplo modo. Por isso, entende-se que estamos diante de uma ocorrência capaz de ser referência definitiva para estabelecer uma nova era, de modo que o substrato filosófico da Reforma está associado à liberdade de consciência individual e ao uso da razão como fio condutor da reflexão religiosa.

Diante desse cenário, cumpre chamar a atenção para o fato de que não se tratava, ainda, de um conceito ligado à subjetividade como há, por exemplo, em René Descartes⁴. Compreende-se, portanto, que se trata de uma tentativa de emancipação do indivíduo mediante a autonomia de consciência. Diante disso, questionam-se a autoridade eclesiástica instituída e as tradicionais interpretações que a embasam, abrindo campo para discussões que estão para além do viés puramente religioso, de modo que, segundo Marcondes (2004):

Podemos considerar assim, que, de um ponto de vista filosófico, a Reforma aparece nesse momento como representante da defesa da liberdade individual e da consciência como lugar da certeza, sendo o indivíduo capaz

⁴ Em Descartes o pensamento é o lugar da verdade. Porque, examinando o que somos, nós, que pensamos agora, estamos persuadidos de que fora do pensamento não há nada que seja ou exista verdadeiramente, e concebemos claramente que, para ser, não temos necessidade de extensão, de figura, de estar em qualquer lugar, nem de outra coisa que se possa atribuir ao corpo, e que existimos apenas porque pensamos (Descartes, 1997, p.29).

pela sua luz natural de chegar à verdade (em questões religiosas) e contestar a autoridade institucional e o saber tradicional, posições que se generalizarão além do campo religioso e serão fundamentais no desenvolvimento do pensamento moderno [...] (Marcondes, 2004, p. 165).

Sob esse viés, entende-se que essa nova acepção religiosa propõe ser mais racional que dogmática. Quando ao homem é conferida a possibilidade de salvação sem a submissão aos signos e ritos exteriores (sacramento, confissão e obras), manifesta-se, no indivíduo, um estado de graça que deve ser severamente resguardado a fim de que assim seja mantido. Logo, exige-se não só um esforço religioso, mas um planejamento racional, ético e moral do que lhe é permitido dentro de seu *liberum arbitrium*, comungado com a vida mundana.

Todavia, a imperfeição do mundo não apenas levanta o problema teórico da teodiceia, mas evidencia também o problema prático da atitude a ser adotada em relação ao mundo. Para essa questão, duas orientações são possíveis (Boudon, 2001). O judaísmo não mostra nenhuma recusa do mundo: o objetivo perseguido pelas práticas religiosas é "ter vida longa e felicidade na Terra". Mas também podemos trazer às imperfeições do mundo a resposta da recusa, do ascetismo.

Sob esse prisma, frisa-se que essa resposta deu origem, em particular, à vida monacal (que, também se explica pela preocupação do crente em levar uma vida consagrada quando lhe parece impossível no mundo). Entretanto, destaca-se que já que Deus está muito distante para que o virtuoso pretenda se aproximar dele, o monge é considerado incongruente, e, assim, o ascetismo deve ser realizado não pela recusa do mundo, mas no mundo.

Contudo, o paradigma da *vida santa dos homens santos* não está mais protegido pelos muros conventuais nem, por isso mesmo, abrigado do amor do mundo, conforme destaca Max Weber (2004). Assim, compreende-se que a religiosidade passa a integrar a vida cotidiana em vez de se restringir ao espaço monástico. Por conseguinte, observa-se uma ressignificação da prática cristã dentro do próprio mundo secular.

Essa singular vida dos santos, cobrada pela religião e distinta da vida "natural", passava-se – o decisivo é isto – não mais fora do mundo em comunidades monásticas, senão *dentro* do mundo e suas ordens. Essa *racionalização* da conduta de vida no mundo mas de olho no Outro Mundo é o efeito da *concepção de profissão* do protestantismo ascético (Weber, 2004, p. 139).

Dentre os principais atores desse movimento, destacam-se Martinho Lutero⁵, Ulrich Zuinglio⁶, Menno Simons⁷, Philipp Melanchton⁸ e João Calvino⁹. Todos esses expoentes trouxeram contribuições cruciais para que o espírito da Reforma Protestante logo se espalhasse por grande parte da Europa. Nesse sentido, Mondin (1981, p. 28) adverte que "a Reforma protestante tem muitos protagonistas, tanto no campo religioso como no político. Entre todos sobressai a figura de Lutero; ele foi o pai e o principal artífice da Reforma".

Mas por que Lutero? Trata-se de um homem que viveu entre as últimas décadas do século XV e primeira metade do século XVI, ou seja, alguém que transitou um período histórico de grandes mudanças e acontecimentos. A partir disso, Walter Altmann (1994) explica:

O aspecto de transição marca seu tempo, em todos os aspectos: culturais, sociais, políticos, econômicos, religiosos. O milenar sistema medieval estava chegando – fundamentalmente – ao fim. Uma nova época estava em gestação. Tudo se encontrava em crise. O sistema medieval tinha sido marcado por uma grande coesão, com a qual se mantivera por um longo período, muitos séculos. Era ordenado de cima para baixo, de Deus para o mundo, a sociedade e a humanidade. A Igreja constituía-se em intermediária e intérprete autorizada por direito divino. Eis que as transformações históricas

⁵ "Martinho Lutero (1483-1546) nasceu em Eisleben, na Saxônia. Conseguida a láurea em filosofia, começou a frequentar a faculdade de direito. Em 1505 entrou para a Ordem dos Agostinianos, na qual foi ordenado sacerdote dois anos depois de terminados os estudos teológicos. [...] No dia 31 de outubro de 1517, véspera da festa de Todos os Santos (solenidade que atraía para a igreja de Wittenberg uma imensa multidão, por causa das mais de nove mil relíquias que nela estavam guardadas), Lutero afixou nas portas da igreja noventa e cinco teses" (Mondin, 1981, p. 28-29).

⁶ Ulrich Zuinglio (1484-1531) nasceu em Wildhaus, de família abastada. Em 1506, foi ordenado sacerdote e destinado à paróquia de Glarona. Seus escritos foram *Comentário e prova de sessenta e sete conclusões* e *Breve introdução cristã*, ambos de 1523. Em 1525, publicou o *Commentarius de vera et falsa religione*. "Quanto à visão teológica, a de Zuinglio tem muitos elementos em comum com a de Lutero nas negações, mas é muito diferente dela nas afirmações" (Mondin, 1981, p. 35-36).

⁷ "Menno Simons (1496-1561) [foi] um sacerdote católico romano que abraçou a fé anabatista [...]. Sua consciência não lhe permitiu se esconder atrás de seu hábito clerical para evitar a perseguição. Diante dessa postura, Menno foi rebatizado em 1536 e ordenado como presbítero anabatista. A partir de então, ele pregava o evangelho, instruía novos convertidos, organizava igrejas e defendia a fé. Gradualmente, ele foi reconhecido como o líder dos anabatistas no Norte da Europa, que em tempo vieram a ser chamados de Menonitas" (Wiens, 2018, p. 14).

⁸ "Philipp Melanchton (1497-1560) nasceu em Bretten, era filho de um armeiro e bisneto do grande humanista Reuchlin. Autor de *Loci communes rerum theologicarum seu hypotyposes theologicae* (1520-1521). A sua doutrina, como a de Lutero, tem como princípio material a justificação sem as obras e como princípio formal a *sola scriptura*. Ela é principalmente exegese da Bíblia, uma exegese eminentemente literal (em oposição à exegese alegórica, cara aos Padres da Igreja e aos escolásticos). O distanciamento de Lutero prende-se à interpretação do princípio da justificação sem as obras. Melanchton recusa-se a interpretá-lo na forma de radical determinismo divino em relação à salvação e afirma certa capacidade do livre-arbítrio para fazer o bem. A salvação do homem exige a sua cooperação, embora não se possa propriamente falar de méritos" (Mondin, 1981, p. 39-40).

⁹ "João Calvino (1509-1564) nasceu em Noyon, na França, de uma família abastada. Sua obra fundamental fora a *Institutio religionis christianae*, de 1536. O núcleo da teologia de Calvino é a doutrina da predestinação ao paraíso ou ao inferno independentemente das boas obras ou de qualquer mérito que o homem possa adquirir nesta vida" (Mondin, 1981, p. 37-38).

que se estava operando levaram a uma profunda crise em todo o sistema e em cada um de seus aspectos. Novos valores e uma nova ordenação eram ansiados e estavam sendo ensaiados. Lutero ocupava lugar, pois, na interconexão do novo e do velho. Vamos detectar essa marca na pessoa, na vida e na obra de Lutero. Encontrava-se ele na aura de uma manhã em que ainda se faziam sentir as sombras da noite, mas já se percebiam os traços de luminosidade do dia que se avizinhava. Extrapolando a imagem, digamos que Lutero, apesar de suas próprias sombras, deu notável contribuição para o surgimento do novo dia (Altmann, 1994, p. 29).

Como se observa, o cenário alemão acima mencionado ansiava por mudanças, e várias vozes ecoavam. Lutero é uma dentre estas, e foi essa atmosfera que o confrontou e despertou profundas reflexões: a maior delas concerne à própria salvação, preocupação primeira da qual decorrerão todas as outras até que a sua ação reformadora se concretize. Por isso, a figura de Lutero, em diversos momentos de sua vida, mostra-se emblemática, revelando ora posicionamentos questionáveis e ainda tradicionais, ora disposições admiráveis e de um idealismo à frente de sua época, incitado até as mais altas forças.

Deve-se pensar, também, a leitura da Reforma Protestante a partir de Roger Chartier. Tal movimento pode ser iluminador na medida em que este autor propõe uma abordagem histórica e cultural centrada nas práticas de leitura, nos suportes materiais dos textos e nas formas de apropriação do escrito em contextos específicos (Chartier, 1996).

A atuação de Martinho Lutero, nesse sentido, pode ser compreendida não apenas como a expressão de um conflito teológico, mas também como um fenômeno vinculado à reorganização das formas de circulação e recepção dos textos religiosos. Chartier (1996) enfatiza que a leitura é uma prática social situada, atravessada por mediações históricas, técnicas e institucionais, o que permite compreender como as teses de Lutero encontraram eco não apenas por seu conteúdo, mas pelo modo como foram difundidas e apropriadas no seio de uma cultura escrita em mutação.

Além disso, a ênfase de Chartier (1996) sobre a mutabilidade das práticas leitoras permite compreender que o protestantismo de Lutero não apenas racionaliza a conduta religiosa no mundo, mas também transforma a relação do fiel com o texto sagrado. Ao retirar a mediação da Igreja e enfatizar a leitura pessoal da Bíblia, a Reforma promoveu uma mudança fundamental no modo de apropriação do texto religioso. A leitura, nesse novo contexto, deixa de ser um ato ritualizado e oralizado, realizado por um clero autorizado, para tornar-se um exercício individual, silencioso e reflexivo, tal como descrito por Chartier (1996), em sua análise sobre a transição da

leitura oral para a silenciosa na Idade Moderna. Trata-se, portanto, de uma mudança que não é apenas teológica, mas cultural e sensorial.

Não à toa, Febvre (2012) apresenta um reformador de personalidade pouco conhecida nos livros de história, destacando, apesar disso, não se tratar de uma biografia, mas de uma opinião sobre Lutero, que, em verdade, soa mais como uma análise psicológica, não do objeto em si, mas da sua curva no destino da história. Nesse sentido, o autor esclarece:

Sobre a biografia de Lutero propriamente dita, do nascimento ao ingresso na vida religiosa, escreveu-se muitíssimo, como se pode imaginar. A tendência era clara. O que se queria era revisar os relatos, demasiado lacrimosos, das antigas biografias. Não, os pais de Lutero não eram tão pobres como se dizia; seu pai terminou na pele, algo adiposa, de um abastado empreiteiro. Não, o menino não foi tão duramente maltratado como se afirmava, e seria vão comover-se em excesso com a sorte do pequeno Martinho a mendigar seu pão entoando cânticos... Isso tudo não passa, na verdade, de interpretações sem interesse. Probabilidades, impressões pessoais, não raro preconceitos. Da mesma forma, sobre o ingresso no convento, foram feitas, em abundância, dissertações sem fim, discussões sem conclusão possível. Quais eram, exatamente, os sentimentos de Lutero no dia em que caiu um raio na estrada de Stotternheim, raio que não matou, por sinal, um Alexis relegado ao reino das quimeras? Se o mestre em artes da Universidade de Erfurt entrou para o convento, terá sido, ou não, porque havia feito um voto? E, tendo-o pronunciado - mas será que o pronunciou? - e dele podendo ser liberado - mas será que podia? - preferindo, porém, cumpri-lo, por que motivos, então, por que secretas razões se apegou a essa opção extrema? (Febvre, 2012, p. 53).

Nessa perspectiva, nota-se que há uma preocupação com a necessidade de representar um Lutero humano, dotado de inquietações, sentimentos, conflitos, feitos e contradições, sem desconsiderar o arcabouço social no qual estava inserido e a complexidade da Alemanha de sua época. Trata-se, portanto, de um Lutero histórico, e não de uma figura mítica isolada das transformações de seu tempo. A ênfase recai sobre sua fase mais madura, quando, ao compreender a chave para sua salvação, sente-se compelido a compartilhá-la com todos.

Essa disposição, contudo, não se limitava a uma experiência pessoal de fé, mas se configurava como um movimento pedagógico e institucional que transcendeu sua própria época. Assim, ao refletir sobre essa construção, torna-se fundamental questionar como a ideia de um Lutero reformador e educador foi transmitida e apropriada historicamente, especialmente no contexto teuto-brasileiro. Sob essa ótica, destaca-se que a recepção desse pensamento pelos membros da IELB, evidenciada nas páginas do Jornal Mensageiro Luterano, revela não apenas a continuidade de suas ideias, mas também as adaptações que elas sofreram ao longo das décadas.

Com isso em vista, de acordo com Chartier (1996), é necessário compreender que a leitura se insere em contextos específicos, sociais e históricos. Para o autor, é preciso reconstituir as habilidades, de técnicas, normas, os costumes e as práticas de cada comunidade de leitores, sendo esses elementos que conferem sentido a um texto de acordo com o modo como determinado grupo atribui significado ao texto em certo espaço e tempo.

Nesse contexto, a afirmação de que o evangelho, segundo Lutero, é subversivo e, portanto, faz parte do ofício do pregador acusar o mal, reforça a dimensão combativa de sua pregação. No entanto, essa subversividade não pode ser entendida de forma homogênea ou atemporal. O modo como a tradição luterana foi reinterpretada na IELB, especialmente nos anos cobertos pelo *Jornal Mensageiro Luterano*, evidencia a necessidade de considerar não apenas o legado de Lutero, mas também os interesses e desafios enfrentados por essa comunidade no Brasil.

Se, na origem, a pregação luterana questionava as estruturas consolidadas da Igreja Católica, sua recepção no contexto teuto-brasileiro demandou novas ressignificações, muitas vezes buscando um equilíbrio entre preservação doutrinária e adaptação às circunstâncias locais. Dessa forma, o estudo da transmissão do pensamento de Lutero não pode se restringir a uma leitura linear ou neutra de sua influência, mas deve problematizar as maneiras como ele foi apropriado e utilizado para diferentes fins.

É esse exercício crítico que permite compreender o impacto real do luteranismo na formação educacional e religiosa da comunidade IELB, justificando a centralidade do *Jornal Mensageiro Luterano* como objeto de análise. Por essas e tantas outras razões, a sua figura permanece misteriosa e cercada por controvérsias assim sintetizadas por Justo Gonzalez (1983):

Poucos personagens na história do cristianismo têm sido discutidos tanto ou tão acaloradamente como Martinho Lutero. Para uns, Lutero é o monstro que destruiu a unidade da igreja, a besta selvagem que pisou a vinha do Senhor, um monge renegado que se dedicou a destruir as bases da vida monástica. Para outros, é o grande herói que fez com que uma vez mais prevalecesse o evangelho puro, o campeão da fé bíblica, o reformador de uma igreja corrompida (Gonzalez, 1983, p. 78).

Antes, porém, a centelha do movimento de renovação já havia sido provocada

pelos pré-reformadores John Wycliffe¹⁰ e Jan Hus¹¹. Este último, por seu turno, foi condenado por heresia pelo Concílio de Constança, sendo queimado na fogueira em 06 de julho de 1415. Ambos desferiram várias críticas às doutrinas e práticas da Igreja Católica, suficientes para inspirar os seus sucessores durante séculos. Sobre o papel que desempenharam, Manacorda (1992) assinala:

Tradicionalmente os movimentos populares heréticos promoveram a difusão da instrução a fim de que cada um pudesse ler e interpretar pessoalmente a Bíblia, sem a mediação do clero. Na Inglaterra, John Wycliffe (1320-1384) auspiciara que cada um se tornasse um teólogo, e na Boêmia, Jan Hus (1374-1415) dera uma contribuição concreta à instrução, codificando a ortografia tcheca e redigindo um silabário, em que as frases de conteúdo religioso eram apresentadas em ordem alfabética (ABC de Hus) (Manacorda, 1992, p. 194).

Há, ainda, aqueles que consideram Erasmo de Roterdã¹² também um pré-reformador ou influenciador das ideias tomadas pela Reforma Protestante. Como humanista, interessava-se pelas artes e línguas clássicas, vendo a educação como instrumento para elevar a moralidade. Adicionalmente, também defendia que cada indivíduo deveria pensar por si mesmo, princípios estes que foram fortemente utilizados pelos renovadores da religião. Conforme Paulo Donizéti Siepierski (2016):

Muito antes de Lutero surgir no cenário das controvérsias, Erasmo já havia declarado a centralidade das Escrituras para a vida cristã e a necessidade de reformar, ou em suas palavras, restaurar, a Igreja. [...] Duas personalidades bastante diferentes, opostas até em alguns aspectos, mas que sem uma ou outra a Reforma Protestante como conhecemos não teria ocorrido (Siepierski, 2016, p. 289).

Apesar das críticas, Erasmo de Roterdã se manteve fiel aos princípios católicos, afirmando que a Igreja Católica não esteve à parte deste cenário, no medievo, as escolas eram obra da Igreja Católica, que administrava, governava, reorganizava e determinava os seus propósitos. Na alegoria cristã essa tarefa não fora iniciada propriamente na idade média, ao contrário, é fruto de uma longa jornada

¹⁰ “João Wycliff (1325?-1384) [foi] um sacerdote e professor da Universidade de Oxford, na Inglaterra. Wycliff atacou as irregularidades do clero, as superstições (reliquias, peregrinações, veneração dos santos), bem como a transubstanciação, o purgatório, as indulgências, o celibato clerical e as pretensões papais. Seus seguidores, conhecidos como os lolardos, tinham a Bíblia como norma de fé que todos devem ler e interpretar”. (Matos, 2011, p. 3).

¹¹ ¹⁰ “João Hus (c.1372-1415), um sacerdote e professor da Universidade de Praga, na Boêmia, foi influenciado pelos escritos de Wycliff. Definia a igreja por uma vida semelhante à de Cristo, e não pelos sacramentos. Dizia que todos os eleitos são membros da igreja e que a sua cabeça é Cristo, não o papa. Insistia na autoridade suprema das Escrituras. Seus seguidores ficaram conhecidos como Irmãos Boêmios (1457) e foram muito perseguidos”. (Matos, 2011, p. 3-4).

¹² ¹¹ “Desidério Erasmo - Roterdã, 1466 – Basileia, 1536” (Siepierski, 2016, p. 269).

que abarca o trabalho dos primeiros seguidores do Cristo e mensageiros do evangelho. Sobre esta periodização da educação cristã-católica, destacam-se:

1. *Período apostólico*. Corresponde à atuação de Jesus de Nazaré nascido em Belém, pequena cidade da Judéia, e a dos primeiros apóstolos aos quais foi confiada a missão de apregoar a "boa nova".
2. *Período patrístico*. Tal designação origina-se do trabalho exercido pelos primeiros Padres da Igreja, quase todos educadores. Procuram conciliar a cultura greco-romana com o Cristianismo. É uma fase que cobre os primeiros séculos da Igreja.
3. *Período monástico*. Deu-se o nome de "monge" ao asceta que, refugiado na solidão, dedicava-se a Deus, através de orações e exercícios piedosos. De início, os monges viviam isolados e eram tidos como anacoretas. Posteriormente, no século IV, passaram a formar uma comunidade religiosa; de eremitas ou anacoretas passaram a cenobitas. Coube aos mosteiros, durante a irrupção dos bárbaros, no império romano, conservar a cultura antiga e utilizá-la como meio de educação.
4. *Período escolástico*. "Escolástica" tem várias acepções: a) determinado conjunto de doutrinas; b) método particular de ensino; c) movimento intelectual que cobre o século XII até a Renascença (ROSA, 2004, p. 87-88).

A iniciativa protestante, por sua vez, observa que, ao se investir na educação, se investia na evangelização e também na melhoria do estamento social, com o desenvolvimento intelectual e profissional das novas gerações. Para isso, fez-se necessário desenvolver uma práxis comunicativa para ser compreendida pelas populações. Com isso, retiraram-se as Escrituras dos altares e colocaram-se à disposição do povo por meio das escolas, que atuavam sob o prisma tanto de finalidades temporais quanto de espirituais.

Nessa direção, Manacorda (1992, p. 197) assevera: “[...] mas o acento é colocado especialmente na utilidade social da instrução, destinada a formar homens capazes de governar o Estado e mulheres capazes de dirigir a casa”. Sob essa ótica, entende-se que havia um desejo, ainda contemporâneo: não bastava ensinar por ensinar, pois a instrução precisaria ser útil, direcionada e contributiva socialmente. Esse ponto-chave ressalta a inovação do seu pensar pedagógico, conforme demonstrado no decorrer da tese.

Até que ponto Lutero foi ou não entusiasmado por Erasmo de Roterdã não se pode precisar, mas algumas de suas ideias estiveram em alinhamento. Ambos estão cronologicamente situados em dois importantes movimentos de transição da Idade Média para a Modernidade: são relacionados ao humanismo renascentista e à sequência de movimentos reformistas. Contudo, ressalta-se que embora a Reforma da Igreja estivesse no cerne das preocupações de Erasmo, porém, um ponto crucial os distanciava: o arbítrio.

Enquanto Erasmo publicara, em setembro de 1524, *'De Libero Arbitrio'*, Lutero, no ano seguinte, dá a sua resposta em *'De Servo Arbitrio'* (Febvre, 2012, p. 280). Estavam eles de um mesmo lado da batalha, mas por concepções diversas, visto que, para Lutero, não era possível admitir que a vontade humana pudesse ser capaz de limitar em algum grau a vontade divina. Entre os dois arbitrios – o livre e o servo –, está a controvérsia entre Erasmo e Lutero, que se configura como a razão de sua ruptura.

Sob esse prisma, pontua-se que o Sínodo de Missouri representa uma destas fragmentações epistemológicas e teológicas, já que anos mais tarde, em 1847, fugiu do racionalismo alemão e fincou raízes nos Estados Unidos onde buscou exercer um luteranismo confessional e conservador sem as imposições e restrições estatais. À parte isso, Lutero era alguém convicto de que havia recebido um chamado, uma missão que o colocava em constante tensão entre a ação no mundo e a decisão interna.

Essa trajetória histórica do Sínodo de Missouri não pode ser compreendida sem que se considerem os embates teológicos que marcaram suas origens e impactaram profundamente sua identidade posterior. Nesse contexto, observa-se que o movimento luterano que migrou para os Estados Unidos o fez precisamente em oposição ao racionalismo que, segundo seus líderes, teria desfigurado a essência da Reforma. Contudo, a tensão vivida por Lutero entre ação e convicção interna foi retomada, séculos depois, como parte de um esforço deliberado para resgatar um luteranismo confessional e conservador.

Além do mais, diante do cenário apresentado, destaca-se que, como expressa o Mensageiro Luterano, que essa postura não apenas delineava uma escolha teológica, mas também configurava, sobretudo, um posicionamento institucional diante dos desafios e rupturas do mundo moderno, reafirmando continuamente o compromisso com os fundamentos doutrinários que sustentavam a missão do Sínodo. Entretanto, frisa-se que "[...] a Reforma foi suplantada pelo racionalismo, a religião da razão, que seguiu o pietismo frouxo e superficial [...]" (Mensageiro Lutherano, maio/1938, p. 40).

Esse diagnóstico crítico do racionalismo não se restringia a identificar perdas doutrinárias, mas apontava para um autêntico esvaziamento espiritual das igrejas europeias. Nesse sentido, assinala-se que, para os líderes vinculados ao Sínodo de Missouri, a situação da igreja evangélica na Alemanha havia alcançado um ponto de

ruptura, no qual a razão humana passava a substituir a centralidade da fé e da Escritura.

Por conseguinte, observa-se que esse olhar severo emerge de forma contundente nas páginas do Mensageiro Luterano (jun./1938, p. 47), onde se lê: "O racionalismo religioso havia transformado a igreja evangélica da Alemanha num deserto árido, pior do que o paganismo". Além do mais, compreende-se que essa visão reforçava entre os luteranos no Brasil a urgência de manter uma postura confessional rígida, empenhada em preservar o núcleo original da fé diante das ameaças externas percebidas.

Além disso, destaca-se que, em 'Da Liberdade do Cristão (1998, p. 40-41)', ele assevera que "um cristão é um senhor livre sobre todas as coisas e não se submete a ninguém. Um cristão é um súdito e servidor de todas as coisas e se submete a todos". Nessa perspectiva, verifica-se que, ao mesmo tempo em que a afirmação pode ser, de certa maneira, paradoxal, evidencia um princípio elementar à teologia luterana: a coexistência entre a liberdade e o serviço, e, sobretudo, entre a autonomia espiritual e a responsabilidade comunitária.

Diante desse cenário, cumpre pontuar que, em sua filosofia, Lutero não apenas propõe que o mundo interior seja analisado, mas também redesenha uma nova concepção de fé. Lutero, portanto, cria um modelo que permite refletir sobre o constante tensionamento entre a interioridade e a exterioridade do homem, sendo esse um dilema que é apropriado, significativamente, na forma como a sua doutrina foi, historicamente, apropriada por diferentes contextos histórico-culturais (Lutero, 1998).

Tendo em vista esse panorama, ressalta-se que, no caso do luteranismo teuto-brasileiro, essa dialética entre liberdade e submissão ganha contornos específicos, especialmente no discurso veiculado pelo Jornal Mensageiro Luterano. Contudo, cumpre salientar que a apropriação da obra de Lutero pela IELB não se deu de forma neutra, mas esteve sempre imersa em interpretações que atendiam às necessidades e desafios de cada época.

Desse modo, verifica-se que, se, na Alemanha do século XVI, a liberdade cristã se apresentava como uma ruptura com as estruturas dogmáticas do catolicismo, no Brasil, sua recepção esteve intrinsecamente ligada a alguns fatores específicos. Dentre eles, destacam-se a construção de uma identidade religiosa em meio a um

cenário marcado pela imigração, pela consolidação institucional e pelos inúmeros desafios socioculturais.

Assim, compreender como esse conceito foi apropriado nos escritos do *Jornal Mensageiro Luterano* permite não apenas analisar as apropriações do pensamento de Lutero, mas, sobretudo, problematizar os usos que se fizeram de sua teologia. Portanto, a análise crítica da recepção desse pensamento no contexto teuto-brasileiro não pode ignorar a mediação histórica que inevitavelmente transforma e reconfigura a tradição luterana. Complementarmente, cumpre ressaltar que:

Para entender estas duas fórmulas contraditórias da liberdade e servidão, devemos lembrar-nos de que cada Cristão tem duas naturezas, uma corporal e outra espiritual. Pela sua alma, merece ser chamado homem novo, espiritual, interior; pela carne e pelo sangue, merece ser chamado homem corporal, homem velho e homem exterior (Rosa, 2004, p. 143).

Sob essa égide, observa-se que o luteranismo, ao propor uma fé pautada no exame racional das Escrituras e na responsabilidade individual, operou essa racionalização em um nível teológico e pedagógico. O Sínodo de Missouri, no entanto, manteve um certo pragmatismo religioso, conhecido até hoje por sua postura conservadora pautada numa interpretação literal e confessional da Bíblia e das Confissões Luteranas. Dessa forma, o desencantamento do mundo, longe de ser um fenômeno puramente teórico, influenciou diretamente a maneira como o pensamento luterano foi moldado, adaptado e transmitido.

Essa mudança de olhar sobre o mundo e sobre a própria religião acaba contribuindo para um processo complexo e importante de secularização que se dá por meio da desmagificação ou desencantamento do mundo. Para Paulo Barrera Rivera (2010, p. 51), “[...] o impacto da secularização na modernidade europeia foi mais evidente e, ainda hoje, o conceito associa-se, pelo senso comum, a um esvaziamento das igrejas”. Mais do que isso, a secularização representa, aqui, um processo sociopolítico complexo e que tem o movimento reformador como pano de fundo.

Primeiramente, o secular fez parte do discurso teológico (*saeculum*), definindo um espaço dual (sagrado e profano) e dois tipos de clero (regular e secular); posteriormente, passou a designar um movimento filosófico de progresso humano que não inclui a religião (secularismo) e outro projeto que a privatiza e discrimina, afastando suas instituições e seus símbolos da esfera pública (laicidade). Como consequência dessa revolução secular, o termo deve ser entendido como categoria histórica e conceito universal globalizado que desponta como construção da modernidade ocidental secular (Casanova, 2008, p. 103 *apud* Moniz, 2017, p. 85-86).

A Modernidade, por sua vez, representa um momento histórico decisivo e de

variadas consequências, afigurando-se também como um período de cisão com o que a precede. Sob essa ótica, frisa-se que o processo de cisão entre sagrado e profano evidenciou a ruptura relacional entre razão e fé, e reorientou o homem, agora secular, aos novos padrões de vida. A partir desse quadro, Giddens (1991) destaca que:

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilham de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes (Giddens, 1991, p. 14).

Parece teoricamente legítimo considerar a relação entre modernidade e secularização. Na maioria das vezes, essas noções formam um sistema em estudos que estão na intersecção da história e da sociologia, que levam em conta a especificidade do "moderno", privilegiando objetos aos quais confere uma função reveladora: advento do estado racional a partir do enfraquecimento das instituições religiosas; nascimento do espírito capitalista a partir da difusão da ética protestante; ou mesmo o triunfo do individualismo resultante da dissolução dos laços comunitários.

Sob essa égide, o conceito de secularização pode ser definido como um processo de diferenciação funcional entre a esfera religiosa e outras instituições sociais, ou ainda, como a perda de influência ou plausibilidade da própria religião sobre a sociedade. Se esses conceitos se distinguem pela importância que atribuem ao tema da ruptura moderna com os quadros sociais tradicionais, todos mais ou menos marcados pela significação do religioso, eles concordam em descrever ou explicar o 'novo' nos termos de uma superação do 'velho' (Casanova, 2008, apud Moniz, 2017).

As nuances que a secularização assume nas sociedades modernas concede a ambos os fenômenos uma inter-relação de causa e consequência, posto que a modernidade é construída em torno dos conflitos sociais em que costumes e crenças são questionados por visões racionais objetivas. Dessa forma, entender o transcurso da secularização possibilita, assim, compreender a base pela qual o pensamento moderno firmou-se.

Segundo Zepeda (2010), a secularização e a modernidade estão estreitamente ligadas e perpassam três fatos:

- 1) o paulatino deslocamento da religião-institucional do centro para a margem da incipiente sociedade moderna européia, 2) a perda do monopólio de visão de mundo da religião e seu rebaixamento para a mentalidade científica e liberal, 3) o paulatino mas constante declínio da

relevância social dos signos, símbolos e das instituições religiosas (Zepeda, 2010, p. 130).

No caso da IELB, cumpre ressaltar que a defesa de um estado secular aparece com frequência nos excertos do jornal como estratégia de sua própria sobrevivência, seja pelo viés religioso – disputas com a igreja católica - ou educacional – tensões com o ensino público. Isto se torna recorrente especialmente na década de 1920, em razão do movimento Escola Nova, período em que a própria instituição precisou defender a necessidade de manter abertas as suas escolas, "[...] queremos criar também cidadãos uteis à pátria. Nossa igreja cuida da educação religiosa de seus filhos desde a infância" (Mensagem Luterano, jul/1929, p. 56).¹³

Dessa forma, passou a afirmar a utilidade do ensino, discurso que se alinhava também a um dos princípios de Lutero: promover a melhoria do estamento social através do aprimoramento da formação educacional. Em outra edição de 1922, esta defesa foi ainda mais pragmática, uma vez que se afirmou que o Estado não era competente para promover a instrução religiosa e que a formação luterana suplantava os colégios romanos, pois, além da base doutrinal, as ciências seculares eram proficientemente trabalhadas:

Segundo o exposto a Igreja Lutherana só procura o bem do Estado. Cria e educa-lhe bons cidadãos, conhecedores de seus sagrados deveres em todos os respeitos. Ora, para levar a cabo esta sua tarefa, ella necessita de aulas e outros estabelecimentos de ensino. E' este um dos seus primeiros cuidados onde quer que inicie sua missão. Ella trata com todo o zelo da instrucção de sua juventude, sciente da elevada missão que cada christão desempenha neste mundo. E' seu desejo que o christão seja dextro em sua fé e em seu officio secular. Ella mesma mantem os seus estabelecimentos de ensino, sem pedir nem acceitar auxilio do Estado. E', pois, evidente que ella presta os mais salientes serviços ao Estado, considerando-se o que os cidadãos que procedem das aulas luteranos são os melhores e nenhuma despeza tem o Estado com sua instrucção. Não quer isso dizer que a Igreja Lutherana seja antagonista das aulas publicas mantidas pelo governo. Muito pelo contrario, ella considera dever do Estado, cuidar da instrucção daquelles filhos que não querem seguir credo algum ou vivem no desleixo, para que um dia se tornem de alguma maneira cidadaos uteis á sua pátria, ao próximo e a si mesmos. Porém, para os seus filhos a Igreja Lutherana exige aulas puramente

¹³A afirmação presente no *Mensagem Luterano* evidencia a valorização da educação religiosa desde a infância, o que se contrapõe, em muitos aspectos, às diretrizes da Escola Nova, movimento pedagógico que ganhou força no Brasil nas décadas de 1920 e 1930. Influenciada por ideais progressistas, a Escola Nova defendia uma educação laica, centrada na criança e na sua experiência, promovendo a autonomia e o desenvolvimento integral do aluno. Segundo Dallabrida (2001), a proposta escolanovista buscava romper com os modelos tradicionais de ensino baseados na memorização e na autoridade, propondo uma escola ativa e voltada para a formação de cidadãos críticos. Diana Vidal (2006) complementa que a Escola Nova representou um marco na redefinição do papel do Estado e da escola na formação da infância, afastando-se de concepções educativas centradas exclusivamente na doutrina religiosa.

luteranas e suas, porquanto o Estado não é competente para cuidar de instrução religiosa. Ella quer aulas, onde possa criar e educar os seus filhos na doutrina e admoestação do Senhor, Ephesios 6:4. Este direito divino ella se não deixa tomar, porquanto tambem pertence aos direitos paternos. E quem conhece as aulas luteranas, saberá perfeitamente que alli, não obstante esmerada instrução doutrinal, a juventude é educada proficientemente nas sciencias seculares - em todo o caso mais solidamente que nos collegios romanos” (Mensageiro Luterano, set/1922, p. 71-72).

A partir desse quadro, faz-se necessário compreender como a identidade da modernidade encara a proposta de uma nova religião que absorve a valorização da subjetividade, da crítica e da supressão, levada ao máximo teor da representatividade externa do sagrado. No entanto, Weber (2004) pondera que essa racionalização não elimina completamente as tensões entre fé e mundo:

Mas cabe atentar aqui para o que hoje muitas vezes se esquece: a Reforma significou não tanto a *eliminação* da dominação eclesiástica sobre a vida de modo geral, quanto a substituição de sua forma vigente por uma *outra*. E substituição de uma dominação extremamente cômoda, que na época mal fazia sentir na prática, quase só formal muitas vezes, por uma regulamentação levada a sério e infinitamente incômoda da conduta de vida como um todo, que penetrava todas as esferas da vida doméstica e pública até os limites do concebível (Weber, 2004, p. 30).

Esse incômodo foi sentido por Lutero que, em 1520, publicou três obras relevantes para o interesse desta pesquisa. Elas são o ‘*Discurso à Nobreza Cristã*’, pleiteando, junto aos príncipes, a reforma da Igreja e também a reforma das universidades como parte de um projeto de mudança geral da sociedade política; ‘*Da Liberdade do cristão*’, na qual fortalecia o sentimento de liberdade individual das classes mais baixas, especialmente a camponesa; e ‘*Sobre o Cativo Babilônico da Igreja*’, páginas que denunciavam a doutrina e as práticas do papado.

Estão postas, por meio dessas obras, as diretrizes para a orientação dos novos cristãos, ou seja, daqueles que enfrentam o desafio de se organizarem em torno de uma nova forma de religiosidade que apregoa a liberdade do espírito, despreza a autoridade terrena e valoriza a hermenêutica bíblica como forma de aproximação daquilo que o sagrado tem a dizer. A IELB acompanhou tais pilares, e, assim, no Mensageiro Luterano, é possível encontrar diversos escritos combatendo as demais práticas religiosas que não se alinham aos princípios luteranos:

Mas com que autoridade o papa proíbe a leitura das Sagradas Escripturas? Talvez com a autoridade divina? Não! Antes com a autoridade própria. Pois Christo pelo contrario quer que todos leiam as mesmas, dizendo: << Examinae as Escripturas.>> Christo manda, Christo exige a leitura da Biblia. Esta autoridade o papa não tem a seu favor, mas contra si, ainda que mentirosamente se diz substituto de Christo (Mensageiro Luterano, ago/1920, p. 58).

Sob esse prisma, Lutero demonstrava plena consciência de que qualquer transformação duradoura na conduta de vida exigia uma base educacional sólida, e não apenas uma mudança de crença. A escola, para ele, não era um elemento acessório da Reforma, mas um mecanismo essencial para a consolidação da nova ordem religiosa e social que ele defendia. Sua visão ultrapassava a preocupação com o ensino básico e atingia um projeto pedagógico mais amplo, capaz de formar cidadãos aptos a interpretar as Escrituras e, conseqüentemente, sustentar intelectualmente os princípios reformistas.

Portanto, parte-se da premissa de que a valorização da instrução expressa nesse contexto não pode ser interpretada de maneira ingênua. Desse modo, entende-se que o incentivo à educação não decorria de um idealismo desinteressado, mas de uma estratégia cuidadosamente articulada para consolidar determinados princípios doutrinários. Ele próprio enfatizava que, muito antes de qualquer outra medida, o maior progresso de uma cidade ocorria quando contava com um grande número de homens bem instruídos.

A fundação de escolas cristãs não tinha apenas o propósito de elevar o nível intelectual da população, mas visava formar indivíduos alinhados a valores específicos, assegurando a sustentação teológica e política da Reforma. Os textos de 1524 e 1530, direcionados às lideranças municipais e às famílias, evidenciam essa concepção instrumental da educação, mostrando que sua promoção estava intrinsecamente ligada à preservação e expansão do movimento reformista. No entanto, houve resistências expressivas.

A escolarização não figurava como prioridade entre as camadas populares, e ele próprio lamentava que muitos permaneciam alheios à manutenção das escolas e afastavam completamente seus filhos do estudo. Esse desinteresse não pode ser reduzido à mera negligência dos pais, mas deve ser compreendido em um contexto mais amplo: a dificuldade de romper com modelos tradicionais de aprendizado, nos quais a transmissão de conhecimento se dava majoritariamente dentro das famílias e das comunidades de ofício.

A despeito disso, a Reforma não poderia se sustentar sem um corpo de fiéis educados dentro dos preceitos luteranos, justificando a ênfase que Lutero dava à necessidade de institucionalizar o ensino. Assim também se deu com o Sínodo no território brasileiro, "na mesma escola os pequeninos são criados na doutrina e

admoestação do Senhor. Diante disso, as congregações luteranas insistem em que os seus membros enviem os seus filhos à escola paroquial, onde possam ser educados de modo cristão" (Mensageiro Luterano, jan/1940, p. 8). Dessa forma, aos pais cabia o dever moral e religioso de enviar os filhos à escola e assegurar-lhes receber a formação alinhada aos princípios luteranos, o que também afiança a propagação da fé luterana.

Lutero estava convencido de que a expansão e o sucesso da Reforma dependiam de um sólido fundamento na área educacional, como já foi destacado em estudos sobre o tema. No contexto teuto-brasileiro, essa preocupação se manifestou de maneira peculiar. Portanto, o Jornal Mensageiro Luterano, ao longo das décadas analisadas, evidencia como a IELB ressignificou esse ideal educativo, ajustando-o às realidades sociais e culturais do Brasil. Mais do que simplesmente reproduzir a visão de Lutero sobre a escola, a comunidade luterana precisou rearticulá-la.

Sob essa ótica, destacam-se desafios com os quais Lutero se deparou, como a laicização do ensino, a imigração e a necessidade de preservar sua identidade confessional em um meio predominantemente católico. Assim, a análise da recepção do pensamento educacional de Lutero no Brasil não pode ser feita de maneira linear ou idealizada, mas deve levar em conta as tensões, os limites e as estratégias adotadas para garantir que a educação continuasse sendo um pilar central da tradição luterana em território brasileiro.

No entanto, nem todos viram Lutero como um defensor do ensino, especialmente do ensino superior. Tendo em vista esse cenário, em sua pesquisa, Frederick Eby (1976, p. 65) relata que "Erasmus fez a acusação: 'Onde quer que prevaleça o luteranismo, perecem a cultura e o ensino'". Todavia, não é o objetivo deste trabalho adentrar os embates que relacionam Renascimento, Humanismo e Reforma, dado que cada qual deve ser considerado no seu recorte temporal e dentro de seus contextos próprios.

Em que pese tais polêmicas, é legítimo reconhecer que Lutero, ao elaborar uma nova concepção teológica, observou as fissuras sociais de sua época, e trouxe ao cerne da esfera secular questões caras para romper com a velha mentalidade. Não à toa, Febvre (2012, p. 317) destaca Lutero como "um dos pais do mundo moderno [...] [que], ao viver, ao falar, ao se mostrar tal como era, criou, como tantos outros, várias situações concretas, geradoras, por sua vez, de consequências espirituais ou morais que ele não previra".

Esse nexó terá uma repercussão importante e polêmica na história das ideias pedagógicas. Conforme Eby (1976):

Um agudo conflito, quanto à importância de Lutero para a educação popular, divide os historiadores da educação. Dr. F. V.N. Painter caracteriza a Carta aos Prefeitos e Magistrados como o “mais importante tratado educacional jamais escrito”. Conclui seu estudo declarando: Lutero merece, daqui em diante, ser reconhecido como o maior dos reformadores, não só religiosos, como educacionais (Eby, 1976, p. 57).

Porém, Lutero não foi o único reformador a contribuir com a educação. Amigo íntimo de Lutero e de grande erudição, Filipe Melanchton (1497–1560) se destaca também como um reformador religioso e escolar. Tornou-se professor na cidade de Wittenberg, organizou as escolas latinas municipais e currículos protestantes, escreveu o regulamento da escola da igreja da Saxônia, plano este conhecido e aprovado por Lutero, adotado em diversas outras escolas alemãs.

Filipe Melanchthon (1497–1560), muitas vezes denominado de Praeceptor Germaniae (preceptor da Alemanha), foi central na consolidação do movimento da Reforma Protestante, de Martinho Lutero, principalmente no que tange à sistematização do discurso teológico e à organização da educação escolar protestante. Sua formação humanista e seu conhecimento profundo das línguas clássicas e da filosofia possibilitaram-lhe integrar os ideais da Reforma a uma proposta educativa inovadora. Como professor na Universidade de Wittenberg, destacou-se por sua clareza didática e pela capacidade de tornar os fundamentos da fé reformada acessíveis a públicos diferenciados, inclusive os jovens em formação.

No âmbito educacional, Melanchthon foi responsável pela reorganização dos currículos das escolas latinas, propondo a inclusão de disciplinas como grego, latim, lógica, retórica e teologia, além de moral cristã, visando preparar cidadãos física e espiritualmente. Seu texto mais emblemático neste sentido é o Instrutivo para as Escolas da Saxônia (1528), um regulamento escolar que previa a organização dos conteúdos, métodos pedagógicos e critérios de avaliação, orientado por uma pedagogia cristã direcionada à formação integral do indivíduo. A proposta foi disseminada de modo abrangente entre as comunidades protestantes e serviu como modelo para diversas instituições escolares da Alemanha e da Europa.

Ademais, Melanchthon considerava que o Estado e a Igreja tinham a responsabilidade de promover a própria educação. Para ele, a educação deveria ser gratuita e acessível, particularmente no que se refere à educação elementar. Sua

concepção de educação estava ligada à concepção de fé: educar homens bons e homens cívicos do Senhor, no sentido de que fossem pessoas da palavra de Deus, era um dos pontos centrais do seu projeto. Sua contribuição foi crucial tanto para a sistematização da própria teologia luterana, como para a própria institucionalização de um novo modelo escolar, que conjugava a erudição humanista e princípios reformados.

Embora não tivesse os atributos de liderança de Lutero, fora aquele que sistematizou a Reforma, de modo que, sobre a sua vasta contribuição, Paulsen (1906 *apud* Eby, 1976) esclarece:

Quando Melanchton morreu, não havia provavelmente, na Alemanha protestante, nenhuma cidade na qual algum estudante agradecido não chorasse a perda do *Preceptor Germaniae*. E muito depois de sua morte ele controlava, através do seu método e livros de texto, a instrução nas escolas protestantes e universidades. É primordialmente devido a ele o fato da metade protestante da Alemanha ter conquistado a ascendência sobre o catolicismo, no campo da educação e cultura. Não pode haver dúvida sobre qual seja o resultado final: a filosofia e ciência germânicas, a literatura e cultura alemãs cresceram no solo do protestantismo (p. 71).

Também integrantes desse movimento, destacam-se Martinho Bucer¹⁴ e João Sturm¹⁵. Ademais, Martinho Bucer, um reformador de Estrasburgo, possuía um plano para um sistema de escolas gratuitas, e, adicionalmente, também ajudou a organizar escolas elementares. Por outro lado, João Sturm, fundador do ginásio clássico e organizador do Humanismo na Europa Setentrional, tinha objetivos educacionais claros, tendo alcançado inúmeros estudantes em suas escolas, muitos destes, nobres.

Naturalmente, as implicações da Reforma Protestante não podem ser reduzidas à simples leitura da Bíblia. Contudo, ressalta-se que Reforma despertou diversos acontecimentos, não imediatamente redutíveis a ela ou mesmo previsíveis,

¹⁴ Martin Bucer nasceu em 11 de novembro de 1491, oito anos após Martim Lutero, em Schlettstadt (atualmente Seléstat). Com 15 anos foi entregue à guarda da ordem dominicana em Schlettstadt. O mais tardar na segunda metade da segunda década do século XVI, Bucer estudava e lecionava nos conventos de sua ordem em Heidelberg e Mainz. Mesmo que Bucer tenha se afastado gradativamente da ordem dominicana na sequência da disputa de Lutero em Heidelberg de 1518, sua formação dentro da ordem teve, sob muitos aspectos, influência marcante em seu modo de pensar. Por um lado, provém dessa época seu amplo conhecimento da teologia de Tomás de Aquino. Por outro lado, a relação de seus livros de 30 de abril de 1518 evidencia um amplo interesse tanto na literatura da ordem quanto em obras humanistas (Hasselhoff, 2017, p.62).

¹⁵ “João Sturm (1507-1589) - fundador do ginásio clássico, foi o gênio organizador do Humanismo na Europa Setentrional; visualizou muito claramente o objetivo exato da instrução clássica, apoderou-se firmemente de seus métodos e currículo, e compreendeu a forma de organização que prometia atingir os resultados desejados pela nova época” (Eby, 1976, p. 76).

desencadeando uma atmosfera de importantes mudanças. Entretanto, haverá, com a Reforma, a chamada para uma série de questões sociais para além do acesso e da leitura da Bíblia, inclusive porque a Reforma não influenciará apenas a educação alfabetizadora, ou seja, fomentar-se-ia apenas o letramento e formação elementar, mas prestar-se-iam também importantes contribuições ao ensino superior.

Todavia, o espírito moderno começa a tecer, dentro desse processo sociológico e histórico, os primados dos direitos humanos, valorização do trabalho, ensino secular e de responsabilidade do Estado; a reformar uma nova concepção de ética e moral, além de influenciar, de forma decisiva, a economia, por meio da reinterpretação do conceito de vocação. Como antecipado, essa ideia será aprofundada mais adiante.

Por isso, Boto (2017, p. 101) elucida: “Lutero compreendia na ação educacional [uma] estratégia privilegiada que deveria cimentar a nova acepção religiosa que então despontava”. Na medida em que Lutero se envolvia com os assuntos do mundo, reforçava as suas preocupações com as questões sociais, entres elas, a educação:

A construção de Lutero abordou a educação não como humanista e nem como um professor prático, mas como um reformador religioso. Tratou principalmente de amplos princípios gerais; os pormenores, deixou-os para outros completarem. Suas reformas educacionais nasceram de seus contatos com as condições rapidamente mutantes que caracterizaram a década de 1520 a 1530. Durante estes anos, frequentemente discutia educação, especialmente em seus discursos, sermões, debates, cartas, comentários e outras obras (Eby, 1976, p. 53).

Por sua vez, a iniciativa católica também respondeu às novas demandas, sobretudo, através da Companhia de Jesus, sobrevinda um pouco mais tarde, este movimento surgiu como uma resposta ao movimento protestante, evento também conhecido como Contrarreforma. Essa organização, usualmente chamada Ordem Jesuíta, foi fundada em 1534 por Inácio de Loyola (1491-1556), organização de rígida disciplina e submissão papal que carregava princípios da educação cavaleiresca e objetivos claros de missão catequética. Segundo César Toledo e Flávio Ruckstadter, estes foram os intentos com a sua criação:

O descrédito da instituição havia se tornado algo comum; ela começou a definhar em quase todos os setores e até mesmo a agonizar em outros. Nesse sentido, a Companhia de Jesus surgiu como o fruto dos próprios esforços da Igreja Católica em se reformar, bem como das pressões exercidas pela Reforma Protestante e pelas mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais que a Europa atravessava (TOLEDO e RUCKSTADTER, 2002, p. 106).

Percebia-se nessa estratégia da Igreja Católica um trunfo para reagir ao protestantismo, catequizar os povos pagãos, conquistar novos territórios, fortalecer e expandir o catolicismo. A organização desse movimento assegurou-lhe resultados exitosos ante a unidade que quase sempre repousou na Ordem, que era regida por Constituições e um forte cunho disciplinar, nas palavras de Toledo e Ruckstadter (2002, p. 108): “a rígida instituição, organizada militarmente, tem na sua organização hierárquica o seu ponto de equilíbrio. A obediência, nesse sentido, é a peça-chave do funcionamento deste motor que chamamos de Companhia de Jesus”, a qual estava disposta da seguinte forma:

Os colégios jesuíticos não admitiam meninos abaixo dos 10 anos. Dois tipos de colégios eram dirigidos pela Ordem, o inferior, que durava cinco ou seis anos, e o superior, de verdadeiro nível universitário. O currículo dos colégios inferiores era dividido em três classes de gramática, seguidas de uma quarta, chamada humanidades, e uma classe denominada de retórica. Nas universidades, filosofia, incluindo matemática e ciências naturais, eram estudadas durante três anos. [...] Como regra, somente os jesuítas preparados para a função eram admitidos a ministrar instrução. [...] A língua latina era tida como “o indispensável veículo para todo o saber”. O currículo dos colégios era uma sagaz combinação das sete artes liberais e o estudo de autores clássicos latinos selecionados. O uso da língua materna foi suprimido tanto quanto possível, e à língua e cultura gregas foi dado um papel subordinado. [...] As obras dos autores pagãos eram expurgadas; e onde era julgado necessário adaptar o texto para o uso da juventude cristã, eram acrescentadas notas. Nas universidades, a Matemática, as Ciências, e a Teologia escolástica eram estudadas (EBY, 1976, p. 95).

Quanto à iniciativa protestante, havia, ainda, uma preocupação com o tipo de homem que o cristão protestante deve ser. A partir disso, Alonso Bezerra de Carvalho (2004, p. 245) observa que “[...] o comportamento de um protestante, por exemplo, indica que tipo de formação, de educação, ele experimenta ao longo de sua vida”. A partir disso, o próprio Lutero traduzira as fábulas de Esopo para trabalhar a educação moral cristã, porém, como religioso, o seu objetivo não era uma revolta, mas uma reforma. Não bastava ensinar as pessoas a ler; era preciso fazê-las compreender a verdade da Bíblia.

Sob esse prisma, frisa-se que se revelam, aqui, dois aspectos da iniciativa luterana que se interpenetram: o primeiro, mais estrito, era voltado à leitura e interpretação; e o outro, mais amplo, menos evidente, dar-se-ia por meio das mediações teológicas. Por isso, redigiu-se, em 1528-1529, o ‘*Pequeno Catecismo*’ e o ‘*Catecismo Maior*’, espécies de pequenos manuais compostos por perguntas e respostas bíblicas para os leigos, que auxiliariam nessa tarefa. Assim, o seu intento educacional estava, indiscutivelmente, no horizonte.

Apesar das controvérsias históricas que orbitam Lutero, o trabalho pedagógico abraçado por ele e pela Reforma Protestante propugnava uma educação abrangente e alinhava outros objetivos que não apenas a conversão. A pedagogia de base religiosa era pensada também como uma educação para a vida, que permitiria aos seus adeptos a elevação de suas condições moral e social, tendo como nortes o exercício do sacerdócio universal e a preparação para o trabalho. De acordo com Boto (2017):

A Reforma protestante propugna a escolarização como ferramenta para a leitura da Bíblia, sem interposição de nenhum sacerdote, favorecendo a religiosidade das populações. Os reformadores voltavam-se também para a vida civil, acreditando no potencial da educação para a prosperidade dos povos. Favorecia-se um ensino coletivo, que deveria ser dirigido pelas municipalidades. [...] O aprendizado escolar seria racionalizado com o modelo dos colégios calvinistas que pretendem imprimir ordem e disciplina em uma escola que é vista como o lugar de preparo da juventude para o mundo do trabalho. Com a Reforma, haverá um deslocamento da reflexão pedagógica para advogar uma escola secularizada, racionalizada, institucionalizada e civilizadora (Boto, 2017, p. 71-72).

Sob essa égide, pontua-se que a estratégia religiosa encabeçada pelos reformadores considera a escola como lugar indispensável para a sua efetivação, atribuindo à educação uma utilidade prática para a vida cotidiana, especialmente, no engajamento para o trabalho. Obviamente, essa escola não se tratava de uma instituição como nos moldes modernos, já que se voltava para um público restrito e essencialmente religioso.

Todavia, cumpre salientar que, em seu estudo, Weber (2004) observou que, enquanto a educação católica alemã era mais humanística e não engajava os seus jovens para o empreendimento capitalista, a educação protestante se voltava ao desenvolvimento de aptidões técnicas e à ocupação de certos postos de ofícios. Contudo, reconhece-se que tal fato tinha correlação com os princípios religiosos praticados por essa comunidade.

Portanto, a educação protestante se apresenta como uma instrução voltada ao trabalho, porquanto há nela uma valorização ético-religiosa da atividade intramundana, como explica Weber (2004):

De modo ainda mais marcante, uma outra observação ajuda a compreender a reduzida participação dos católicos entre o *operariado* qualificado da grande indústria moderna. É conhecido o fenômeno de a fábrica recrutar uma grande parte de sua mão-de-obra qualificada entre a nova geração de artesãos, deixando assim a eles a formação de sua própria força de trabalho para daí subtraí-la uma vez completada a formação, fenômeno que se mostra com frequência substancialmente maior entre os camaradas artesãos protestantes do que entre os camaradas católicos. Noutras palavras, os

camaradas artesãos católicos mostram uma tendência mais acentuada a permanecer no artesanato, tornando-se portanto *mestres* artesãos com frequência relativamente maior, ao passo que os protestantes afluem em medida relativamente maior para as fábricas para aí ocupar os escalões superiores do operariado qualificado e dos postos administrativos. Nesses casos, a relação de causalidade repousa sem dúvida no fato de que a *peculiaridade espiritual inculcada pela educação*, e aqui vale dizer, a direção conferida à educação pela atmosfera religiosa de origem e da casa paterna, determinou a escolha da profissão e o subsequente destino profissional (Weber, 2004, p. 32-33).

Sob essa ótica, destaca-se que a educação, na perspectiva reformista de Lutero, não deveria se limitar à preparação para funções eclesiais, mas sim servir como um pilar da nova organização social e religiosa que ele propunha. Ele compreendia que a escolarização exercia um papel central na formação do indivíduo e na construção de uma sociedade alinhada com os princípios da Reforma. Contudo, antes da Reforma, a educação era estruturada de modo a preparar os jovens diretamente para o tipo de vida e trabalho que deles se esperava, evidenciando a transformação promovida pelo ideal reformista.

No contexto teuto-brasileiro, essa perspectiva educacional de Lutero não foi apenas recebida, mas resignificada dentro das necessidades da comunidade luterana, especialmente pelos membros da IELB. Nesse cenário, o *Jornal Mensageiro Luterano* (1917-1947) desempenhou um papel essencial na adaptação desses ideais ao Brasil, promovendo um discurso que articulava a importância da educação cristã com os desafios práticos enfrentados pelos imigrantes e seus descendentes. A questão linguística é um exemplo central desse processo.

Antes da Reforma, a língua vernácula não era valorizada, o latim dominava os espaços religiosos e acadêmicos, e a escassez de escrituras na língua pátria limitava o acesso ao conhecimento. No Brasil, a comunidade luterana enfrentava um dilema semelhante: a manutenção da língua alemã como um elemento identitário entrava em tensão com a necessidade de adaptação ao português e à cultura nacional. Assim, o *Jornal Mensageiro Luterano*, ao tratar da educação, buscava equilibrar esses fatores.

Nesse processo, defendia-se a instrução dos luteranos em um modelo que preservasse os valores confessionais, mas que também permitisse sua integração ao ambiente brasileiro. Sob esse prisma, ressalta-se que a recepção do pensamento educacional de Lutero no Brasil não se deu de forma passiva, uma vez que se configurou como um processo de constante adaptação, no qual a IELB utilizou a

educação como ferramenta para garantir a continuidade de sua identidade religiosa enquanto lidava com as exigências de um novo contexto sociocultural.

Nesse sentido, Weber (2004, p. 75) assinala que “[...] o feito propriamente dito da Reforma consistiu simplesmente em ter já no primeiro momento inflado fortemente, em contraste com a concepção católica, a ênfase moral e o *prêmio* religioso para o trabalho intramundano no quadro das profissões”. Além disso, conforme Boto (2017, p. 100), “[...] em 1500, [de] 3% a 4% da população alemã sabia ler, e nas cidades o percentual subia para 10% ou mesmo, em alguns casos, 30%”. Por tais motivos, a teologia de Lutero exigia uma população educada.

A ação reformadora religiosa solicitou uma ação pedagógica, de modo que, pelo fomento da alfabetização mediante ao uso da Bíblia, apoiando-se na necessidade de preparar profissionalmente o indivíduo, chega-se a uma consciência *sui generis*, o esforço do pensamento pedagógico proposto por Lutero. Com efeito, não parece ser mero acaso que essa acepção religiosa tenha se voltado ao desenvolvimento de um ensino técnico de base confessional, estruturado para formar indivíduos que fossem não apenas preparados intelectualmente.

Dessa maneira, buscava-se desenvolvê-los de modo que estivessem plenamente comprometidos com uma ética de trabalho enraizada na fé protestante. Portanto, mais do que uma simples valorização da instrução, essa proposta educacional carregava um propósito teológico: o protestantismo não separava o aprendizado do agir no mundo, mas o tomava como uma via para o cumprimento de um chamado divino. Nesse sentido, a noção de trabalho para o protestante assume um caráter quase mandamental, funcionando como um dos pilares da vida cristã reformada.

Contudo, cumpre pontuar que a concepção de que Deus exige do cristão uma obra social para que a organização da vida esteja conforme seus mandamentos e orientada para esse propósito evidencia essa relação entre fé e prática. Essa perspectiva reforça a ideia de que a formação educacional deveria estar diretamente ligada à responsabilidade social do indivíduo, integrando saberes seculares e religiosos sob um mesmo arcabouço ético.

O trabalho, portanto, não se resumia a uma necessidade material, mas era elevado à condição de dever espiritual, um meio pelo qual o crente poderia glorificar a Deus por meio do serviço ao próximo e de sua utilidade dentro da sociedade. No contexto teuto-brasileiro, esse ideal não apenas foi recebido, mas ressignificado para

atender às necessidades da comunidade luterana imigrante, cuja adaptação encontra registro no *Jornal Mensageiro Luterano* (1917-1947).

Por tais motivos, o discurso veiculado pelo jornal evidencia um esforço contínuo da IELB em consolidar uma educação que, ao mesmo tempo, garantisse a preservação dos valores confessionais e preparasse os indivíduos para os desafios profissionais no Brasil. Dessa maneira, nota-se que, mais do que reforçar a moralidade do trabalho, os textos demonstram como a tradição luterana buscou integrar a educação técnica e profissional à formação religiosa, sem dissociar instrução e fé.

Esse olhar reformado sobre o labor foi essencial para a sustentação da identidade luterana em um ambiente predominantemente católico, onde a educação confessional protestante precisou afirmar sua relevância frente ao modelo laico emergente. Além disso, a ênfase no cumprimento das atividades profanas como forma de devoção reforçava a ideia de que o desencantamento do mundo, longe de representar uma secularização absoluta, consolidava um novo modelo de religiosidade em que o agir cotidiano se tornava, ele próprio, uma expressão de fé.

Assim, o *Jornal Mensageiro Luterano* não apenas disseminava o pensamento educacional de Lutero, mas o articulava de maneira prática às realidades do contexto brasileiro, demonstrando que a recepção desse ideal educacional não ocorreu de forma neutra, mas passou por um processo contínuo de reinterpretação e adaptação dentro da IELB.

É, então, nesse cenário que Lutero, ao conceder ao trabalho o sentido de vocação ou *Beruf*, termo por ele cunhado em sua primeira tradução da Bíblia para se referir à predisposição profissional do cristão como sendo um desígnio divino, rejeitará o modo de vida monacato católico e atribuirá um valor religioso à prática profissional adotada pelos protestantes. É, à vista disso, pelo cumprimento das atividades intramundanas que se manifesta publicamente o estado de graça recebido por esse novo cristão com o trabalho.

Diante disso, deixa de ser recluso e penitente dentro dos mosteiros para se tornar um participante ativo das atividades do cotidiano. Essa nova perspectiva fez insurgir uma série de mudanças, de modo que, dentre elas, destaca-se a convocação divina para exercer o seu chamado vocacional. Assim, resume Weber (2004):

Uma coisa antes de mais nada era absolutamente nova: a valorização do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a auto-realização moral é capaz de assumir. Isso teve por

consequência inevitável a representação de uma significação religiosa do trabalho mundano de todo dia e conferiu pela primeira vez ao conceito de *Beruf* esse sentido. No conceito de *Beruf*, portanto, ganha expressão aquele dogma central de todas as denominações protestantes que condena a distinção católica dos imperativos morais em “*praecepta*” e “*consilia*” e reconhece que o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantar a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida, a qual por isso mesmo se torna a sua “vocação profissional” (Weber, 2004, p. 72).

Portanto, nota-se que Lutero consegue conceder à atividade profissional o sentido vocacional. Sob esse prisma, cita-se que, ao se tornar um ex-monge agostiniano¹⁶, passou a enxergar no valor do trabalho um comportamento ético que todo cristão deveria ter em favor do próximo e a serviço de Deus. Segundo Weber (2004, p. 76), “[...] simultaneamente, a profissão concreta do indivíduo lhe aparece cada vez mais como uma ordem de Deus para ocupar na vida *esta* posição concreta que lhe reservou o desígnio divino”.

Ao cunhar a palavra *Beruf*, Lutero acarretou uma série de desdobramentos práticos, especialmente no mundo do trabalho. Não se tratava apenas da necessidade de exercer um ofício, mas de cumprir a sua própria vocação. Assim como há um chamado para crer em Deus, há um chamado pessoal para desempenhar uma atividade profissional. Sob esse prisma, entende-se que a perda de tempo, a ociosidade e a mendicância significariam renunciar a essa vocação. Diante disso, Weber (2004, p. 143) refere que “[...] a *perda de tempo* é, assim, o primeiro e em princípio o mais grave de todos os pecados. Nosso tempo de vida é infinitamente curto e precioso para ‘consolidar’ a própria vocação”. Sobre tal ponto, aclara Altmann (1994):

Por fim, é sabido que Lutero introduziu uma radical compreensão nova da atividade profissional, a ponto de que teve que cunhar, para a própria língua alemã, um novo vocábulo: *Beruf*. *Beruf* é ofício, profissão; mas, como sua raiz *rufen* indica, é simultaneamente vocação. Ou seja: Lutero conferiu sentido vocacional à atividade profissional. Mais uma vez, entendeu a profissão não como um mal necessário, nem divisou seu sentido preponderante na busca do auto-sustento – também presente, como é óbvio –, mas sobretudo como possibilidade de serviço a outros. Não há dúvida de que surgiu a partir daí uma nova ética e inclusive uma inusitada disciplina do trabalho, cujo reverso é a crítica severa que Lutero passou a exercer às ordens mendicantes, que, em vez de exercerem uma profissão de serviço, viveriam à custa dos demais (Altmann, 1994, p. 35-36).

¹⁶ Ordem mendicante criada no ano de ano 391 D.C. por Santo Agostinho (354-430) em Hipona, na atual cidade de Annaba, na Argélia. No ano 1244 sob o patrocínio da Santa Sé, reuniram-se os eremitas numa única Ordem, começou assim a história da Ordem de Santo Agostinho. Disponível em <https://agostinianos.org.br/agostinianos/ordem/historia/#110> acesso: 11 set 2024.

Essa relação presente no ascetismo protestante, isto é, a estabelecida entre a vocação profissional e a educação, será trazida ao longo do trabalho, a fim de que possamos identificar em que medida a pedagogia de Lutero propunha um ensino técnico com a possibilidade de influenciar o projeto educacional moderno.

2.1 A REFORMA PROTESTANTE COMO UM DESENCADEADOR DA MODERNIDADE: IDENTIFICANDO OS PROPÓSITOS DA REFORMA LUTERANA

Nesta subseção, discute-se sobre a ligação existente entre a Reforma Protestante e a Modernidade e sobre os propósitos da reforma luterana, de modo que se pretende identificar, objetivamente, em que medida o movimento reformista representou um marco das mudanças socioculturais desse período da história. Além disso, esclarecer-se-ão quais são as implicações causadas do ponto de vista da pedagogia e da educação, propugnadas por essa aceção religiosa.

Como se sabe, a Igreja dominou a Europa medieval no período compreendido entre (476-1453), instaurando-se uma nova ordem com a queda de Constantinopla pelos otomanos, segundo a historiografia tradicional, até então representando a única autoridade em questões espirituais e, à medida que se tornou mais poderosa, influenciando as esferas da política e da cultura. Contrariando o clássico quadripartismo francês, compreendemos como marco do princípio da Idade Moderna o ano de 1517.

O segmento fornecido, apresenta o modo pelo qual a Reforma Protestante, em especial a partir de 1517, se torna um divisor de águas na constituição da Modernidade e nas transformações socioculturais que impactaram a educação. Ao discutir os objetivos da reforma luterana e suas consequências pedagógicas, percebe-se como os ideais educacionais de Martinho Lutero dialogam com o contexto histórico mais amplo e como suas proposições foram redesenhadas ao longo do tempo – exatamente o que esse trabalho se propõe a verificar ao investigar como este pensamento educacional é reverberado no impresso Mensageiro Luterano.

Para tanto, parte-se da publicação das teses de Lutero para tecer esse argumento, dado o seu altivo impacto sociorreligioso e cultural no Ocidente, como demonstraremos adiante. A partir disso, retornando à organização católica, compreende-se que as tensões que envolveram a figura do papa e algumas práticas adotadas pela Igreja atraíram ainda mais críticas e impulsionaram as seitas heréticas

da Idade Média a se oporem aos escândalos cada vez mais recorrentes, como assinala Hegel (1996).

A Reforma surgiu da *decadência da igreja*. Essa decadência não foi ocasional, mero *abuso* de poder e domínio. Abuso é a forma habitual de se denominar uma decadência. Pressupõe-se que a base seja boa, a instituição em si perfeita, mas as paixões, os interesses subjetivos, enfim, a vontade ocasional dos homens tenha usado aquele bem como um meio para o seu próprio benefício, e que não há nada a se fazer a não ser afastar essas ocasionalidades. Em tal representação, salva-se a instituição, e o mal que a corrompe aparece como algo apenas exterior. O abuso de uma coisa boa que ocorre de forma ocasional se limita a uma particularidade, mas um caso de corrupção generalizada afetando uma instituição tão grande e abrangente como a Igreja já é outro assunto (Hegel, 1996, p. 473).

Há, no entanto, que se ressaltar a longínqua presença ativa da Igreja Católica e sua influência para a configuração do mundo ocidental, tendo a educação como braço forte de sua ação civilizadora e moral, foi responsável por construir o arcabouço social e intelectual do que mais tarde veio a florescer na modernidade, além de ter figurado como guardião do espólio da filosofia antiga que, dadas as devidas especificidades, colocando-as a disposição dos altivos intelectuais medievais permitiu aos personagens modernos tal herança intelectual, de modo que alguns autores a exemplo de Thomas E. Woods Jr. a descreve da seguinte forma:

A Igreja Católica configurou a civilização em que vivemos e o nosso perfil humano de muitas maneiras além das que costumamos ter presentes. Por isso insistimos em que ela foi o construtor indispensável da civilização ocidental. Não só trabalhou para reverter aspectos moralmente repugnantes do mundo antigo - como o infanticídio e os combates de gladiadores -, mas restaurou e promoveu a civilização depois da queda de Roma (WOODS, 2008, p. 11).

No entanto, a crise da instituição católica e a exterioridade das paixões que a corromperam foram determinantes para o seu abalo institucional. A construção da Basílica de São Pedro, por exemplo, gerou forte repercussão ao escancarar a dependência financeira da Igreja em relação às indulgências, evidenciando o desvio entre seu discurso moral e suas práticas administrativas.

Diante disso, frisa-se que a cúria romana e os bispos e banqueiros alemães aliaram-se na exploração dos fiéis”. Esse cenário não apenas fragilizou a legitimidade da Igreja Católica, mas também revelou um dilema fundamental: a instituição que deveria conduzir os homens à salvação de suas almas via-se, agora, forçada a buscar sua própria salvação institucional. Foi nesse contexto de crise e desconfiança que Martinho Lutero emergiu como uma figura disruptiva, tensionando a história do cristianismo no Ocidente ao se opor frontalmente a tais práticas.

Embora Lutero não tenha utilizado a expressão Reforma Protestante e que seu objetivo inicial não tenha sido a divisão da Igreja, mas sim a promoção de uma reforma interna, tendo em vista as suas condutas e práticas, seu nome se tornou inextricavelmente vinculado ao movimento desde o início. No entanto, a sua atuação não se limitou ao questionamento das indulgências ou à denúncia dos abusos do clero. O impacto de suas ideias se estendeu à educação e à organização social dos espaços luteranos, desdobrando-se em novas prerrogativas que redefiniram o cristianismo ocidental no século XVI.

No contexto teuto-brasileiro, essa influência se manifestou de maneira particular entre os membros da IELB, cuja identidade religiosa foi fortemente moldada pela tradição reformista. Portanto, o *Jornal Mensageiro Luterano* (1917-1947) desempenhou um papel central nesse processo, funcionando como um canal para a transmissão e adaptação do pensamento luterano ao cenário brasileiro. Assim, mais do que apenas reproduzir os ideais da Reforma, incorporou e reinterpretou os princípios educacionais de Lutero dentro das necessidades de uma comunidade imigrante em busca de consolidação.

Dessa maneira, o impacto da Reforma Protestante no Brasil, especialmente no âmbito da IELB, não pode ser compreendido sem considerar o papel da educação na manutenção e na difusão desses valores, demonstrando que a transmissão do pensamento luterano não ocorreu de forma linear, mas por meio de uma construção discursiva ativa e historicamente situada.

Essa transformação não ficou restrita ao espaço europeu, uma vez que a Reforma Protestante gerou desdobramentos que ultrapassaram a esfera teológica, influenciando a organização social e econômica ao reforçar a ética do trabalho e a concepção de vocação. No Brasil, esse legado foi absorvido e ressignificado pelos imigrantes luteranos, especialmente no âmbito da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Por tais motivos, o *Jornal Mensageiro Luterano* (1917-1947) reflete esse processo ao discutir de maneira recorrente o papel da fé na formação do caráter e na preparação dos fiéis para a vida em sociedade.

Assim, a transmissão do pensamento educacional de Lutero no Brasil, mediada pelo *Jornal Mensageiro Luterano*, não ocorreu como uma simples confirmação de conceitos europeus, mas como um processo contínuo de adaptação e afirmação identitária no novo contexto. Diante desse quadro, questiona-se: qual foi a influência do protestantismo no surgimento da Era Moderna? Em que sentido a Reforma

Protestante ajudou a tecer uma nova realidade de mundo, não só do ponto de vista da sua situação religiosa, mas também do ponto de vista das ideologias que a fundamentam? Diante disso, é preciso compreender os propósitos da referida reforma.

Em meio às múltiplas transformações que marcaram a transição da Idade Média para a Idade Moderna, a Europa presenciou o surgimento de movimentos que colocaram em xeque os pilares tradicionais da autoridade religiosa, política e educacional. A centralidade da Igreja Católica como mediadora exclusiva do saber e da fé passou a ser questionada por correntes que defendiam maior autonomia individual, liberdade de consciência e acesso direto às Escrituras. Tais mudanças, longe de se limitarem ao campo teológico, desencadearam profundas reconfigurações sociais, culturais e institucionais.

Nesse cenário, a Reforma Protestante despontou como um dos principais catalisadores da modernidade europeia. Seus desdobramentos não apenas romperam com o monopólio doutrinário romano, mas impulsionaram novas formas de organização comunitária, de circulação do conhecimento e de estruturação da educação. Entre os reformadores, Martinho Lutero destacou-se por seu papel determinante na defesa da alfabetização e da formação escolar como instrumentos de emancipação espiritual e cidadã, lançando as bases para um modelo pedagógico centrado na leitura bíblica e na formação ética do indivíduo.

Diante desse contexto, compreender o pensamento educacional de Martinho Lutero torna-se essencial para a análise de sua recepção no Brasil, especialmente quando mediada por instrumentos como o *Jornal Mensageiro Luterano*. Sendo o objetivo central desta tese examinar de que forma as ideias pedagógicas de Lutero foram apropriadas, reinterpretadas e difundidas entre os membros da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, faz-se necessário, em primeiro lugar, voltar o olhar para a trajetória do reformador. É a partir da análise de sua vida, das condições históricas que o moldaram e de seus escritos voltados à educação que será possível identificar as raízes doutrinárias e filosóficas que sustentaram o projeto educativo posteriormente ressignificado no contexto teuto-brasileiro.

Tendo em vista as suas significativas contribuições, antes de se abordar sobre a proposta da reforma por ele idealizada, há que se compreender a sua trajetória. Nascido em 10 de novembro de 1483, na pequena cidade de Eisleben, no estado alemão de Saxônia-Anhalt, Lutero viveu em uma época marcada por grandes

transformações na Europa, sendo influenciado por manifestações artísticas e intelectuais, impulsionadas, sobretudo, por ideais renascentistas, (Mondin, 1981). Contudo, a biografia do teólogo se concentra em uma experiência espiritual experienciada em algum momento de sua vida, quando quase foi atingido por um raio.

Após o período de recolhimento no convento, o monge agostiniano, em 1508, fora convidado para a Universidade de Wittenberg, onde a sua luta contra o papado seria travada à medida que se erodiu e ali se tornou professor. Ao estudar as Sagradas Escrituras, o Lutero já inquieto e temente pela própria salvação passou a enxergar, por intermédio de suas próprias incursões, a verdade que não havia encontrado no claustro nem nas longas penitências cumpridas, como descreve Earle Cairns (2008):

Quando preparava suas aulas, encontrou a paz interior que não conseguia nos ritos, nos atos ascéticos ou na famosa Teologia Germânica dos místicos [...] A leitura do verso 17 do capítulo 1 de Romanos convenceu-o de que somente pela fé em Cristo era possível alguém tornar-se justo diante de Deus. A partir daí a doutrina da justificação pela fé e a *sola scriptura*, a ideia segundo a qual as Escrituras são a única autoridade para o pecador procurar a salvação, passaram a ser os pontos principais de seu ensino teológico (Cairns, 2008, p. 234).

Entretanto, Lutero não apenas deixou uma marca indelével na história da cristandade, mas também exerceu uma influência profunda sobre o pensamento e a cultura ocidentais. A Reforma Protestante ultrapassou a simples contestação da autoridade da Igreja Católica, desencadeando transformações que atravessaram séculos e moldaram instituições e conceitos ainda presentes na sociedade contemporânea. Portanto, o seu protagonismo foi determinante em um momento de transição histórica, visto que influenciou na ruptura entre a mentalidade medieval e os alicerces do mundo moderno.

Dessa maneira, reconhece-se que o seu impacto se estendeu para além do domínio religioso, reverberando em camadas sociais, políticas e intelectuais, redefinindo o curso da civilização ocidental. No entanto, a interpretação de sua figura e de seu legado passou por disputas intensas. Por muito tempo, a historiografia católica abordou sua atuação sob um viés negativo, associando sua obra à fragmentação do cristianismo, enquanto minimizava sua contribuição no cerne daquelas mudanças estruturais que afetavam a religiosidade e a educação.

Todavia, essa disputa interpretativa não ficou restrita à Europa, de modo que, no Brasil, o luteranismo encontrou resistência em um ambiente de predominância católica, e, assim, o *Jornal Mensageiro Luterano* (1917-1947) desempenhou um papel

fundamental na construção da identidade confessional dos imigrantes germânicos e seus descendentes. O periódico não apenas reafirmava Lutero como um reformador, mas também destacava sua defesa da educação como um pilar para o desenvolvimento da fé e da vida em comunidade.

Em diferentes edições, tratava-se da importância do ensino religioso na formação de uma geração que, além de preservar sua herança luterana, pudesse se inserir na sociedade brasileira sem renunciar a seus valores. Sob essa ótica, entende-se que a presença dessas discussões nos textos publicados ao longo das décadas evidencia que o *Jornal Mensageiro Luterano* não atuava apenas como um meio de comunicação da IELB, mas também como um espaço que visava reafirmar o pensamento reformista em um novo contexto.

Nesse cenário, nota-se que, para os que se posicionavam contra a Reforma, Lutero se perdeu, ao dividir a igreja. Essa era a opinião de Johannes Cochläus (1479-1552)¹⁷, um teólogo adepto do humanismo alemão. Além disso, era católico e um dos principais opositores dos escritos de Martinho Lutero do século XVI, cuja influência na história do catolicismo foi significativa por muito tempo, pois, segundo ele, Lutero havia sido um demagogo degenerado e libertino, um herege revolucionário que havia dividido a Igreja e o Império.

Contudo, o seu julgamento se baseava tão somente no testemunho de adversários contemporâneos do reformador, especialmente do religioso dominicano Johannes Eck (de quem Lutero certamente divergiu, especialmente em torno do problema das indulgências) e do cardeal jesuíta Roberto Belarmino, teólogo tridentino. Assim, Joseph Lortz (1972) foi um relevante historiador católico, de modo que, ao tratar da reforma em sua obra, destacou-se por rejeitar as caricaturas de Lutero, trazendo, em seus escritos, uma nova visão sobre ele (Lortz, 1972), aspecto que o destacou entre os historiadores recentes da Igreja, particularmente entre aqueles atuantes no século XX.

Sobre o papel desempenhado por Lutero, Hegel assinala:

Deixando de lado os indivíduos, ele atacava as instituições como um todo: a vida em conventos, o domínio temporal dos bispos, etc. Seus escritos questionavam não apenas ordens isoladas do papa e dos concílios, mas todo o processo de tomada de decisões, ou seja, a autoridade da Igreja. Lutero repudiou essa autoridade e introduziu em seu lugar a Bíblia e o testemunho do espírito humano. Todavia, o fato de a Bíblia ter se tornado o próprio

¹⁷ Boa parte de sua crítica pode ser lida em *Commentaria Ioannis Cochlaei, De Actis Et Scriptis Martini Lutheri Saxonis* (1549).

fundamento da Igreja cristã é da maior importância: cada um deve instruir-se com ela e cada um pode então determinar a sua consciência. Essa é a imensa alteração do princípio: toda a tradição e o edifício da Igreja tornam-se problemáticos, e o princípio da autoridade da Igreja é anulado. A tradução da Bíblia feita por Lutero foi de valor inestimável para o povo alemão, que com isso recebeu um livro nacional que nenhuma outra nação do mundo católico tem (Hegel, 1996, p.478).

Apesar disso, as posições dos historiadores oscilaram no contexto da história protestante, pois havia desde aqueles que viam nele um espírito liberal, revolucionário, até outros que viam nele apenas um “restaurador” do cristianismo autêntico e, portanto, um espírito conservador. Lutero, no entanto, liderou o caminho na interpretação moderna da Bíblia e tentou libertar a Igreja do despotismo moral da época, visto que defendeu a autonomia de consciência e foi adversário predeterminado do sentido supersticioso e ainda mágico arraigado no catolicismo, sem almejar necessariamente um posto heroico. Sobre a imagem que Lutero construiu de si mesmo, George (1994) traz à tona as palavras do próprio teólogo

A primeira coisa que peço é que as pessoas não façam uso do meu nome e não se chamem luteranas, mas cristãs. Que é Lutero? O ensino não é meu. Nem fui crucificado por ninguém. [...] como eu, miserável saco fétido de larvas que sou, cheguei ao ponto em que as pessoas chamam os filhos de Cristo por meu perverso nome? (George, 1994, p. 55).

A partir da análise da passagem mencionada, fica evidente que Lutero, em seu estágio inicial, não tinha a intenção de fundar uma nova religião nem de se projetar como restaurador absoluto do cristianismo. Sua proposta era, antes de tudo, reformista, voltada à correção das práticas que, em sua visão, distanciavam a Igreja da verdadeira fé. No entanto, a força de suas ideias e a radicalidade de suas críticas acabaram por desencadear um movimento que ultrapassou as reformas internas e culminou na consolidação de uma nova tradição religiosa.

Esse processo, no entanto, não se deu de maneira homogênea, e a forma como a Reforma foi recebida ao longo dos séculos variou conforme os contextos históricos e as disputas confessionais. A historiografia protestante contemporânea, por exemplo, tende a evitar leituras excessivamente politizadas da obra de Lutero, buscando resgatá-lo tanto de idealizações quanto de interpretações que reduzam sua atuação a um ato de ruptura institucional.

Entre os teólogos que revisitaram a doutrina luterana, Barth (1886-1968) se destacou ao tomar como eixo central de sua teologia a doutrina da graça e da justificação defendida por Lutero, reconhecendo nela um princípio essencial da fé

reformada. Na Alemanha, esse legado teológico se manifesta de maneira singular, já que os adeptos da tradição reformista não se autodenominam 'luteranos', mas 'evangélicos' (*Evangelische*), nomenclatura que reforça a centralidade das Escrituras e a continuidade da fé reformada para além da figura de Lutero.

No Brasil, no entanto, a recepção do luteranismo tomou contornos próprios, e o *Jornal Mensageiro Luterano* (1917-1947) desempenhou um papel crucial na adaptação desse pensamento ao contexto teuto-brasileiro. O periódico não apenas difundiu os princípios doutrinários da Reforma, mas também procurou consolidar a identidade luterana entre os imigrantes e seus descendentes, em um ambiente onde o protestantismo era frequentemente associado a correntes evangélicas não confessionais.

Compreender o papel da Modernidade no Brasil é crucial para a correta interpretação das mudanças que possibilitaram a recepção diferenciada do luteranismo no Brasil e a realização de instrumentos como o 'Mensageiro Luterano'. A Modernidade, aqui entendida como um período histórico marcado pela emergência do racionalismo, da valorização do indivíduo e da secularização das instituições, constituiu uma quebra com a visão de mundo teocêntrica da Idade Média (Berger, 1985).

No campo do religioso, esta transformação ampliou a pluralidade das crenças, concomitantemente criando novas formas de vivência da fé, mais autônomas e ligadas às novas dinâmicas sociais. A Reforma Protestante, efetivamente liderada por Martinho Lutero, é considerada muitas vezes como um dos marcos inaugurais deste novo tempo, uma vez que rompeu com a autoridade centralizada da Igreja Católica Apostólica Romana, defendendo a leitura individual da Bíblia, a salvação recebida por meio da fé e valorizando a consciência individual (Lutero, 2000).

Em se tratando do Brasil, em seus 500 anos de tradição católica, a entrada do luteranismo, por sua vez, se deu em um quadro de sociedade já atravessada por tensões do tradicional e do moderno, do nacional e do internacional. O 'Mensageiro Luterano', neste sentido, atuou para além de um instrumento doutrinário. Ele desenvolveu uma ação como mediador cultural, traduzindo os ideais reformistas para uma comunidade imigrante que buscava a afirmação de sua identidade no interior de uma modernidade brasileira e em formação, marcada por tensões de integração, resistência e transformação (Weiduschadt, 2012).

Em diversas edições, abordava-se sobre a necessidade de diferenciar a tradição luterana de outras vertentes do protestantismo, ao mesmo tempo em que reafirmava a doutrina da justificação pela fé como um dos pilares centrais da confissão luterana. Esse esforço voltado à delimitação identitária revela como a transmissão do pensamento de Lutero no Brasil não ocorreu de maneira automática, uma vez que se tratou de um processo mediado por desafios teológicos e institucionais, em que o *Jornal Mensageiro Luterano* atuou como um espaço essencial à consolidação da afirmação e ressignificação desse legado:

O estar e andar da pessoa sob a graça, de acordo com isso, deve ser determinado como o estar e andar de alguém, por cujo humano ser Jesus Cristo intervém com seu humano ser adotado, obediente e glorificado, e, uma vez que a própria pessoa nem está disposta a crer nem é capaz da fé, ele intervém de modo total, de forma tal que o próprio humano ser da pessoa está morto, como Paulo aprecia dizer, e está vivo, porém, apenas na medida em que está “em Cristo”, isto é, em que Jesus Cristo se tornou seu sujeito ativo (Barth, 2006, p. 220).

Contudo, é preciso, ainda, trazer à baila o olhar de Paul Tillich (1886-1965), teólogo relevante no campo de estudos do cristianismo e protestantismo durante o século XX, uma vez que ele alerta sobre o perigo de transformar a fé em um meio de validação. Segundo o filósofo da religião, a fé em si nunca é a causa, mas sim o canal, e, assim, a graça divina é o que possui o poder de validação e justificação. Portanto, o princípio fundamental da Reforma é a crença na justificação pela fé, especificamente, pela graça que é recebida pela fé, e o princípio subjacente, ou seja, formal e material, é a Escritura, de modo que, acerca disso, assevera o autor:

O princípio material da Reforma é a doutrina da justificação pela fé, ou melhor, pela graça por meio da fé. Desculpem-me por este deslize. Nunca digam o que eu disse por engano, mas insistam sempre afirmando justificação pela graça por meio da fé. O poder justificador é a graça divina; o canal por meio do qual as pessoas recebem essa graça é a fé. A fé não é jamais a causa, mas apenas o canal. No momento em que a fé fosse entendida como causa da justificação ela teria se transformado na obra humana pior do que qualquer outra obra do catolicismo romano (Tillich, 2010, p. 46).

Sob esse prisma, destaca-se que Lutero e os reformadores estabeleceram princípios que redefiniram a interpretação da Bíblia, colocando as Escrituras no centro da fé cristã. Todavia, o seu propósito não era criar uma nova religião, mas resgatar a essência da doutrina cristã, que, em sua visão, havia se distanciado dos ensinamentos originais, visto que o seu grande diferencial foi enxergar na leitura da Bíblia o caminho direto para Deus, sem a necessidade de intermediários. Contudo, analisar suas ideias

a partir da perspectiva contemporânea pode levar a distorções de seus posicionamentos

Dessa maneira, os seus posicionamentos seguem sendo objeto de debate, e este estudo não tem como propósito defendê-los, mas compreendê-los dentro do contexto histórico em que foram formulados. Assim, compreende-se que qualquer tentativa de enquadrar como uma figura idealizada, isto é, como um 'herói', carece de fundamentação, uma vez que a sua trajetória não se construiu sobre uma imagem mitificada, mas sobre a defesa incansável do Evangelho e de suas implicações. Portanto, mais do que amparada em idealizações, a sua história é marcada pela disposição para o enfrentamento.

Dessa forma, percebe-se que qualquer tentativa de enquadrar Martinho Lutero como uma figura idealizada, ou seja, como um 'herói', não teria embasamento já que a sua história não se construiu em cima de uma imagem mitificada, mas no combate incansável pelo Evangelho e de suas consequências. Desta feita, mais do que sustentada em idealizações, sua história é marcada pela disposição sempre aberta para o embate e pela ação concreta em contextos de tensão e de ruptura.

Essa visão crítica da figura de Lutero também pode ser vista em alguns estudos que tratam dos impressos protestantes na configuração da formação religiosa. Um exemplo disso é o trabalho de Weiduschatt (2012), que discorreu sobre O Pequeno Luterano como um instrumento formador entre os pomeranos. A partir do estudo da autora, nota-se que a revista apresentava Lutero não como um personagem mítico ou infalível, mas como um pensador ativo, cuja proposta era transformar a realidade a partir da fé e da educação.

Nas páginas do periódico, Lutero torna-se aquele que, em nome da fidelidade às Escrituras, se contrapunha às estruturas de poder, e principalmente, eclesiásticas. O mesmo padrão pode ser encontrado ainda no trabalho de Albrecht (2024), em sua análise sobre O Jovem Luterano, que trazia uma pedagogia inspirada por Lutero, sem, no entanto, descontextualizá-lo e nem o tornar uma figura inalcançável. Estes exemplos reforçam a hipótese de que os impressos luteranos atuaram como mediadores simbólicos que mostravam a humanidade, o engajamento histórico e a intenção pedagógica do reformador, em contraposição a leituras heroificadas ou hagiográficas.

Diante disso, entende-se que o desafio de sustentar convicções em meio a pressões reais difere completamente de uma bravura teórica ou meramente simbólica.

Lutero não apenas questionou as práticas da Igreja, mas manteve sua posição mesmo diante de adversidades significativas. Entretanto, a insatisfação com os rumos da instituição já estava presente antes dele, mas foi a sua postura firme que catalisou um movimento de amplas repercussões, de modo que a sua luta contra a corrupção clerical começou como uma crítica localizada, mas rapidamente tomou proporções que transformaram o cristianismo.

No Brasil, essa herança reformista encontrou desafios e um cenário próprio de adaptação, e, assim, o *Jornal Mensageiro Luterano* (1917-1947) teve um papel essencial na preservação e disseminação do pensamento luterano entre os imigrantes e seus descendentes. Não se limitando a reafirmar a doutrina, serviu como um espaço voltado ao fomento a uma reflexão sobre como os luteranos poderiam manter sua identidade em um ambiente predominantemente católico. Em diversas edições, destacavam-se a importância do estudo das Escrituras e a necessidade de manter viva a tradição reformista, ao mesmo tempo em que discutiam sobre questões práticas do cotidiano dos fiéis. Nesse contexto, observa-se como um exemplo pontual da revista em que se destaca a importância do estudo das escrituras e a necessidade de manter viva a tradição reformista:

O que é, porem, um Lutherano? um lutherano é nada menos do que um christão orthodoxo, o qual permanece com Lutero fixo em todos os pontos da doutrina segundo reza a cara palavra de Deus, a Escripura Sagrada. Um fiel lutherano, por conseguinte, logo se conhece no que toca a doutrina, a fé e o professar; elle não quer saber o que dizem homens notaveis, mas sua primeira e ultima pergunta é: Como está escripto? Como diz o Senhor: Sua senha é: <<Fala, Senhor, porque o teu servo ouve.>> (*Mensageiro Luterano*, 15 de janeiro de 1919, p. 9).

Por tais motivos, nota-se que esses textos comparavam a resistência de Lutero com os desafios enfrentados pela comunidade luterana no Brasil, enfatizando a necessidade de um valor vital: a perseverança. Dessa forma, o *Jornal Mensageiro Luterano* não foi apenas um meio de comunicação religiosa, mas um instrumento ativo de afirmação e ressignificação do pensamento reformista no país. Assim, questiona-se: a reforma de Lutero se configurou, originalmente, como um projeto religioso sem outros objetivos ou foi originalmente um projeto que, desde a origem, expectava outros resultados? Ou, ainda, um projeto que, ao longo do tempo, produziu resultados diferentes do que teria sido previsto nas intenções originais?

Essa resposta aparecerá no decorrer desta discussão. Nessa perspectiva, antes de qualquer coisa, é preciso destacar que a preocupação pessoal com a

salvação perseguiu Lutero durante todos os seus anos de enclausuramento. Sob esse prisma, cumpre ressaltar que foi a partir dela que um longo processo de reflexão e angústia resultou nas ideias que alterariam para sempre a história do cristianismo. Uma das suas preocupações dizia respeito às indulgências concedidas pela Igreja.

Contudo, para compreendê-las, faz-se necessário apresentar um pequeno esboço de como elas eram praticadas desde o início da Era Cristã. A indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa, que o fiel, devidamente disposto e em certas e determinadas condições, alcança por meio da Igreja. Esta, por sua vez, como dispensadora da redenção, distribui e aplica, com autoridade, o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos¹⁸.

Dessa maneira, frisa-se que as indulgências forneciam uma maneira de reduzir ou eliminar essa pena temporária, pois eram concedidas com base em certas ações piedosas, como peregrinação, oração, doação ou obras de caridade. Em razão disso, cumpre destacar que os devotos poderiam comprar as suas indulgências para si ou para entes falecidos, acreditando que estas os ajudariam a acelerar sua purificação e entrada no céu. Sobre essa prática, Chaunu (1993) comenta:

A Igreja é tesoureira dos defuntos, pode obter o alívio do purgatório como recompensa dos bens que lhe são deixados *post mortem*. Os fiéis pouco esclarecidos interpretam a operação como uma compra vulgar dos pecados e isso corresponde a assegurar o sucesso (Chaunu, 1993, p. 183).

A partir disso, cumpre pontuar que as práticas de mercantilização do sagrado com a venda de signos e relíquias tornaram-se comum durante a Idade Média e foram apropriados enquanto um aviltamento e profanação das coisas religiosas. Em relação à própria fé cristã, praticá-la, de forma mais ou menos supersticiosa e formalizada, conduz, muitas vezes, a uma tendência para alimentar uma crescente ansiedade pela salvação.

Nota-se, portanto, que havia muita ansiedade pelo futuro e muita preocupação sobre o risco de ser condenado, segundo Daniel Rops (1996, p. 120) "vendem-se, compram-se e roubam-se ossos de santos e outros piedosos souvenirs. Um copo que se diz ser o mesmo que Jesus deu à Samaritana ou um pedaço de pão da Última Ceia

¹⁸ Para aprofundamento acessar https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-vi_apc_01011967_indulgentiarum-doctrina.html Acesso em: 10 de jul. 2023.

encontrarão facilmente quem os compre". Ainda sobre esta prática, acrescenta Justo Gonzalez (1995):

A venda de indulgências que Lutero atacou tinha sido autorizada pelo papa Leão X e nela estavam envolvidos os interesses econômicos e políticos da poderosíssima casa dos Hohenzollern, que aspirava à hegemonia da Alemanha [...]. Leão X fez saber que estava disposto a conceder a Alberto o que ele lhe pedia, em troca de dez mil ducados. Posto que esta era uma soma considerável, o Papa autorizou Alberto a proclamar uma grande venda de indulgências em seus territórios, em troca de que a metade do produto fosse enviada ao erário papal. Parte do que sucedia era que Leão X sonhava com o término da Basílica de São Pedro, iniciada por seu predecessor Júlio II, cujas obras marchavam lentamente por falta de fundos (Gonzalez, 1995, p. 52).

Além da polêmica venda de signos e indulgências, do ponto de vista institucional, cumpre ressaltar que houve uma grave crise papal que se manifestou em eventos, como O Cisma do século XV no Ocidente (três papas ao mesmo tempo: Roma, Avignon e Pisa). Desse modo, pontua-se que o centralismo absoluto da República Romana e sua política obstinada de rejeitar qualquer proposta de reforma estavam relacionados a essa característica.

Diante disso, destaca-se que os príncipes-bispos eram autoridades, em muitas das vezes, eram incontestáveis, e os mosteiros eram instituições de poder, portadoras de riquezas, afetadas por uma grave crise moral. Assim, conforme Burmann (2016, p. 222): "apontando ao contexto religioso-eclésiástico mais restrito, entende-se que as origens da Reforma podem ser localizadas na crise do papado, em atitudes inadequadas do clero, além de incertezas teológico-dogmáticas".

Tudo isso teve repercussões sociais práticas duramente enfrentadas por Lutero, de modo que, ao contestar as práticas da Igreja, Lutero quebrou uma estrutura que, até então, conseguia absorver e neutralizar questionamentos internos. Portanto, a sua atuação desencadeou transformações irreversíveis, que remodelaram a cristandade em diferentes níveis. Dessa maneira, o seu impacto se fez sentir de maneira profunda em três grandes esferas: na espiritualidade e a organização eclesiástica, na relação entre fé e sociedade e, por fim, nas dimensões políticas e econômicas.

No âmbito espiritual, sua defesa da justificação pela graça mediante a fé representou uma ruptura com a dependência tradicional do cristão em relação à Igreja, redefinindo a forma como a reconciliação com Deus era concebida. Entretanto, o perdão deixou de estar atrelado a práticas externas, como à compra de indulgências ou à intermediação sacerdotal, passando a depender, exclusivamente, da fé. Esse

princípio também carregava uma ideia de igualdade radical entre os indivíduos, enfatizando que cada pessoa possuía valor próprio diante de Deus, independentemente de sua posição social ou de suas ações.

Na relação fé e mundo, antes de Lutero competia, ao cristão, apenas esperar pela próxima vida e seguir os ditames postos pela Igreja, a fim de garantir a salvação, renunciando a este mundo. Todavia, após Lutero, a salvação se opera a partir deste mundo, visto que, se alguém era alcançado pela graça, esta se manifestava também a serviço do próximo. Como dito por Altmann (1994, p. 36), “[...] após haver saído do mundo para entrar no convento, Lutero empreendeu o retorno, todavia trazendo agora consigo o ‘espírito monacal’, a ser exercido não mais à parte do mundo, mas dentro dele”.

Por último, cumpre reiterar que, ao refletir sobre os campos social, político e econômico, Lutero era contra os privilégios da Igreja, a qual estava vinculada ao direito divino dentro do sistema feudal. Nessa direção, Cavalcante (2017, p. 101) diz que “[...] a autoridade do clero diminuiu acentuadamente, uma vez que a centelha divina estava posta em cada homem e a pregação deveria ser democratizada, e nem mesmo a frequência obrigatória continuou a vigorar”. Ainda ancorado na justificação da graça mediante a fé, ao cunhar o termo “*Beruf*” no mundo do trabalho, a profissão assume um novo sentido na vida do cristão, e, assim, segundo Weber, destaca-se que:

Com o crescente envolvimento de Lutero nos negócios do mundo vai de par seu crescente apreço pela significação do trabalho profissional. Simultaneamente, a profissão concreta do indivíduo lhe aparece cada vez mais como uma ordem de Deus para ocupar na vida esta posição concreta que lhe reservou o desígnio divino (Weber, 2004, p. 76).

Com essa nova concepção acerca do trabalho, Lutero abria caminho para proposições de grande importância na vida humana. De acordo com Altmann (1994, p. 41), “[...] o cristão está simultaneamente liberto e comprometido para uma decidida participação nos processos em que descortina, surgindo no horizonte o direito e uma ordem condizentes com as necessidades vitais de nossos povos”. A partir disso, destaca-se que o trabalho assume aqui um valor moral e religioso ao mesmo tempo.

Nessa perspectiva, ter em mira tais princípios e aspectos é crucial para compreender como opera a ação reformadora, cujos efeitos são atuantes para além da esfera eclesiástica, ou mais especificamente, para além da esfera puramente institucional da Igreja, pois toca nos princípios centrais da fé cristã. Assim, depois de pregar as 95 teses – evento que marcou o início da Reforma Protestante – que propôs

para discussão na porta da igreja de Wittenberg em 31 de outubro de 1517, Lutero prosseguiu seus escritos deixando claras as suas intenções.

Quatro deles merecem menção especial, pois contêm os princípios fundamentais da Reforma e, conseqüentemente, do pensamento do próprio Lutero, sendo relevante para a tese conhecê-los para melhor compreensão do personagem em estudo e de seu agir histórico. O primeiro desses escritos, intitulado “*Um Tratado sobre as Boas Obras*”, foi composto na língua alemã, no início do ano de 1520. Nele, Lutero expõe, em forma de sermão para as comunidades, o princípio-chave da Reforma de maneira direta e esclarecedora, baseando-se numa passagem de Romanos 1,17: “o justo viverá da fé”.

Contudo, para compreender a justiça divina, deve-se reconhecer o fundamento da fé sobre as obras, visto que este princípio teológico é crucial para discutir sobre a ação do reformador, pois, conforme Gonzáles (1995, p.50): “a 'justificação pela fé' não quer dizer que a fé seja uma obra mais sutil que as boas obras, e que Deus nos pague por essa obra. Quer dizer sim que, tanto a fé como a justificação do pecador, são obras de Deus, dom gratuito”. Adicionalmente, o segundo escrito também está escrito em vernáculo e é intitulado de “*À nobreza cristã da nação alemã acerca do melhoramento do estamento cristão*”.

A partir disso, destaca-se que se trata uma carta datada de junho de 1520, configurando-se como uma crítica ousada ao sistema católico romano como aquele que impede a renovação da Igreja. Segundo ele, esse sistema romano se baseia em várias afirmações, inclusive na de que o Papa é o único intérprete legítimo da Bíblia, e que só ele tem autoridade para convocar um conclave. Sob essa égide, Lutero também oferece um plano de reforma abrangente, cobrindo todas as facetas da estrutura institucional da Igreja em 28 pontos.

Diante disso, o terceiro escrito é dirigido a estudiosos e teólogos e é, na verdade, o único condutor sistemático-teológico: foi composto em latim, no final de 1520, e foi o segundo dos três grandes tratados publicados por Lutero, com o título “*Do cativoiro babilônico da Igreja*”. Nele, Lutero aborda acerca de um problema central relacionado aos propósitos da Reforma: a questão dos sacramentos. Entretanto, na sequência, o quarto escrito foi lançado no verão do mesmo ano, 1520, revelando uma escrita que teve uma repercussão significativa, cujo título é “*Da liberdade do cristão*”.

No referido texto, Lutero resume sua justificativa nos termos da doutrina de Paulo (1 Cor 9,19): “[...] porque, sendo livre para com todos, fiz-me servo de todos

para ganhar ainda mais”. Todas as facetas da vida cristã e da instituição Igreja são discutidas em suas propostas. Segundo Lutero, a Sagrada Escritura é a única fonte que é preciso consultar para entender e se inspirar em tudo. Ao fazer isso, ele desafia, seriamente, o uso da tradição pela Igreja, que se baseava em costumes e no argumento de autoridade.

Todavia, a radicalidade de sua proposta fica evidente na frase adjetiva que usa ao se referir à Bíblia, “*Sola Scriptura*”: a única coisa necessária como fundamento para a Igreja e para a teologia é a palavra divina contida na Bíblia¹⁹. Acerca disso, comenta Kung (2004):

Que é que para Lutero é importante? O que a ele importa é pura e simplesmente o retorno ao evangelho de Jesus Cristo, como ele havia experimentado vivamente nas Sagradas Escrituras e, sobretudo, em Paulo. Por isso ele traduz novamente a Bíblia para o alemão, para que a palavra de Deus, única senhora da igreja sua mensagem e seu destino voltem a tornar-se compreensíveis para as pessoas (Kung, 2004, p. 239).

Sob esse prisma, destaca-se que a noção de justificação sempre ocupou um lugar central na teologia luterana, pois redefinia a relação entre o ser humano e Deus sem a necessidade de intermediação clerical. Inspirado na Epístola aos Romanos, Lutero formulou uma questão fundamental: o que faz com que uma pessoa seja considerada justa diante de Deus? Enquanto a tradição católica enfatizava a relevância das boas ações e dos méritos individuais nesse processo, ele apresentou uma concepção distinta.

A salvação, segundo sua visão, não dependia dos esforços humanos, mas era concedida exclusivamente pela graça divina. Essa perspectiva eliminava a exigência de obras como critério de salvação, retirando do indivíduo a necessidade de acumular méritos para alcançá-la. Tendo em vista esse cenário, cumpre salientar que tanto o perdão quanto a reconciliação com Deus não resultavam de sacrifícios ou, ainda, de práticas externas, visto que eram recebidos como dádiva por meio de Cristo.

Nessa perspectiva, entende-se que, para a sua época, essa abordagem não apenas contestava certas práticas eclesiais, mas representava uma reconfiguração completa da relação entre fé e redenção. Lutero sustentava que a fé,

¹⁹ A importância da Bíblia na concepção protestante do cristianismo é bem conhecida. Lutero, tendo se preparado com muito cuidado, incluindo o conhecimento das línguas bíblicas, realizou uma tarefa enorme: a de traduzir o texto bíblico para o alemão, uma tradução tão importante que se tornou a base da língua porquanto fora amplamente difundida no plano nacional. Igualmente importante foi o seu catecismo para a formação dos responsáveis da comunidade e um catecismo abreviado para a formação catequética das pessoas simples.

e não as ações, era o elemento determinante para a justificação, de modo que esse conceito, denominado *fides fiducialis*, baseava-se na confiança inabalável na misericórdia divina. As boas obras, embora valorizadas, não eram a causa da justificação, mas sim uma consequência natural dela.

Portanto, os fiéis não precisavam provar seu valor para serem salvos, pois a salvação já lhes havia sido concedida, e a transformação moral surgia como reflexo desse novo estado espiritual. No Brasil, o Jornal Mensageiro Luterano (1917-1947) desempenhou um papel relevante no que concerne à propagação dessa doutrina, reafirmando a centralidade do Solus Christus na prática religiosa luterana. Nessa perspectiva, nota-se que as publicações do período reforçavam que a segurança da fé não derivava de penitências ou rituais sacrificiais, mas da confiança na redenção oferecida por Cristo.

Esse discurso contribuiu para demarcar a identidade luterana em um contexto majoritariamente católico, onde a ideia de mérito espiritual ainda exercia forte influência. Assim, além de preservar a teologia reformista, o jornal auxiliou na consolidação da identidade luterana entre imigrantes e seus descendentes, garantindo que a sua doutrina permanecesse enraizada e compreendida dentro do contexto brasileiro. Além desses pilares, no contexto do movimento reformista, foram proclamados os famosos *Sola* da Reforma Protestante, proposições teológicas que resumem as principais ideias do movimento.

Um jornal romanista do interior de S. Paulo confessou, ha pouco, num artigo, que o protestantismo vae abrindo caminho entre o povo brasileiro. Sao nossos opposentes que o dizem; mas, o facto deve fazer-nos mais alerta, mais energicos, ante nossas responsabilidades; devemos procurar cumprir ainda melhor nossos deveres como christãos sinceros e dedicados, <fazendo luzir a nossa luz>. Trabalhemos sempre e com redobrada energia e perseverança para a salvação das almas brasileiras. (Mensageiro Lutherano, 1º de outubro de 1918, p. 67).

Diante disso, comenta-se que, dentre eles, alguns se destacam, como o '*Sola Scriptura*', que propugna que somente se deve crer no que está na Escritura, ou seja, na Bíblia; o '*Solus Christus*', que afirma que somente por meio de Cristo podemos ser salvos; o '*Sola Gratia*', que anuncia que apenas a graça bastaria ao homem para alcançar a sua salvação, não sendo em nenhum aspecto de alcance por obra humana; o '*Sola Fide*', que reafirma que o 'justo viverá pela fé' e que, portanto, a salvação é recebida mediante a fé; e, por fim, o '*Soli Deo Gloria*' atesta que somente a Deus é devida a glória, logo nenhum homem é digno de recebê-la.

Destaca-se que a ameaça de excomunhão não aterrorizou Lutero, e, assim, Williston Walker (2015, p. 501) afirma que "[...] no dia 15 de junho de 1520, através da bula papal *Exsurge Domine* a doutrina de Lutero foi anatematizada e seus livros condenados à fogueira, a fim de extirpar a sua memória entre os cristãos". Dessa maneira, cumpre salientar que, em um ato simbólico com expressiva repercussão, tem-se que, em 10 de dezembro de 1520, Lutero havia queimado publicamente a bula papal.

Ademais, Walker frisa (2015, p. 504), "[...] no dia 3 de janeiro de 1521 apareceu uma nova bula de excomunhão, *Decept pontificem romanum*, na qual o papa pronunciava a proscricção e a excomunhão sobre Lutero e seus seguidores, que no texto são denominados luteranos". Condenado como herege, não concordou em se retratar em nenhum momento, indo de encontro ao exigido pela Igreja de Roma. Dessa forma, em 18 de abril de 1521, perante a assembleia de príncipes, reunidos sob a presidência do imperador Carlos V, na Dieta de Worms, frisa:

Se não for convencido por testemunhos das Escrituras ou por argumentos plausíveis da razão – pois não acredito nem no papa nem nos concílios somente, que, como se sabe, frequente vezes se enganaram e se contradisseram –, eu continuo comprometido com as palavras das Escrituras por mim citadas. E, enquanto minha consciência estiver prisioneira pelas palavras de Deus, não posso nem quero retratar-me, pois não é nem seguro nem sincero agir contra a consciência. Que Deus me ajude. Amém (Kung, 2004, p. 239).

Em razão disso, cumpre pontuar que as implicações da reforma luterana resvalaram em todos os campos da sociedade. Sob essa égide, reitera-se que Lutero deu apoio à intervenção violenta dos príncipes contra a revolução camponesa, como atesta Luciane Muniz Ribeiro Barbosa (2011, p. 9): “a ação de repressão por parte das autoridades foi não somente aceita, como solicitada por Lutero no momento da revolta”. Assim, estabeleceu-se uma proximidade entre o reformador com a nobreza alemã, que também se via fadada à submissão à Igreja de Roma.

Acrescenta, ainda, a mesma autora (2011, p.10): “o que eles não compreendiam é que a sua posição a favor das autoridades não demonstrou, como defendem alguns historiadores, uma decisão de ruptura com as camadas populares, mas, sim, a afirmação do que para ele consistia na função das autoridades seculares e do próprio Estado”. No entanto, as consequências desta aproximação são destacadas por Altmann (1994, p.193): “ao conferir aos príncipes um papel tão importante e amplo [...] proporcionou impulso ao desenvolvimento do absolutismo na

política e ao surgimento de estados absolutistas, embora na Alemanha isso ocorresse com grande fracionamento territorial”.

Por outro lado, ressalta-se que, ao conclamar as autoridades para que criassem escolas e rogar aos pais que enviassem seus filhos a elas, Lutero expôs uma premente necessidade daquela época, sobretudo advogando para que a instrução fosse dada a todos. Dessa maneira, ao condenar a mendicância e valorizar a vocação profissional, deu um novo sentido ao trabalho secular e também ao prêmio moral creditável ao cristão por exercê-lo. Todos esses fatos se desdobraram no seu pós-morte e demonstram que houve, em suas manifestações, contribuições muito além de puramente religiosas.

A partir disso, Weber (2004, p.81) pondera que “[...] os efeitos culturais da Reforma foram em boa parte – talvez até principalmente, para nossos específicos pontos de vista – consequências imprevistas e mesmo indesejadas do trabalho dos reformadores [...]”. Todavia, não se pode negar que tais consequências aconteceram e trouxeram impactos ao modo de vida até então estabelecido. Assim, frisa-se que as contribuições das iniciativas de Lutero são como um oceano que reserva muitas descobertas, isto é, é preciso escolher sobre qual ponto de seus feitos se debruçar ante a impossibilidade de analisar categoricamente todos eles.

2.2 A RELAÇÃO ENTRE REFORMA E MODERNIDADE

Nenhum movimento religioso está apartado dos acontecimentos da comunidade na qual está inserido. Como a religião é um fator significativo no todo social, a Reforma do século XVI foi, em essência, um movimento religioso que também contou com a participação popular. Ela foi excepcional, inclusive, por ter sido um movimento religioso que propunha mudanças sociais nas crenças religiosas, uma vez que, como o poder católico romano na Idade Média tinha influência social significativa, qualquer movimento de mudança impactaria diretamente a estrutura societária. Por essa razão, as exigências das transformações sociais e religiosas colocaram em xeque os “dogmas sociais²⁰”.

A Idade Média é bem definida em padrões sociais, culturais e religiosos. Os limites para os atos sociais do cidadão eram impostos por uma religião

²⁰ Por dogmas sociais compreende-se a extensão da influência das leituras sociais da religião na cultura laica. Os dogmas religiosos formam a cultura, perpetuando-se na sociedade, no coletivo e, consequentemente, no indivíduo.

dogmática que definia bem o espaço sagrado e o profano. A Europa Ocidental viveu, no decorrer da Alta Idade Média, uma crise de ansiedade. Até aquele momento, as fronteiras sociais estavam bem delimitadas e a cultura medieval fornecia, de modo geral, um mapa bem ordenado do sagrado e do profano (Gruman, 2005, p. 96).

Na segunda edição de *Filosofia na Idade Média*, Gilson (2006) afirma que foi no segundo século de nossa era que o pensamento grego encontrou o mundo cristão. Foi nessa época que ocorreram as primeiras conversões de pensadores da cultura grega ao cristianismo, momento no qual tem início uma aventura de companheirismo entre a filosofia e a religião. Diante disso, reconhece-se que houve contribuições mútuas e, se a Igreja trouxe noções para a filosofia, esta assumiu a tarefa de reelaborá-las, de modo que, acerca desse pensamento medieval, o mesmo autor menciona:

Tal como exprimiui por exemplo nos séculos XII e XIII, a opinião média é muito bem representada por santo Anselmo e são Boaventura, que aliás se remetem a justo título a santo Agostinho. O exercício da razão pura lhes parece seguramente possível, e como duvidar disso depois de Platão e Aristóteles? Mas eles sempre se atêm ao plano das condições de fato nas quais se exerce a razão, não ao da sua definição. Ora, é um fato que houve, entre os filósofos gregos e nós, a Revelação cristã e que ela modificou profundamente as condições nas quais a razão se exerce. De que maneira os que têm essa revelação poderiam filosofar como se não a tivessem? Os erros de Platão e de Aristóteles são precisamente os erros da razão pura; toda filosofia que pretender se bastar a si mesma incorrerá neles ou em outros que serão piores, de sorte que o único método seguro consiste hoje, para nós, em tomar a revelação como guia a fim de alcançar alguma inteligência do seu conteúdo, e é essa inteligência da revelação que é a própria filosofia. *Fides quaerens intellectum* [fé buscando entendimento], eis o princípio de toda especulação medieval (Gilson, 2006, p. 9).

Reitere-se que, no período medieval, a religião esteve impregnada em todos os aspectos da vida cotidiana. Daí também esse recorte temporal ter recebido a nomenclatura de 'Idade da Fé' por alguns estudiosos do medievo, visto que todas as manifestações da vida pessoal e social estão imbuídas do sentimento religioso. Não há objeto ou ação que não esteja sempre relacionado ao viés da fé, especialmente católica.

Dessa maneira, compreende-se que esse pensamento é influenciado por interpretações religiosas. Isto ocorre porque, como tem sido demonstrado, a religião assume o primado central da experiência humana, e, dentro dessa simbiose, é difícil delimitar até que ponto está presente o sagrado e o profano. A partir disso, Johan Huizinga (1985) descreve esse período da seguinte forma:

A vida estava tão saturada de religião que o povo corria constantemente o risco de perder de vista a distinção entre o espiritual e o temporal. Se, por um

lado, todos os pormenores da vida ordinária podem santificar-se, por outra parte tudo o que é sagrado cai na banalidade pelo facto de se misturar à vida quotidiana. Na Idade Média a demarcação da esfera do pensamento religioso e das preocupações mundanas estava quase obliterada. Acontecia por vezes que as indulgências figuravam como prémio de uma lotaria. Quando um príncipe fazia uma entrada solene os altares e os cantos das ruas, cheios com os preciosos relicários e servidos por prelados, alternavam com representações profanas de deusas pagãs e de alegorias cómicas (Huizinga, 1985, p. 117-118).

Tendo em vista esse cenário, cumpre ressaltar, no que diz respeito à transição do período medieval para o moderno, ela não se deu de forma automática, mas por meio de um longo e gradual processo. Com isso, pretende-se lembrar que o conjunto de ideias que agora se apresenta não é um original absoluto, no sentido de criar algo do nada, ele tem suas raízes na Antiguidade Clássica e no cristianismo medieval.

Do ponto de vista social, a transição do feudalismo para o mercantilismo, a atuação dos movimentos heréticos, o desenvolvimento das cidades, a intensificação das cruzadas e navegações, dentre outros, são acontecimentos que marcam essa etapa de migração. Todavia, no sentido intelectual e mesmo do pensamento, isso não se opera de forma imediata mediante uma ideia de superação, mas de sucessão ou decorrência de elevação do próprio espírito humano. Sob esse prisma, no que concerne a esse momento histórico, Huizinga (1985) pondera:

A transição do espírito característico do declínio da Idade Média para o humanismo foi muito mais simples do que à primeira vista somos levados a supor. Habitados a opor o humanismo à Idade Média supomos muitas vezes que a adesão ao novo sistema implicou o repúdio do outro. É-nos difícil imaginar que o espírito pudesse cultivar as antigas formas de pensamento e de expressão medievais e aspirar ao mesmo tempo à visão antiga da razão e da beleza. Mas é assim mesmo que temos de conceber o que se passou. O classicismo não apareceu por súbita revelação; cresceu entre a vegetação luxuriante do pensamento medieval. Antes de ser uma inspiração o humanismo foi uma forma. E, por outro lado, os modos característicos do pensamento da Idade Média persistem por muito tempo durante o Renascimento (Huizinga, 1985, 240).

Por essa própria conjuntura, a Igreja, ainda que tenha enfrentado grande abalo, seja pelos acontecimentos sociais, seja pela ação dos Humanistas e pelo sentimento trazido pelo Renascimento, manteve-se de pé na Idade Média. Os reis juravam lealdade ao papa e toda a política era baseada no direito divino. Não obstante, diferente dos movimentos anteriores, com a Reforma Protestante houve uma fragmentação do cristianismo capaz de enfraquecer o poder desta instituição secular.

Nessa perspectiva, coloca-se em xeque a plausibilidade do discurso religioso católico e a sua autoridade secular, afirma Higuier (2002, p.70) "o protestantismo

nasceu de um protesto profético ou crítico contra a absolutização da substância católica na igreja romana". A verdadeira revolução da Modernidade foi passar de um mundo onde a religião organizava a ordem social para um mundo onde o indivíduo podia se autodeterminar ou ter consciência de si mesmo. Diante desse cenário, Marcondes (2004) conjectura:

[...] se a autoridade externa, institucional, da Igreja e do saber científico é incerta, tendo perdido sua credibilidade, o que nos resta? A única alternativa possível parece ser a interioridade, a própria razão humana, a luz natural que o homem possui em si mesmo, sua racionalidade (Marcondes, 2004, p.183).

Em razão disso, a liberdade subjetiva, fruto de complexos processos de construção da autonomia do sujeito perante a religião, encontra no mundo moderno o horizonte da convivência. Portanto, nenhum impedimento pode ser admitido no livre exercício da razão. Sob essa égide, Max Weber nomeou esse processo de desencantamento do mundo. Aqui, o religioso se retira do espaço social, e, ao mesmo tempo, as instituições se emancipam do domínio da Igreja, tornando-se seculares.

Tendo em vista esse cenário, cumpre elucidar que há um paulatino deslocamento da submissão religiosa em busca da consagração da liberdade de consciência. A noção seguiu o curso do rio ao longo do tempo. Contudo, antes de ser constitutiva da Modernidade, designava uma realidade eclesial, tal como Weber esclarece:

Aquele grande processo histórico-religioso do desencantamento do mundo que teve início com as profecias do judaísmo antigo e, em conjunto com o pensamento científico helênico, repudiava como superstição e sacrilégio todos os meios mágicos de busca da salvação, encontrou aqui a sua conclusão (Weber, 2004, p. 96).

A modernidade é construída, com efeito, a partir de uma tensão com a Idade Média. O contraste será gritante quando, a partir dos séculos XV e XVI, homens imbuídos de uma nova consciência revolucionam a ideia que têm de si mesmo, das suas possibilidades e do seu lugar no universo. Eles perturbarão a representação do tempo inventando o progresso, derrubarão o teocentrismo colocando o homem livre e racional no centro de suas preocupações.

Nessa perspectiva, revolucionou-se a antiga cosmologia geocêntrica, renovando-se, sobretudo, os cânones artísticos. Adicionalmente, estabeleceram-se novas instituições políticas que dão direito à liberdade individual, pois: "tudo isso não fez a Idade Média, pelo que bem merece seu nome, quaisquer que sejam os imensos

méritos individuais dos pensadores medievais” (Citot, 2005, p.50). Aliás, Marcondes identifica os acontecimentos propulsores dessa nova fase:

Quatro fatores históricos principais podem ser atribuídos à origem, por vezes de forma contraditória, da filosofia moderna, bem como à influência de seu surgimento e desenvolvimento: o humanismo renascentista do séc. XV, a descoberta do Novo Mundo (1492), a Reforma protestante do séc. XVI e a revolução científica do séc. XVII (Marcondes, 2004, p.153).

A modernidade está associada a processos de mudança e ruptura, representando não apenas um deslocamento temporal, mas também um movimento contínuo de crítica e reconstrução. O próprio termo remete à ideia de algo recente, que pertence ao presente e se diferencia do que veio antes. No entanto, seu impacto vai além da simples noção de contemporaneidade, manifestando-se em diversas áreas do conhecimento e influenciando desde os campos da filosofia e da religião até os da moral, do direito e da organização social.

Dessa maneira, a crítica não se limita a ser uma ferramenta de análise, mas torna-se um instrumento ativo de transformação, porém esse processo não se restringe à produção intelectual, pois influencia diretamente a forma como as sociedades compreendem e estruturam suas instituições. Em razão disso, frisa-se que a modernidade, além de reformular princípios científicos, jurídicos e éticos, também busca democratizar o conhecimento acumulado ao longo do tempo, promovendo a sua ampla difusão e permitindo a sua reinterpretação à luz de novas perspectivas. O elemento novo dessa religião visa, com base nas Escrituras, estabelecer uma nova forma a partir da qual o sujeito pode acessar o sagrado e, assim, preencher a sua existência no plano temporal. Diante disso, Weber (2004) condensa:

A ascese cristã, que de início fugira do mundo para se retirar na solidão, a partir do claustro havia dominado eclesiasticamente o mundo, enquanto a ele renunciava. Ao fazer isso, no entanto, deixou de modo geral intacta a vida cotidiana no mundo com o seu caráter naturalmente espontâneo. Agora ela ingressa no mercado da vida, fecha atrás de si as portas do mosteiro e se põe a impregnar com sua metódica justamente a vida mundana de todo dia, a transformá-la numa vida racional no mundo, não deste mundo, não para este mundo (Weber, 2004, p. 139).

A Reforma Protestante operou duas importantes rupturas que abrem caminho para o futuro. A primeira diz respeito à Bíblia. Até a invenção da imprensa, o contato direto com o texto era muito difícil, quase impossível. O conhecimento, a compreensão e a interpretação da Bíblia eram necessariamente coletivos, inteiramente dependentes do clero e das autoridades religiosas. Com Lutero, essa situação muda radicalmente:

lê-se uma Bíblia em língua nacional à qual todas as pessoas alfabetizadas podiam ter acesso.

Para Cavalcante (2017, p. 79), “[...] a mentalidade protestante, considerando como primordial o acesso irrestrito às Escrituras, ressaltou fortemente alfabetização generalizada, tendo uma participação significativa nesse processo de renovação”. Não era mais necessário que a Igreja se referisse a ela e fosse alimentada por ela: a leitura torna-se pessoal, individual. Os fiéis tinham, agora, os meios para aceder a uma fé autônoma.

Diante disso, os pregadores protestantes aplicaram à Bíblia os métodos do humanismo que deram um lugar dominante à linguística (gramática e léxico), bem como à análise histórica dos escritos. Com essa promoção do indivíduo, capaz de examinar as escrituras por si mesmo e, com isso, desenvolver uma consciência *sui generis* da própria salvação, atribuiu-se também um novo sentido ao papel da Igreja e do próprio sacerdote.

Essas leituras deram vazão a publicação de diversos materiais religiosos que foram largamente utilizados como instrumentos propagadores do proselitismo religioso, como é o caso do Sínodo Missouri. Todavia, houve uma segunda quebra significativa promovida pela Reforma, a busca pela salvação, ao passo que se questionava: o que fazer para chegar ao Céu e escapar do Inferno? Assim, a questão da salvação continua sendo essencial à Reforma Protestante, segundo Carlos Eduardo Sell (2002, p. 128), pois: “antes, eram os deuses que controlavam a vida do homem. Agora é o homem, através da ciência e da técnica, que “desdiviniza” a natureza e a sociedade e passa a controlá-las”. A salvação já não é uma tarefa a cumprir, já não se situa num futuro que esperamos com um misto de esperança e temor; é, antes, uma realidade presente, um dom que recebemos na fé; quando alcançada, deixa de ser uma preocupação, uma angústia, para tornar-se uma convicção. Dessa forma, a religião não é mais o caminho para ganhar o Céu, para acessar o Paraíso após a morte; é o serviço de Deus na Terra, nesta vida.

Sob esse prisma, frisa-se que a transformação na forma como os indivíduos se relacionava com a fé não apenas redefiniu o cristianismo, mas também impulsionou mudanças sociais profundas. O acesso direto às Escrituras rompeu com a dependência da mediação clerical e, ao mesmo tempo, criou uma nova exigência: a necessidade de instrução. Afinal, sem a capacidade de ler a Bíblia, o princípio do livre exame ficaria comprometido.

Chartier (1996) compreende que a leitura no contexto protestante reside em sua concepção da leitura como uma prática histórica, social e materialmente situada, que transcende o mero ato de decodificação de palavras. Conforme o historiador francês a leitura deve ser compreendida a partir de suas condições de possibilidade: os suportes técnicos, os modos de apropriação e os contextos institucionais que a moldam.

Assim, quando se observa o impacto da Reforma Protestante na ampliação do acesso à leitura, com a fundação de escolas, a multiplicação das universidades e a difusão dos impressos, percebe-se que não se trata apenas de um fenômeno religioso ou pedagógico, mas de uma transformação nas práticas culturais de leitura. Os reformadores, como Lutero, não apenas escreveram, mas formaram uma nova maneira de ler: silenciosa, pessoal, reflexiva e emancipada do monopólio clerical, o que é inteiramente compatível com a visão de Chartier (1996) de que a leitura não é um gesto passivo, mas uma prática ativa, carregada de sentidos múltiplos.

Chartier (1996, p. 54) observa que “a leitura é, por definição, rebelde”, ou seja, o leitor nunca é um simples destinatário de uma mensagem controlada pelo autor ou pelo dispositivo institucional que a veicula. Essa ideia é absolutamente central para entender o movimento protestante, cujos líderes propuseram uma leitura autônoma das Escrituras, rompendo com o modelo medieval em que a Igreja mediava, interpretava e regulava o acesso ao texto sagrado. A Reforma, ao colocar a Bíblia nas mãos dos leigos, confiando na capacidade dos indivíduos de lerem por si mesmos a Palavra, inaugura uma nova era da leitura, mais próxima daquilo que Chartier identifica como a liberdade do leitor frente ao texto. Assim, não é casual que os protestantes tenham sido os primeiros a massificar a alfabetização e a imprimir livros em escala inédita: porque viam no ato de ler uma via de salvação, tanto no plano espiritual quanto no intelectual. A leitura deixa de ser privilégio clerical e passa a ser prática popular, cotidiana e transformadora, validando a afirmação de Chartier (1996, p. 33) de que o livro “visou instaurar uma ordem”, mas jamais conseguiu suprimir a potência subversiva de seus leitores.

Foi nesse contexto que a disseminação do conhecimento se tornou um dos pilares da Reforma, impulsionada não apenas pela alfabetização, mas também pelo avanço da imprensa e a fundação de novas universidades. Diante disso, cumpre pontuar que, nos anos finais do século XV, a quantidade de livros impressos superou

em poucas décadas tudo o que havia sido produzido manualmente ao longo de séculos anteriores.

Esse aumento expressivo na circulação de textos não ocorreu de maneira isolada, mas acompanhou um interesse crescente pela disseminação do conhecimento. Com a leitura ganhando um papel central na compreensão individual da fé, especialmente no contexto religioso, ensinar a ler deixou de ser apenas um privilégio restrito a poucos e passou a ser visto como uma necessidade essencial para a formação espiritual e intelectual.

Não se tratava apenas de um avanço educacional, mas de um alicerce para a nova ordem religiosa. A alfabetização não era um luxo, mas uma condição essencial para que cada crente pudesse guiar sua vida intramundana com base na única autoridade legítima: as Escrituras. Dessa forma, o protestantismo não apenas reconfigurou a fé, mas moldou a modernidade ao associar conhecimento e espiritualidade como elementos indissociáveis.

Contudo, outra mudança diz respeito à doutrina. Por muito tempo, acreditou-se que os dogmas expressavam verdades eternas em fórmulas válidas e bastavam para o alcance da própria salvação. Assim, Weber (2004, p. 106) diz que "[...] o católico tinha à sua disposição a graça sacramental de sua Igreja como meio de compensar a própria insuficiência: o padre era um mago que operava o milagre da transubstanciação e em cujas mãos estava depositado o poder das chaves". Dessa maneira, destaca-se que a reflexão protestante, que advoga tão somente o alcance da graça mediante a fé, levará o campo religioso a estimar que a doutrina não descreve a natureza interna do ser de Deus e que nem as obras, nem signos, nem os dogmas são capazes de intervir na ação de Deus para com o homem, uma vez justificado. Tais acontecimentos foram cruciais ao movimento que deu início à Modernidade, e, adicionalmente, houve implicações econômicas, educacionais e éticas que teceram um novo *ethos* social. Portanto, compreende-se que a religião não foi eliminada, mas sim recomposta.

Diante disso, entende-se que os novos tempos quebraram algumas certezas e colocaram o indivíduo à mercê de outras, de modo que o que se pretende destacar, nesse momento, é que a mudança de paradigma do cristianismo na história do Ocidente, dada por meio da Reforma, foi um ponto-chave para que a Modernidade pudesse dilatar as novas demandas do sujeito e interpelar uma nova forma de explicar as coisas do mundo. É, portanto, de fácil dedução lógica enxergar a Reforma

Protestante e a Modernidade como eventos relacionados organicamente. Assim, Hegel avalia quais são as consequências práticas desse processo.

Assim, percebe-se que os novos tempos romperam com velhas certezas e submeteram o indivíduo a novas formas de interpelação, demandando da fé cristã uma readequação ante a transformação social, cultural e epistêmica já em curso. O que se deseja enfatizar é que o deslocamento de paradigmas operado pela Reforma Protestante foi um ponto nodal para que a Modernidade desse maior espaço às demandas do sujeito e desenvolvesse novas formas de explicar e compreender o mundo.

A fé, nesta nova ordem, não se sustentou mais tão somente em estruturas tradicionais, mas tornou-se capaz de dialogar com a razão, com a experiência individual e com a autonomia moral. Por esse motivo, faz sentido entender a Reforma Protestante e a Modernidade como processos interligados historicamente. Hegel, ao tratar do fenômeno, volta-se a avaliar suas implicações práticas e filosóficas, evidenciando como a fé cristã se reconfigura diante do espírito do tempo.

O homem entra para a coletividade por intermédio da família, para a relação de interdependência na sociedade, essa associação é de caráter moral; os monges, ao contrário, separados da sociedade temporal, constituíam o exército do papa [...]. Com o casamento de sacerdotes, desaparece a maior diferença entre leigos e clero. Não trabalhar deixou de ser considerado algo santificado; passou-se a reconhecer como sublime o homem se fazer independente por meio da atividade, da inteligência e da diligência. É mais de acordo com a justiça que aquele que tem dinheiro deva gastá-lo, mesmo que seja com coisas supérfluas, do que dá-lo a desocupados e mendigos, pois ele estará dando o seu dinheiro a igual número de pessoas, que, pelo menos trabalharam ativamente por ele. A indústria, os ofícios e os negócios tornaram-se morais, e os obstáculos impostos pela Igreja desapareceram. [...] A obediência tornou-se um princípio perante as leis estatais, da razão do querer e do fazer. Nessa obediência o homem é livre, pois as particularidades obedecem ao universal. O próprio homem tem consciência, e por isso é livre para obedecer. Com isso, colocou-se a possibilidade de um desenvolvimento e a introdução da razão e da liberdade - e a razão e os mandamentos divinos são agora sinônimos (Hegel, 1996, p. 483-484).

Do fragmento acima, é possível visualizar algumas das características que irão sustentar a nova era, tais como a liberdade, igualdade, a razão, o trabalho e as leis que regulam um sistema social composto por pessoas capazes de compreendê-las e cumpri-las conscientemente. Segundo Hegel (1996, p. 502): “Lutero conquistou a liberdade espiritual e a concreta reconciliação, estabelecendo vitoriosamente que aquilo que seria a eterna determinação do homem deveria acontecer nele mesmo”.

Tendo em vista o abordado, compreende-se que esse ponto de vista crucial incorporou, aos novos tempos, uma camada de mudanças em que o homem se torna

um sujeito social e, como tal, assume papéis, direitos e deveres. Berten (2011), no entanto, pondera, em sua análise, sobre os principais efeitos práticos da Reforma:

A diferença é essencial. A atenção privilegiada na ética protestante não procede tanto do fato de que ela seja mais “racional”, mas sim do fato de que ela é “prática”. Ou seja, não se trata de descobrir uma “verdade” em si, assegurando uma confissão completa. Trata-se de inverter o sentido desta confissão, invertendo o eixo do poder; o calvinista “toma seu pulso”, ele se refere a si mesmo e não mais a um poder. Não se trata mais de confessar, mas de uma instrumentalização da consciência de si em função de um ideal ascético, de uma racionalização prática do comportamento. Será, portanto, esta ruptura da relação de autoridade que indicará, ao mesmo tempo, o sentido do individualismo contemporâneo e a emergência de uma atitude “pós-convencional” segundo a qual o que se faz necessário é buscar em si mesmo não uma verdade mas a segurança do valor de seu comportamento. É somente neste sentido que se anuncia também o processo de secularização: não somente porque a disciplina se torna “secular” mas também porque a ligação com a autoridade tradicional dá lugar a uma relação do eu consigo mesmo que não pode mais alegar uma dependência a uma verdade – de qualquer modo inacessível devido à transcendência absoluta de Deus – mas que visa um comportamento racionalizado, coerente e útil (Berten, 2011, p. 117).

É nessa conjuntura de acontecimentos que a Reforma Protestante impacta decisivamente a história do Ocidente. Ao rasgar o véu que sacralizava todas as áreas da vida, semeou princípios que permitiram tornar o homem um sujeito temporal, dotado de uma experiência de vida prática cujos fins são salvíficos. Esse estágio de racionalização, com consequências factíveis na vida cotidiana e secular, caracteriza os ares da Modernidade. Com isso, tem-se que:

A ruptura provocada pela Reforma é um dos fatores propulsores da modernidade (*sic*), embora, segundo alguns intérpretes de seu pensamento, sob muitos aspectos Lutero se aproxime mais da teologia medieval agostiniana. Porém, a defesa da ideia de que a fé é suficiente para que o indivíduo compreenda a mensagem divina nos textos sagrados, a assim chamada “regra da fé” – não necessitando da intermediação da Igreja, dos teólogos, da doutrina dos concílios –, representa na verdade a defesa do individualismo contra a autoridade externa, contra o saber adquirido, contra as instituições tradicionais, todos colocados sob suspeita (Marcondes, 2004, p.164).

As mudanças mencionadas não se concretizaram sem dificuldades ou tensões. Elas provocaram confrontos, às vezes muito duros entre quem os recusava e quem os aceitava. Não por acaso, a história mostra um percurso sinuoso no assentamento do protestantismo ao longo do período moderno, que se reflete em muitos outros acontecimentos, mas que cravou a sua marca no pensamento ocidental.

Apesar de, como dito por Weber (2004, p. 167), “[...] embora o homem moderno, mesmo com a melhor das boas vontades, geralmente não seja capaz de imaginar o efetivo alcance da significação que os conteúdos de consciência religiosos

tiveram para a conduta de vida, a cultura e o caráter de um povo [...]”, o que se pretendeu apresentar, ainda que breve, é que, na tessitura do mundo moderno, a Reforma Protestante foi um elemento-chave e plasmou, em definitivo, a cultura moderna.

Em razão desse cenário, pode-se inferir que a Reforma foi a candeia que iluminou o ideal de um Estado secular e racional. Por isso, Cavalcante (2017, p.34) afirma: “[...] a era protestante afirma a inevitabilidade de avanço e progresso do conhecimento humano concomitante com o posicionamento dos limites protetores contra a idolatrização do humano”. Nesse sentido, é possível reivindicar a existência de uma espécie de compromisso entre protestantismo e mundo moderno, mas reduzir este último somente ao primeiro é deveras presunçoso.

No entanto, os embates que este movimento colocou em curso teceram o mundo moderno tais como: fé e ciência, razão e revelação, crença e verificação. O caminho, que fora aberto pela Reforma religiosa, além dos outros acontecimentos históricos já mencionados, fomentou, também, uma mudança do pensamento na Modernidade. Assim, o protestantismo se constituiu, historicamente, na esteira da Modernidade, entrelaçados e pautando demandas em comum.

Entende-se, portanto, a Modernidade como um conjunto não unitário marcado por atitudes, ideologias, pensamentos e mudanças que moldaram em certa medida a cultura ocidental e constituíram uma outra ordem que favoreceu um novo modo de experienciar a vida e as relações. Seja pelo aspecto filosófico calcado na ênfase do indivíduo e consciência do sujeito, seja pelo aspecto prático das relações econômicas e utilitaristas, a Reforma produziu atores engajados com a mudança do estamento social que convulsionou em uma insurreição contra a velha ordem social estabelecida. Higuete (2002), ao retomar Tillich, Weber e Troeltsch (1986) descreve essa relação:

Para Tillich – como para Weber e Troeltsch, entre outros – o protestantismo é a religião da modernidade. É a religião do secular e da autonomia da cultura moderna: (...). Isso resulta da origem comum do protestantismo e do humanismo liberal nas correntes renascentista e iluminista. Os dois movimentos exerceram uma influência tão decisiva na formação da mentalidade moderna que Tillich chega a designar os quatro últimos séculos como “protestantes” ou “protestantes-humanistas”. Caracterizam-se pela luta comum a favor da autonomia do sujeito humano racional e contra toda heteronomia ou lei alheia (Higuete, 2002, p. 70).

Se os efeitos imediatos da Reforma se concentram na religião, os mediatos resvalam por todos os âmbitos da vida. Ainda que o protestantismo não tenha criado o mundo moderno, teceu fios de sustentação que corroboraram com a constituição da

Modernidade. Sobre isso, Weber detalhou, ao analisar a sociedade de seu tempo, esse cenário, percebendo, na ascensão protestante, uma relação direta com a racionalidade econômica desenvolvida por este grupo. Além disso, reconhece a existência de princípios éticos tidos como modernos, especialmente no que diz respeito à autonomia secular.

Contudo, o desafio que se coloca na Modernidade é manter o sagrado presente na vida cotidiana sem o uso dos métodos medievais. Vê-se, portanto, uma simbiose desse sagrado na ordem moderna, porém, à medida em que avança o protestantismo, avança-se, também, o sinuoso processo da Modernidade, resguardadas as contradições e descontinuidades que ambos os processos carregam. Aqui, instaura-se um novo período, marcado pelas grandes reflexões que sedimentaram todo o *modus* de vida ocidental.

Diante do exposto, buscou-se apresentar, nesta seção, o personagem em estudo Martinho Lutero, situando-o no seu contexto histórico, demonstrando os acontecimentos que permitiram dar vazão à sua ação reformadora, refletindo, adicionalmente, sobre os impactos que o movimento reformista legou ao mundo moderno, a fim de compreender este importante nexos de ligação que uniu a Reforma Protestante com a Modernidade.

Nessa perspectiva, verificou-se que foi por meio desse longo processo que culminou no desenvolvimento do espírito racional e da autonomia do sujeito que os indivíduos se libertaram do domínio das tradições ou do que se pensava como sagrado, para se definirem de acordo com uma lógica própria, baseada no cálculo e no constructo. Assim, lançadas tais bases, ainda dentro deste contexto, buscaremos compreender, na próxima seção, como se deu a consolidação do pensamento educacional e do modelo de ensino proposto por Lutero, tido como moderno, frente ao modelo de ensino católico vigente à época, a fim de alcançar um outro objetivo desta tese.

2.3. EDUCAÇÃO E RELIGIÃO – O MODELO DE ENSINO PROTESTANTE SEGUNDO MARTINHO LUTERO

A história da educação e a história da Igreja parecem estar interligadas e em certos momentos foram fontes de influência mútua. Nessa perspectiva, ao pensarmos na educação enquanto elemento que lança sobre o ser humano possibilidades de

elevação moral, social e política, identificamos o caráter civilizatório que os processos de ensino e letramento são capazes de desenvolver no indivíduo.

Diante disso, verifica-se que o século XVI contou com importantes acontecimentos, como o Renascimento, o Humanismo e a Reforma Protestante, responsáveis por tecerem a espinha dorsal do Ocidente. A educação moderna, nos moldes adotados no presente, foi gestada também nesse período. Daí surgiram importantes ações pedagógicas que impactaram desde a educação elementar ao ensino superior.

Sob essa égide, nesta seção, será apresentada a iniciativa protestante, explanando o pensamento educacional, as ideias e as propostas pedagógicas levantadas por Martinho Lutero, concernentes à sua reforma religiosa. Adicionalmente, analisam-se os seus principais escritos acerca do tema, sem lançar mão de seu entendimento quanto à relação estabelecida entre religião e educação no contexto da Reforma Protestante: educação formal.

Tendo em vista o panorama apresentado, apoiando-se nas reflexões de Franco Cambi (1999, p. 146), novamente, aduz-se que: “[...] da Igreja partem os modelos educativos e as práticas de formação, organizam-se as instituições *ad hoc* e programam-se as intervenções, como também nela se discutem tanto as práticas como os modelos”.

2.3.1 Martinho Lutero: o reformador religioso da educação

Anteriormente, demonstrou-se que Lutero esteve inserido em um momento estratégico da história, relacionado à transição do medievo para o moderno. Ainda assim, a religião estava interpenetrada em todos os âmbitos da vida. Diante desse cenário, o monge agostiniano foi tecendo críticas às ações adotadas pela Igreja Católica, como explicitado na seção anterior, de modo que, se para anunciar o Evangelho era preciso torná-lo acessível, conhecido e passível de interpretação, a iniciativa pedagógica se tornou decisiva para Lutero promover o movimento da Reforma Protestante.

Sob esse prisma, frisa-se que, para ele, a religião e a educação estavam diretamente ligadas, compreendendo esse elo como um conduto formativo social. Contudo, nesse período, repleto de questionamentos, Lutero fez críticas em apoio à reforma da Igreja e também propôs sugestões para a reforma do ensino escolar de

sua época, que, até então quase restrita aos clérigos. Ele propôs, em dois de seus escritos, uma ação educadora cristã que propugnava mudanças nos cursos, métodos, professores, formas de financiamento e manutenção escolar.

Sob muitos aspectos, Lutero se revelou um expoente de seu tempo, apesar de criticado²¹ pela História em tantos outros posicionamentos, como ressaltamos na seção anterior em que o situamos em seu devido contexto histórico. A partir disso, Eby (1976, p. 11) diz-nos que “[...] o cerco fechado do medievalismo que limitava a inteligência humana estava se rompendo e uma nova civilização emergiria”. Buscaremos, desse modo, destacar o impacto das ideias desse monge agostiniano no desenrolar dos novos tempos.

Em razão disso, ressalta-se que a transição da Idade Média para a Moderna foi assim efetuada por meio da ação do espírito humano. O indivíduo, ao questionar a autonomia de si mesmo, torna-se mais confiante em sua capacidade de exercer o próprio controle da vida e passa a viver por sua própria força interior, amparado pela graça divina. Nesse cenário, cumpre ressaltar que Lutero, envolvido nesses acontecimentos sociais, sabia com quem falar e de que forma falar acerca de suas proposições.

Todavia, para empreender essa tarefa, conclamou primeiramente as lideranças acerca de seu dever e papel na promoção e custeio do ensino. Ao escrever ‘*Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha para que Criem e Mantenham Escolas*’, em 1524, revelou a preocupação com o futuro de sua nação, arquitetou uma ética social teológica calcada na educação como obra e dever cristão, pois só dessa forma a propagação da verdade do evangelho estaria assegurada às novas gerações.

Para isso, deu especial tratamento ao estudo e ensino das línguas. Assim, a partir de Lutero (2018, v. 5, p. 316), frisa-se que “[...] onde, porém, há conhecimento das línguas, aí as coisas se desenvolvem com frescor e vigor, e a Escritura é trabalhada; aí a fé se encontra sempre de forma nova por meio de outras e mais outras palavras e obras”. Sob essa égide, no que concerne à importância da transição dessa tradição oral para a escrita, Antônio Viñao Frago pontua que:

Ao difundir-se a alfabetização e o texto escrito, por intermédio da imprensa, mudam as relações com o mesmo: a função de mediador desaparece e as

²¹ Até os historiadores protestantes não negam certos pontos fracos de Lutero: sua excessiva grosseria – chamaram-no “Rabelais da Alemanha”, suas violências por vezes bem pouco cristãs, mesmo quando dirigidas ao papa, e os desconcertantes aspectos de sua atitude por ocasião da guerra dos camponeses (Delumeau, 1989, p. 285).

condições de comunicação, de coletivas, passam a ser individuais. [...] As duas vítimas desses processos são o velho e o padre. O primeiro perde a utilidade de sua memória; o segundo, o segredo de seu prestígio e o núcleo de seu poder como elo entre o escrito e o oral (Frago, 1993, p. 34-35).

Contudo, para isso seriam necessárias escolas, mas não bastava apenas criá-las, era preciso ocupá-las. Em *Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola*, publicado em 1530, Lutero buscou justamente exortar os pais e cristãos sobre a sua responsabilidade moral e religiosa de enviar os filhos à escola e formá-los. Isso em um período em que as escolas estavam em crescente abandono, havia pouca adesão às universidades e um constante declínio dos conventos.

A máxima apregoada pelos leigos desse período era, segundo o próprio Lutero (2018, v. 5, p. 304), “[...] já que o estado clerical não tem mais chance, também não nos interessa mais o ensino e nada mais faremos nesse sentido”. Além desses importantes documentos, há outros dois escritos em 1529, quais sejam: *Catecismo Maior* e *Catecismo Menor*. Estes textos apresentam-se como verdadeiros manuais de instrução religiosa, mas também moral e educacional.

O Catecismo apela às três instituições básicas da sociedade – a igreja, a família e a escola –, para que se responsabilizem pela educação dos jovens, seguindo os mesmos princípios pedagógicos da época. Dessa maneira, observa-se que a família representa o centro da educação, a escola é o lugar onde se estabelece a aprendizagem sistemática e a igreja é uma responsabilidade partilhada dos crentes.

Segundo Hilsdorf (2006, p. 167) “[...] todos em língua alemã, podendo, portanto, serem aprendidos mais pelo ouvir-dizer-fazer e a memorização do que pelo domínio da leitura e escrita”, revelando a pouca instrução da época e a estratégia adotada pelo reformador religioso. Diante desse cenário, implica analisar, agora, os escritos que abordam os elementos educacionais e, ainda, o que de novo eles propuseram.

Dessa forma, é possível conceber Lutero no seu agir histórico como um dos precursores na elaboração de uma proposta de ensino para todos, ou, em termos modernos, conforme Boto (2017, p. 99) na promoção “da universalização do ensino”. Nesse momento, persistia a ideia de sacerdócio universal lastreada na igualdade entre os homens e suas repercussões no processo de letramento e na instrução dos povos germânicos. A partir disso, é preciso compreender quais são as implicações sociopolíticas para a Modernidade.

2.3.2 Dos escritos pedagógicos: aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas

Antes de adentrar no escrito mencionado, destaca-se que a preocupação de Lutero com o estamento social já era presente e, por isso, em '*À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão*' (1520), apresentam-se críticas ao atual cenário da Igreja Católica. Assim, propunham-se reformas, sobretudo quanto aos “muros” impostos por Roma, que blindavam a autoridade eclesiástica. Atacavam-se três pontos relevantes, sendo eles a prevalência do poder espiritual sobre o temporal, a autoridade exclusiva do Papa em interpretar as Escrituras e a impossibilidade de convocação do concílio, a não ser pela autoridade papal.

Além disso, nesse tratado, há, também, um chamamento para que os leigos possam participar do corpo espiritual de Cristo na Terra. Contudo, rapidamente, tais críticas se tornaram um interesse comum nacional, dando a Lutero o impulso necessário a questionar não apenas o cenário espiritual, mas também social que ora se apresentava, fator responsável por também tornar a educação um ponto relevante de suas propostas reformadoras. Em '*Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha para que Criem e Mantenham Escolas*', publicado em Wittenberg, em 1524, Lutero contou com as ilustrações de Lucas Cranach (1472-1553) em seus impressos.

Esse recurso didático-pedagógico, inovador para a época, viria a inculcar nas pessoas, mediante a fixação imagética, a mensagem anunciada, haja vista a falta de letramento da população, de modo que, associado ao uso da imprensa recém-criada, o seu chamado seria disseminado rapidamente. Segundo Lienhard (1998, p. 95), “[...] a mensagem de Lutero espalhou-se rapidamente, através dos escritos e da pregação: pode-se qualificar a Reforma como filha da imprensa”.

Além disso, Keim (2010, p. 229) destaca o seguinte: “[...] a educação no movimento revolucionário liderado por Lutero foi impulsionada pelos textos impressos [...] que motivaram as famílias a se alfabetizarem e assumirem posição contra e a favor dos argumentos apresentados naquele documento”. Portanto, esse período de transição do século XV para o XVI foi marcado pela intensa agitação política e cultural, especialmente na Alemanha, o que permitiu, a Lutero, o acesso às ferramentas necessárias para a sua atuação.

Nessa discussão, não se pode esquecer da imprensa de tipos móveis, que havia sido criada por Gutemberg, por volta de 1450, na Alemanha. Aperfeiçoada, a imprensa era um meio de fazer circular as ideias

rapidamente, o que facilitou a divulgação das ideias reformistas. Will Durant, autor de *A Reforma*, chega a afirmar que “Gutenberg tornou Lutero possível” (Klug, 1998, p. 22).

A imprensa constituiu, assim, o conduto da fé protestante. Em razão disso, a estratégia adotada, inicialmente, não foi a de reproduzir textos densos, mas sim visava ao desenvolvimento de folhetos acompanhados de ilustrações, fazendo uso do impacto visual para atingir a todos, especialmente, as camadas populares que não sabiam ler nem escrever. A partir disso, consolidou-se, aqui, um tipo específico de publicação de cunho propagandístico que denunciava os problemas da Igreja Católica e defendia os ideais reformistas

Nos anos 1520, publicaram-se muitos panfletos para convencer o povo simples de que Lutero estava certo, ou errado, e as gravuras satíricas levavam as mensagens aos lares. O próprio Lutero tinha clara consciência do valor propagandístico da gravura impressa. “Em todas as paredes (escreveu certa vez), em todos os tipos de papel e baralhos, os padres e monges devem ser retratados de tal forma que o povo sinta repugnância ao ver ou ouvir falar do clero” (Burke, 1989, p. 281).

Nesse sentido, a Reforma assume um status para além do religioso e pulveriza, na Europa, uma atmosfera de questionamentos e críticas que penetraram outros campos da vida. Sob esse prisma, frisa-se que a imprensa ajudou a retirar os textos escritos²² dos claustros, levando-os aos leigos e laicos para formulação de suas próprias críticas e convicções, gerando impulso na propagação das ideias reformistas.

Dessa forma, segundo André Belo (2002, p. 40) “(...) a verdade é que nenhuma inovação ligada ao livro marcou tão fortemente a cultura letrada da época contemporânea como a invenção da tipografia”. Ademais, com o livro impresso, adveio, também, o desejo pela instrução, interpretação e liberdade de pensamento. Todavia, com a imprensa, vê-se uma nova aquiescência cultural a partir do sentido e significado que o livro impresso assumiu no contexto da recém-chegada Idade Moderna, de modo que, sobre isso, sumariza Bacelar:

Tal como influenciou profundamente a reforma do pensamento religioso e do método científico, as inovações da imprensa desafiaram igualmente o controle institucional. A imprensa estimulou a procura e o credo numa verdade fixa e verificável, assim como abriu caminho aos homens para o livre arbítrio e o direito de escolher individualmente percursos intelectuais e religiosos (Bacelar, 1999, p. 4).

²²A despeito desse tema, é válido destacar uma obra do autor do presente trabalho foi publicada em Costa (2024).

Dessa maneira, cumpre salientar que tanto Lutero quanto os outros reformadores puderam se beneficiar de tais técnicas para difundir os seus escritos e propagar os seus ideais. Assim, conforme Oliveira (1989, p. 117) "a primeira edição da tradução do Novo Testamento feita por Lutero, no ano de 1522, com 5.000 exemplares, esgotou-se em três meses". Portanto, a reprodução de exemplares em abundância em um curto espaço de tempo, diferentemente do livro manuscrito, também possibilitou este feito.

Lutero, destaca-se nesse processo pelo alto volume de obras reproduzidas, e, desse modo, segundo Lucien Febvre e Henri-Jean Martin (2000, p.376) "entre essas obras, os livros de Lutero são particularmente numerosos; pode calcular-se que, no seu total, representam mais de um terço dos textos alemães vendidos entre 1518 e 1525". Ademais, conforme Atkinson (1987, p. 205) "no seu auge Lutero produzia uma obra a cada quinze dias", e, graças à imprensa, pela primeira vez na história, um grande número de pessoas puderam ter acesso simultâneo a textos escritos.

À medida em que mais textos eram produzidos e reproduzidos, impulsionava-se a leitura e alfabetização da população. Portanto, a valorização da Bíblia como instrumento necessário ao conhecimento da fé deu força à popularização do livro impresso e andou de mãos dadas com o crescimento da imprensa, tornando o livro impresso pedra angular nesse processo. Nesse caminho, Lutero iniciou a sua exortação às autoridades locais, revelando, já no início de seu texto, o seu próprio papel enquanto cristão e cidadão preocupado com o futuro de sua nação.

Diante disso, Lutero (2018, v. 5, p. 303) diz: "[...] tenho as melhores intenções convosco e com toda a Alemanha; pois foi para isso que Deus me destinou, que o creia ou deixe de acreditar quem quiser". Esse anseio de unir culturalmente povos que leem a língua alemã, que necessitou ser codificada por ele próprio, reuniria os povos germânicos em torno de um sentimento comum, desde os nobres até os populares, cada qual com seus interesses. Sob essa égide, revelou-se a dimensão política assumida pelo monge e pelo próprio movimento reformista, sem perder de vista o interesse religioso

[...] para Lutero ainda era óbvio que todas as pessoas fossem cristãs. Na sua época ainda não havia o que hoje conhecemos por secularização. As autoridades seculares, mesmo no exercício de sua função específica, não deixavam de ser cristãos. Diante desse argumento e do fato de o Estado daquele momento possuir um caráter cristão, explícito na doutrina dos dois reinos, ressalta-se que Lutero requer a criação de escolas que tenham a Bíblia como o centro do ensino e que formem bons cristãos para atuarem na

sociedade, quer seja como pastores comuns na pregação do Evangelho ou como autoridades da vida secular (Volkman, 1984, p. 64).

Nessa perspectiva, Lutero (2018, p. 303) observou um problema que assolava a Alemanha naquele período: "[...] em primeiro lugar, constatamos hoje em todas as partes da Alemanha que as escolas estão no abandono. As universidades são pouco frequentadas e os conventos estão em declínio". Assim, a descrença causada pela Reforma à vida monástica esvaziou as suas escolas, colocando-se um questionamento: se não era mais possível viver às expensas da Igreja, como haveriam de sobreviver? Diante disso, Lutero (2018, v. 5, p. 303-304) aponta: "[...] pois é, dizem eles, que haverão de estudar se não podem tornar-se padres, monges e freiras? Que aprendam algum ofício com que possam sustentar-se".

Tendo em vista esse cenário, cumpre pontuar que o desafio estava posto: conscientizar todos os indivíduos acerca da importância dos estudos, estabelecer novas escolas ante o desprestígio dos colégios clericais e mosteiros e enfrentar a necessidade de desenvolver uma instrução técnica capaz de tornar os jovens aptos profissionalmente. Dessa maneira, destaca-se que, instalada a tensão do futuro incerto na vida sacerdotal que colocou em xeque a perspectiva dos pais acerca da educação dos filhos abnegando-os desta tarefa, Lutero critica, ferrenhamente, esse comportamento e, adicionalmente, estabelece tal responsabilidade como um dever de todo cristão

De que nos valeria se, no mais, tivéssemos e fizéssemos tudo e fôssemos todos santos, mas deixássemos de fazer aquilo que é a razão principal de nossa existência: a educação da juventude? Em minha opinião, nenhum pecado exterior pesa tanto sobre o mundo perante Deus e nenhum merece maior castigo do que justamente o pecado que cometemos contra as crianças, quando não as educamos (Lutero, 2018, v. 5, p. 307).

Diante desse cenário apresentado, há que se frisar que esse movimento é, sem dúvidas, a grande chamada para a mudança de perspectiva pedagógica, elemento que motivou, ainda, a promoção do ensino da época, incentivando a criação de escolas elementares e a reforma do ensino secundário e da universidade. Essa escola acessível a todos deveria ser custeada, principalmente, pelas autoridades, revelando-se para a História como uma das primeiras iniciativas relacionadas à implementação de uma escola "secular", que visava promover o acesso à educação às populações marginalizadas, promovendo o que hoje se conhece como *democratização do ensino*.

Todavia, pontua-se que, para que houvesse a execução dessa tarefa, era imprescindível que as autoridades assumissem tal compromisso e que os pais e os cidadãos empreendessem esforços nesse mesmo sentido. Em relação às autoridades, Lutero (2018, v. 5, p. 305) questiona: "[...] por que não levantar igual soma para a pobre juventude necessitada, sustentando um ou dois homens competentes como professores?". Já em relação aos civis, Lutero (2018, v. 5, p. 305) argumenta: "[...] também cada cidadão [...] que doravante doe, por agradecimento e para a glória de Deus, parte disso para a escola, para educar as pobres crianças, onde está empregado tão bem".

Quanto a essa iniciativa que se deve não apenas a Lutero, mas ao movimento da Reforma como um todo, destaca Manacorda (1992, p. 199): "[...] testemunho da força também educativa da Reforma no plano político é o fato de que a própria autoridade imperial teve de assumir esta nova concepção de uma escola pública para a formação dos cidadãos ou, pelo menos, dos governantes". Ademais, o tempo de formação e a qualidade do ensino foram criticados por Lutero (2018, v. 5, p. 306), como observado no fragmento a seguir: "[...] não está evidente que hoje se pode formar um menino em três anos de modo que aos 15 ou 18 anos sabe mais do que lhe puderam ensinar até agora todas as universidades e conventos?"

Se as escolas eclesiásticas e universidades não davam conta de engajar a juventude em novas realidades de um ensino prático-profissional para cumprimento das atividades comuns, tornou-se essa questão uma preocupação encabeçada por Lutero. Assim, ao discutir sobre esse assunto, Carvalho (2012, p.14) esclarece: "[...] além de cobrar das autoridades seculares, uma escola elementar para todos os cidadãos, foi responsável pela reorganização dos colégios secundários e da universidade". Nada disso seria possível se as condições também não fossem favoráveis, e, aqui, o cenário alemão clamava por uma mudança urgente. Diante disso, a educação e formação dos súditos passaram a ser encaradas pelos príncipes da seguinte forma

Essa é a época em que os príncipes dos estados emergentes passam a apoiar a nova forma de educação escolar, visando à estabilização de suas cortes e à formação de seus cortesãos, reforça essa ideia localizando no Antigo Regime, a partir do século XVI, com os movimentos da Renascença e da Reforma, o período em que os príncipes quiseram dominar as Universidades e, de maneira geral, se ocuparam com o ensino que começaram a considerar como público (Nunes, 1980, p. 47).

Sob essa égide, ressalta-se que, partindo de quatro perguntas, Lutero arquiteta a sua proposta educacional religiosa, sendo elas: o que ensinar? Como ensinar? Quem deve ensinar? Quem deve custear? A partir disso, Barbosa (2017, p.167) afirma que "[...] Lutero também toma para si a luta por uma reforma no ensino da época e registra suas orientações sobre a forma como o sistema escolar deveria ser organizado?". Adicionalmente, frisa-se que o próprio Lutero (2018, v. 5, p. 306) indaga: "[...] afinal, que se aprendeu até agora nas universidades e conventos a não ser tornar-se burro, tosco e estúpido? Houve quem estudasse vinte, quarenta anos e não saiba nem latim nem alemão".

Em vez das obras de Aristóteles e dos métodos escolásticos, Lutero propõe a Bíblia como cerne de ensino. Para tanto, defende a necessidade de aprender as línguas antigas, como hebraico e grego, além do próprio latim, pois, na concepção do monge, só assim seria possível estudar e interpretar com profundidade as Escrituras. Sobre esse período, afirma George (1993, p. 91): "[...] a igreja não era uma 'casa da escrita', mas uma 'casa da fala'". Logo, habilitando linguisticamente e gramaticalmente os cristãos, eles conseguiriam examinar livremente as escrituras, a fim de exercerem o sacerdócio universal.

Também o próprio Sto. Agostinho tem que admitir, conforme escreve em seu livro 'Da doutrina cristã', que um mestre cristão, que quer interpretar a Escritura, tem que conhecer, além do latim, o grego e o hebraico. Do contrário é impossível que não tropece em toda parte; pois isso até é muito difícil quando alguém domina bem as línguas (Lutero, 2018, v. 5, p. 314).

Além disso, destaca-se, quanto aos leigos, que teriam acesso às traduções em língua vernácula, mas ninguém seria deixado de fora da ação alfabetizadora. Aos meninos, além dos estudos por uma ou duas horas, caberia aprender um ofício. As meninas, por outro lado, deveriam completar o aprendizado de uma hora escolar com o aprendizado das tarefas domésticas, considerando se tratar de uma escola elementar, cuja base repousava no ensino religioso e doutrinal.

Entre os métodos escolares propostos por Lutero, estavam a ludicidade, a musicalidade, a repetição e a forte oposição à rígida disciplina que, em vez de inculcar o aprendizado, punia e causava sofrimento aos alunos, reputando-se avesso a tais práticas sofridas no seu tempo de claustro. Sob essa égide, Febvre (2012, p. 28), ao se referir à educação recebida por Lutero, apresenta algumas reflexões importantes.

Segundo Febvre (2012, p. 28): "[...] sob a férula de mestres incultos, o menino aprendeu a ler, escrever, um pouco de latim e as orações. Gritos em casa e pancadas

na escola: duro regime para um ser sensível e nervoso”. Lutero defendia que o divertimento deveria ser revezado com o ensino das disciplinas e que assim os jovens aprenderiam com prazer o que lhes era proposto. Contudo, de acordo com Martin Volkmann (1984, p. 104), a “[...] educação cristã, segundo o princípio de Lutero, é educação para a liberdade”, e ainda complementa o monge germânico:

Quando a disciplina é aplicada com maior rigor e tem algum resultado, o máximo que se alcança é um comportamento forçado ou de respeito; no mais continuam sendo meras toras, que não têm conhecimento nem nesta nem naquela área, não sabem responder nem ajudar ninguém [...] ora, a juventude tem que dançar e pular e está sempre à procura de algo que cause prazer. Nisto não se pode impedi-la e nem seria bom proibir tudo. Por que então não criar para ela escolas deste tipo e oferecer-lhes estas disciplinas? Visto que, pela graça de Deus, está tudo preparado para que as crianças possam estudar línguas, outras disciplinas e História com prazer e brincando. Pois as escolas de hoje já não são mais o inferno e purgatório de nossas escolas, nas quais éramos torturados com declinações e conjugações, e de tantos açoites, tremor, pavor e sofrimento não aprendemos simplesmente nada. Se tomamos tanto tempo para ensinar às crianças jogos de tabuleiros, a cantar e dançar, por que não tomamos o mesmo tempo para lhes ensinar a ler e outras disciplinas, visto que são jovens e têm tempo, são capazes e têm vontade? (Lutero, 2018, v. 5, p. 319).

Ao tomar por base o exemplo de Roma, Lutero (2018, v. 5, p. 309) aduz: “[...] educava seus meninos de tal maneira que dentro de quinze, dezoito ou vinte anos dominavam perfeitamente o latim, o grego e toda sorte de artes liberais [...] por essa razão Roma progrediu, havia gente apta e preparada para todas as atividades”. Novamente, aparece em seu discurso a ideia de utilidade e a expressa necessidade de haver pessoas aptas a realizar as atividades da vida comum, bem como de mestres aptos a formar e educar os jovens. Não se trata, no entanto, do mesmo sentido aplicado pela corrente filosófica utilitarista, fundada na Inglaterra somente no século XVIII, por Jeremy Bentham (1748-1832).

Em Lutero, a ideia de utilidade se revela em dois sentidos: o espiritual, como cumprimento do dever cristão por meio da graça de Deus recebida com a justificação; e o temporal, como cumprimento do dever moral a que deve cumprir o cristão no plano terreno. Nesse sentido, ele adverte: “[...] visto, porém, que Deus nos agraciou tão ricamente, concedendo-nos uma grande quantidade de pessoas aptas a instruir e educar maravilhosamente a juventude, é necessário que não desperdicemos a graça de Deus e não o deixemos bater em vão às nossas portas”. Contudo, reitera, ainda, Lutero (2018, v. 5, p. 308): “[...] para ensinar e educar bem as crianças precisa-se de gente especializada”. Mas a quem caberia ensinar-lhes?

Mesmo que os pais fossem aptos e o quisessem assumir, eles não têm tempo nem espaço em face de outras atividades e dos serviços domésticos. Portanto a necessidade obriga a mantermos educadores comunitários para as crianças, a não ser que cada qual quer queira manter um em particular. Isso, porém, seria oneroso demais para um simples cidadão, e uma vez mais muitos excelentes meninos seriam prejudicados por serem pobres [...] Assim a necessidade obrigou, em todos os tempos e no mundo inteiro, inclusive entre os gentios, a manter professores, se é que se quisesse fazer alguma coisa boa de um povo. Por isso também se adotou o termo "pedagogo" em S. Paulo, G1 [sc. 3.24], pois o termo é tirado do uso comum na vida humana quando diz: "a lei foi nosso pedagogo" (Lutero, 2018, v. 5, p. 308-309).

Lutero estava convicto de que, para a efetivação de qualquer mudança, o investimento e a tomada de compromisso pelas autoridades eram necessários. Se as autoridades não assumissem para si tal responsabilidade, de que forma os pais enviariam os seus filhos às escolas? Haveria, talvez, interesse pessoal de Lutero nessa tarefa para o êxito de sua reforma religiosa? Talvez sim, mas, não foi aos príncipes que ele recorreu e sim às autoridades locais.

Todavia, a noção de Estado tida por Lutero não o dissociava de sua identidade cristã. Talvez por isso, ele compreendeu que a este incumbia assumir a tarefa educativa. Desse modo, ante a derrocada dos colégios católicos, o próprio Estado deveria formar jovens aptos a desempenhar funções no âmbito espiritual e secular. Diante disso, Nunes (1998, p. 55) aponta que "[...] a escola média começou a ser custeada pelos cofres públicos e ser mantida pelo Estado nos países protestantes".

A esse fato, não se pode relegar a contribuição de Lutero (2018, v. 5, p. 308), que, mais uma vez, conclamou: "[...] que têm os conselheiros e as autoridades a ver com isso? Está certo; no entanto, que acontece se os pais não o fazem? Quem o fará? [...] Acaso as autoridades e o conselho querem desculpar-se e dizer que isso não lhe diz respeito?". A respeito disso, Altmann confirma

[...] o chamamento de Lutero às autoridades municipais e à nova burguesia emergente, no sentido de que assumissem a responsabilidade da educação, foi um passo nitidamente progressista. Lutero mostrou aguda sensibilidade quando, nessa questão, não apelou simplesmente para a autoridade dos príncipes, mas chegou bem mais perto da base do cotidiano, escolhendo as autoridades municipais, mais diretamente ligadas com as necessidades concretas de seus habitantes. De fato, foi uma escolha que veio a se comprovar como correta, pela ampliação das oportunidades educacionais (Altmann, 1994, p. 208).

A proposta luterana é de que a educação devia ser pensada como um instrumento útil. Diante desse cenário, cumpre destacar que, nessa concepção, compreende-se que a escola formaria o cristão e também, complementarmente, os administradores locais, sempre aberta a todos e mantida pelas autoridades seculares

e não mais religiosas. Essas características tecem de forma pragmática o seu pensamento educacional.

A proposição de igualdade entre os homens, advinda da ideia do sacerdócio universal, considera importante cada cristão diante de Deus e concebe entre eles um princípio de equidade importante na construção moderna do indivíduo como sujeito de direitos. Por essa razão, destinou o apelo às autoridades locais para que todos tivessem acesso à escola e para que todos pudessem participar da vida secular e ocupar postos de ofício e administração

Deus não quer que reis, príncipes, senhores e nobreza por nascimento governem e sejam donos sozinhos. Quer que também seus mendigos participem. Do contrário, irão pensar que somente o nascimento nobre faz senhores e governantes, e não Deus somente (Lutero, 2018, v. 5, p. 357).

Lutero enxergava, no seio social, a fonte impulsionadora das mudanças que propugnou, de modo que, nos termos do próprio Lutero (2018, v. 5, p. 318): “[...] por isso a responsabilidade fica exclusivamente convosco, caros conselheiros; vós também tendes espaço e autorização para isso, melhor que príncipes e senhores”. Tendo isso em vista, Cambi (1999, p. 249) atesta que a orientação pedagógica de Lutero “[...] baseia-se num fundamental apelo à validade universal da instrução, a fim de que todo homem possa cumprir os próprios deveres sociais”. Contudo, segundo Manacorda (1992, p. 197), a ideia de utilidade social da instrução em Lutero estava “[...] destinada a formar homens capazes de governar o Estado e mulheres capazes de dirigir a casa, segundo uma divisão do trabalho entre os sexos, divisão que, embora não revolucionária, pelo menos é realista”.

Mesmo que não existisse alma e não se precisasse das escolas e línguas por causa de Deus, somente isso já seria motivo suficiente para instituir as melhores escolas tanto para meninos como para meninas em toda parte, visto também que o mundo precisa de homens e mulheres excelentes e aptos para manter seu estado secular exteriormente, para que então os homens governem o povo e o país, e as mulheres possam governar bem a casa e educar bem os filhos e a criadagem (Lutero, 2018, v. 5, p. 318).

Encarar os fatos, compreender a realidade como ela era e buscar soluções para as problemáticas de sua época tornaram Lutero uma figura que, se não desestabilizou, ao menos provocou fissuras no sistema vigente de seu tempo. Ao conceber à instrução as ferramentas necessárias para a continuidade do ministério eclesiástico e ao mesmo tempo uma formação que contemplasse a aprendizagem de uma prática profissional, modificou práticas historicamente consagradas.

Lutero deu à escola lugar de destaque, sem o qual certamente o sucesso da Reforma não se efetivaria, de modo que o próprio Lutero (2018, v. 5, p. 320) confirma que “[...] nós, ao contrário, precisamos de gente de verdade, que nos ofereça a palavra de Deus e o Sacramento e que seja cura d'alma entre o povo. No entanto, de onde os queremos tirar se negligenciamos as escolas e não criamos outras, cristãs?”. Assim, de forma direta, Lutero lança a sua proposta

[...] o mundo hoje é diferente, e as coisas são feitas de outro modo. Minha ideia é a seguinte: os meninos devem ser enviados a estas escolas diariamente por uma ou duas horas e, não obstante, fazer o serviço em casa, aprender um ofício ou para o que sejam encaminhados, para que as duas coisas andem juntas enquanto são jovens e podem dedicar-se a isso. [...] Também uma menina pode dispende diariamente uma hora para ir à escola e, ao mesmo tempo, cumprir perfeitamente suas tarefas domésticas (Lutero, 2018, v. 5, p. 320).

Ao incluir as meninas no processo educativo, ainda que a partir de modelos e propósitos diferentes, Lutero também atua na vanguarda do princípio da igualdade de gênero, haja vista a educação feminina, até então, restringir-se à aprendizagem dos afazeres domésticos. Diante disso, Barbosa (2017, p. 102) aduz o seguinte: “[...] da análise dos escritos de Lutero, pode-se destacar que o reformador nas suas propostas para um sistema educacional, criou oportunidades ainda não existentes para a educação de meninas e jovens mulheres”.

É bem verdade que essa limitação quanto ao tempo das meninas na escola reflete um quadro social ainda permeado pela divisão e limitação de papéis. Note-se que, enquanto na citação anterior Lutero defende que os meninos ‘devem’ ser enviados à escola, em relação às meninas ele utiliza o verbete ‘pode’. A primeira parece sugerir um dever, uma obrigação, já a última, uma sugestão. Além de apoiar a criação de escolas para meninas, outras relevantes contribuições foram dadas por Lutero, como Eby sintetiza (1976)

Resumindo os serviços de Lutero, devem ser destacados os seguintes pontos: 1) Incluiu todas as crianças nos seus planos de instrução religiosa vernácula, apesar de ter em vista, principalmente, um desenvolvido sistema de instrução incorporado aos catecismos. 2) Quando o Eleitor Frederico o abrigou no Castelo de Wartburgo, para salvá-lo de seus inimigos, Lutero traduziu as Escrituras para o dialeto alto alemão. Nenhuma outra coisa que Lutero jamais tenha feito contribuiu tão profundamente para a real educação do povo alemão. A sua foi a primeira tradução na qual não somente o sentido, mas algo da beleza e força das Escrituras originais foi transferido para o alemão. Com este trabalho ele elevou o alto alemão de um mero dialeto a uma língua definitiva de poder e beleza clássica, e deu ao povo germânico um elo unificador. 3) Além disso, a sua tradução das fábulas de Esopo teve notável influência. Mas depois de sua tradução das Escrituras, nada teve tão profunda influência na educação germânica quanto os seus catecismos. 4) No seu rompimento com Roma ele assumiu uma posição que favoreceu a

emancipação popular e a ilustração. Mesmo em seu papel reacionário, não pode impedir a maré que, como reformador liberal, pôs em movimento; e esta corrente logo ficou além de seu controle. As forças liberais encontraram outros defensores e, apesar de levadas a se ocultarem temporariamente, emergiriam em décadas futuras e em circunstâncias mais favoráveis. 5) Outra contribuição dada por Lutero que não é passível de avaliação exata, foi a da música. Todos os professores alemães tinham de tocar violino e ensinar as crianças a cantar (Eby, 1976, p. 67).

Além disso, o monge agostiniano defendeu que não bastava apenas criar escolas e oportunizá-las a todos de forma gratuita – a adesão deveria ser obrigatória. Desse modo, o compromisso de adesão deveria ser assumido pelas autoridades e pelos pais. Lutero (2018, v. 5, p. 362) ainda acrescenta: “[...] em minha opinião, porém, também as autoridades têm o dever de obrigar os súditos a mandarem seus filhos à escola”.

Tendo em vista esse cenário, em sua análise, Cambi (1999, p. 248) ressalta que, “[...] com o protestantismo, afirmam-se em pedagogia o princípio do direito-dever de todo cidadão em relação ao estudo, pelo menos no seu grau elementar, e do princípio da obrigação e da gratuidade da instrução”. Ademais, cita-se que Hilsdorf, no entanto, não credita Lutero pela criação da escola pública e elementar na Europa

Assim, podemos dizer, de um lado, que Lutero não criou a escola elementar popular e pública, como diz a historiografia da educação; antes dele, ela já era uma tradição escolar da Europa, inclusive no sentido de que o seu controle era assumido em parte pelas autoridades das cidades quando contratavam professores (Hilsdorf, 2006, p. 168).

Não obstante, cumpre salientar que essa iniciativa pedagógica trouxe consigo importantes princípios. Dessa maneira, chama-se a atenção para o fato de que eles foram fundamentais à construção da escola moderna. Diante disso, Hilsdorf (2006, p. 168) menciona que “[...] de qualquer modo, desde então, consagra-se a tradição de encaminhar os nobres e a alta burguesia de comerciantes para os colégios, e os artesãos, negociantes e camponeses para a escola elementar popular e religiosa [...]”.

Lutero propugnou que as bases da vida comum deveriam ser edificadas pela escola e que, portanto, a elevação do indivíduo e da própria comunidade estaria condicionada a uma boa base formativa. Contudo, Lung (2010, p. 32) menciona que a escola começa a ser reconhecida como peça elementar da comunidade, acarretando em sua designação de necessidade básica para a vida em sociedade. Portanto, é dever de cada cidadão ajudar na manutenção da instituição escolar, segundo o

reformador. Já Barbosa, por sua vez, sintetiza tais iniciativas, como podemos observar a seguir

Segundo Lutero, a responsabilidade pela educação escolar, um direito-dever de todos, deveria ser transferida do âmbito da Igreja para o do Estado, mais especificamente para as autoridades municipais. Essas instâncias políticas locais deveriam ser as responsáveis pela criação, pela manutenção e pelo financiamento das escolas e pela supervisão dos pais, garantindo que eles enviassem de fato os filhos à escola (Barbosa, 2017, p.175).

Assim, temos, em Lutero, o defensor de uma escola moderna calcada em princípios antes não sobressaltados: educação popular, gratuita, de frequência obrigatória e de custeio estatal, o que viria a ser chamado *secular* anos mais tarde. Nesse contexto, Hilsdorf (2006) reconhece a relevância de Lutero, mas ressalta que esse mérito não pode ser atribuído a ele exclusivamente. Ademais, frisa-se que no Estado pensado por Lutero, ainda cristão, a educação representa uma necessidade pública.

Dessa forma, a esta caberia estabelecer a consciência e o dever de elevar o seu estamento social através da instrução e de garantir um futuro melhor às futuras gerações. Nessa perspectiva, Lutero (2018, v. 5, p. 324) enuncia: “[...] visto, porém, que agora Deus nos proveu com uma riqueza de artes, pessoas doutas e livros, está na hora de ceifar e de recolher o melhor que pudermos, e de ajuntar tesouros, para preservarmos algo para o futuro destes anos dourados e que não ponhamos esta rica colheita a perder”.

Dessa forma, o indivíduo instruído teria mais oportunidades e estaria apto a ocupar certos postos de ofício, como o próprio Lutero (2018, v. 5, p. 352) ilustra: “[...] os que estudam hoje serão pessoas apreciadas, de modo que dois príncipes e três cidades disputarão uma única pessoa de instrução”. Nesse cenário, cumpre evidenciar que, nessa perspectiva, como tem sido ressaltado, o trabalho e os estudos se somavam e compunham a base formativa. Contudo, sobre a sua contribuição, Nascimento destaca

O pensamento de Lutero na educação fez uma reforma muito grande no ensino alemão, pois foi inaugurada a escola moderna, uma escola dita hoje como escola pública e para todas as pessoas formadas pelo ensino fundamental, médio e superior, essa reforma é utilizada até os dias de hoje. Lutero naquela época defendia também os estudos para as meninas. Criando então a partir desse período um sistema que atendia os preparos para o trabalho, e também um progresso nos estudos, Lutero afirmava que as escrituras sagradas deveriam fazer parte dentre os principais materiais didáticos das escolas públicas e superiores. Para a defesa dessa educação para todos, independentemente do gênero e classe social, Lutero usou a seguinte frase: “o dinheiro investido em educação seria menor que o gasto

com armas e traria mais benefícios.” A influência de Lutero se estendeu na economia política, música e educação e sua tradução da bíblia tornou-se uma pedra fundamental na educação” (Nascimento, 2014, p. 123-124).

Dessa maneira, destaca-se que Lutero, por sua trajetória de vida, atuou como um pedagogo a frente de seu tempo, seja pela erudição, pelos escritos e traduções, pelos anos de dedicação ao ensino, seja ainda pelo desejo e incessantes apelos para que todos da sua nação fossem instruídos e pudessem, por meio da educação, elevar-se moral e socialmente. A sua vocação pedagógica lhe era tão intrínseca quanto a religiosa. Isso fica bastante evidente na seguinte declaração de Lutero (2018, v. 5, p. 359): “[...] de minha parte, se eu pudesse ou tivesse que abandonar o ministério da pregação e outras incumbências, nada mais eu desejaria tanto quanto ser professor ou educador de meninos”.

Nessa perspectiva, ressalta-se que uma reflexão sobre as suas iniciativas educacionais não pode estar dissociada do seu contexto histórico e naturalmente de sua formação religiosa. Todavia, considerá-lo apenas um reformador da religião e reduzi-lo apenas a tais interesses não nos permite compreender, de forma ampla, quais foram as consequências práticas de suas iniciativas que perpassaram por outras instituições sociais, a saber: pela Igreja, pelos campos ligados às autoridades e pela família, sensibilizando-as acerca de seu dever quanto à promoção da instrução da juventude para que sejam úteis no reino temporal e também espiritual. Portanto, visava-se assegurar, às futuras gerações, o desfrute da mesma graça relacionado ao acesso ao conhecimento de Deus alcançada em seu tempo.

2.3.3 Uma prédica para que se enviem os filhos à escola

Neste escrito datado de 1530, Lutero promove uma exortação aos pais acerca de sua responsabilidade no envio dos filhos à escola. O documento foi enviado ao síndico de Nürnberg para que, por meio dos pregadores de toda a região, as pessoas pudessem ser conclamadas a tal causa. Se em momento anterior as autoridades já haviam sido provocadas a criarem e manterem escolas, importava, nesse momento, que as pessoas aderissem a essa oferta e assumissem tal compromisso.

Dessa maneira, destaca-se que, em razão dessa necessidade, importava não apenas saber ler, uma vez que a preocupação com a construção de um Estado moderno a partir do qual Lutero se apropriava para angariar pessoas aptas a

exercerem os diversos ofícios. Sobre isso, Lutero (2018, v. 5, p. 328) diz: "[...] no entanto, para pregar, governar e administrar a justiça, tanto no estado clerical ou secular, não bastam sequer todas as ciências e línguas do mundo [...] sobretudo nos tempos modernos, quando é preciso falar com mais pessoas".

Por outro lado, atribuir aos pais a responsabilidade pelo futuro de seus filhos revela a percepção de que é no seio familiar que finca a primeira base formativa do ser humano. A essa tarefa, Lutero atribui um caráter divino: enviar os filhos à escola implicava em cumprir um dever cristão. Ademais, frisa que (2018, v. 5, p. 330), "[...] uma coisa é certa: quando se ajuda, estimula e encoraja crianças a irem à escola e ainda quando se contribui para tanto com dinheiro e conselho para que isso se torne possível, a isso se chama, sem dúvida, ter levado e encaminhado os filhos a Cristo".

Se a escola pensada por Lutero era capaz de apresentar o conhecimento aos jovens, ela era também capaz de apresentar o verdadeiro Deus e formar pessoas para o ministério eclesial. De igual modo, não enviar um filho à escola significaria negar a Deus e ao estado temporal o elemento essencial, qual seja: pessoas capacitadas, e, assim, nas palavras de Cambi (1999, p. 249), essa era "[...] portanto, uma obrigação para os cidadãos e um dever para os administradores das cidades". Nesse sentido, a fonte de mudanças para os novos tempos estava na escola e na juventude, pedestal de sua proposição pedagógica

[...] até agora dispendeu inutilmente tanto dinheiro e bens com indulgências, missas, vigílias, doações, espólios testamentários, missas anuais para falecimentos, ordens mendicantes, fraternidades, peregrinações e toda a confusão de outras tantas práticas deste tipo; estando agora livre dessa ladroeira e doações para o futuro, pela graça de Deus, que doravante doe, por agradecimento e para a glória de Deus, parte disso para a escola, para educar as pobres crianças, onde está empregado tão bem (Lutero, 2018, v. 5, p. 305).

Ao contrário do seu discurso às autoridades, em que Lutero alerta para a obrigação de financiar escolas, aos pais dirige quase que em forma de pregação religiosa um chamamento para que tomem consciência de que lhes cabia agora, pelo estado de graça recebido, auxiliar no custeio da educação, afinal todos, sejam ricos ou pobres, teriam direito a receber a educação formal cristã, objeto de sua proposta pedagógica. Diante da possibilidade e capacidade de que todos dispunham de servir a Deus, critica o fato de que só haja preocupação com a "própria barriga".

Sob esse prisma, Lutero (2018, v. 5, p. 331) previne: "[...] como já não existe mais a perspectiva da monjaria masculina ou feminina e do clericalato [...] não há

necessidade de pessoas instruídas nem de muito estudo; o que interessa é tratar de conseguir alimento e riquezas". Nesse sentido, questiona, especialmente, os interesses das pessoas mais simples em limitar os jovens apenas a aprenderem algum ofício para o próprio provimento, de modo a não buscarem a escola como meio de instrução plena.

Partindo desse pressuposto, atribui tanto a ricos quanto a pobres um princípio de igualdade no sentido de que todos devem frequentar a escola, ainda que com objetivos diferentes, pois todos podem ser úteis para servir a Deus:

Esses meninos capazes deveriam ser encaminhados ao estudo, especialmente os filhos da gente pobre, pois para essa finalidade foram instituídas as prebendas e tributos de todas as fundações e conventos. Naturalmente também os outros meninos deveriam aprender ao menos a entender o latim, a escrever e ler, mesmo que não fossem tão capazes; pois não precisamos somente de eruditos doutores e mestres na Escritura; também precisamos de pastores comuns, que preguem o Evangelho e o catecismo ao povo jovem e rústico, que batizem e administrem o sacramento etc (Lutero, 2018, v. 5, p. 342).

Quanto aos ricos, Lutero parece não ir ao encontro ao seu contexto social, talvez porque ele mesmo contou com o apoio de nobres e príncipes quando perseguido pela Igreja de Roma, reservando a estes os postos de administração e governança, por entender que são mais aptos a tal e que o espaço temporal também precisa destas pessoas para a sua própria existência. Quanto a isso, (Lutero, 2018, v. 5, p. 318) declara: "[...] sabemos, ou deveríamos saber, o quanto é necessário e útil e o quanto agrada a Deus quando um príncipe, senhor, conselheiro ou outra pessoa que deve governar é instruída e apta para exercer essa função cristãmente".

Nessa discussão, ele ainda acrescenta: "[...] é bom saber que os filhos dos patrões e grandes senhores não se destinam a essa finalidade, pois o mundo também precisa de herdeiros e gente, do contrário se destroçaria a autoridade secular" (Lutero, 2018, p. 342). Manacorda, por sua vez, faz ressalva quanto ao contexto histórico e social em que Lutero esteve inserido e quanto ao alcance de sua contribuição nesse aspecto

Embora aqui não se possa dizer que as divisões sociais estejam superadas (Lutero, nesse sentido, foi bem outra coisa que um revolucionário), todavia as classes destinadas à produção são consideradas não mais como os principais destinatários da catequese cristã, mas também como participantes ativos no processo comum da instrução, ele se põe o problema da relação instrução-trabalho (Manacorda, 1992, p. 198).

Em que pese essa dicotomia marcada pela posição social ocupada pelo indivíduo, os escritos não expressam se as pedagogias a serem utilizadas seriam necessariamente distintas para ricos e pobres; as finalidades, de outro modo, sim. Apesar disso, diferentemente das iniciativas educacionais prevalecentes no medievo, Lutero se esforça para proclamar uma educação acessível para todos, mas ainda calcada na preocupação de formar pessoas úteis e aptas para o estamento social.

Por essa razão, Luzuriaga (1959, p. 7) afirma: "[...] o ensino solicitado por Lutero é antes para a burguesia, para as classes que não de prover os cargos de direção da sociedade: eclesiásticos, funcionários, médicos, advogados. O que exige para a educação do povo é muito elementar". Ainda assim, não se pode concluir, por meio dos escritos, que Lutero teria planejado escolas distintas para cada classe social, mesmo porque o grande organizador da escola pensada por ele foi Filipe Melanchton, que, por seu turno, ficou conhecido como o 'preceptor da Germânia'.

Conforme Cambi (1999, p. 250), "[...] a elaboração das estruturas organizativas e dos conteúdos culturais próprios das escolas secundárias da Reforma é devida sobretudo, a Filipe Melanchthon", que buscou uma simbiose entre o humanismo ao luteranismo:

[...] o ministro da educação de Lutero. Escreveu manuais escolares, organizou o sistema escolar da Saxônia, redigiu juntamente com Lutero as Diretivas aos inspetores escolares e o livro Visita das Escolas, reorganizou as universidades de Marburg, Koenigsberg, Jena, Halmstadt, Dorpat, Leipzig e Heidelberg, e dava orientação e assistência aos mestres luteranos da Germânia (Cambi, 1999, p. 100-101).

Tendo em vista esse cenário, destaca-se que há, ainda, aqueles que afirmam que Lutero não tenha sido precursor de uma iniciativa educacional que contemplasse todos e que fosse de custeio público. Nesse ponto, Nunes (1980, p. 100) atesta: "[...] de forma alguma as escolas elementares surgiram por iniciativa de Lutero". Contudo, Luzuriaga (1959, p. 6), discorda e identifica em Lutero "[...] o primeiro a chamar a atenção, de modo insistente, para a necessidade de criar escolas por meio das autoridades públicas".

De igual modo, Lopes (1981, p. 14) afirma que "[...] modernamente, a educação torna-se pública nos países atingidos pelo movimento da Reforma". A discordância da historiografia, no entanto, não retira de Lutero a relevância política alcançada mediante os seus incessantes apelos às autoridades, a sensibilização e a coragem de desafiar a maior instituição de sua época, expressando publicamente os seus

anseios por uma reforma religiosa e educacional, a fim do melhoramento espiritual e intelectual dos povos germânicos.

Dessa maneira, cumpre salientar que, nesse contexto histórico, a presença de uma constante preocupação com a pregação da palavra baseada na verdadeira interpretação das Escrituras não se distancia de Lutero em nenhum momento. Portanto, Lutero (2018, v. 5, p. 334) apregoa que "[...] onde, porém, não se anuncia a Palavra, ali a espiritualidade será deteriorada". Assim como pastores e pregadores seriam os "mordomos espirituais", professores, mestre-escola seriam os "mordomos temporais".

Quanto ao ministério pastoral, entende ser crucial para a vida comum, para organizar esse mundo e mantê-lo em ordem. De acordo com Lutero (2018, v. 5, p. 334), "[...] o mundo ainda subsiste e permanece somente por causa desse estado, do contrário já teria perecido há muito". Alinha a este propósito o fato de que, ainda que se tenha aprendido um ofício, aquele que foi instruído mediante as Escrituras e sobre as línguas poderá ser útil em momento oportuno para o ministério da pregação, de modo que Lutero não condena o trabalho, ao contrário, relaciona-o aos estudos:

Ainda que posteriormente um menino que estudou latim aprenda um ofício e se torne um cidadão, nós o temos de reserva para o caso de necessitá-lo para a função de pastor ou para outro serviço na Palavra. O estudo não o prejudica no trabalho pelo sustento; pelo contrário, sabe administrar tanto melhor sua casa e, além do mais, está preparado e apto para o ministério da pregação ou para o ministério pastoral caso se precisar dele [...] (Lutero, 2018, v. 5, p. 342).

O apelo à religião como meio de sensibilizar a população foi o fio condutor que Lutero encontrou, em meio a um cenário ainda fortemente religioso, mas desesperançoso, a fim de alertá-la acerca do grande prejuízo espiritual que se cometeria à nação alemã, caso não fossem preparadas pessoas e formados novos pregadores aptos a interpretar as Escrituras. Não se tratava apenas de lê-las, sem nada compreender, como até então se fazia.

Dessa maneira, cumpre chamar a atenção para o fato de que havia uma preocupação com os livros que deveriam compor o acervo das bibliotecas reformadas. Como esclarece Gilmont (1999, p. 54), "nada de leitura popular", dando lugar apenas a livros de teologia, línguas, gramática, artes liberais, jurisdição, medicina e história". A Bíblia era o instrumento para formar os novos cristãos ao serviço em favor de Deus:

Neste momento estou falando com os crentes, que honram o ministério da pregação e o estimam acima de toda riqueza como o mais precioso tesouro dado aos homens depois de Deus mesmo. Isso para que saibam que grande

serviço podem prestar a Deus com isso, preferindo participar dessa obra, ainda que com recursos modestos, do que possuir as riquezas do mundo e prescindir deste [tesouro]. Esses certamente compreenderão que a alma vale mais do que o estômago e que o estômago pode, facilmente, ser satisfeito enquanto eles têm que renunciar ao restante. Porém, os que procuram riquezas, levarão consigo todos os seus bens e nada deixarão para trás. Como lhes poderia fazer falta? É isso que quis dizer, como primeira parte deste sermão, numa consideração rápida e breve sobre o benefício e o prejuízo espiritual que decorrem da manutenção ou da negligência das escolas (Lutero, 2018, v. 5, p. 346).

Após explanar em seu sermão o prejuízo espiritual causado pelo desinteresse de enviar os filhos às escolas, Lutero tratou, na segunda parte de seu sermão, do prejuízo temporal ou secular, demonstrando, mais uma vez, que religião e educação estão ladeadas na sua concepção pedagógica e que o sucesso de uma está intrinsecamente ligado à outra. Aliás, tamanha é a importância do governo temporal para o reformista que o monge concebe este como reflexo do governo de Cristo. A esse respeito, eis o que Lutero (2018, v. 5, p. 346) diz: “[...] pois o governo secular é uma imagem, sombra e figura do governo de Cristo”.

Nesse sentido, cumpre destacar que, a fim de que seja possível criar um Estado capaz de exercer um bom governo, com pessoas hábeis para administrá-lo, faz-se necessário alguns esforços. Dentre eles, destaca-se o investimento na educação como força motriz que reflita nos cidadãos os valores defendidos por Lutero, entre eles, o trabalho e os estudos anteriormente mencionados, além do próprio valor moral para a boa convivência em sociedade.

Afinal, ao defender o regime secular, Lutero (2018, v. 5, p. 347) afirma: “[...] se não existisse o regime secular. Sem dúvida, as pessoas se tornariam animais selvagens [...]”, o que nos permite inferir nessa iniciativa o nascituro do valor laico e universal da educação como um direito-dever que deve ser proporcionado a todos pelo Estado, revelando-se, ainda, como um princípio civilizatório. Sob esse prisma, também concluiu Manacorda:

Embora aqui não apareça claramente a exigência de uma cultura popular, é, porém, de grande importância histórica a tomada de consciência do valor laico, estatal da instrução, concebida não mais como algo reservado aos clérigos, mas como fundamento do próprio Estado. E, é preciso acrescentar, do Estado moderno, embora ainda conserve o nome de Sacro Império Romano: muitos fermentos modernos se agitam efetivamente no seu interior (Manacorda, 1992, p. 199).

Volta-se, novamente, ao conceito de utilidade que Lutero propugna em seu pensamento pedagógico: a educação não como um fim, mas como um meio claro de

alcançar os objetivos traçados com a Reforma, quais sejam, mudar e melhorar o estamento social e espiritual. Segundo Nunes (1980, p. 41), a educação passa então “[...] a visar de modo claro e definido à formação integral do homem, o seu desenvolvimento intelectual, moral e físico”. Por isso, defende-se a carreira secular e insiste que os pais enviem os filhos à escola.

Sob essa égide, exemplificando todos os benefícios que um jurista pode proporcionar à sociedade, Lutero (2018. v. 5, p. 349) menciona que “[...] todas essas grandes obras podem ser realizadas por teu filho, podendo ele tornar-se essa pessoa útil, se o encaminhares para essa carreira e o mandares estudar”. Mas não apenas este ofício é importante, e, desse modo, Lutero (2018. v.5, p. 353) concede a cada ofício um caráter divino: “[...] cada ofício recebeu de Deus sua própria dignidade como também sua ordem e função”.

Por conseguinte, reconhece-se que cada um é importante para que o regime secular ou temporal vá bem. Portanto, a vida dentro do mundo se realiza por meio do trabalho. Sendo assim, Lutero (2018, 1995, p. 338) complementa que um filho instruído será útil à causa de Cristo e a toda a sociedade, e, então: “[...] ele também realiza tão-somente grandes e importantes obras em favor do mundo: ensina e instrui todas as categorias sociais como se devem conduzir exteriormente em seus cargos e suas posições, para agirem com justiça perante Deus”.

Diante disso, aos professores, Lutero atribui grande importância e responsabilidade no que concerne ao fomento sucesso de sua iniciativa de reforma educacional, pois a eles seria devida toda a base que conferiria solidez a esse sistema. Ao pensar em formas de custeio, currículo e métodos, busca justamente definir diretrizes para que os mestres possam exercer os seus ofícios apoiados pelas autoridades e pela sociedade. Contudo, valendo-se do modelo de Cristo, atribui à educação o sentido salvífico, ao professor secular caberia salvar o povo da ignorância.

Conforme Cambi (1999, p. 250), “[...] a ignorância é a maior adversária da fé, por isso deve ser combatida”. Para isso, Lutero propôs um jeito novo de ensinar aos cristãos, instrumentalizando-os para a leitura da Bíblia, por meio do acesso à escola, isto é, por meio de uma instrução básica para todos, fazendo disso um processo educacional contínuo. Adicionalmente, Jardimino (2009, p. 41) reforça que o “[...] ensino das línguas e o livre-exame que anima o homem a tomar posse do mais elementar da cultura, e a leitura. Com isso, assegurava-se o acesso a todo o conhecimento produzido”.

Todavia, para que seja possível abrir as Escrituras ao povo, é necessário fazê-lo compreendê-las executando-se um processo de alfabetização que dever-se-ia ser fomentado por meio da escola e de seus professores capacitados para tal missão. Lutero (2018, v. 5, 1995, p. 359) assim descreve a importância do educador: “[...] resumidamente quero dizer o seguinte: a um professor ou mestre dedicado e piedoso ou a quem quer que seja que eduque e instrua fielmente os meninos, jamais se pode recompensar o suficiente e não há dinheiro que o pague”.

Diante desse cenário, finaliza o seu sermão rogando para que ouçam o seu apelo e não pereçam sem nada fazer pela educação. Dessa maneira, entende-se, conforme Lutero (2018, v. 5, 1995, p. 362), que, “[...] com isso não estás tirando as almas dos falecidos do purgatório, mas, por meio da preservação dos ministérios divinos, estarás ajudando tanto aos que vivem atualmente como também às gerações futuras”. Esse incansável olhar para o futuro é o que destaca Lutero como alguém à frente de seu tempo.

Nessa direção, deve-se evidenciar que, em sua análise, José Forgione (1950, p. 315) reafirma o pensamento de Lutero, e, dessa maneira, afirma que: “[...] convém pensar antes de tudo nas gerações futuras, pois se a abandonarmos a sociedade estará sujeita a desordem”. Ademais, Ponce (1991), em sua obra *‘Educação e Luta de Classes’*, frisa que Lutero é, no campo educacional, um intérprete dos interesses da classe burguesa alemã em ascensão, uma vez que, segundo o autor, é um dos primeiros a afirmar que a instrução constituía uma fonte de riqueza e de poder para a burguesia.

Por outro lado, Ponce (1991) destaca que a intenção do reformador era educar a burguesia, como também as classes desfavorecidas. Contudo, frisa-se que nenhum processo de mudança, fosse ele religioso ou social, seria possível sem a reforma educacional, não apenas para libertar o povo de Roma por meio do livre exame das Escrituras, mas para acompanhar as transformações e mudanças que os novos tempos exigiriam. Se antes o problema estava no investimento pelas autoridades em criar e manter escolas, em um segundo momento estavam os pais que, por resistência, não queriam abdicar da mão de obra auxiliar de seus filhos.

Lutero (2018, v. 5, 1995, p. 357), exemplificando a si mesmo, afirma: “[...] sem dúvida, não teria chegado a esse ponto se não tivesse frequentado a escola e não tivesse entrado na atividade literária”. Ao analisar esse cenário, Durkheim (2011) ressalta que a Europa precisava repensar sua visão sobre a educação, de modo que,

para ele, Lutero, com sua abordagem teológica, não apenas reformulou a relação entre fé e ensino, mas também influenciou diretamente o pensamento pedagógico da modernidade. Portanto, sem um sistema educacional acessível, as transformações que marcaram o período dificilmente teriam se concretizado.

Nessa perspectiva, reconhece-se que a Reforma Protestante, portanto, não foi apenas um movimento religioso, mas também um processo de reorganização do conhecimento, no qual a escola se tornou essencial para moldar indivíduos aptos a atuar tanto no desenvolvimento intelectual e profissional quanto na construção de uma identidade espiritual mais autônoma. Esse modelo educacional ultrapassou os limites da Europa cuja apropriação se deu em diferentes contextos, principalmente entre comunidades que buscavam preservar sua tradição luterana fora do continente.

Quando se observa a análise de Forgione (1950) e Ponce (1991) acerca da atuação de Lutero, é possível identificar que a Reforma Protestante, ao propor o livre exame das Escrituras e a ampliação do acesso à instrução, desencadeou um processo de reorganização profunda das formas de apropriação do saber. Nesse sentido, Chartier (1990) enfatiza que os modos de ler e de se apropriar da cultura escrita variam historicamente e são determinados por condições materiais, sociais e institucionais. A proposta luterana de emancipação espiritual pelo letramento não apenas redistribuiu o acesso ao texto sagrado, mas inaugurou novas formas de subjetivação: o leitor agora é também intérprete, responsável por sua salvação individual, o que implica uma reconfiguração dos papéis sociais e religiosos tradicionais.

Além disso, a escola ocupa lugar central nesse projeto reformador como espaço institucional de disciplinamento, internalização de valores e difusão de saberes. Chartier (1996) argumenta que as instituições escolares são agentes de formação de disposições cognitivas e normativas, e que operam, portanto, como tecnologias culturais de organização social. Lutero, ao defender a criação de escolas mantidas pelo poder público e acessíveis a todas as crianças, propõe não apenas uma reforma religiosa, mas uma transformação social baseada na educação como instrumento de formação do sujeito moderno. Esse processo revela o entrelaçamento entre fé, pedagogia e organização do conhecimento, cuja lógica é análoga àquela identificada por Chartier (1996) nos dispositivos de leitura e ensino da modernidade.

Há que se considerar, ainda, a dimensão transnacional da herança luterana. O modelo educacional reformado ultrapassou os limites da Europa e se estabeleceu

entre comunidades de imigrantes no Brasil, com destaque para o papel do Sínodo de Missouri. Chartier (1996) enfatiza que as formas culturais, como os textos, os rituais e as instituições, não apenas circulam, mas são constantemente reapropriadas nos contextos históricos específicos para onde são levadas. A educação confessional luterana, ao ser transplantada para o Brasil, não permanece intacta: ela se adapta, se reconstrói e se torna central na preservação de uma identidade religiosa e cultural entre os imigrantes germânicos. Assim, as práticas escolares tornam-se mediadoras entre a tradição europeia e o novo contexto local, dando continuidade ao processo de reorganização do saber iniciado com a Reforma, mas agora sob novas formas de apropriação e resistência.

Dessa maneira, ao lançar luz sobre as práticas de leitura, os dispositivos escolares e os modos de circulação cultural, a leitura de Chartier (1990) permite compreender como o projeto educacional luterano foi também uma revolução das formas de apropriação do saber. A Reforma Protestante, nesse sentido, não pode ser reduzida a um fenômeno religioso: ela representa, igualmente, uma mutação no campo das práticas culturais, nas formas de subjetivação e nas estruturas de transmissão do conhecimento.

No Brasil, a educação confessional desempenhou um papel central na formação dos imigrantes germânicos, sendo esse um dos pilares essenciais à manutenção da identidade religiosa e cultural. Nesse cenário, o Sínodo de Missouri emergiu como um dos principais agentes na transmissão da doutrina luterana e na organização da Igreja Evangélica Luterana no país. Para compreender a influência desse modelo e sua consolidação, é essencial examinar como a estrutura educacional e teológica do Sínodo de Missouri moldou a identidade luterana no Brasil, que será o foco da próxima seção.

3 O SÍNODO DE MISSOURI E A IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA

O luteranismo, ao longo dos séculos, passou por diversas adaptações, moldado por diferentes conjunturas históricas. Se no século XVI a Reforma Protestante estabeleceu as bases de uma nova doutrina, os séculos seguintes trouxeram desafios que exigiram reorganização e reafirmação da identidade luterana. Esse percurso não foi homogêneo, mas influenciado diretamente pelos contextos políticos e sociais que redesenharam o papel da religião na Europa. Entre esses fatores, a Revolução Francesa teve um impacto profundo na configuração do luteranismo confessional.

Diante disso, o luteranismo brasileiro se caracteriza, principalmente, pelo protestantismo ligado à imigração. Dessa maneira, cumpre salientar que ele se manifesta, sobretudo, por meio da confirmação de suas práticas, frutos, portanto, de sua terra natal, firmando-se, então, como uma religião étnica. Sob essa égide, cumpre esclarecer que são duas as principais igrejas luteranas, sendo elas a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB e, ainda, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB (Dreher, 2013), esta última pertencente ao Sínodo de Missouri.

Assim, nota-se que o Sínodo de Missouri, para Albrecht (2024), está ligado à imigração de comunidades luteranas para os Estados Unidos, de modo que visava preservar a pureza da doutrina e as tradições luteranas. Fundado em 1847, seu nome oficial é ‘The Lutheran Church — Missouri Synod’, cujo objetivo inicial era proporcionar suporte religioso, social e educacional aos imigrantes alemães. Já Weiduschadt (2012) menciona que as primeiras comunidades surgiram no sul do Estado do Rio Grande do Sul e daí se espalharam para a região meridional do Estado, e, sobre a chegada do Sínodo, reporta o próprio jornal:

Como já ficou dito, o Sínodo Luterano de Missouri teve ensejo de iniciar a evangelização luterana no Brasil ao receber um chamado da parte do velho pastor Brutschin, da Igreja Unidade Alemã do Rio Grande do Sul. Desejava que um pastor do Sínodo de Missouri, no qual havia reconhecido fiel guardião do luteranismo integral, assumisse o pastorado de sua congregação. E assim o Sínodo de Missouri entrou em contacto, primeiro, com elementos teutos do Brasil. Dentro de bem pouco tempo lhe vieram tantos chamados que não havia obreiros que chegassem (Mensajeiro Luterano, fev/1940, p. 15).

O Sínodo se distinguiu de outros movimentos por sua postura confessional, centrada na interpretação ortodoxa das Escrituras e dos escritos de Martinho Lutero. Essa é uma de suas principais características: a fé baseada exclusivamente na Graça e na Justificação pela Fé, como destacado em Romanos 1:17: “Visto que a justiça de

Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé” (Bíblia Sagrada, 1988, p. 191).

Contudo, o Sínodo também desempenhou um papel significativo na formação educacional, promovendo escolas paroquiais e materiais didáticos, e, assim, como explica Weiduschadt (2007), a organização visava, sobretudo, à manutenção do binômio escola e igreja como pilares de suas atividades. Em 1900, o Sínodo iniciou suas atividades missionárias no Brasil, buscando atender às necessidades espirituais de comunidades luteranas imigrantes.

Dessa forma, tornou-se oficialmente uma instituição eclesiástica brasileira em 1904, sob o nome de *‘Der Brasilianische District der Deutsche Evangelisch-Lutherische Synode von Missouri, Ohio und anderen Staaten’* (Steyer, 1999). Contudo, a organização sofreu transformações, adotando, em 1953, o nome Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Sua atuação abrangeu várias áreas, como os campos do ensino, da educação cristã, da comunicação e da ação social, destacando-se na produção de materiais impressos voltados à instrução religiosa (Albrecht, 2024).

A juventude foi um dos focos centrais da missão do Sínodo, pois, para J. Pahl (2003), essa fase era uma das mais controladas e direcionadas por instituições religiosas, que moldaram preceitos de comportamento, sexualidade e gênero segundo valores conservadores. Segundo Albrecht (2024), em 1929, foi lançado o jornal *‘O Jovem Luterano’*, um meio educativo e de socialização destinado a jovens, cuja publicação refletia os ideais do Sínodo, promovendo uma identidade luterana que articulava doutrina, sociabilidade e educação não formal.

Segundo Scalzo (2004), a imprensa periódica complementou a formação de muitos, ao oferecer informações específicas sem a necessidade de dedicação exclusiva aos livros. Dessa maneira, cumpre destacar que a doutrina da IELB enfatizava a integração entre prática e crença, como descrito no Livro de Concórdia (1580): “A Lei instrui sobre o que é justo e reprovável, enquanto o Evangelho anuncia a graça”.

Diante disso, destaca-se que as novas concepções sobre Estado, liberdade e religião alteraram as dinâmicas religiosas nos territórios germânicos, provocando debates sobre a identidade protestante nesse novo cenário. Como aponta Ricardo Rieth (2009), compreender esse contexto é fundamental para entender a formação do Sínodo de Missouri e, posteriormente, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).

Esses desdobramentos não ocorreram de maneira isolada, mas como parte de um movimento mais amplo de redefinição das estruturas religiosas no século XIX.

Ainda conforme Rieth (2009), esse período histórico não apenas abalou estruturas políticas e sociais arraigadas no Sacro Império Romano-Germânico, mas também gerou impactos profundos na organização religiosa da época. A dissolução do império em 1806 e as ideias iluministas, amplamente difundidas pela Revolução, desestabilizaram a relação entre Igreja e Estado, forçando as comunidades religiosas, especialmente os luteranos, a reavaliar suas bases teológicas e organizacionais.

Com a perda do apoio estatal, diz Huff Júnior (2006), os luteranos se viram em uma posição vulnerável, precisando reafirmar sua identidade confessional em meio a tensões entre racionalismo e tradição. Esse cenário fomentou o movimento confessional, bem como plantou as sementes para iniciativas migratórias que levariam comunidades luteranas à América do Norte e ao Brasil. Assim, abordar esse contexto permite entender como as pressões políticas e ideológicas do período moldaram a trajetória do luteranismo, culminando no surgimento de estruturas como o Sínodo de Missouri e a IELB, que buscavam preservar a pureza doutrinária e garantir a continuidade de sua fé em um mundo em transformação.

3.1 MUDANÇAS NA ALEMANHA NA REVOLUÇÃO FRANCESA, COMO ATESTAM OS ESTUDOS DE WARTH, WEIDUSCHADT, REHFELDT E DREHE

O impacto da Revolução Francesa nos territórios alemães, como afirma Antonio Ramos (1995), foi imensurável, especialmente no que diz respeito à organização política e social das regiões que compunham o Sacro Império Romano-Germânico. As ideias iluministas e revolucionárias trouxeram promessas de liberdade, igualdade e fraternidade, mas também geraram conflitos profundos entre tradições religiosas e novos modelos de governança. Segundo Martin Dreher (2001, p. 87), “as ideias iluministas, propagadas pela Revolução Francesa, forçaram uma reavaliação das relações entre igreja e Estado nos territórios alemães”.

Nessa perspectiva, cita-se que o papel da igreja, antes centralizado na vida política e cultural, foi questionado de forma inédita. Portanto, a dissolução do Sacro Império Romano-Germânico em 1806, após a ascensão de Napoleão, levou a uma fragmentação ainda maior dos territórios alemães, com impactos diretos nas estruturas eclesiais. Em razão disso, Mario Rehfeldt (2003, p. 88) descreve esse

período como “a perda de uma estrutura centralizada que dava ênfase à identidade confessional dos territórios”. No entanto, não foi apenas uma época de perda.

Sob essa égide, muitos luteranos aproveitaram para reafirmar sua identidade doutrinária, especialmente em contextos locais, onde a influência do Estado era mais limitada. Portanto, Steyer (1999, p. 14) aponta que “a fragmentação territorial permitiu um ressurgimento da autonomia congregacional em algumas regiões”. Dessa maneira, as mudanças também trouxeram desafios ao clero, pois, em muitos casos, os pastores foram forçados a adaptar sua prática teológica às novas exigências culturais e políticas, muitas vezes comprometendo elementos centrais da confessionalidade luterana.

Para Dreher (2001, p. 89), essa adaptação representava “um dilema constante entre preservar a tradição e atender às demandas de um novo mundo”. Um dos efeitos mais duradouros desse período foi a tensão entre racionalismo e confessionalismo, que se manifestaria de forma intensa nas décadas seguintes. Ademais, segundo Mary Todd (2000), a transição para um pensamento mais racional e menos dogmático influenciou profundamente as instituições teológicas, de modo que se nota que, apesar dessas dificuldades, o luteranismo conseguiu sobreviver ao período revolucionário, ainda que profundamente transformado.

Por outro lado, Rehfeldt (2003) sugere que a resistência do luteranismo estava enraizada em sua capacidade de mobilizar comunidades locais e reforçar a importância da fé. Nessa perspectiva, a modernização econômica trouxe consigo novos desafios para a igreja, incluindo a urbanização e o crescimento de uma classe trabalhadora. Contudo, para Dreher (2001, p. 98), “essas mudanças econômicas exigiram uma reavaliação das práticas eclesiais, especialmente em áreas urbanas”, porém, ao mesmo tempo, a repressão estatal forçou a igreja a se reorganizar internamente.

Diante desse cenário, demandou-se formação de novas associações e a revisão das práticas litúrgicas para atender a uma congregação cada vez mais diversificada (Huff Júnior, 2006). Contudo, apesar das dificuldades, esse período de restauração também viu o surgimento de líderes influentes dentro do luteranismo, que buscavam reconciliar a fé com as demandas do mundo moderno. Diante desse cenário, em seu estudo, Todd (2000) afirma que esses líderes desempenharam um papel crucial na preparação do terreno para o renascimento confessional no final do século.

Complementarmente, Albrecht (2024) argumenta que a restauração modernizante e repressiva deixou um legado ambíguo, destacando, ainda, que, embora tenha criado desafios significativos, também forneceu as condições para um renascimento do luteranismo confessional, que culminaria na formação de organizações como o Sínodo de Missouri. Para muitos luteranos, esse período foi uma oportunidade de reforçar sua fé e identidade, em meio às pressões de um mundo em transformação, e, assim, Rehfeldt (2003) conclui que a restauração foi tanto um obstáculo quanto um catalisador para a renovação do luteranismo.

Sob essa ótica, cumpre pontuar que a União Prussiana, instituída em 1817, foi um dos episódios mais marcantes na história do luteranismo, criada para unir luteranos e reformados em uma única igreja estatal, a União Prussiana, sendo recebida com resistência por muitos luteranos confessionais. Esses enxergaram a união como uma ameaça à pureza doutrinária de sua tradição. Contudo, segundo Dreher (2001), a União Prussiana foi uma tentativa do Estado de subordinar a fé religiosa às demandas políticas, ignorando as profundas diferenças teológicas entre luteranos e reformados.

Essa imposição estatal gerou divisões dentro da comunidade luterana, e, a partir disso, Ramos (1995) descreve a União como uma medida administrativa que desconsiderava as convicções teológicas das comunidades envolvidas. Esse contexto alimentou tensões que seriam cruciais para o fortalecimento do movimento confessional no século XIX. Dessa forma, a resistência à União Prussiana foi liderada por pastores e teólogos que defendiam a fidelidade às Confissões Luteranas, como o Livro de Concórdia. Para eles, a união representava uma traição aos princípios fundamentais da Reforma (Dreher, 2001).

Diante disso, Steyer (1999) aponta que a resistência ao controle estatal sobre a religião foi um marco no desenvolvimento do luteranismo confessional, que enfatizava a independência da igreja em relação ao Estado. Essa resistência também inspirou movimentos migratórios em busca de liberdade religiosa. Entre as consequências mais significativas da União Prussiana estava a migração de comunidades luteranas para fora da Europa, especialmente para os Estados Unidos.

Esse movimento foi liderado por figuras como Martin Stephan, que buscavam preservar a pureza doutrinária em um novo ambiente (Ramos, 1995). Todavia, a repressão contra os dissidentes luteranos dentro da Prússia só reforçou o sentimento de necessidade de autonomia religiosa. Rehfeldt (2003) afirma que os esforços do

Estado para impor a união acabaram fortalecendo a determinação dos luteranos confessionais.

Para muitos estudiosos, a União Prussiana foi um ponto de inflexão na história do luteranismo, pois forçou a igreja a articular uma resposta teológica e organizacional às pressões externas. Sob esse prisma, Todd (2000) sugere que essa resposta foi essencial para a formação de uma identidade confessional forte, que perdura até hoje. Ao longo das décadas seguintes, a experiência da União Prussiana continuaria a influenciar as dinâmicas internas do luteranismo, especialmente no que diz respeito à relação entre igreja e Estado.

A partir disso, Dreher (2001, p. 103) observa que “as lições aprendidas durante esse período moldaram a abordagem confessional adotada pelo Sínodo de Missouri”. Dessa maneira, reconhece-se que a União Prussiana também teve impactos diretos nas comunidades luteranas que migraram para o Brasil, influenciando sua organização e teologia. Esses impactos serão explorados nos tópicos subsequentes, à medida que analisamos o papel do Sínodo de Missouri e da IELB (Huff Júnior, 2006).

3.2 DOIS MOVIMENTOS: DESPERTAMENTO E CONFSSIONALISMO

O movimento do Despertamento (*Erweckungsbewegung*), surgido no início do século XIX, caracterizou-se como uma resposta direta às influências do Iluminismo e às transformações sociais que impactaram a religião na Alemanha. Esse movimento enfatizou a renovação da espiritualidade cristã e a rejeição à aridez racionalista promovida pelas correntes iluministas, e, aqui, a piedade racionalista deu lugar a um retorno à fé experiencial e ao vigor espiritual (Wachholz, 1999). A partir disso, frisa-se que o Frederico Guilherme III, lembra Huff Júnior (2006), rei da Prússia e calvinista devoto, viu no Despertamento um movimento que fomentava a piedade pessoal e contribuía para o desenvolvimento moral do país.

Esse apoio oficial ajudou a legitimar as ações do movimento em meio às tensões entre modernidade e tradição religiosa, porém o Despertamento não ficou limitado à Alemanha. Manifestações semelhantes, como o Grande Despertamento nos Estados Unidos, influenciaram impactaram o modelo alemão, especialmente por meio de sociedades missionárias e bíblicas, pois, segundo Nowak, havia uma dinâmica plural que conectava diferentes movimentos de reavivamento espiritual (Nelson, 1982). Em contraposição ao Despertamento, Huff Júnior (2006) pontua que

o Confessionalismo se destacou por seu objetivo de preservar os fundamentos doutrinários da Reforma.

Diante disso, confessionalistas reagiram ao Iluminismo com um retorno à ortodoxia e à Confissão de Augsburgo como pilares da fé. Em razão disso, o movimento confessional englobou três vertentes principais: a bíblica, que priorizava a centralidade das Escrituras; a emocional, que enfatizava a experiência espiritual; e a confessionalista, que buscava reafirmar a tradição luterana em oposição às políticas de unificação da União Prussiana. Todavia, as celebrações dos 300 anos da Confissão de Augsburgo, em 1830, tornaram-se um marco para o movimento confessional, simbolizando a resistência às pressões modernizadoras e reforçando a identidade teológica luterana (Nelson, 1982).

No Brasil, como pontua Albrecht (2024), o movimento confessional influenciou diretamente a organização da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), que incorporou a centralidade das Escrituras, tendo, como ênfase, a ideia de piedade pessoal, característica herdada do Despertamento e do Confessionalismo. Assim, esses movimentos não foram apenas respostas às crises do século XIX, mas também forças transformadoras que moldaram o futuro do luteranismo confessional, deixando um legado teológico que perdura até os dias de hoje.

Adicionalmente, conforme Huff Júnior (2006), destaca-se também o Stephanismo, liderado por Martin Stephan, um movimento significativo no contexto marcado pelo luteranismo confessional, tomando forma no século XIX. Desenvolveu-se na Saxônia como uma reação às mudanças sociais, políticas e religiosas impostas pelo racionalismo e pelo Estado, e, aqui, Stephan, pastor da igreja São João em Dresden, tornou-se uma figura central ao combinar pietismo e confessionalismo em sua liderança.

Martin Stephan nasceu em Stramberg, Moravia, em 1777, e desde jovem foi influenciado por grupos pietistas. Em Dresden, destacou-se por seu carisma pessoal e por seu fervor teológico, defendendo a centralidade das Escrituras e das Confissões Luteranas contra o racionalismo dominante na época, de modo que o Stephanismo se enraizava na veneração do ministério pastoral e da figura de Stephan (Radünz, 2003). As reuniões, organizadas por Stephan, seguiam o modelo dos conventículos pietistas, com foco na leitura bíblica, oração e reflexão.

No entanto, as suas práticas também geravam controvérsias, visto que foi criticado, por exemplo, por realizar encontros noturnos e por sua relação estreita com

os seguidores. No início da década de 1830, Stephan começou a moldar sua liderança em um modelo hierárquico-místico, no qual sua autoridade era amplamente reconhecida como inquestionável por seus seguidores. Essa dinâmica, embora fortalecesse a coesão interna do grupo, também gerava atritos com autoridades e outros líderes eclesiásticos (Huff Júnior, 2006).

Complementarmente, ressalta-se que, em 1838, como afirma Todd (2000), Stephan liderou uma migração em massa para os Estados Unidos, composta por centenas de luteranos saxônicos que buscavam liberdade religiosa em um novo território. A decisão foi tomada em meio a tensões crescentes com o Estado prussiano, que restringia a autonomia das igrejas. A partir disso, Mary Todd observa que a viagem de Stephan e seus seguidores foi marcada por um compromisso absoluto com a preservação da fé luterana confessional.

Os pastores M. Stephan e C. F. W. Walther, entre outros fiéis seguidores da igreja Luterana, ao não aceitarem tais mudanças, migraram para os EUA em 1838, e, desse modo, Stephan foi afastado da liderança em 1839, acusado de apresentar condutas impróprias. Portanto, em 1847, sob o comando de Walther, fundou-se a *Deutsche Evangelisch-Lutherische Synode von Missouri, Ohio und anderen Staaten* – ou Sínodo Evangélico Luterano de Missouri, Ohio e outros estados, que após alguns anos ante a necessidade de expansão veio à América do Sul nos idos de 1900, através do pastor Christian J. Bróders²³.

Dessa forma, em julho daquele mesmo ano, fundou-se a primeira congregação em solo brasileiro, que contou, inicialmente, com a adesão de 17 famílias congregadas e, simultaneamente, com a instituição de uma escola com 22 alunos (Albrecht, 2024, Weiduschadt, 2007). Assim, o Stephanismo foi um movimento complexo, representando tanto o desejo de renovação espiritual quanto os desafios de liderança e organização em tempos de crise. Apesar de suas contradições, desempenhou um papel crucial na história do luteranismo confessional e na expansão global do movimento.

²³ Christian J. Broders (1867-1932) foi um pastor e missionário norte-americano ligado à Igreja Luterana Missouriana. Foi enviado ao Brasil pela Comissão Geral de Missão Interna L. Lochner “Innere Mission in Suedamérica” e foi fundador do Sínodo de Missouri no Brasil. Foi também capelão do exército americano na Guerra Hispano-Americana (1898), trabalhando em Cuba, e pastor na cidade americana de Scranton, no estado Pensilvânia. Para saber mais sobre ver: Warth (1979).

3.3 O PROTESTANTISMO DE MIGRAÇÃO E DE MISSÃO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

O protestantismo de imigração fincou raízes no Brasil a partir do início do século XIX, caracterizando-se como uma religião étnica que manteve tradições e resistiu à cultura religiosa dominante. Com a chegada dos primeiros imigrantes alemães, em 1824, segundo Elvio Nei Figur (2015), o luteranismo brasileiro se desenvolveu em comunidades isoladas, reproduzindo práticas religiosas da Europa. Diante disso, a Constituinte de 1823 sugeriu a separação entre Igreja e Estado, mas Dom Pedro I manteve o catolicismo como religião oficial.

Dessa maneira, buscava-se limitar a prática protestante ao âmbito privado, visto que protestantes enfrentavam restrições, como a impossibilidade de construir templos com aparência religiosa e a proibição de enterros em cemitérios católicos. A liberdade religiosa foi oficializada apenas em 1890, facilitando a expansão das comunidades luteranas no Brasil. Portanto, a chegada dos imigrantes alemães ao Brasil impulsionou a organização de comunidades religiosas independentes, uma vez que não havia clérigos suficientes para atender à demanda.

A necessidade de assistência espiritual, informa Martin Dreher (2005), levou os imigrantes a buscarem formas de manter suas tradições religiosas. Portanto, muitas comunidades construíram pequenas igrejas e escolas paroquiais, onde os filhos dos imigrantes aprendiam não apenas sobre a fé luterana, mas também a língua e a cultura alemã. Essas escolas desempenharam um papel central na preservação da identidade cultural dos teuto-brasileiros, contribuindo para a formação de uma sociedade coesa em meio a um ambiente predominantemente católico.

A verdade é que, conforme Figur (2015) e Dreher (2005), o luteranismo no Brasil possui duas principais vertentes: a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). A IELB é influenciada pelo protestantismo de missão, refletindo aspectos confessionais da *Lutheran Church Missouri Synod (LCMS)*, sua instituição-mãe nos Estados Unidos, de que se tratou acima.

Esse protestantismo enfatiza uma doutrina rigorosa, rejeição ao unionismo e uso exclusivo da literatura luterana. Ocorre que, conforme Albrecht (2024), a LCMS chegou ao Brasil no início do século XX para consolidar uma identidade luterana ortodoxa entre os imigrantes alemães, pois acreditava que o protestantismo existente

no Brasil carecia de uma base confessional clara. A primeira congregação ligada à LCMS foi estabelecida em 1900 na região de Pelotas, Rio Grande do Sul.

O Sínodo de Missouri teve sua origem nos Estados Unidos, resultado da iniciativa de imigrantes luteranos alemães que, sob a liderança do pastor C.F.W. Walther, fundaram essa organização em 1847. Conforme aponta Figur (2015), esse grupo procurava preservar a ortodoxia luterana e se afastar do unionismo que ganhava força na Alemanha. A tentativa de unificação das tradições protestantes no território alemão, promovida pelo Estado, foi vista por esses imigrantes como uma ameaça à identidade confessional luterana.

Assim, ao chegarem à América, empenharam-se em estabelecer uma estrutura que assegurasse a continuidade de sua doutrina, sem concessões a influências externas. Com o tempo, o sínodo expandiu sua atuação e consolidou a sua presença por meio da criação de seminários e instituições educacionais voltadas à formação de líderes religiosos. Como destaca Figur (2015), essa organização cresceu rapidamente, sempre focada em manter um ensino alinhado à interpretação literal das Escrituras.

Esse movimento de expansão institucional, marcado pela fundação de seminários e escolas, evidencia que o Sínodo assumia o compromisso de formar líderes capacitados para atuar no contexto brasileiro, sem, contudo, renunciar à fidelidade doutrinária. Nesse sentido, destaca-se que a preocupação em recrutar e preparar ministros e professores locais não se restringia ao aspecto prático, mas configurava estratégia cuidadosa voltada a garantir que a liderança da igreja estivesse enraizada entre os filhos do país.

Dessa maneira, fortaleceu-se o enraizamento da IELB no Brasil e se evitou a dependência exclusiva de quadros estrangeiros. Além do mais, registra-se, conforme relatado no Mensageiro Luterano, que tal orientação reafirmava a intenção institucional de consolidar uma presença luterana autônoma e contextualizada, capaz de responder aos desafios locais sem perder a conexão com os princípios e valores que fundamentavam a missão do Sínodo. Em razão disso, a citação a seguir expressa esse cenário:

A Igreja Evangelica Lutherana do Brasil muito logo fundou um seminário, o qual se acha em Porto Alegre, com o fim de criar um ministério e um magistério recrutados dentre os filhos do país [...] (Mensageiro Luterano, nov/1938, p. 84).

Essa abordagem, caracterizada pelo rigor teológico, tornou-se um traço distintivo da doutrina missouriana e guiou suas ações tanto nos Estados Unidos quanto em suas missões no exterior. Dessa maneira, compreende-se que a convicção de que a preservação da fé exigia um compromisso inabalável com a confessionalidade fez com que esse grupo direcionasse esforços não apenas para formar pastores e professores, mas também para garantir que comunidades luteranas espalhadas pelo mundo mantivessem sua identidade doutrinária.

Com a ampliação das atividades missionárias, a atenção do Sínodo de Missouri voltou-se para os imigrantes alemães na América Latina. No Brasil, onde as colônias germânicas cresciam sem uma organização eclesiástica sólida, os missourianos viam a necessidade de agir. A dispersão dos luteranos e a falta de pastores que seguissem fielmente os princípios confessionais preocupavam os líderes do sínodo.

Assim, em 1900, decidiram estabelecer sua primeira missão oficial no país, escolhendo o Rio Grande do Sul como ponto de partida. Nessa perspectiva, frisa-se que a chegada dos primeiros missionários enviados dos Estados Unidos foi motivada não apenas pelo desejo de prover assistência pastoral aos imigrantes, mas também pela urgência de criar estruturas que assegurassem a continuidade do luteranismo confessional em um contexto social e religioso distinto daquele encontrado na América do Norte.

O primeiro missionário enviado pelo Sínodo de Missouri ao Brasil foi o pastor Christian Broders, que, conforme Figur (2015), percorreu diversas comunidades luteranas gaúchas, buscando reorganizá-las segundo os princípios confessionais da LCMS. Durante suas visitas, Broders encontrou um cenário de desorganização religiosa, ocasião em que muitas congregações elegiam os seus próprios líderes sem formação teológica adequada.

Para solucionar essa situação, o Sínodo de Missouri enviava pastores treinados e estabelecia novas congregações concordantes com os princípios doutrinários luteranos de forma rigorosa. Em 1904, com o crescimento das atividades missionárias, o Sínodo de Missouri organizou o Distrito Brasileiro, que viria a se tornar a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).

Em 1904, diante da expansão das atividades missionárias, o Sínodo de Missouri organizou o Distrito Brasileiro, que se tornaria, posteriormente, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). A presença protestante no Brasil, contudo, inicia-se no período imperial, sendo registrada a partir de comunidades formadas com

a imigração de europeus, notadamente de origem alemã, com a qual se inicia a partir de 1820. Essas primeiras comunidades luteranas tinham se estabelecido, fundamentalmente, no sul do país, nas colônias de São Leopoldo (RS) e Blumenau (SC), organizando-se autonomamente em suas práticas religiosas, até a chegada de missionários vinculados ao trabalho de sínodos estrangeiros (como o Sínodo de Missouri) (Almeida, 2011; Schneider, 1995).

A partir dessa data, novos missionários foram enviados regularmente, e iniciou-se a formação de um clero local, que recebia instrução no Seminário Concórdia, fundado em 1903.

O seminário se tornou a principal instituição de ensino teológico da IELB e foi essencial para a continuidade da missão missouriana no Brasil, garantindo que os novos pastores mantivessem a fidelidade à doutrina luterana confessional (Figur, 2015). Dessa maneira, reconhece-se que a doutrina da IELB foi fortemente moldada pela influência missouriana, rejeitando o unionismo e adotando uma abordagem estrita em relação à interpretação das Escrituras e à liturgia.

Sob esse prisma, compreende-se que essa postura fez com que a IELB crescesse de forma mais lenta do que a IECLB, pois sua missão estava mais focada na preservação da confessionalidade luterana do que na expansão rápida entre diferentes públicos. De maneira similar, observa-se que, no entanto, essa fidelidade doutrinária garantiu à IELB uma identidade sólida, atraindo membros que buscavam uma vivência religiosa rigorosa e alinhada com os princípios da Reforma Luterana (Weiduschadt, 2007).

Sob essa ótica, destaca-se que a presença do Sínodo de Missouri no Brasil contribuiu para a estruturação de uma comunidade luterana bem organizada e comprometida com a doutrina. De forma complementar, ressalta-se que, além do trabalho pastoral, a IELB também se envolveu na educação, criando escolas paroquiais e promovendo a formação de professores luteranos através do Seminário. Por conseguinte, entende-se que esse investimento na educação teve um impacto duradouro na preservação da fé e da identidade luterana entre os descendentes de imigrantes alemães no Brasil (Dreher, 2005).

Apesar de ter começado com um foco quase exclusivo na população de origem alemã, destaca Figur (2015), a IELB expandiu sua atuação para incluir brasileiros de diferentes origens. Esse movimento foi lento, pois a identidade confessional forte e o uso predominante da língua alemã dificultavam a inserção de não alemães nas

comunidades luteranas. Com o tempo, contudo, a IELB adaptou suas práticas, adotando o português como idioma principal nos cultos e intensificando seu trabalho missionário entre brasileiros de outras etnias.

Portanto, reconhece-se que a divisão entre a IECLB e a IELB reflete diferenças fundamentais de abordagem missionária e teológica. Enquanto a IECLB incorporou elementos do ecumenismo e da teologia da libertação, a IELB permaneceu firmemente ancorada na tradição confessional luterana ortodoxa. Todavia, a IELB continua a enfatizar a fidelidade às Escrituras e aos credos luteranos como bases de sua identidade (Dreher, 2005).

Assim, observa-se que, com a chegada do Sínodo de Missouri ao Brasil, inaugurou-se um capítulo na história da IELB. Ela consolidou não apenas uma estrutura organizacional, mas também desenvolveu uma forma específica voltada à preservação da identidade luterana em um contexto distinto daquele de sua origem. Nesse contexto, o desafio de manter a confessionalidade em meio a novas influências exigiu um esforço contínuo de reafirmação doutrinária, evitando a diluição dos princípios que fundamentavam essa tradição religiosa.

No Brasil, a necessidade de fortalecer a fé luterana entre os imigrantes levou à criação de diferentes estratégias para reforçar os laços com a doutrina e transmitir seus ensinamentos às gerações futuras. Diante desse cenário, destaca-se que, entre essas estratégias, a produção gráfica e editorial de jornais ocupou lugar central, a exemplo do período *Evangelish-Lutherisches Kirchenblatt fuer Suadamérica* (Jornal da Igreja Evangélica Luterana para América do Sul), criado em 1903 (Weiduschadt, 2012).

Tinha-se como propósito fornecer aos missionários no Brasil um instrumento para apresentar a posição doutrinária e eclesiástica do Sínodo de Missouri (Rehfeldt, 2003). Dessa forma, Albrecht (2024) ao se referir aos estudos de Weiduschadt (2012), menciona, também, que, ao estudar o jornal 'O Pequeno Luterano', produzido pelo Sínodo de Missouri e dirigida ao público infantil, a autora chamou a atenção para a existência de uma linearidade na produção bibliográfica da instituição fundamentada nos preceitos da doutrina luterana.

Para tanto, adotava-se uma linguagem específica para cada seguimento da família atendida por aquela comunidade religiosa. Contudo, Albrecht (2024) ressalta, ainda, que houve o investimento do Sínodo em impressos para regimentar e orientar os seus fiéis e colaboradores. Entre estes, podemos citar o 'Mensageiro Luterano', o

‘Lar Cristão’, ‘Nostra Vitta’, ‘Unsere Schule’, ‘Igreja Luterana’ e ‘O Jovem Luterano’ (jornal objeto desse estudo), dedicada a orientar o público juvenil, entre outros impressos.

Dessa forma, entende-se que estes jornais circulavam de modo a representar mais do que um simples veículo de informação, atuando, portanto, como um instrumento que visava estabelecer uma conexão entre os fiéis. Nesse sentido, operava como um meio focado na orientação, reafirmação confessional e divulgação dos princípios teológicos que sustentavam a IELB. Seu papel ia além da preservação doutrinária, pois também refletia os desafios enfrentados pela comunidade luterana no Brasil.

Para compreender sua importância, é necessário analisar sua estrutura editorial, o perfil dos envolvidos em sua produção e as diferentes formas de circulação que marcaram sua trajetória. Segundo Weiduschadt (2012), a difusão da imprensa educativa e religiosa promovida pelos sínodos luteranos por meio de livros, cartilhas, jornais infantis, juvenis e jornais dos professores, entre outros, representou o investimento destas instituições para se firmar como importantes lideranças diante das comunidades alemãs e pomeranas.

No início do século XX, verifica-se que o Sínodo de Missouri já havia consolidado práticas editoriais destinadas a ampliar sua influência entre distintos segmentos da comunidade luterana. De maneira similar, apontam Albrecht (2024) e Weiduschadt (2012) que a produção gráfica do Sínodo não se apresentava como elemento acessório, mas integrava uma estratégia institucional clara para fortalecer a educação religiosa, consolidar a identidade confessional e articular escola, igreja e família em um projeto compartilhado.

Sob esse prisma, constata-se, segundo Albrecht (2024), que a imprensa tornava-se ferramenta decisiva para regimentar os fiéis e orientar seus comportamentos diante de um cenário permeado por desafios culturais, linguísticos e religiosos. Dessa forma, destaca-se que o ano de 1903 emerge como marco relevante, pois já revela um Sínodo com estrutura editorial organizada, apta a responder às demandas do campo missionário de maneira planejada.

Nesse sentido, salienta-se que, conforme Rehfeldt (2003), é nesse contexto que nasce o periódico *Evangelish-Lutherisches Kirchenblatt fuer Suedamérica*, concebido como instrumento de apoio aos missionários no Brasil e de exposição das posições doutrinárias e eclesiais do Sínodo. Por conseguinte, entende-se que

esse movimento editorial não apenas consolidava a comunicação institucional, mas também evidenciava que a igreja já dispunha de uma rede interna capaz de produzir, distribuir e gerir conteúdos gráficos alinhados a seus objetivos missionários.

De forma complementar, observa-se que a circulação desses impressos reforçava práticas educativas tanto dentro quanto fora das escolas paroquiais, alcançando famílias e comunidades em seu cotidiano. Portanto, assinala-se que, segundo Weiduschadt (2012), materiais como *O Pequeno Luterano* desempenhavam papel essencial na formação moral e religiosa das crianças, enquanto outros títulos, como *O Jovem Luterano*, buscavam trabalhar a identidade juvenil.

Sob essa ótica, compreende-se que o surgimento do *Messageiro Luterano* não configurou episódio isolado, mas integrava um projeto editorial mais amplo, já consolidado, que articulava diferentes impressos para atender aos vários segmentos da comunidade luterana e assegurar a coesão interna frente as transformações sociais e culturais do período. No início do século XX, verifica-se que o Sínodo de Missouri já havia consolidado práticas editoriais voltadas a ampliar sua influência entre distintos segmentos da comunidade luterana no Brasil.

Nesse sentido, aponta-se que, conforme Albrecht (2024), antes mesmo de ser oficialmente registrado como instituição religiosa brasileira em 1904, o Sínodo já investia na produção editorial enquanto estratégia para propagar seus princípios doutrinários e ortodoxos. Por conseguinte, compreende-se que tal movimento editorial não se mostrava isolado, visto que, como destaca Weiduschadt (2012), a circulação de materiais impressos — como livros, cartilhas e periódicos — ocupava papel central na demarcação da identidade e presença luterana, sobretudo entre comunidades alemãs e pomeranas, estabelecendo vínculos sólidos entre educação e religião, essenciais ao projeto missionário da época.

Dessa forma, verifica-se que o ano de 1903 adquire destaque, pois marca a criação do periódico *Evangelisch-Lutherisches Kirchenblatt fuer Südamerika* (Jornal da Igreja Evangélica Luterana para América do Sul), primeiro periódico local do Sínodo de Missouri no Brasil. Sob esse prisma, observa-se que, segundo Rehfeldt (2003), o objetivo primordial dessa publicação consistia em fornecer aos missionários no Brasil um instrumento apto a apresentar com clareza a posição doutrinária e eclesiástica do Sínodo.

De maneira similar, assinala-se que não se tratava apenas de divulgar informações institucionais, mas de sustentar, educar e reforçar a formação religiosa

das comunidades, garantindo a coesão confessional e a fidelidade à doutrina luterana em meio a um contexto permeado por imigração e pluralidade religiosa. Além do mais, destaca-se que a criação do periódico ilustra a preocupação precoce do Sínodo com o uso dos meios gráficos enquanto ferramentas estratégicas de comunicação e educação.

De forma complementar, evidencia-se que, como observa Weiduschadt (2012), a difusão de impressos educativos e religiosos não apenas facilitava a instrução formal e informal dos fiéis, mas igualmente fortalecia a atuação do Sínodo enquanto liderança comunitária. Nesse contexto, compreende-se que tal investimento editorial refletia a convicção de que a educação cristã — formal e domiciliar — deveria permanecer sempre alinhada à doutrina, orientando comportamentos, moldando valores e assegurando a confirmação das crenças luteranas ao longo das gerações.

A circulação de revistas produzidas pelo Sínodo de Missouri na América do Norte demonstra que a denominação mantinha uma articulação internacional refletida diretamente nas práticas editoriais implementadas no Brasil. Nesse sentido, verifica-se que, conforme Albrecht (2024), o projeto missionário que trouxe o Sínodo ao Brasil em 1900 partiu de uma iniciativa norte-americana, sendo os modelos editoriais aqui adotados claramente inspirados nos já utilizados nos Estados Unidos.

De forma complementar, constata-se que essa conexão não se limitava ao plano estrutural ou organizacional, mas estendia-se também ao campo simbólico e comunicacional, uma vez que os impressos norte-americanos funcionavam como referências diretas para os materiais brasileiros, tanto em formato quanto em conteúdo. Dessa forma, assinala-se que um episódio particularmente revelador dessa rede editorial internacional foi a chamada de um proposto (ministro ou pastor em formação) por meio de uma revista norte-americana (Weiduschadt, 2012; Rehfeldt, 2003).

Além do mais, observa-se que, como documentado em Albrecht (2024), em diversas ocasiões as revistas do Sínodo, como *The Walther League Messenger*, atuaram como canais ativos de troca de informações, convocação de agentes missionários e alinhamento estratégico entre a igreja-mãe e suas frentes missionárias no exterior. Sob esse prisma, compreende-se que tal episódio evidencia não apenas o fluxo de pessoas, mas também o papel central que essas publicações desempenhavam na articulação institucional transnacional, operando simultaneamente como ferramentas logísticas e simbólicas.

Por conseguinte, verifica-se que essas iniciativas revelam como o Sínodo de Missouri concebia o uso gráfico e editorial não apenas como instrumento local, mas como parte integrante de uma articulação transnacional²⁴. Nesse contexto, destaca-se que, conforme observa Weiduschadt (2012), tais publicações circulavam enquanto instrumentos de regimentação doutrinária, mas também como vetores de conexão cultural e institucional, capazes de integrar jovens e adultos luteranos de diferentes países em torno de uma mesma identidade confessional.

Todavia, evidencia-se que o caso da troca de informações juvenis entre impressos brasileiros e estadunidenses reforça que, mesmo em contextos locais, as práticas editoriais do Sínodo estavam articuladas dentro de uma lógica global, voltada tanto à expansão quanto à manutenção das redes confessionais. Conforme já discutido nesta tese, a produção de revistas pelo Sínodo de Missouri evidenciava não apenas uma preocupação com a formação espiritual dos fiéis, mas também uma estratégia bem definida de segmentação comunicacional voltada a públicos específicos, como crianças, jovens, famílias e líderes religiosos por meio da leitura e da necessidade de alfabetização.

Como analisado na seção dedicada ao estudo do Mensageiro Luterano e de outras publicações, essas revistas funcionavam como instrumentos de doutrinação e integração comunitária, reforçando as fronteiras identitárias e garantindo a circulação de valores, normas e orientações institucionais dentro de cada grupo segmentado. Esse aparato editorial se consolidava, assim, como parte essencial da comunicação institucional do Sínodo, articulando ensino, pastoral e comunidade de forma coordenada e estratégica. Adicionalmente, vale mencionar que a tese de Weiduschadt (2012) traz menção à revista '*Der Lutheraner*', a qual demonstra já haver uma comunidade de leitores no Brasil.

Esse conjunto de estratégias revela que o Sínodo possuía plena consciência de que diferentes públicos exigiam abordagens gráficas e textuais específicas. Nesse sentido, observa-se que crianças, jovens, famílias e líderes comunitários recebiam materiais cuidadosamente elaborados, tanto em termos de conteúdo quanto de

²⁴ A perspectiva da história transnacional (...) parece ser a mais adequada a fim de conectar esse amplo processo de modernização a redes relacionais bem mais específicas. Ao mesmo tempo, essa perspectiva permite tratar de relações de poder que fluem para além das fronteiras da nação e que ocorrem na escala das relações institucionais e interpessoais voltadas para a produção de modernidades como as que se desdobraram em algumas regiões brasileiras (Lowande, 2018, p. 242).

linguagem, de modo a assegurar que a mensagem luterana fosse compreendida, absorvida e replicada em cada segmento.

Por conseguinte, compreende-se que essa atenção à segmentação e ao uso intencional da imprensa constituiu uma das bases essenciais para a expansão e consolidação do movimento luterano no Brasil. Dessa maneira, frisa-se que permitiu ao Sínodo não apenas preservar sua identidade doutrinária, mas igualmente construir uma rede sólida e duradoura de fiéis conectados por valores, práticas e discursos comuns.

3.4 DISPUTAS E CONFLITOS NO SÍNODO DE MISSOURI NO BRASIL

Como já mencionado anteriormente, havia, no campo missionário, a presença de outras instituições concorrentes, como a igreja independente, o Sínodo Riograndense e a Igreja Católica, de modo que, para Weiduschadt (2012), o Sínodo de Missouri se afirmava como a autêntica igreja luterana, "[...] e com razão, porque a Igreja Luterana é a verdadeira igreja visível de Cristo na terra. Ela ensina todas as cousas por Cristo mandadas. E as ensina de pleno acordo com a Palavra de Cristo" (Mensageiro Luterano, jan/1940, p. 7). Diante disso, há que se elencar algumas das principais disputas e conflitos atrelados a esse período.

Portanto, compreende-se que as tensões não eram ocasionais, e muitas delas foram descritas no Mensageiro Luterano, e, dada a sua pertinência, algumas serão apresentadas com o intuito de situar historicamente como se deu o processo de legitimação desta instituição. Nota-se que já na primeira edição do jornal, em dez/1917, o Mensageiro Luterano traz, dentre as suas notícias, uma carta assinada pelo Rev. Emilio Mueller enviada ao Ilmo. General Carlos Frederico de Mesquita, em comando no estado do Rio Grande do Sul, lotado na 7ª Região Militar (Figura 2):

Figura 2 – Pedido de audiência ao General Mesquita sobre prejuízos com a proibição do alemão



Ilmo. Exmo. Br. General Carlos Frederico de Mesquita, commandante da 7 Região Militar.

Ilmo. e Exmo. Senhor General.

Foi no dia 21 de corrente, que dirigi uma carta a V. Exa pedindo a graça de me conceder uma audiência. Não tendo, porem, recebido até hoje vossa digna resposta, certamente não por culpa de V. Exa., venho muito respeitosamente apresentar a V. Exa. o meu pedido por escripto, visto que o meu officio me obriga a partir d'aqui amanhã.

Requeri uma audiência para expôr a V. Exa. o prejuízo e o embaraço

causado ao nosso trabalho missionario pelo decreto do governo federal que prohiibe o uso da lingua allemã nos ajuntamentos e reuniões populares o qual foi interpretado em muitos municipios a tal que prohiibe igualmente o uso da idioma allemã nas reuniões religiosas.

A nossa corporação religiosa e missionaria, chamada <Synodo Evangelico-Lutherano de Missouri, Ghio e outros Estado>, com séde nos Estados Unidos da America do Norte, é uma sociedade exclusivamente norteamericana que tem as suas missões espalhadas por todos os continentes e trabalha em muitas linguas, mesmo nos Estados Unidos. E' desde 1900 que a nossa corporação está trabalhando n'este progressivo Estado do Rio Grande do Sul entre os teuto-brazileiros, sendo o meio d'instrucção pela maior parte a lingua allemã.

O decreto que se refere ás escolas aliemãs e que tem sido posto em execução, de certo ha de contribuir muito para a naturalisação dos estrangeiros que vivem n'este paiz, principalmente para o conhecimento da lingua vernacula. Achamos pois tal medida bem justa e folgemo-nos muito de ter o governo tomado tal providencia.

Tanto mais lastimamos o impedimento e prejuizo causado pelo decreto estabelecido ao nosso trabalho missionario, visto que a nossa sociedade americana não tem nem quer ter absolutamente nada em commum com o Imperio allemão, os seus fins e intentos ou os seus interesses neste grande paiz. Desejamos, pois, que a ordem tomada pela autoridade militar para guardar os proprios interesses nacionaes contra o governo allemão e seus interesses nacionaes não prejudique ou impeça o nosso trabalho missionario.

Peço muito respeitosa e dignamente a V. Exa. que se digno considerar o meu pedido de exempção de tal medida imposta ás empresas e sociedades allemãs pelo digno governo federal. Chamo a attenção de V. Exa. ao facto que a nossa sociedade não tem nada em commum com a corporação religiosa e missionaria, que se chama «Evangelico Allemão do Rio Grande do Sul», a qual tem relações com as autoridades da Igreja Prussiana, mesmo tem estacionada uma autoridade em Porto Alegre para guardar os interesses da mesma. Chamo ainda a attenção de V. Exa. ao facto que a nossa corporação religiosa desde o principio encarregou-se com o ensino da lingua vernacula.

Sendo americanos conhecemos bem o orgulho que nos incita a obrigar todos os estrangeiros que vivem em nossa grande patria a aprenderem em a lingua vernacula, que é a ingleza. Este principio temos guardado aqui tambem e somos orgulhosos de obrigar a todos de aprender a lingua do paiz em que vivem. Temo nos entoreado de pô-lo em execução, era nos, porem, impossivel com os idosos e nas novas colonias, por exemplo em Guarany, partes de Ijuhy etc.

Peço pois muito respeitosa e dignamente a V. Exa. e esperando uma breve resposta sobre o assumpto essencial aproveito o ensejo para reiterar os protestos de estima e consideração com que sou

de V. Exa.
o mais atento venerador
Rev. Emilio Mueller



Tanto mais lastimamos o impedimento e prejuizo causado pelo decreto estabelecido ao nosso trabalho missionario, visto que a nossa sociedade americana não tem nem quer ter absolutamente nada em commum com o Imperio allemão, os seus fins e intentos ou os seus interesses neste grande paiz. Desejamos, pois, que a ordem tomada pela autoridade militar para guardar os proprios interesses nacionaes contra o governo allemão e seus interesses nacionaes não prejudique ou impeça o nosso trabalho missionario.

Peço muito respeitosa e dignamente a V. Exa. que se digno considerar o meu pedido de exempção de tal medida imposta ás empresas e sociedades allemãs pelo digno governo federal. Chamo a attenção de V. Exa. ao facto que a nossa sociedade não tem nada em commum com a corporação religiosa e missionaria, que se chama soy modo «Evangelico Allemão do Rio Grande do Sul», a qual tem relações com as autoridades da Igreja Prussiana, mesmo tem estacionada uma autoridade em Porto Alegre para guardar os interesses da mesma. Chamo ainda a attenção de V. Exa. ao facto que a nossa corporação religiosa desde o principio encarregou-se com o ensino da lingua vernacula.

Sendo americanos conhecemos bem o orgulho que nos incita a obrigar todos os estrangeiros que vivem em nossa grande patria a aprenderem em a lingua vernacula, que é a ingleza. Este principio temos guardado aqui tambem e somos orgulhosos de obrigar a todos de aprender a lingua do paiz em que vivem. Temo nos entoreado de pô-lo em execução, era nos, porem, impossivel com os idosos e nas novas colonias, por exemplo em Guarany, partes de Ijuhy etc.

Peço, pois, muito respeitosa e dignamente a digna intervenção de V. Exa, e esperando uma breve resposta sobre o assumpto essencial aproveito o ensejo para reiterar os protestos de estima e consideração com que sou.

Fonte: Biblioteca do Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 01, dez/1917, fls. nº 2-3.

Como se pode ver, na referida carta constava um pedido de audiência, a fim de explicar os prejuízos que a missão sofria ante à proibição do uso da língua alemã, em razão da promulgação do Decreto Governamental Federal, por ocasião do ingresso do estado alemão na 1ª Guerra Mundial. Na carta, destaca-se que Sínodo de Missouri

tem raízes americanas e não alemãs, muito embora o seu trabalho missionário se dera justamente em tais comunidades no contexto nacional.

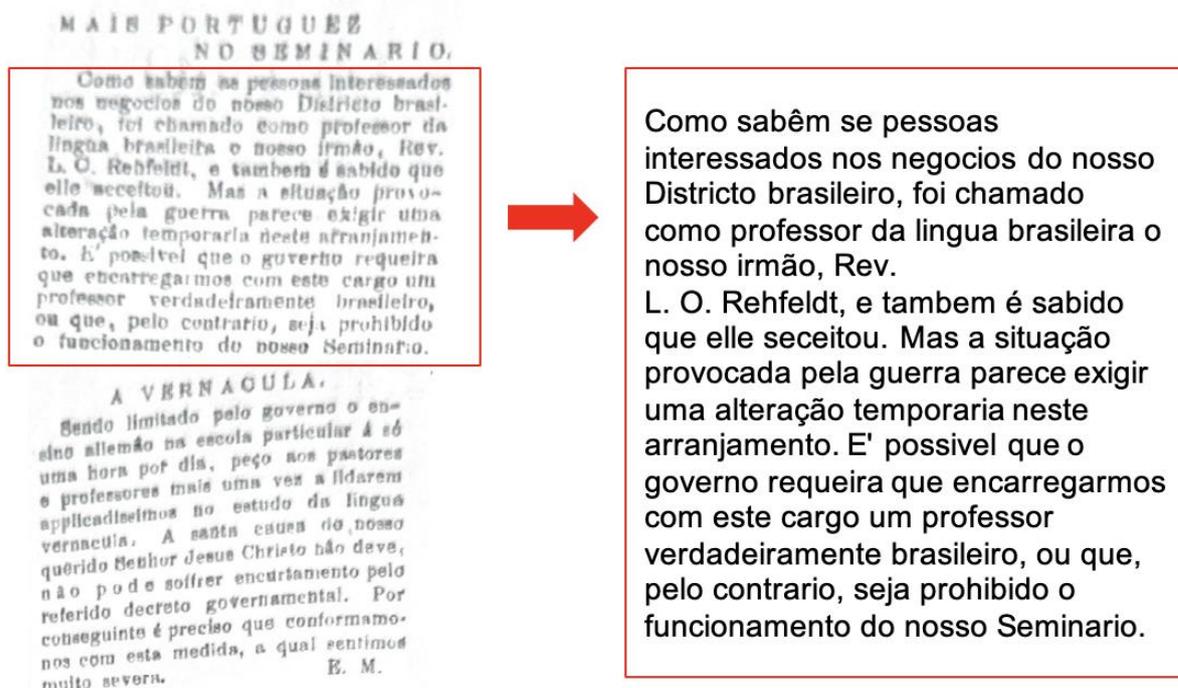
Nessa perspectiva, cumpre frisar que, denuncia-se, ainda, que o Sínodo que mantinha vínculos com a Alemanha era o Riograndense. Assim, ao finalizar, o autor se compromete a ensinar a língua vernácula a todos os estrangeiros que aqui viviam, mostrando, dessa maneira, que tais explicações e justificativas foram utilizadas como estratégias para evitar que os trabalhos missionários fossem interrompidos.

Todavia, a questão do vernáculo marcou crucialmente os primeiros anos do Sínodo e foi um dos pontos que recorrentemente provocou tensões, primeiramente pela falta de pastores e professores que dominassem a língua vernácula. Este problema ocorria em razão da política nacional que proibia o uso do alemão entre as comunidades, fazendo com que os luteranos adotassem certas estratégias a fim de se legitimarem no território pátrio. Sobre estes acontecimentos, sintetiza Rieth (2009):

Durante a Primeira Guerra Mundial, depois que o Brasil se unira aos aliados contra a Alemanha, foram baixados decretos proibindo temporariamente o uso da língua alemã em igrejas e escolas. Isso trouxe grandes dificuldades às comunidades. Não foi por coincidência, portanto, que logo após essa experiência dramática ocorreram as primeiras tentativas de pregar o evangelho a não-germânicos. Merecem destaque as iniciativas de missão entre luso-brasileiros em Lagoa Vermelha (1918-1928) e entre negros em Solidez, Canguçu (a partir de 1919), ambos os lugares no RS. Esses esforços, no entanto, não procederam de um impulso da IELB como um todo, mas originaram-se muito mais do desejo manifestado pelos próprios evangelizados e da disposição excepcional dos pastores que foram ao seu encontro, um deles norte-americano e o outro nascido e formado aqui. A IELB só será sacudida definitivamente no sentido de ir se tornando igreja “[...] do Brasil” durante a Segunda Guerra Mundial, quando, mediante a política de nacionalização de Getúlio Vargas, as proibições quanto ao uso da língua alemã em publicações, escolas e ofícios públicos foram mais drásticas e duradouras (Rieth, 2009, p. 217).

Por essa razão, já na edição de janeiro de 1918 (Figura 3), o impresso notícia a aquisição de bíblias em língua portuguesa, e, ainda, destaca a necessidade da contratação de professor brasileiro para que a língua portuguesa pudesse ser ensinada com propriedade, pleiteando-se uma adequação no cumprimento do decreto governamental que limitou o uso do alemão. O Mensageiro noticia ainda que foi chegado o tempo de avançar a missão entre os luso-brasileiros e não apenas entre os imigrantes e seus descendentes, como vinha sendo até então, já que o objetivo inicial do Sínodo era prestar assistência religiosa às comunidades estrangeiras. Dessa forma, nota-se uma mudança de direcionamento dos trabalhos e a adoção de estratégias para expandir a causa da instituição, como registra a Figura 3:

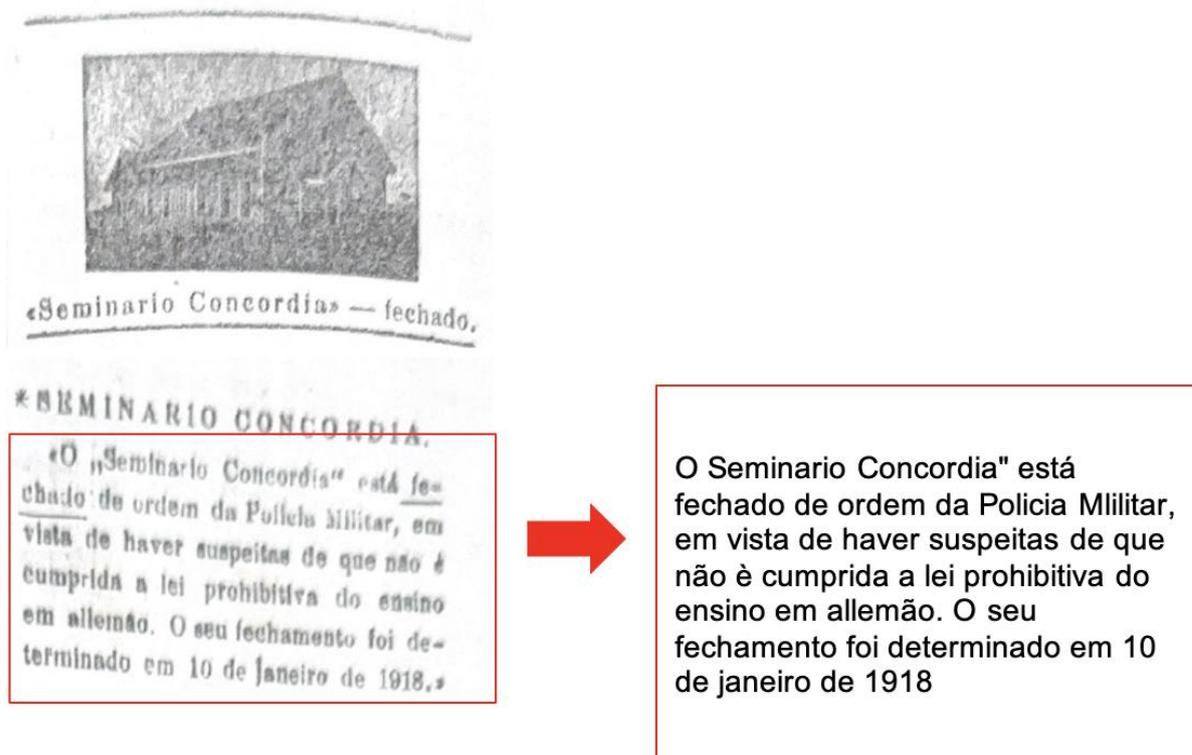
Figura 3– Contratação de professor brasileiro para atender às exigências de ensino em português no Seminário (1918)



Fonte: Biblioteca do Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 02, jan/1918, fls. nº 6.

Sob essa égide, frisa-se que, apesar dos esforços e do temor pelo fechamento do Seminário, nesta mesma edição do jornal, a sua interrupção foi noticiada em 10 de janeiro de 1918. A ordem de suspensão se deu, em tese, pelo descumprimento do mencionado Decreto, que proibiu a utilização do idioma alemão nas aulas. Este, sem dúvidas, representou um momento de grande tensão e insegurança para o Sínodo e para a IELB, ante a interrupção dos trabalhos e à incerteza de permanência da instituição em solo brasileiro, como evidencia a Figura 04:

Figura 04 – Fechamento do Seminário Concórdia por ordem da Polícia Militar em 1918.

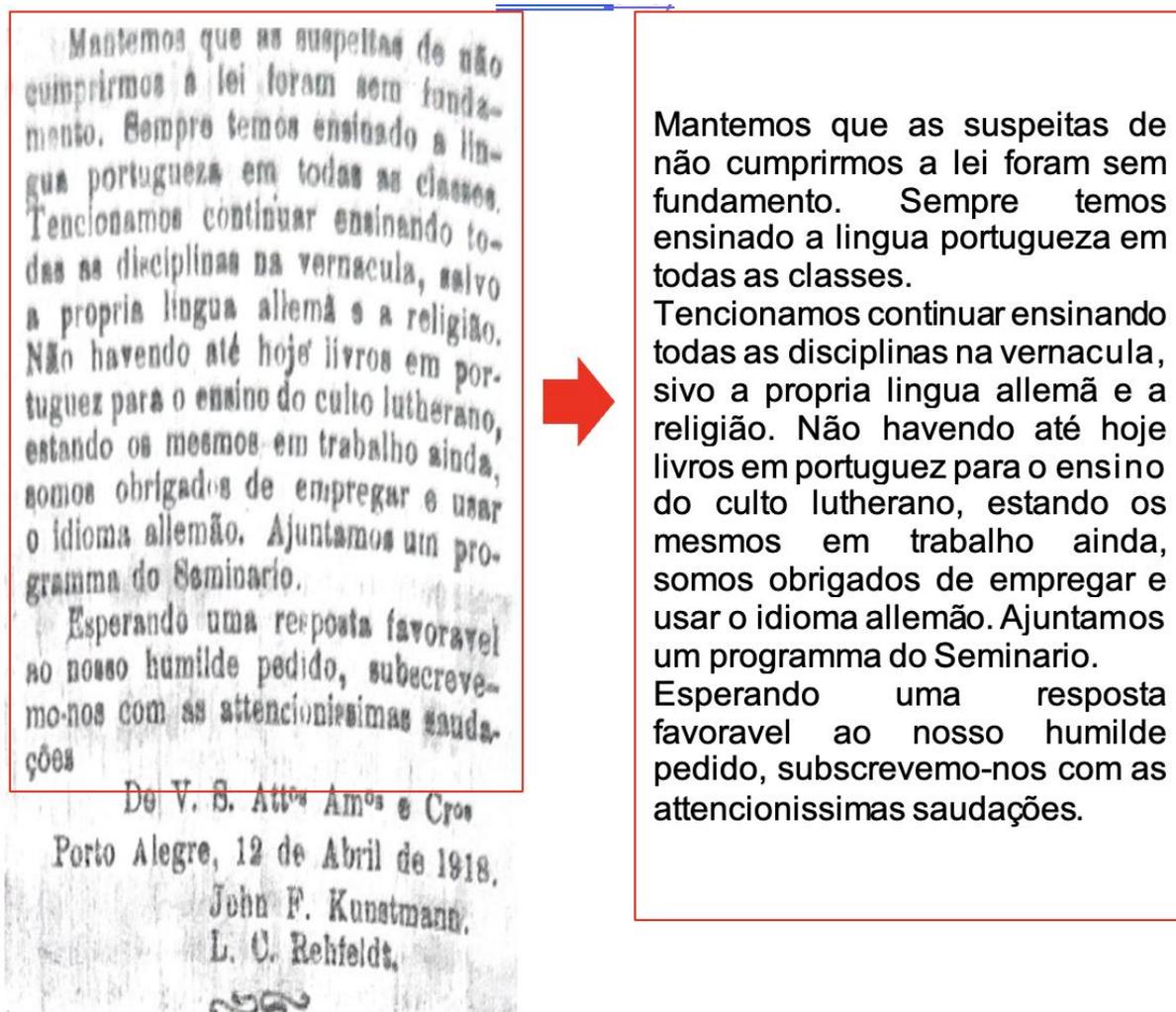


Fonte: Biblioteca do Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 02, jan/1918, fls. nº 7-8.

Contudo, pode-se observar que a justificativa de que o uso do alemão se dava apenas em alguns momentos das aulas foi manifesta na edição de abril do referido ano, por meio do apelo para reabertura do Seminário, como indica a Figura 5. Na ocasião, os professores Rev. Kunstmann e Rehfeldt (2003) mencionam utilizar o alemão apenas de forma pontual, motivados pela falta de livros em língua portuguesa, visando-se tão somente assegurar o acesso ao ensino do culto luterano. Todavia, reforça que o vernáculo era utilizado em todas as disciplinas.

Na edição de março de 1918 o impresso noticiou que estava por finalizar a tradução do catecismo de Lutero. Ademais, na edição de agosto, informa acerca da tradução de hinos, que viria a dar suporte ao ensino da doutrina na língua local. Além disso, observa-se que Lutero popularizou o alemão ao traduzir a Bíblia do latim para a língua vernácula, de modo que é possível identificar este esforço pelo Sínodo que, apesar de obrigado pelas políticas de guerra, trouxe a língua portuguesa para o interior de suas igrejas e escolas.

Figura 5 – Defesa do Seminário Concórdia frente às acusações sobre uso do alemão.



Fonte: Biblioteca do Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 06 abr/1918, fls. nº 22.

Não fica claro no jornal por quanto tempo o Seminário se manteve fechado, haja vista que, na edição de abril, noticiou-se que ainda não se tinha informação da retomada. Todavia, na edição de 15 de junho do mesmo ano, há um pedido pela doação de alimentos para abastecer os estudantes do Seminário, e, na edição de 01 de setembro, informou-se sobre a existência de 07 (sete) novos alunos no curso. Não obstante, as ações adotadas pelo Estado e as políticas promovidas no período de nacionalização regularam as relações dos imigrantes alemães nesse período histórico, numa tentativa de apagamento cultural e construção do identitarismo brasileiro, o que deixou marcas profundas, como ressalta Weiduschadt (2009):

O fechamento de escolas, a proibição do ensino em língua estrangeira, os decretos relativos à proibição do livro didático em língua estrangeira, a proibição de circulação de jornais em língua estrangeira, enfim, as medidas de nacionalização representavam para esses grupos a interrupção de um

processo cultural que vinha sendo mantido há quase um século (Weiduschadt, 2009, p.10).

Esse quadro de imposições nacionalizantes tensionou, ainda mais, o ambiente religioso e educacional, principalmente conforme o fortalecimento do Sínodo de Missouri consolidava-se como uma reação institucional a essas imposições. O Sínodo, ao buscar preservar a sua autonomia doutrinária e linguística, instalou sem querer um verdadeiro campo de disputa, tanto com o Estado nacionalizador quanto com outras instituições religiosas, como o Sínodo Riograndense e a Igreja Católica, que disputavam espaços de influência cultural, pedagógica e espiritual no Brasil.

O fortalecimento do Sínodo de Missouri também instalou um campo de disputas religiosas, seja pela ocupação geográfica, seja pela confessionalidade e doutrina praticadas. Diante disso, Albrecht (2019, p. 89) menciona que “a formação do luteranismo no Rio Grande do Sul não se constituiu de forma neutra e aleatória, mas a partir de um campo de disputas entre dois sínodos [...]”. Contudo, cada Sínodo utilizou de estratégias próprias para se firmar enquanto instituição e ser reconhecida pelos colonos, Weiduschadt (2007) pontua que:

enquanto o Sínodo de Missouri tentava ganhar espaços nas comunidades através de uma confessionalidade coesa nos princípios eminentemente luteranos, através da instalação de seus missionários, o Sínodo Riograndense buscava atuar nas comunidades a partir dos anseios e necessidade que estas apresentavam, tentando adaptar-se à realidade dos seus membros (Weiduschadt, 2007, p. 104).

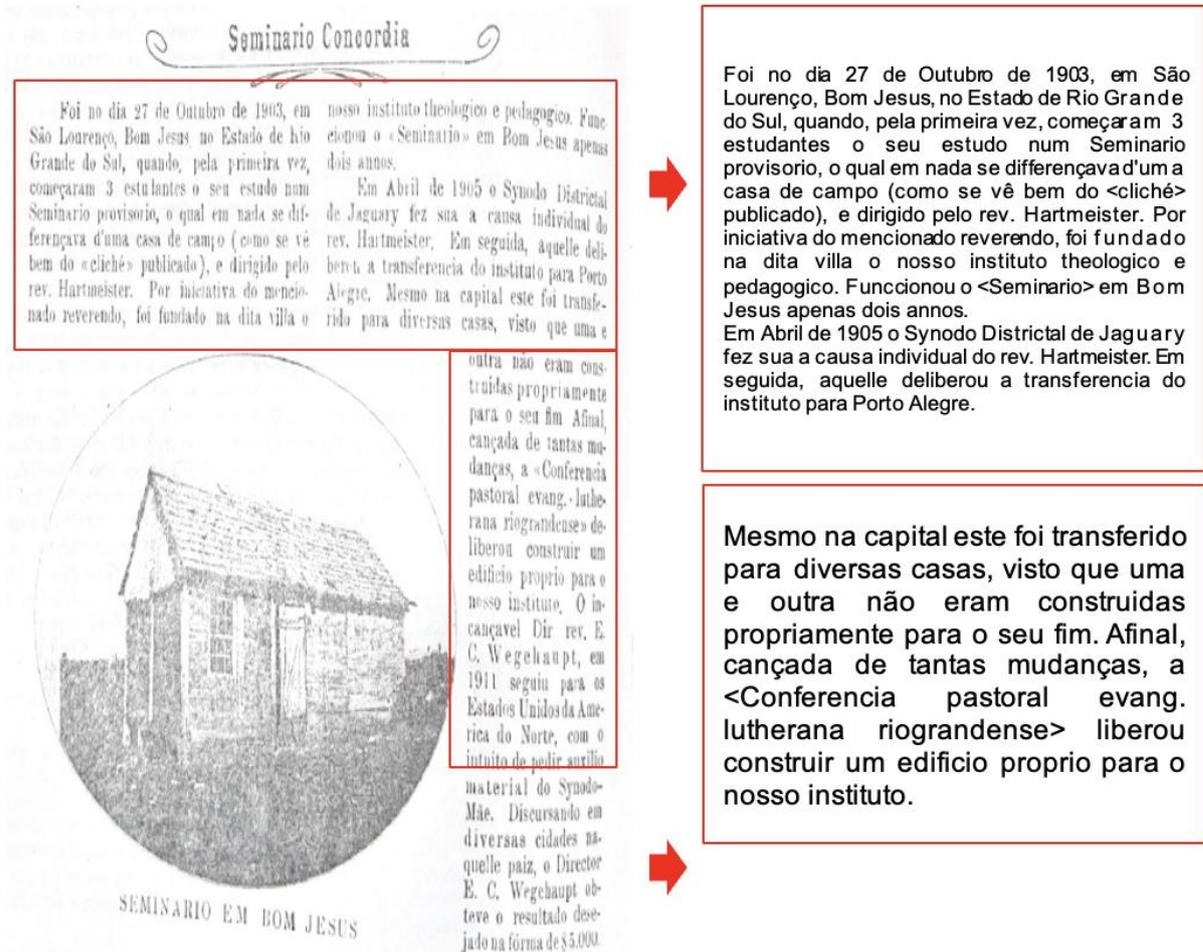
No Mensageiro Luterano, estas disputas foram relatadas em diversos momentos, sobretudo nos anos iniciais do Sínodo. Já na edição de 15 de novembro de 1918, no texto intitulado ‘A Igreja Militante’, o Sínodo de Missouri reportou denúncias de que o Sínodo Riograndense buscou exterminá-lo em Dois Irmãos e em São Leopoldo por meio da tentativa de atrair os ministros do Missouri para o Sínodo concorrente, como indica a Figura 06.

3.5 SEMINÁRIO CONCÓRDIA: BREVE HISTÓRICO

O Seminário Concórdia, também designado de Alma Mater, foi fundado em 27 de outubro de 1903, em São Lourenço, Bom Jesus/RS (Figura 6), antes mesmo da fundação oficial da IELB em 24 de junho de 1904. Pela primeira vez, 03 estudantes iniciaram os seus estudos naquele lugar, que mais se parecia com uma casa de campo, tendo mudado a sua sede, em 1905, para Porto Alegre, haja vista a

necessidade do seu dirigente, o Rev. Hartmeister, e sua família retornar aos EUA, como frisa Weiduschadt (2012). Na capital, o Seminário também mudou de local por diversas vezes, até firmar a sua sede final em São Leopoldo/RS, em 1984.

Figura 6 – Fundação do Seminário Concórdia: origens institucionais e primeiros desafios (outubro/1920).



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 19, out. 1920, fls. nº 74.

A história do Sínodo de Missouri e da IELB está atrelada ao projeto educacional que estas instituições desenvolveram quase respectivamente à sua chegada ao Brasil. Assim, representa a pedra angular do Seminário relacionada ao processo de inserção e disseminação do luteranismo nas primeiras comunidades brasileiras. Inicialmente, mantendo-se a regra de unir igreja e escola, os pastores assumiam essa tarefa e, desde o início, preocupavam-se com garantir o acesso a uma formação aos seus futuros dirigentes, pois isso também asseguraria o sucesso da missão conforme Rieth (2009):

Conforme já vimos, a regra nas colônias de imigrantes era a presença do binômio igreja-escola. Nos primeiros tempos da IELB, praticamente todos os pastores assumiam também a função de mestre-escola. Como o SM tinha professores em número insuficiente para suas próprias escolas nos EUA, poucos foram os que vieram atuar no Brasil. O Instituto em Bom Jesus, que foi fundado em 1903 e antecedeu o Seminário Concórdia, tinha o objetivo de formar pastores e professores para as comunidades. A primeira colação de grau do Seminário Concórdia, em 1912, foi justamente a de professores. (Rieth, 2009, p. 218).

Essa iniciativa pode ser considerada como pioneira, pois, ante a falta de recursos materiais e humanos, fomentou-se uma formação clássica, teológica e pedagógica, como indica Weiduschadt (2012). O Seminário tinha como prioridade a formação de pastores e professores para a IELB, porém, na 1ª edição do Mensageiro Luterano, já com o Seminário de Porto Alegre, informa-se que seriam aceitos “moços procurando educação geral”, que a instrução era gratuita para aqueles que pretendiam servir à Igreja e que seriam cobrados valores pela pensão. Os cursos eram divididos em pro-seminário, curso normal e de teologia, totalizando-se uma formação com 09 anos letivos, cujo currículo era vasto, como aponta a Figura 7:

Figura 7 – Estrutura curricular e objetivos do Seminário Concórdia: formação pedagógica e teológica (1917).

SEMINARIO CONCORDIA.

O Fim. — Este instituto tem por fim formar pastores e professores para a Igreja Evangelica-Lutherana no Brasil. Mas tambem aceita se moços procurando educação geral.

Os Cursos. — O Seminario abrange tres cursos sendo elles 1º o p. seminario, 2º o curso normal e 3º o da theologia.

Disciplinas:

1. O Proseminario, abrangendo 4 annos lectivos. — Portuguez, Latim, Arithmetica, Historia Universal, Allemão, Geometria, Calligraphia, Inglez, Grego, Historia Patria, Desenho.
2. O Curso Normal, abrangendo mais 2 annos acima do primeiro curso, — Continuação do anterior, exceptuando Latim e Grego. Bibliologia, Historia Ecclesiastica, Symbolica, Symbolica Comparativa, Pedagogia, Historia da Pedagogia, Catechetica.
3. Curso de Theologia, abrangendo mais 3 annos acima do 1º curso. — Encyclopedia, Methodologia, Hermeneutica, Isagogica, Exegese do V. N. Testamento, Dogmatica, Symbolica, Sym. Comparativa, Historia Ecclesiastica, Theologia Pastoral, Homiletica, Catechetica, Liturgia.

Nos tres cursos ha ensino de harmonio e canto.

Pensão: Paga-se 30\$000 mensalmente. Instrução é gratuita, salvo para aquelles que não pretendem servir a Igreja: Estes pagam a mensalidade de instrução de 10\$000.

Anno lectivo: abertura, meio do fevereiro; encerramento, meio de dezembro. Professor J. Kunstmann, Avenida Patria 2 A.

O Fim - Este instituto tem por fim formar pastores e professores para Igreja Evangelica-Lutherana no Brasil. Mas tambem aceita se moços procurando educação geral.

Os Cursos - O Seminario abrange tres cursos sendo elles 1º o p seminario, 2º o curso normal e 3º da theologia.

Disciplinas:

O Proseminario, abrangendo 4 annos lectivos - Portuguez, Latim, Arithmetica, Historia Universal, Allemão, Geometria, Calligraphia, Inglez, Grego, Historia Patria, Desenho.

O Curso Normal abrangendo mais 2 annos acima do primeiro curso, - Continuação do anterior, exceptuando Latim e Grego. Bibliologia, Historia Ecclesiastica, Symbolica, Symbolica Comparativa. Pedagogia, Historia da Pedagogia, Catechetica.

Curso de Theologia, abrangendo mais 3 annos acima do 1º curso - Encyclopedia, Methodologia, Hermeneutica, Isagogica, Exegese do V. N. Testamento. Dogmatica, Symbolica, Sym. Comparativa. Historia Ecclesiastica, Theologia Pastoral, Homiletica, Catechetica. Liturgia.

Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 1, dez. 1917, fls. nº 2.

À medida que cresciam as comunidades, expandia-se também o seu projeto educacional, seja nas escolas paroquiais (que não é objeto de aprofundamento desta tese), seja no Seminário, que se apresentava com uma pedagogia diversa da secular, pois, segundo Weiduschadt (2007, p. 79) “a consolidação do Sínodo se deu a partir da formação de uma cultura escolar diferenciada, usando práticas e discursos assentados em valores doutrinários e de formação moral e cristã”. No entanto, talvez pela forte ortodoxia e por, teologicamente, não reconhecer o pastorado feminino, o seminário era exclusivamente masculino, não havendo, no período pesquisado, nenhuma notícia de admissão de qualquer aluna.

Anualmente, anunciava-se no Mensageiro Luterano a quantidade de alunos admitidos, bem como as disciplinas a serem ofertadas, dados sobre a receita financeira do Seminário, bem como se informava acerca da quantidade de formandos, como dar-se-iam os exames finais (Figura 8) e também se noticiava sobre os professores que assumiam as cadeiras²⁵. Nos primeiros anos de sua fundação, acerca da conclusão dos estudos de estudantes, as notícias eram dadas em tom de celebração. Em alguns casos, o curso era dado de forma abreviada, ante a carência de pastores e professores nos campos missionários, o que contribuía para fortalecer o crescimento da igreja.

Figura 8 – Exames finais no Seminário Concórdia (1918).

²⁵ Ver "Crônicas da Igreja da Igreja Evangélica Luterana do Brasil" Warth (1979), para maior aprofundamento acerca dos dados referentes aos diretores e professores dos seminários, mudanças de endereço dos prédios, convenções, resoluções e outros.

Porto Alegre.
Seminario Concórdia.

Os exames finais. — Desde o dia 7 até o dia 13 de Setembro passou uma semana de trabalho intenso para os dous candidatos B. Flor e R. Hasse. Realizaram-se durante estes dias os exames finais. Primeiro fizeram os candidatos provas por escripto acerca das diversas disciplinas theologicas: Exegese do Velho e Novo Testamento, Dogmatica, Historia Ecclesiastica, Catechetica, etc. Por fim no dia 13 reuniram-se todos os pastores que estavam presentes por occasião da nossa conferencia districtal, na sala espaçosa do seminario, para assistirem os exames oraes. Ficaram bem satisfeitos todos os assistentes com os resultados do exame. Admiraram-se todos de ouvir, quanto tinham alcançado estes candidatos, apesar de serem obrigado de concluir o seu curso em cinco mezes, em vez do que num anno inteiro. Todos estenderam os seus parabens mais sinceros ao Prof. J. F. Kunstmaun em plena vista deste seu successo. R.



Os exames finais. Desde o d'a 7 até o dia 13 de Setembro passou uma semana de trabalho intenso para os dous candidatos B. Flor e R. Hasse, Realizaram-se durante estes dias os exames finais. Primeiro fizeram os candidatos provas por escripto acerca das diversas disciplinas theologicas: Exegese do Velho e Novo Testamento, Dogmatica, Historia Ecclesiastica, Catechetica, etc. Por fim no dia 13 reuniram-se todos os pastores que estavam presentes por occasião da nossa conferencia districtal, na sala espaçosa do seminario, para assistirem os exames oraes. Ficaram bem satisfeitos todos os assistentes com os resultados do exame. Admiraram-se todos de ouvir, quanto tinham alcançado estes candidatos, apesar de serem obrigado de concluir o seu curso em cinco mezes, em vez do que num anno inteiro. Todos estenderam os seus parabens mais sinceros ao Prof. J. F. Kunstmaun em plena vista deste seu successo.

Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 17, 15 out. 1918, fls. nº 67.

Os estudantes se organizavam por meio da 'Liga Fraternidade', criada em 17 de maio de 1918, cuja finalidade era oferecer, aos associados, a possibilidade da prática de discussão sobre quaisquer assuntos, especialmente, literários, quais sejam: peças musicais, recitações, cânticos, entre outros (Mensageiro Luterano, jun/1919, p. 47). Percebe-se que tal ação propiciava a criação de laços de sociabilidades entre os jovens, mesmo diante de uma cultura escolar rígida. A esse respeito, destaca Julia (2001):

A cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular (Julia, 2001, p. 10).

Essa formação atendia a critérios sólidos a fim de propagar os ideais do Sínodo e, para tanto, era necessário:

[...] diferenciar-se no contexto, apregoando uma religião doutrinária ortodoxa, pautada numa educação religiosa dos fiéis para os ensinamentos doutrinários e o ensinamento secular. Apostavam em pastores e professores preparados com formação pedagógica e teológica para suprir o projeto educativo e religioso que iria ser instaurado nas comunidades pertencentes ao Sínodo (Weiduschadt, 2007, p. 18).

O currículo contemplava uma formação mais humanística, que dava ênfase na formação moral e do espírito, valores que Max Weber analisou acerca dos primeiros movimentos protestantes, como vimos nas seções anteriores e que se coadunam com os princípios do Seminário. Nota-se, ainda, o desenvolvimento de outras atividades,

além das educacionais, e percebe-se forte ênfase no valor do trabalho, tão presente no discurso de Lutero e no teuto-brasileiro. Ou seja, a associação da prática pedagógica ao desenvolvimento de uma competência profissional e à ideia de utilidade que vimos em Lutero repercutem na experiência do Seminário, de modo que, sobre tal aspecto, destaca Weber:

[...] A capacidade de concentração mental, tanto quanto o sentimento de obrigação absolutamente essencial para o próprio trabalho, estão aqui combinados com uma economia estrita que calcula a possibilidade de altos vencimentos, um autocontrole e uma frugalidade que enormemente aumentam a produção. Isso fornece uma base das mais favoráveis para a concepção do trabalho com um fim em si, como um valor que é condizente com o capitalismo; as oportunidades de superar o tradicionalismo são aqui muito grandes devido à educação religiosa. [...] (Weber, 1992, p. 40).

Sob essa perspectiva, religião e trabalho estiveram interligados e eram abraçados como um sacrifício necessário para se obter sucesso com essa iniciativa educacional. Embora Steyer (1999) destaque que a igreja luterana deu importância à escola paroquial, visando à educação cristã das crianças, é percebido no Mensageiro Luterano a intensa atuação do Seminário, amparado por uma pequena rede de professores com exponencial formação e bagagem cultural, engajados a ofertarem um ensino de qualidade, de modo que Albrecht (2019, p.88) atesta que "para tanto, apostaram em professores e pastores com formação acadêmica e teológica específica". Ademais, conforme Patrícia Weiduschadt e Elomar Tambara (2012):

A capacitação de pessoas para o trabalho teológico e pedagógico era uma das justificativas para o Sínodo investir na formação de pessoal, a fim de difundir as doutrinas luteranas e propagar a sua missão, sem deixar de levar em consideração que seria menos dispendioso formar professores e pastores no Brasil do que financiar pessoas vindas de fora para o trabalho. Tinham consciência de que era preciso fortalecer a educação e a igreja dentro das comunidades já existentes (Weiduschadt; Tambara, 2012, p. 204).

O Seminário, como instituição formadora, ocupou um lugar central na história da IELB, impactando, sobretudo, nas formas pelas quais os seus adeptos construíram a imagem de si, do outro e da própria vida frente a um sistema religioso que equaciona princípios e valores e possibilita a construção de memórias entre a comunidade, valores estes determinantes à construção das representações e das práticas que foram desenvolvidas ao longo dos anos por este coletivo. Assim, era essencial legitimar a formação de pastores e professores como cidadãos brasileiros. Adicionalmente, era necessário demonstrar e consolidar uma identidade nas

comunidades, contando com orientadores locais que recebessem uma formação estruturada pelo Sínodo.

Dessa maneira, pensar na existência e crescimento do Sínodo sem tributar o devido reconhecimento ao Seminário se torna quase impossível, pois “a consolidação do Sínodo se deu a partir da formação de uma cultura escolar diferenciada, usando práticas e discursos assentados em valores doutrinários e de formação moral e cristã” (Weiduschadt, 2007, p. 79). Essa formação se iniciava por meio do Seminário, e dali partiam os pastores e professores que floresceriam no campo missionário os conhecimentos obtidos.

Até aqui, versou-se sobre a História dos movimentos de migração protestante, cujas ações culminaram na chegada dos sínodos luteranos ao Brasil, onde foi travado um campo de disputas em torno de um projeto religioso e doutrinário que tinha como base de atuação a educação. Também se buscou apresentar o impresso religioso em estudo, Mensageiro Luterano, bem como se dissertou sobre a sua materialidade, circulação e disputas, bem como se fez uma introdução à formação teológica e educacional fornecida por meio do Seminário Concórdia.

Assim, a análise da trajetória do Seminário Concórdia, das práticas editoriais do Sínodo e da função pedagógica exercida pelo Mensageiro Luterano evidencia que a apropriação do pensamento de Lutero no contexto teuto-brasileiro não se deu de forma estática ou meramente preservacionista. Nesse sentido, observa-se que as comunidades luteranas no Brasil precisaram, constantemente, ajustar as referências doutrinárias herdadas, traduzindo-as para um ambiente social, cultural e político significativamente distinto do europeu original.

Por conseguinte, compreende-se que essa adaptação envolveu não apenas escolhas pedagógicas — como a formação específica de líderes nacionais — mas também estratégias comunicacionais, como a segmentação editorial para alcançar públicos diversos. Além do mais, destaca-se que a tradição luterana no Brasil permaneceu viva não simplesmente porque foi preservada, mas justamente porque foi reinterpretada e reelaborada diante de desafios históricos concretos.

Sob essa ótica, verifica-se que compreender a presença e a influência de Lutero nas comunidades luteranas brasileiras exige enxergar para além da simples confirmação de ideias e práticas. Dessa forma, reconhece-se, ante o conteúdo exposto ao longo deste trabalho, que o trabalho ativo de tradução cultural e teológica

realizado ao longo das décadas, como demonstram os materiais produzidos pelo Sínodo e pelo Seminário.

Diante disso, entende-se que o Mensageiro Luterano, nesse cenário, emerge como testemunho privilegiado desse processo, permitindo vislumbrar não apenas a continuidade das ideias reformistas, mas igualmente os caminhos pelos quais essas ideias foram ressignificadas para responder às demandas de cada época. Portanto, assinala-se que essas transformações evidenciam que a fidelidade doutrinária não significou imobilismo, mas representou um processo contínuo de adaptação, essencial para manter viva e relevante a essência reformista em novos contextos.

Sobre todos os pontos apresentados, a verticalização ocorrerá em relação as questões educacionais e pedagógicas. Ademais, a quinta e última seção, será dedicada a relação da pedagogia pensada por Lutero e a pedagogia praticada pela IELB, dedicando-se, especialmente, a explorar como se deu a formação do seminário através das categorias de análise, a fim de compreender como se deu a apropriação do pensamento educacional proposto por Lutero pela IELB, por meio da análise do Mensageiro Luterano.

4 O 'MENSAGEIRO LUTERANO': MATERIALIDADE, APRESENTAÇÃO E USOS POR MEIO DOS IMPRESSOS

Esta seção tem como propósito, a princípio, examinar a estrutura do jornal, destacando tanto suas características visuais quanto os elementos linguísticos e organizacionais que a compõem. Na sequência, busca-se reconhecer os sujeitos que participam da elaboração, a quem se direcionava e quais fatores internos e externos que o impactaram. Por último, serão discutidos alguns aspectos relacionados à circulação do jornal em distintas fases de sua trajetória.

Assim, observar os conteúdos presentes em tal impresso, possibilita-nos compreender os usos, as intencionalidades, os objetivos expressos pela instituição religiosa e sua recepção e apropriação dentro do coletivo religioso que está inserida. Segundo Weiduschadt (2012), a necessidade de se firmar enquanto igreja e de orientar de acordo com os princípios luteranos os adeptos daquela instituição religiosa fez com o Sínodo investisse em produções bibliográficas.

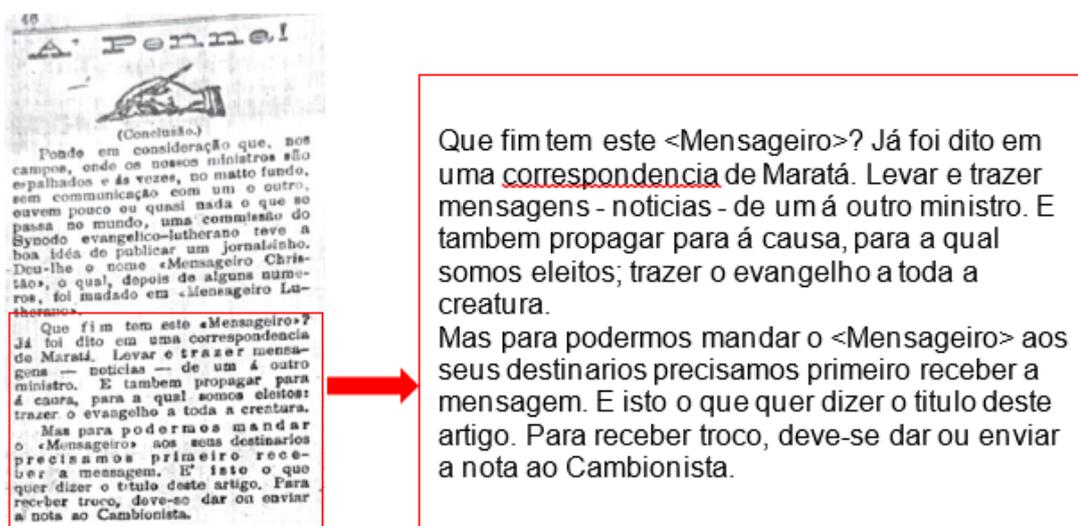
Cada uma dessas produções tinha objetivos direcionados e um público determinado, destacando-se: 'Lar Cristão', 'Nostra Vitta', 'Unsere Schule', 'Igreja Luterana'. Ademais, há 'Jovem Luterano', 'Mensagem Luterano' (jornal em estudo), além do primeiro impresso produzido, '*Evangelisch-Lutherisches Kirchenblatt fuer Suadamérica*' (Jornal da Igreja Evangélica Luterana para América do Sul), criado em 1903 (Rehfeldt, 2003), anterior à oficialização da instituição no país, em 1904.

Conforme Albrecht (2024) outro ponto relevante diz respeito à criação, em 1911, de uma pequena tipografia, improvisada junto ao Seminário Concórdia de composição manual trazida dos Estados Unidos. Ela, posteriormente, viabilizaria a profusão dos diversos materiais impressos utilizados pelo Sínodo e, ainda, anos mais tarde, em 1923, unir-se-ia à agência de livros e se transformaria na Casa Publicadora Concórdia.

Dessa forma, o 'Mensagem Luterano', criado em dezembro de 1917, cujo nome, inicialmente, era 'O Mensageiro Christão', surgiu da necessidade percebida pelo Sínodo em atuar no campo missionário teuto-brasileiro. Essa atuação se deu em um contexto marcado pela proibição do uso do idioma alemão noutros impressos e da adesão dos primeiros luso-brasileiros ao luteranismo, veiculando-se como um canal oficial para informar às comunidades. A partir disso, é preciso compreender quais foram os principais desafios linguísticos, sociais e religiosos.

Nessa perspectiva, a Figura XXX apresenta um esclarecimento, do ponto de vista do próprio editorial, acerca do propósito que enseja o 'Mensageiro Luterano'. Adicionalmente, permite que se visualize, também, o papel desempenhado pelas correspondências missionárias:

Figura 09 – Esclarecimento editorial sobre o propósito do Mensageiro Luterano e o papel das correspondências missionárias



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia²⁶, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 15, jul/1918, fls. nº 46.

A partir da Figura XX, destaca-se que o impresso nasce com finalidades específicas e não apenas divulgava informes, mas transmitia a doutrina luterana por meio da veiculação do jornal que incorporou a dimensão social, formativa e comunitária da IELB, frente às imposições políticas e sociais presentes no Estado nacional, conforme veremos adiante.

4.1 DESAFIOS LINGUÍSTICOS, SOCIAIS E RELIGIOSOS RELACIONADOS À CRIAÇÃO DO JORNAL MENSAGEIRO LUTERANO

²⁶ Para manter a fidelidade histórica e respeitar a materialidade original dos documentos analisados, este trabalho preserva a grafia da época em todas as citações extraídas diretamente dos exemplares do Mensageiro Luterano, mesmo quando essas divergem das normas ortográficas atuais. Essa escolha reforça a importância de situar o leitor no contexto linguístico e cultural do período estudado.

Diante dos desafios linguísticos, sociais e religiosos, a criação de um periódico próprio se tornou não apenas uma estratégia de comunicação, mas uma resposta institucional às demandas do momento. O surgimento de *O Mensageiro Christão*, posteriormente denominado 'O Mensageiro Luterano', materializou a tentativa da Igreja Evangélica Luterana do Brasil de consolidar sua presença missionária entre os luso-brasileiros.

Além disso, há que se citar que havia um outro objetivo, que deve ser salientado, que se trata da necessidade garantir o estabelecimento de um canal oficial voltado à prestação, sobretudo, de informação e orientação para as comunidades dispersas. Todavia, cita-se que essa iniciativa não foi fruto de um esforço isolado, mas de uma liderança comprometida em expandir e afirmar a identidade luterana no país.

Diante desse cenário, destaca-se que, de maneira estratégica, o Sínodo e a igreja se uniram e, desse modo, configuraram-se como espaços pedagógicos. Dessa forma, a educação ocupou um lugar central na adesão dos fieis (Weiduschadt, 2007), uma vez que, segundo Rehfeldt (2003), o investimento na educação garantiria o sucesso da missão, daí a ampla difusão tanto destes impressos quanto de materiais didáticos e paradidáticos.

Em razão disso, Rehfeldt (2003, p. 51) ao tratar das escolas paroquiais, atribui que "[...] especialmente por causa das escolas que se formam as congregações". Por seu turno, Weiduschadt (2012) atribui uma considerável relevância ao Seminário Concórdia, inaugurado em São Lourenço do Sul, em 1903, onde permaneceu por dois anos, pois ali se firmou uma das primeiras instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul.

Contudo, Weiduschadt (2012, p. 41) menciona ainda que "[...] foi feito um esforço e o seminário abrigou cinco jovens que tiveram uma formação clássica, teológica e pedagógica". Portanto, o 'Mensageiro Luterano' demonstra que o referido seminário se tornou a pedra angular da formação de pastores e teólogos responsáveis pela missão de firmar a IELB no território nacional. Em razão de sua relevância tanto no campo educacional, quanto nos acontecimentos que circundavam a presença alemã neste período, o Seminário se tornou um lugar de formação, disputas e legitimação, como será demonstrado ainda nesta seção.

Reitere-se, no entanto, que apesar de se tratar de uma tese situada na área da educação, alguns eventos ocorridos no período em estudo carecem ser mencionados, afinal, os sujeitos que compõem a história em análise não estão à parte do todo social.

Ao contrário, detalham, em muitos momentos do jornal, os acontecimentos que lhes cercavam e os impactos destes na vida cotidiana.

4.2 RECURSOS VISUAIS E LINGUÍSTICOS: A MATERIALIDADE DO IMPRESSO

Diferentemente de outros impressos, o 'Mensageiro Luterano' já nasceu sendo redigido em língua portuguesa, sendo o único jornal publicado em língua vernácula, cuja primeira edição data de dezembro de 1917, sob o título O Mensageiro Christão. Apresentava-se em 04 (quatro) folhas, contendo uma parte final em inglês. A partir da publicação de 15 de maio de 1918, passou a se chamar "Mensageiro Lutherano" e, por fim, na edição que marca os trinta anos do jornal, em janeiro de 1947, recebeu o nome de 'Mensageiro Luterano'.

Esta característica se distingue das demais publicações do Sínodo no período, como *Der Pilger in Christo* (O Peregrino em Cristo), que atendia à edificação espiritual dos membros; *Kirchliche Nachrichten* (Notícias Eclesiásticas), voltado para distribuir informes administrativos e pastorais; e o *Gemeindeblatt*, de abordagem mais devocional e voltado para os membros das congregações luteranas de fala alemã. Todos esses periódicos eram predominantemente em alemão, voltados para uma comunidade de migrantes cuja língua materna ainda era representativa nos primórdios do século XX. Nesse sentido, o Mensageiro Luterano é o periódico pioneiro na gênese da transição linguística e cultural, assumindo um papel estratégico tanto em ampliar a comunicação com os luso-brasileiros, como na consolidação da identidade confessional da IELB no Brasil.

A partir de março de 1918, a coluna em inglês contida no jornal recebeu o nome de '*For The English Readers*', já na segunda edição do mês de agosto de 1918, passou-se a produzir um encarte de duas páginas em inglês com o nome de '*The Lutheran Messenger*', referida alteração pode estar ligada à presença de imigrantes e dos missionários norte-americanos nas comunidades brasileiras e também a necessidade de se informar à sede do Sínodo situada nos EUA acerca dos acontecimentos na missão. Assim, o jornal foi composto por 04 (quatro) folhas em português e 02 (duas) em inglês, com ausências, em algumas edições, deixando de existir a partir da edição de 15 de maio de 1919.

Contudo, frisa-se que, inicialmente, o impresso era tido como um pequeno jornal, mas, após algumas décadas, tornou-se maior, contendo mais páginas. Por

essa razão, neste trabalho utiliza-se a denominação de jornal, dado ao recorte estabelecido. Nos primeiros anos do impresso, a publicação era quinzenal, sendo publicadas nos dias primeiro e quinze de cada mês, passando, a partir de 01 de maio de 1921, a ser publicada uma vez ao mês, porém, continha 08 (oito) páginas em português, conforme noticiado no mesmo ('Mensageiro Luterano', fls. 38, maio/1921).

As publicações eram assinadas por uma Comissão do Synodo Evangélico Luterano, formada por professores do Seminário (Louis Charles John Rehfeldt²⁷ e Johannes Fürchtegott Kunstmann²⁸), bem como contava com a colaboração de alunos. Todavia, anos mais tarde, de 1920 até 1968, as publicações contaram também com a redação do pastor Rodolpho Frederico Mussard Hasse²⁹. O tipógrafo era um estudante, que, mais tarde, formou-se como pastor, cujo nome era Ludwig Kaminski³⁰, que também redigia notícias.

²⁷Até os historiadores protestantes não negam certos pontos fracos de Lutero: devido à sua excessiva grosseria, chamaram-no de "Rabelais da Alemanha", em razão das suas violências, por vezes, serem valoradas como 'bem pouco cristãs', mesmo quando dirigidas ao papa, e aos desconcertantes aspectos de sua atitude por ocasião da guerra dos camponeses (Delumeau, 1989, p. 285).

Assumiu as cadeiras de português, matemática e história no Seminário Concórdia, atividade que exerceu até o ano de 1958. Foi também um dos editores responsáveis pela criação do jornal "Mensageiro Luterano" em 1917, periódico ainda em circulação nos dias atuais. Entusiasta do trabalho entre os jovens, atuou na comissão editorial do jornal "Der Waltherliga- Bote" (1929 - 1939), e de 1940 a 1950 foi editor-chefe do periódico, após este passar pela nacionalização quando mudou o título para "O Jovem Luterano". Foi também um dos fundadores da Casa Publicadora Concórdia, atual editora Concórdia, onde atuou como revisor de texto e no controle dos jornais da instituição até o dia da sua morte, em 1966. Disponível em "Crônicas da Igreja" (Warth, 1979) e "A revista "O Jovem Luterano": educação, doutrinação e sociabilidade na identidade juvenil do Sínodo de Missouri (1929-1971)" (Albrecht, 2024).

²⁸ Johannes Fürchtegott Kunstmann (1872-1942) nasceu em Reichenbach, Alemanha e se formou no Concordia Seminary, em St. Louis, no ano de 1893. Em 3 de março de 1915 iniciava seu ministério no Brasil, que só terminaria com sua morte, em 1942. No mesmo ano de 1915, em dezembro, se formava o primeiro grupo de pastores (5) numa instituição Luterana do hemisfério sul. Prof. Kunstmann, além de lecionar no Seminário, auxiliava nos serviços pastorais da Comunidade Cristo, e na 12ª Convenção Nacional da Igreja (abril 1921) foi eleito Presidente. Era responsável pelo suplemento em inglês que continha notícias gerais sobre o Seminário e dados da tesouraria da Igreja. Disponível em <https://www.ielb.org.br/sobre-nos#johannes-fuerchtegott-kunstmann> acesso 07 jan 2025, "Crônicas da Igreja" (Warth, 1979) e (Mensageiro Luterano, fls. 49, ed. comemorativa jan. e fev. 2019).

²⁹ Rodolpho Frederico Mussard Hasse nasceu em 06/03/1890 em Cortado, Cachoeira do Sul/RS. Em setembro de 1918 Rodolpho Hasse se formou no Seminário Concórdia, na época sediado em Porto Alegre, RS. Em outubro de 1918, Rodolpho Hasse iniciou seu trabalho em Lagoa Vermelha, RS, com uma escola paroquial. O jornal oficial da IELB, o Mensageiro Luterano esteve ao seu encargo como redator de 1920 até jan Disponível em <https://www.hinologia.org/rodolpho-hasse/> acesso 07 jan 2025.

³⁰ Nascido na cidade de Neidenburg na Alemanha em 1883, imigrou para o Brasil com a sua família em 1898. Trabalhou como tipógrafo e repórter de jornal em Porto Alegre até 1918, ano em que entrou no Seminário Concórdia para se formar pastor da IELB. Durante esse período nos turnos inversos das aulas, trabalhou como tipógrafo na tipografia do Seminário ajudando na edição do Kirchenblatt, do Mensageiro Luterano entre outros impressos. Exerceu o pastorado de 1921 a 1949 quando passou a trabalhar na editora Concórdia como redator e revisor dos jornais da igreja como a Luther-Kalender e o Kirchenblatt (Warth, 1979).

Entretanto, a respeito da finalidade do jornal, o próprio impresso revela que o objetivo principal era informar as comunidades e ministros espalhados pelos campos missionários que não dispunham de outros meios de comunicação, além, é claro, de anunciar os evangelhos. Para tanto, o apelo para que enviassem notícias a serem compartilhadas era frequentemente realizado. Nessa perspectiva, destaca-se que o Quadro 2 expressa esse cenário:

Quadro 2 – Mudanças no Jornal Mensageiro Luterano (1917-1947).

Ano	Diferentes edições do Mensageiro Luterano	Mudanças sofridas ao longo do tempo
1917 – primeiro jornal		<p>A primeira edição do jornal reserva um tom mais sóbrio, sem o uso de imagens ou de fontes marcantes, com páginas formatadas em duas colunas. Além disso, nota-se que o próprio título do jornal diferia no princípio. Ainda, vale destacar que esse material era visto, à princípio, como um pequeno jornal, que, no futuro, passou a dispor de uma maior quantidade de páginas, efetivamente.</p>
Maio de 1918		<p>Adiante, em maio de 1918, vê-se a mudança de nome para Mensageiro Luterano, é possível visualizar o uso de imagens e adornos gráficos, também foi adotada a presença de uma fonte com traços mais marcantes, serifas mais chamativas. Ainda, manteve duas colunas de texto.</p>
Janeiro de 1926		<p>Na sequência, cerca de oito anos após a publicação anteriormente analisada, percebe-se que a fonte permanece semelhante, tendo somente adotado um contorno mais suave, um pouco menos adornado. Além disso, o jornal ainda utiliza imagens, mas, desta vez puramente como plano de fundo.</p>
Janeiro de 1929		<p>Diferentemente, a edição de 1929 resgata a sobriedade da primeira, utilizando uma fonte com serifas, mas com um aspecto mais tradicional, com todas as letras em</p>

Redactor: R. Hassé, Rua Coronel Barreto, 101.
 Impressão: Typographia "A. B. S.", Rua Coronel Barreto, 101, Porto Alegre. Expediente: C.A.B. 100/1000. C.O.S. 100/1000, Rua 9, Porto Alegre.
 ANEXO: Preço de Anno Doz. Anno Novo. A doutrina de Jesus Christo e a da igreja romana. Pela Soc. Pelo mundo religioso. Mensário. Netas especial para o leitor. Novo cabeçalho.
 Anno XII. PORTO ALEGRE, Janeiro de 1929. Numero 1

		caixa alta. Nessa linha, as imagens também foram removidas. A explicação da mudança aparece na ed. jan/1929, p. 8.
Janeiro de 1931		Um ano depois, a edição do Jornal do Mensageiro Luterano assumiu um tom mais acessível e moderno. Apesar de manter a fonte com serifa, tradicionalmente associada à elegância, o jornal “brinca” com a curvatura dos textos. Além disso, implementa alguns adornos que compõem a escrita e a tornam mais elegante, preenchendo a página, porém manteve duas colunas de texto. A explicação da mudança aparece na ed. jun/1930, p.40 e set/1930, p. 72.
Janeiro de 1947		Esta edição do jornal comemora 30 anos de existência do Mensageiro Luterano. Em relação ao título, esta edição mantém os mesmo traços da última analisada. Entretanto, apresenta uma mudança considerável de formatação, assumindo três colunas de texto.

Fonte das imagens: Acervo IELB – Seminário Concórdia e Instituto Histórico e elaboração do autor, 2025.

Sob essa égide, pode-se notar que as ilustrações dos impressos examinados evocam representações do Brasil como um país tropical, exótico e até mesmo idealizado. Essas construções visuais indicam não apenas uma tentativa de adequar o discurso religioso ao novo âmbito geográfico cultural, mas, ainda, uma percepção curiosa - e mesmo romantizada - das colônias teuto-brasileiras. Os referidos desenhos atuavam como mediadores simbólicos entre a tradição europeia e a realidade local, possibilitando uma leitura catequética do território que procurava articular elementos do cotidiano brasileiro à identidade luterana em formação.

Cumprе salientar que tanto a capa de 1918 quanto a de 1926 apresentam elementos paisagísticos, e, além disso, verifica-se que o título do impresso se encontra em letras expressivas. Contudo, frisa-se que a mudança ocorrida em 1918 com relação à alteração do nome para Mensageiro Luterano não se deu de maneira ocasional e aleatória. Dessa forma, conclui-se que a necessidade de demarcar que

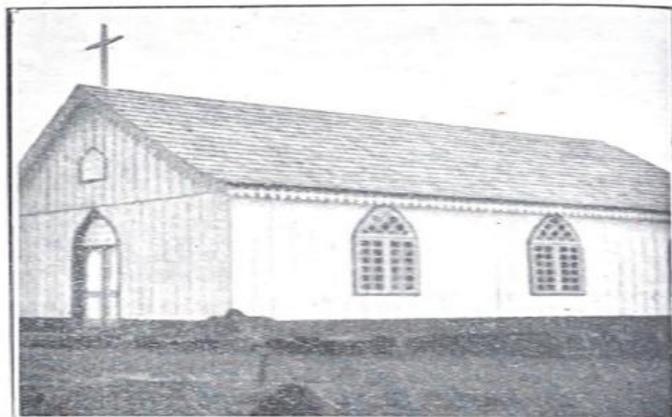
tipo de cristão compunha o Sínodo fez com que fosse adotada esta nova nomenclatura.

Neste sentido, a imagem que acompanha o impresso é extremamente significativa: de um lado, castelos que remetem a tradição europeia e à origem doutrinária da reforma; do outro, coqueiros e uma paisagem tropical evocando o território brasileiro. Esses dois mundos são separados e, ao mesmo tempo, unidos pelo sol, que representa, além da geografia física, também, a intersecção cultural e espiritual entre a matriz luterana germânica e as suas colônias teuto-brasileiras. Essa é uma imagem visual da tentativa de articulação entre a herança reformada e a identidade nacional.

Inicialmente, quanto aos recursos gráficos, destaca-se que a figura central de Lutero se revela imponente e marca, de forma crucial, o sentido do impresso. Nessa perspectiva, o reformador aparece ao centro, cercado por uma coroa, e, ao fundo, apresenta-se o castelo de Wartburg, onde se refugiou e realizou a tradução do Novo Testamento para o alemão. Já a paisagem tropical que aparece ao fundo com coqueiros, o nascer do sol e o rio, são elementos que revelam o campo missionário brasileiro alcançado pelo reformador.

Inicialmente, há que se apontar que, em muitas edições, noticia-se sobre as inaugurações de igrejas, conforme demonstra a Figura 10. Tais instituições tomaram forma nas mais diversas comunidades que compunham o Sínodo, uma vez que muitas destas ocupações se davam em zonas rurais, fortalecendo-se, dessa maneira, o povoamento destes lugares, que, décadas depois, tornar-se-iam centros urbanos. Portanto, a inauguração de cada templo revela o êxito no trabalho missionário e ressalta o intento de se firmar no território nacional, como demonstra, desde suas primeiras edições, o Mensageiro Luterano.

Figura 10 – Novo templo de Arroio das Pedras: símbolo do êxito missionário e do fortalecimento das comunidades luteranas em zonas rurais (edição de outubro de 1925).



Novo templo de Arroio das Pedras.

Fonte: Biblioteca do Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 10, out/1925, fls. nº 94.

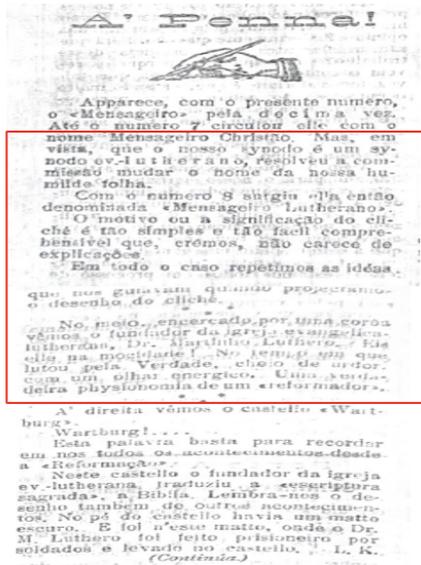
A importância destas fundações em regiões pouco habitadas está para além do viés puramente religioso, posto que não levavam apenas o amparo espiritual. Segundo Rehfeldt (2003), a construção simultânea da igreja e da escola era uma prerrogativa do Sínodo de Missouri, já para Albrecht (2024) a proximidade física entre a igreja e a escola reforçava a importância da educação religiosa e moral na formação dos jovens luteranos. Nesse sentido, conclui-se que a igreja ocupa lugar central na vida dos luteranos e influencia na própria história do povoamento de determinadas áreas do Rio Grande do Sul.

Dessa maneira, representava-se, com essas figuras, a seara de trabalho daqueles missionários, de modo que o uso de tais ilustrações que explanam o cenário brasileiro podem ser compreendido como uma estratégia tática utilizada pela igreja. Assim, Chartier (1990, p. 179) pontua que "a ilustração induz uma leitura", e, em outras palavras, aciona a memória e ativa o imaginário do indivíduo. Se pensarmos nas dificuldades que estavam postas naquele período histórico, ocasião em que despontou a Primeira Guerra Mundial, especialmente as disputas religiosas e simbólicas em torno da presença germânica no território nacional, a ilustração reforça o compromisso das instituições religiosas do Missouri em se firmarem e integrarem à sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, destaca-se que esse cenário pode ser compreendido por meio da utilização da figura de Lutero no centro das paisagens tropicais e representações da natureza local, demonstrando uma resistência passiva uma vez que também Lutero não desejava ser um padroeiro ou dissidente. Logo, é possível inferir que havia objetivos identitários e imagéticos que fomentaram o

desenvolvimento da referida arte e na mudança do nome. Portanto, o próprio impresso traz, na edição de 15 de junho de 1918, na folha 40, uma explicação a respeito:

Figura 11 - A mudança de nome e a construção imagética: Lutero como símbolo central no Mensageiro Lutherano (junho/1918).



Mas, em vista, que o nosso synodo é um synodo ev-lutherano, resolveu a comissão mudar o nome da nossa humilde folha. Com o numero 8 surgiu ella então denominada <Mensageiro Lutherano>. O motivo ou a significação do cliché é tão simples e tão fácil comprehensível que, crêmos, não carece de explicações. Em todo o caso repetimos as idéias que nos guiavam quando projectamos o desenho do cliché. No meio, encercado por uma coroa vemos o fundador da igreja evangelica-lutherana, Dr. Martinho Lutero. Eis ell na mocidade! No tempo em que lutou pela Verdade, cheio de ardor, com um olhar energico. Uma verdadeira physionomia de um <reformador>.

Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Lutherano, edição 15 de jun/1918, fls. nº 40.

Todavia, as mudanças subsequentes são moldadas visando ao fortalecimento do impresso. Dessa maneira, percebe-se que a adesão aos recursos gráficos, ao longo das edições, desencadeou na exploração de imagens para retratar as experiências das personagens mencionadas, recuperando-se momentos importantes para o Sínodo e IELB. Explora-se, também, a mudança da nomenclatura até se chegar à última, pois, em 1947, a letra 'h' é retirada, e, assim, o jornal é designado de Mensageiro Lutherano, nome adotado até a contemporaneidade.

A modificação, possivelmente, deu-se pela própria evolução do vernáculo, uma vez que, por se tratar de um jornal publicado oficialmente em língua portuguesa, acompanhou a terminologia usualmente utilizada. Aliás, na edição de jan/1947, em que se comemorava 30 (trinta) anos de existência do impresso, destacam-se aspectos ligados ao seu crescimento e aos desafios enfrentados ao longo deste período, bem como explora-se a grande quantidade de exemplares publicados, pois perfazia 2.300 (dois mil e trezentos).

Outro desafio que perpassa por toda a existência do jornal diz respeito ao uso e domínio do idioma português, especialmente durante o governo de Getúlio Vargas alguns acontecimentos ressoam no período. Sob essa égide, destaca-se que esse cenário, possivelmente, fez com que os redatores do impresso adotassem estratégias específicas para que não tivessem os seus textos censurados. Em razão disso, Kreutz (1994, p. 61) lembra que "a Nacionalização do Ensino induziu a uma destruição generalizada da memória histórica". Dessa maneira, sobre este período, no que concerne à postura do Sínodo frente a este processo, relata o Mensageiro Luterano:

Com a atual nacionalização do Estado Novo, a Igreja Luterana do Brasil dará mais um passo considerável para o meio do povo brasileiro com o Evangelho não falsificado, restituído aos povos na íntegra pela Reforma de Lutero. O resultado imediato é a publicação dos períodos vernáculos *O Jovem Luterano*, *O Pequeno Luterano* e a *Igreja Luterana*. O último é publicação técnica, destinada aos pastores e professores, enquanto o primeiro é a revista da juventude e o segundo a revista das crianças da Igreja. A's famílias luteranas brasileiras oferece a Igreja Luterana o anuário intitulado *Lar Cristão*. (Mensageiro Luterano, fev/1940, p. 16).

Outro ponto que chama atenção no impresso diz respeito à edição de jan/1929, visto que apresenta uma coluna para informar aos leitores acerca da mudança em seu cabeçalho, removendo as imagens de fundo e figuras que remontavam a lugares alemães e a alguns símbolos da Reforma. A partir disso, conclui-se que se manteve apenas o nome do impresso em caixa alta e sem adornos, demonstrando a intenção de tornar o jornal um informativo mais formal e solene. Curiosamente, a coluna noticia a insistência na mudança e menciona que o intuito foi latinizar o impresso.

Outra questão que atrai a atenção diz respeito à edição de jan/1929, uma vez que apresenta uma coluna para informar os seus leitores sobre a mudança em seu cabeçalho, removendo as imagens de fundo e figuras que eram alusões a lugares alemães e a alguns símbolos da Reforma. A partir daí, se conclui que se manteve apenas o nome do impresso em caixa alta e sem adornos, indicando a intenção de tornar o periódico um informativo e formal. O mais curioso é que a coluna dá conta da insistência na mudança e menciona que se quis latinizar o impresso.

Essa reformulação pode ser explicada pela perspectiva de Roger Chartier (1990), para quem os impressos são produtos de práticas sociais e portadores de representações simbólicas que se transformam conforme os contextos históricos e culturais. Nesse sentido, a modificação do cabeçalho não é apenas um componente gráfico ou estético, mas expressa uma tentativa deliberada de reconfiguração da

identidade visual do jornal a fim de acessar novos públicos e remodelar o processo de adaptação cultural a qual estavam se sujeitando as comunidades luteranas no Brasil.

Ao eliminar, da ordem visual, elementos que evocam a tradição germânica e a iconografia reformada e ao empregar um modelo mais sóbrio e vernacular, o impresso engaja os processos de latinização e nacionalização que atestam lutas simbólicas e estratégias de inserção em uma sociedade de língua portuguesa e tradição católica. Passa-se aqui, portanto, de um movimento de ressignificação que demonstra que a materialidade do texto - neste caso, do seu cabeçalho - faz parte também do processo de construção de sentidos, conforme destaca Chartier.

Vale ressaltar que Chartier (2010, p. 25) sublinha que “o sentido de qualquer texto depende das formas que o oferecem à leitura, dos dispositivos próprios da materialidade do escrito”. Isso se verifica nas transformações do Mensageiro Luterano, cuja transformação gráfica, da sobriedade inicial à inserção de imagens e alterações tipográficas, demonstra um esforço de moldar não apenas a aparência, mas também os modos de recepção e interpretação do conteúdo por parte dos leitores, em um contexto de disputas identitárias e religiosas.

Num segundo momento, ao considerar a mudança do nome do jornal e a inserção de ícones visuais como a figura central de Lutero entre paisagens tropicais, pode-se compreender, à luz de Chartier (1996), que a ilustração “induz uma leitura” e opera como um dispositivo estratégico de orientação interpretativa. Nesse caso, a representação visual de Lutero no Brasil sugere uma tentativa de localismo simbólico, alinhando o discurso religioso luterano com o ambiente tropical e nacional, em resposta tanto às exigências do campo missionário quanto às pressões do nacionalismo cultural do Estado Novo. Tal recurso visual, conforme aponta Chartier, pode ser entendido como uma forma de “protocolo de leitura”, que direciona e condiciona a apreensão do texto por seus destinatários.

A oscilação entre formas visuais mais ornamentadas e momentos de sobriedade editorial, como no cabeçalho de 1929, pode ser lida sob a lente das “mutações das práticas de leitura” indicadas por Chartier (1996), para quem a leitura é uma prática social situada historicamente, que muda conforme os suportes e as expectativas dos leitores. A decisão editorial de simplificar o cabeçalho e “latinizar” o impresso reflete não apenas uma adequação estilística, mas uma tentativa de aderência ao novo perfil de leitor e à conjuntura política marcada pela repressão à cultura germânica. Nesse sentido, o Mensageiro torna-se um artefato moldado por

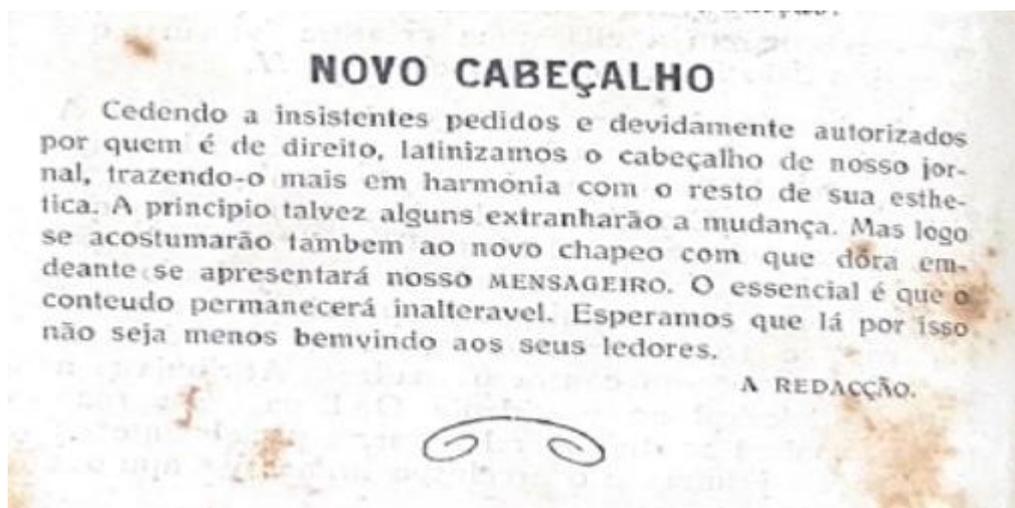
dispositivos gráficos que visam não apenas comunicar, mas disputar sentidos no espaço público.

Além disso, a transformação do impresso de folhetim missionário para jornal mais elaborado, com seções definidas e vocação informativa com a presença de colunas específicas voltadas para famílias, missionários, necrológios e debates teológicos reflete um esforço de mediação entre a produção textual e as comunidades de leitores, estabelecendo laços afetivos e identitários por meio de um aparato gráfico e retórico que atua na recepção dos conteúdos. Tal como ressalta Chartier (1990), trata-se de práticas editoriais que operam como tentativas de “domesticar” o leitor, orientando suas leituras e suas respostas simbólicas.

Por fim, a própria instabilidade da forma do impresso, ora mais próximo de um jornal, ora próximo de uma revista, reforça a tese chartieriana de que as formas materiais do texto são constitutivas de sua inteligibilidade. A adoção de três colunas em 1947, por exemplo, e o aumento do número de páginas dialogam com o que Chartier (1996) denomina de formas e suportes da escrita como fatores fundamentais para compreender os usos sociais do escrito. Assim, a história editorial do Mensageiro Luterano revela-se não apenas como um percurso gráfico, mas como um processo de negociação entre o conteúdo teológico, as pressões sociais e políticas e as expectativas leitoras, conferindo ao texto uma historicidade material que só pode ser desvelada pela articulação entre discurso e suporte, como propõe Roger Chartier.

No período pesquisado nesta Tese (1917-1947), o impresso esteve enquadrado como jornal, pois até mesmo a edição comemorativa de 30 anos, celebrada em jan/1947, adotava a designação "jornal luterano publicado em língua portuguesa". Entretanto, percebe-se, nesta edição de 1929, mudanças profundas, não apenas no cabeçalho, mas nas fontes tipográficas, no design, na organização das colunas e de alguns conteúdos, de modo que o impresso deixa de ser concebido como jornal para ser enquadrado como revista.

Figura 12 - Novo cabeçalho do Mensageiro Luterano (1929).



Fonte: Biblioteca do Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 01, jan/1929, fls. nº 8.

Além disso, também era desafiadora a tarefa para manter em circulação o impresso e fazê-lo chegar aos leitores diante do cenário político e social. Não à toa, a partir das edições nº 3 e 4, de março e abril, até a edição nº 7, de julho de 1930, publicou-se um artigo intitulado de 'Estado e Igreja'. Ali, apresentou-se um estudo acerca dos Dois Reinos (doutrina criada por Lutero para distinguir o reino temporal do espiritual e de que forma ambos devem coexistir).

Nessa perspectiva, cumpre destacar que, no artigo, abordou-se, sobretudo, acerca da separação que seria necessária entre as duas searas, de que modo um reino pode servir ao outro a fim de que se preserve a sua autonomia. Além disso, discutiu-se sobre a importância de se manter a liberdade religiosa, fruto da Reforma Protestante. Assim, o próprio jornal notícia sobre tais atrasos e sobre as dificuldades para enviar o jornal (Figura 13), a exemplo da ed. nº 10 de out/1930.

Figura 13 - Explicação editorial sobre os atrasos nas edições de agosto a novembro de 1930, devido a interrupções no correio durante tensões nacionais.

EXPLICAÇÃO

Em consequencia das occurrencias no paiz, o correio para o sul esteve por bastante tempo interrompido. Por essa razão os manuscritos só voltaram com muito atrazo. E' esse o motivo do grande retardamento na sahida do jornal. Tivemos que entregar ao prelo de uma só vez os numeros de Agosto, Setembro, Outubro e Novembro, apesar de os manuscritos terem estado promptos com a antecedencia necessaria. Pedimos aos prezados leitores relevarem esta demora involuntaria. E o conteudo de nosso mensario é sempre opportuno.

A Redacção,



Em consequencia das occurrencias no paiz, o correio para o sul esteve por bastante tempo interrompido. Por essa razão os manuscritos só voltaram com muito atrazo. E' esse o motivo do grande retardamento na sahida do jornal. Tivemos que entregar ao prelo de uma só vez os numeros de Agosto, Setembro, Outubro e Novembro, apesar de os manuscritos terem estado promptos com a antecedencia necessaria. Pedimos aos prezados leitores relevarem esta demora involuntaria. E o conteudo de nosso mensario é sempre opportuno.

Fonte: Biblioteca do Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 10, out/1930, fls. nº 72.

Os textos, em sua maioria, iniciavam-se abordando sobre alguma temática religiosa, recuperando, por exemplo, mensagens bíblicas, sermões, quaresmas, adventos, escritos em defesa da fé e dos fundamentos luteranos, entre diversos outros. Além disso, cita-se que os conteúdos do jornal relatavam acontecimentos da época, explorando-se, por exemplo, eventos como a Primeira Guerra Mundial, a gripe espanhola, os decretos governamentais, tensões com o Sínodo Riograndense³¹, com a Igreja Católica, dedicava-se a discutir sobre as igrejas independentes (não vinculadas a nenhum dos Sínodos) e sobre o processo de nacionalização das escolas. Adicionalmente, apresentava notícias do Seminário Concórdia, principal espaço ligado à formação das lideranças da IELB, e, assim, entre as colunas existentes, apareciam com frequência:

³¹ O Sínodo Riograndense é uma instituição religiosa de cunho luterano influenciado e, em muitos casos, subsidiado por igrejas luteranas alemãs. Essa instituição se estabeleceu no Brasil no século XIX, a partir da reunião de pastores vindos da Alemanha para atuar nas unidades de imigração, consideradas luteranas. A sua expansão se deu mais em comunidades no norte do Estado que valorizavam a Igreja e a escola, como uma instituição associativa. Atualmente é conhecido pela IECLB. (Weiduschadt, 2012). Para saber mais, ver em René Gertz, *O perigo alemão* (1998); Elomar Tambara, *O positivismo sob o Castilhismo*, tese de doutorado (1991), Martin Dreher, *Igreja e Germanidade* (1984).

Quadro 3 – Colunas do jornal Mensageiro Luterano publicadas entre 1917 e 1947.

TÍTULO	ASSUNTO
SEMINÁRIO CONCÓRDIA ou apenas SEMINÁRIO	introduziam-se as notícias relacionadas à atuação dos professores e estudantes, bem como se apresentavam os dados sobre o setor financeiro, as datas sobre o início e finalização das aulas, anunciava-se quando ocorreriam as formaturas etc.
NOTÍCIAS DE FORA	apresentava-se aos leitores os principais acontecimentos ocorridos nas comunidades e igrejas
PELA SEARA	informava-se sobre o trabalho dos missionários nas comunidades e campos de atuação, bem como acerca das dificuldades que enfrentavam, sobre aquelas ligados à conquista de novos fiéis, dentre outras
PELO MUNDO RELIGIOSO	exploravam-se as notícias sobre acontecimentos externos ocorridos em torno mundo, mas não apenas aqueles ligados à própria igreja ou ao sínodo, mas também se elucidava sobre outras denominações, bem como sobre acontecimentos da Igreja Católica e mais
EM TORNO DO LAR	noticiavam-se sobre os noivados; casamentos; nascimentos; e outros acontecimentos ocorridos nos lares dos membros
MORTUÁRIO/ÓBITO	noticiavam-se sobre os falecimentos ocorridos
MISCELLANEA/DIVERSAS NOTÍCIAS e, por último, DIVERSAS	traziam-se discussões bíblicas, com profundas reflexões sempre em defesa da fé luterana, bem como teciam-se críticas direcionadas, especialmente, ao catolicismo e às suas práticas

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Em todas as edições pesquisadas, nota-se que há uma preocupação evidente: firmar-se um compromisso ligado à atração de novos assinantes e leitores, portanto, a escolha minuciosa das temáticas pode ser percebida também como uma estratégia para conquistar novos adeptos e fortalecer os que já eram membros. Desse modo, nota-se que as abordagens do jornal, de modo geral, demonstram um grande esforço em defender os fundamentos e costumes luteranos, especialmente pelo campo de disputas que se instaurou com o Sínodo Riograndense e a Igreja Católica, religião predominante no Brasil.

Diante de tais observações, se faz necessário entender o Mensageiro Luterano em seu período, estabelecendo as condições históricas, políticas, sociais e religiosas incumbidas à sua produção, circulação e recepção. Diante desse cenário, cumpre salientar que, a medida em que o jornal adquiriu um *corpus* profissional, novos

elementos podiam ser observados. Sob esse prisma, ressalta-se que alguns aspectos se sobressaíam, como, por exemplo, a utilização de figuras, tipografia, fontes, arte visual, bem como se nota a forte presença de elementos religiosos, sobretudo com a representação de Lutero, entre outros. Contudo, os conteúdos, de modo geral, são direcionados a toda família, ao lar luterano, à igreja, conforme já demonstrado no quadro anterior, porém, ao longo dos trinta anos pesquisados, não se percebe grandes variações destas temáticas.

No entanto, a partir da edição nº 04 de abril de 1923, é possível perceber uma preocupação em registrar imagens de eventos e personagens. Cita-se como exemplo o cenário apresentado pela Figura 14, que remonta à reunião da Conferência de Membros, realizada em Lagoa Vermelha. Ela tem a sua relevância por se configurar como a primeira comunidade luterana luso-brasileira, o que demonstra o sentido missionário do sínodo inspirados no ideal de Lutero de levar o evangelho a todos.

Figura 14 – Primeira comunidade luterana luso-brasileira em Lagoa Vermelha: marco histórico das conferências e do trabalho missionário (edição de abril de 1923).



Fonte: Biblioteca do Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 04, abr/1923, fls. nº 30.

Já na edição nº 01, de janeiro 1925, além de se trazer as notícias costumeiras dentro do impresso, em forma de encarte/pôster, registram-se, na Figura 13, os formandos do Seminário Concórdia, concluintes no mês de dezembro do ano anterior. Sobre esse aspecto, Weiduschadt (2007) pontua que a formação dessa instituição perpassou com conflitos e com tentativas de buscar mais fiéis. Portanto, a educação

necessitava de pessoal qualificado, e, assim, não poder-se-iam serem designados às escolas ligadas ao Sínodo de Missouri professores desqualificados.

O mesmo ocorria com pastores sem formação teológica, que não poder-se-iam serem designados às igrejas. Estes formandos seriam cruciais para a expansão missionária, pois, conforme informa o jornal, havia, naquele período, uma demanda de 20 (vinte) campos missionários, tendo sido 07 (sete) os então concluintes da formação teológica e aptos a pastorear igrejas, o que se alinhava à proposta de Lutero de que, às lideranças, exigir-se-ia preparo espiritual, teológico e moral. Além disso, com esta inserção, o jornal assume a função não apenas de informar, mas também registrar a memória dos construtores de sua história.

Figura 15 – Formandos do Seminário Concórdia em dezembro de 1924: registro dos concluintes teológicos para expansão missionária.

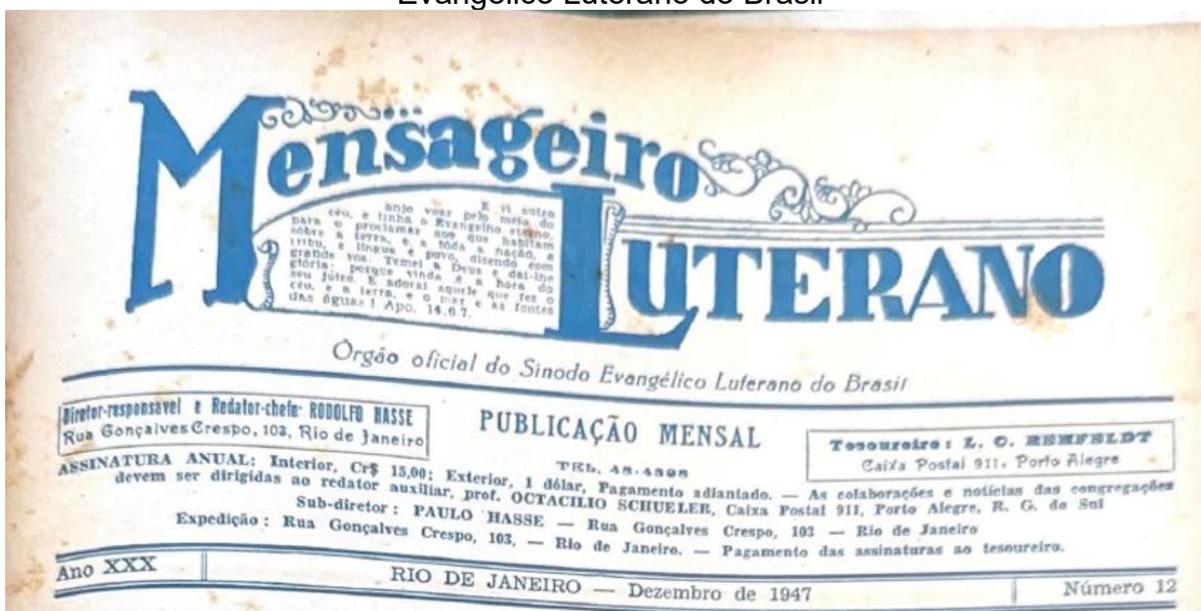


Fonte: Biblioteca do Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 01, jan/1925, fls. nº 4-5.

Embora todas as edições pesquisadas tenham circulado em preto e branco, e, ainda, tendo em vista que as mudanças estilísticas não foram tão bruscas, além daquelas já relatadas anteriormente, ressalta-se que a edição de dez/1947, como indica a Figura 16, foi publicada na cor azul. Não há, no entanto, menção às razões

para referida mudança, ou, ainda, se buscou baratear alguma matéria-prima, se houve substituição do prelo ou se foi uma intencionalidade por parte da redação.

Figura 16 – Capa comemorativa em azul do Mensageiro Luterano na edição de dezembro de 1947, marcando os 30 anos da publicação oficial do Sínodo Evangélico Luterano do Brasil



Fonte: Biblioteca do Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 12, dez/1947, fls. nº 85.

A Figura 16, que mostra a capa azul da edição de dezembro de 1947 do jornal Mensageiro Luterano, comemora os 30 anos do jornal oficial do Sínodo Evangélico Luterano do Brasil, e pode ser vista como um símbolo da consolidação institucional da IELB. A mutabilidade do azul, ao contrário das capas das edições anteriores, mais sérias, traz solenidade e distinção à ocasião, marcando um momento de amadurecimento editorial e doutrinário. A escolha para uma capa comemorativa demonstra igualmente a importância da memória e da continuidade histórica, revelando a preocupação da Igreja em reafirmar ao longo do tempo sua identidade confessional. Assim sendo, a capa celebra não apenas uma trajetória, mas simbolicamente reafirma a permanência e a missão do jornal de ser um meio pedagógico, religioso e cultural no contexto teuto-brasileiro.

Diante do exposto, e considerando que o jornal representa a publicação oficial do Sínodo de Missouri no Brasil, pode-se inferir que foi o principal recurso utilizado para comunicar e informar as comunidades, além de orientar e doutrinar os fiéis por meio dos textos contidos no impresso, que carregavam ensinamentos morais,

doutrinários e educacionais. Além disso, ao noticiar sobre os acontecimentos sociais, os itinerários realizados pelos missionários e pastores, ofereceu aos leitores o conhecimento de fatos históricos da época, além de perpetuar a memória destes personagens tão relevantes para a história desta instituição.

Assim, por meio de uma análise panorâmica do jornal, pode-se inferir que ele serviu como instrumento que impulsionou as famílias luteranas a se firmarem nos princípios religiosos defendidos pela IELB e pelo Sínodo de Missouri no Brasil. Desse modo, a partir da análise do impresso, é possível compreender de que forma as influências externas foram apropriadas e demarcadas nos escritos, influenciando os leitores, pois, conforme Chartier (1996) a materialidade dos textos não pode ser dissociada dos modos de leitura, pois a forma como o é apresentado impacta na maneira como ele é interpretado.

Em face do exposto no presente item, tem-se que ele contribuiu de maneira significativa para os objetivos da pesquisa ao analisar como a construção gráfica e textual do Mensageiro Luterano foi utilizada como estratégia formativa pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). A investigação da materialidade do jornal — compreendendo a organização das colunas, os recursos tipográficos, os títulos, a diagramação e os elementos visuais como molduras e símbolos religiosos — revela que tais aspectos não eram meramente estéticos, mas cumpriam função pedagógica e doutrinária.

Essa abordagem está em consonância com a proposta teórico-metodológica da história cultural, especialmente nas contribuições de Roger Chartier, ao considerar que os suportes e formas de apresentação do texto influenciam sua leitura e recepção. Ao examinar esses recursos, a tese demonstra que o Mensageiro Luterano operava como um instrumento educativo alinhado ao pensamento de Martinho Lutero, contribuindo para a formação espiritual e cidadã dos fiéis, especialmente nas comunidades teuto-brasileiras do Sul do Brasil.

Portanto, entendendo o 'Mensageiro Luterano' como um instrumento de consolidação doutrinária e de identidade comunitária, torna-se relevante, aqui, analisar não apenas o conteúdo textual, mas igualmente os componentes que dizem respeito à materialidade do impresso, englobando os elementos visuais, gráficos e estruturais. O item subsequente discutirá como o impresso foi utilizado como uma estratégia em meio aos conflitos do Sínodo de Missouri no Brasil.

4.3 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELO JORNAL MENSAGEIRO LUTERANO

O 'Mensageiro Luterano', ao longo das três décadas estudadas (1917–1947), mostra-se como um espaço de primeira ordem para a difusão e apropriação das ideias educativas de Martinho Lutero no contexto teuto-brasileiro. Por meio de artigos, colunas doutrinárias, mensagens pastorais e orientações às famílias, o jornal solidifica elementos centrais do pensamento pedagógico luterano, como a educação universal, o dever da família para a educação religiosa, o valor da leitura da Bíblia em tenra idade e a parte de responsabilidade do Estado no fomento à instrução.

Essas apropriações se mostram num discurso que imbrica fé e educação como elementos indissociáveis, valorizando a escola como o instrumento de educação moral e espiritual do cidadão cristão. Lutero é ininterruptamente chamado como o *auctoritas* que legitima a defesa da educação cristã, com maior ênfase no valor da leitura, disciplina e da capacitação do indivíduo para uma vida ativa na Igreja e na sociedade. Esses elementos demonstram que o periódico não somente reproduziu o legado do reformador, mas também reinterpreto suas proposições à luz das necessidades locais, adequando as mesmas à realidade brasileira e sublinhando a missão educativa da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Dado o contexto com o qual lidava, o Jornal Mensageiro Luterano se utilizou de algumas estratégias específicas, como, por exemplo, da promessa a ministros do pagamento de salários elevados feita pelo Sínodo Riograndense, valendo-se também do argumento identitário ao alegar que todo aquele que tinha sangue alemão deveria se unir em uma única congregação. Portanto, verifica-se, aqui, o forte identitarismo defendido pelo Sínodo Riograndense, e, ainda, constata-se a sua afirmação de vinculação direta com a igreja de Lutero, por ser alemã.

Figura 17 – Conflito intersínodos: tentativas de cooptação e resistência do Missouri (novembro/1918).

A igreja que afirma o direito de existencia por ser allemã antes de christã é uma igreja falsa. - Uma pessoa que planeja a ruina do proximo, cubiçando os seus bens e procuran do a desviar os seus servos com palavras lisonjeiras é, para dizer o minimo, um deshonesto.

Deste modo uma potente autoridade do Synodo Rio Grandense procurava por tactica mal executada lançar ao nosso Synodo um golpe terrifico. Covarde para expor a sua propria pessoa elle empregava um mediador, o qual, coitado, foi convencido de que faria uma boa obra si servisse como instrumento numa empresa tão lucrativa.

O plano foi o seguinte: <Missouri> deve ser exterminado em Dois Irmãos e em São Leopoldo; os ministros dos respectivos lugares ou se submettem á igreja unida ou saem privados dos seus cargos.

Por propaganda occulta se buscava ganhar de boamente os membros da Igreja Lutherana. Os pretextos foram principalmente dois: o primeiro, um absurdo, que tudo que é de sangue allemão, devia se unir a uma congregação; o segundo, uma mentira, que <Missouri> escravizasse a sua congregação sob uma divida pesadissima de 18 contos de reis.



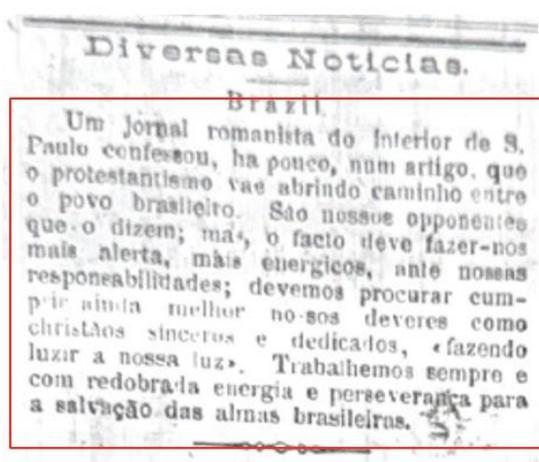
Fonte: Biblioteca do Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 20 nov/1918, fls. nº 78.

Em outra ocasião, na edição nº 10 de jun/1921, o jornal informou acerca de uma notícia veiculada no órgão oficial do Sínodo Riograndense sobre o desligamento de um de seus pastores, Adolf Kolfhaus. Nesse momento, é reforçado pelo Sínodo de Missouri que há muito o Presidente da instituição, o Rev. J. Kunstmann, já o reconhecia como um falso profeta, o que demonstra a desconfiança havida entre as lideranças que representavam tais Sínodos e suas práticas. Entretanto, apesar das hostilidades perpetradas entre os membros da instituição, nem todas as consequências geradas foram negativas, pois, segundo Steyer (1999):

[...] a vasta rede escolar organizada e sustentada por ambos os Sínodos nas colônias alemãs [...] foram uma contribuição decisiva para o desenvolvimento econômico e cultural do imigrante alemão, do seu descendente teuto-brasileiro e, assim, do próprio Estado do Rio Grande do Sul (Steyer, 1999, p. 142).

Além da disputa entre os Sínodos, os conflitos se davam de forma mais acirrada com as demais religiões, especialmente com a católica. É o que está noticiado na edição nº 17, de outubro de 1918, como evidencia a Figura 18. Desse modo, ao mencionar uma notícia veiculada em um jornal católico, o redator do Mensageiro Luterano se refere à Igreja Católica como oponente, admoestando aos leitores o cuidado redobrado, uma vez que a informação noticiada é de reconhecimento do crescimento do protestantismo no Brasil, levando a crer que tal expansão incomodou a igreja romana.

Figura 18 – Conflitos com a Igreja Católica: crescimento protestante e tensões religiosas (outubro/1918).



Um Jornal romanista do Interior de S. Paulo confessou, ha pouco, num artigo, que o protestantismo vae abrindo caminho entre o povo brasileiro. São nossos oponentes que o dizem; mas, o facto deve fazer-nos mais alerta, mais energicos, ante nossas responsabilidades; devemos procurar cumprir ainda melhor nosos deveres como christãos sinceros e dedicados, fazendo luzir a nossa luz. Trabalhem sempre com redobrada energia e perseverança para a salvação das almas brasileiras.

Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia, acervo do Mensageiro Luterano, edição nº 17, out. 1918, fls. nº 67.

As críticas presentes no Mensageiro Luterano à igreja católica permeiam boa parte dos impressos em diversos períodos. As edições da década de 1920 apresentam, em praticamente todos os meses, discursos combativos aos princípios, práticas e costumes católicos. Cita-se como exemplo a edição nº 03, de fevereiro do ano mencionado, em que figura localizada na primeira página do jornal, no texto nomeado 'Idolatria Romana', critica a festividade católica em homenagem a Nossa

Senhora dos Navegantes, realizada na capital, nos primeiros dias do mês de fevereiro. Relata-se “que consiste em comer e beber e divertir-se duma maneira verdadeiramente escandalosa” (Mensageiro Luterano, fev/1920, p. 9).

A postura em relação às outras religiões não divergia muito, de modo que, na edição de nº 14, de outubro de 1921, fls. 74, um texto intitulado de ‘Espiritismo’ relata sobre esta religião, valorando-a como “producto do inferno e signal dos ultimos tempos”. Notadamente, as disputas em torno do campo simbólico religioso eram recorrentes e perpassavam a instituição que adotou posturas de enfrentamento a fim de defender a fé luterana. É, no entanto, emblemático o fato de o protestantismo primar, desde a origem, pela liberdade religiosa, tendo sido escrita uma coluna na edição de nº 5, de abr/1918, intitulada ‘Liberdade de Cultos’ e ‘Curiosidade’, em que defendeu o restabelecimento dos cultos na língua alemã.

Diante disso, justifica-se que tal liberação deveria ocorrer da mesma forma em que o latim era permitido na liturgia católica, invocando a liberdade de culto assegurada pela Constituição Federal. A respeito desta discussão, não pretende a tese delongar intensamente, haja vista o objetivo central ser outro. No entanto, importou destacar as estratégias e táticas adotadas pelo Sínodo de Missouri e pela IELB no seu contexto histórico, a fim de compreender como esta instituição resistiu aos mais diversos cenários. Assim, o Sínodo de Missouri não apenas moldou uma identidade religiosa, mas também contribuiu para a formação e concretização de comunidades luteranas no Brasil que se perpetua até os correntes dias.

Assim, se conclui que o Sínodo de Missouri e a IELB responderam de forma estratégica resiliente às dificuldades impostas pelo cenário político e social brasileiro, especialmente durante a fase de nacionalização e repressão ao uso de línguas estrangeiras. Mesmo que esta tese não tenha se debruçado profundamente sobre os aspectos jurídicos da liberdade de culto, está claro que a atuação da IELB foi além da mera atividade preservadora da liturgia, uma vez que ela se firmou como um agente de formação da identidade confessional educacional e comunitária. O Sínodo, ao unir elementos teológicos pedagogos e culturais, não apenas garantiu a continuidade de sua tradição, mas estabeleceu alicerces sólidos para a inserção e a permanência do luteranismo no Brasil, cujos efeitos permanecem visíveis na vida das comunidades que formou.

5 PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DA IELB (1917-1947) ATRAVÉS DA APROPRIAÇÃO DO PENSAMENTO EDUCACIONAL DE MARTINHO LUTERO

Conforme já visto anteriormente, o pensamento educacional de Lutero inaugura uma nova maneira de conceber a relação entre fé, poder e saber. Ao deslocar a escola do controle eclesiástico e vinculá-la à autoridade civil, ele estabelece as bases de uma concepção moderna de política educacional. Ao mesmo tempo, ao insistir que a educação deve ser universal, obrigatória, gratuita e útil à vida terrena e espiritual, ele propõe uma escola voltada à formação integral do ser humano.

No contexto brasileiro, essa herança se materializou não apenas nas escolas paroquiais e nos seminários, mas também em instrumentos editoriais como o Mensageiro Luterano, que desempenhou um papel relevante na formação doutrinária e cultural dos fiéis ao veicular conteúdos que reforçavam os valores da fé reformada. Assim, esta seção busca analisar a recepção e apropriação do pensamento educacional luterano nas práticas da IELB. Antes disso, faz-se uma apresentação do levantamento realizado sobre os formandos por ano (1917-1947 [o recorte temporal da presente pesquisa]) no seminário da IELB a fim de ilustrar este compromisso com a formação de seus membros. Veja-se:

Quadro 4 – Formandos por ano (1917-1947).

ANO	Nº FORMANDOS	NOMES
1917	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1918	2	B. Flor e R. Hasse
1919	3	Emilio Krieser, Augusto Drews, Guilherme Schwalenberg e João Albino Schmidt F.
1920	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1921	10	Edmundo Neumann, Luiz Kaminski, Reinaldo Lang, Carlos Mundel, Conrado Quednau, Germano Beck, Alberto Drews, Erico Müller, Carlos Warth, Octacilio Schüler
1922	1	Paulo Evers
1923	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1924	7	Ewaldo Elicker, Nicolau Jansen, Otto Krentz, Valetim Kühn, Luiz Martin, Aug. Priebe e Carlos Rupp
1925	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1926	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1927	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1928	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1929	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano

1930	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1931	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1932	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1933	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1934	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1935	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1936	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1937	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1938	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1939	5	Samuel Stern, W. Rautenberg, Ernesto Heine, Frederico Schroeder e Herberto Koenig
1940	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1941	5	Atalbio Coelho, Edmundo Arndt, Guilherme Nied, Alfredo Edgard Weber e Arlindo Arno Weber
1942	7	Arnaldo João Schmidt, Elberto Luiz Schelp, Geraldo Janke, Arno Carlos Gueths, Elmer Reimnitz, Martinho Lutero Hasse e Paulo Hasse
1943	4	Ervino Kehl, Ervino Rieger, João Wentzel e Reinvaldo Ressel
1944	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1945	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1946	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano
1947	-	Não há informes acerca de formaturas neste ano

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

A análise dos dados que aparecem no Quadro 4, que reúne os nomes dos formandos entre 1917 e 1947, evidencia como o Mensageiro Luterano, mais do que um mero boletim institucional, obedecia ao projeto pedagógico da IELB e a formação de lideranças religiosas a partir de uma espiritualidade reformada. Embora Martinho Lutero não seja objeto central de análise, suas ideias refletem-se e traduzem-se nas páginas impressas do periódico, em especial, nas orientações à educação teológica a fim de que esta seja a base de sustentação da vida eclesial e em serem ao preparo dos pastores, sendo estes pastores preparados para o exercício de pregação.

Nesse sentido, o Mensageiro Luterano cumpre função fundamental como veículo de propagação das ideias reformadas em uma tradição oriunda do próprio Lutero, cuja obra só pôde ser concretizada em larga escala devido à invenção da imprensa. Enquanto fenômeno social e cultural, o jornal rompe em parte com os limites da oralidade e da autoridade religiosa hierárquica, facilitando a circulação de interpretações bíblicas e doutrinárias ao alcance das comunidades.

Essa prática corrobora o princípio luterano do sacerdócio universal dos crentes e reafirma a crença na educação como instrumento de emancipação espiritual e

social. Nesse sentido, a publicação deixa de ser somente um repositório de informações e transforma-se em espaço de formação e construção de identidade coletiva, ajudando a proporcionar a manutenção e a expansão do projeto reformado no Brasil.

Nota-se uma trajetória marcada por ciclos de expansão, interrupções e retomadas, fortemente influenciada pelo contexto político e cultural brasileiro. Os primeiros anos de atividade (1918–1924) mostram um número significativo de formandos, com destaque para 1921, ano de maior concentração, composto por nomes como Neumann, Kaminski, Lang e Schüller, que evidenciam o forte vínculo com a imigração alemã.

A partir de 1925, inicia-se um hiato de quatorze anos sem registros de formatura. Ainda que tenha havido, não houve registro no impresso em estudo. A formação pastoral é retomada entre 1939 e 1943, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, com nomes como Stern, Rautenberg, Koenig e Hasse, demonstrando a resiliência das comunidades luteranas ou talvez uma estratégia de resistir ao Estado Novo. Em 1942, destaca-se novamente uma turma numerosa, com sete formandos.

No Brasil, ressalta Nunes (2018), a pedagogia pastoral luterana não foi apenas um exercício de ensino religioso, mas também uma estratégia de manutenção da memória e da fé frente as adversidades políticas e às exigências de integração nacional.

Adiante, faz-se a análise do *corpus* que se dividiu, aqui, nos seguintes intervalos: 1917-1920, 1921-1925, 1926-1930, 1931-1935, 1936-1940 e 1941-1947. Tal divisão fundamenta-se, conforme se acredita, na necessidade metodológica de tornar o trabalho de investigação mais preciso e manejável. A análise das 389 edições revelou a recorrência de temas relacionados à pedagogia luterana, à valorização da leitura bíblica, ao papel da escola paroquial e à defesa da educação como responsabilidade compartilhada entre Igreja, família e Estado. Esses elementos constituíram a base da análise de conteúdo da revista, o que exigiu a leitura integral de todas as edições e, a partir desta leitura, os conteúdos foram organizados e discutidos em eixos temáticos distribuídos por períodos históricos, de modo a facilitar tanto a compreensão quanto a instrumentalização das informações.

Trata-se de um *corpus* extenso, com três décadas de publicações mensais, o que impõe desafios significativos no que se refere à leitura, categorização e sistematização das fontes. Ao fragmentar o material em blocos temporais menores,

espera-se garantir uma análise mais acurada das fontes e das transformações discursivas ao longo do tempo.

5.1 O LEGADO DE LUTERO NA FORMAÇÃO PASTORAL SEGUNDO O MENSAGEIRO CHRISTÃO (1917–1920)

O primeiro excerto, uma passagem de dezembro de 1917, publicada em *O Mensageiro Christão* (um dos primeiros nomes da revista *Mensageiro Luterano*), expressa o apelo por um maior número de estudantes no Seminário Concórdia:

No empenho de alcançarmos pelo anno futuro um numero de estudantes não atingido até agora no seminário Concordia peço com urgência que todos os pastores, professores e fieis prestariam seus serviços. O completo enchimento do nosso seminário com tal “material humano” é o ardente desejo dos professores e especialmente do venerado pae Kunstmann. E.M. (*O Mensageiro Christão*, 1917, p. 01).

Essa convocação pública revela, desde o início da revista, que a educação teológica esteve alinhada à estratégia missionária da IELB, refletindo a herança luterana de considerar a escola como prolongamento da ação eclesial. A exigência de participação ativa da comunidade no esforço educacional remete à concepção de Lutero de que a educação é uma responsabilidade compartilhada entre Igreja, famílias e autoridades civis, como defende em “Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas” (Lutero, 2018, v. 5, p. 351).

A expressão “material humano*” utilizada para se referir aos estudantes, ainda que anacrônica à luz de debates educacionais contemporâneos, reflete um olhar funcionalista típico da época e reforça o sentido de missão que atravessa o empreendimento educativo luterano no Brasil. Como indica Manacorda (1992), Lutero entendia a instrução como instrumento para formar homens úteis ao Estado e mulheres capacitadas para a gestão doméstica, ou seja, uma formação que, embora inspirada por finalidades espirituais, não desconsiderava as utilidades sociais e civis da educação.

A edição de março de 1918 da revista anuncia com entusiasmo a finalização da tradução do *Catecismo Menor* de Lutero para o português:

Graças a Deus, agora podemos anunciar: o catecismo está prompto. Precisava de bastante tempo para acabar a obra, mas não pensamos nisso, o tempo exige que pomos mãos á obra feita para ensinar a doutrina pura na lingua portuguesa. Com satisfação aos nossos trabalhos. O preço do livrinho brochado será 500 réis. pedimos que mandem as suas encomendas

prontamente ao nosso agente Snr. Gustavo Rauter, Av. União 24C, Porto Alegre. R. (*Mensageiro Christão*, 1918, p. 14).

Essa escolha de veicular a doutrina luterana em língua vernácula está em estreita consonância com a concepção de Lutero segundo a qual o acesso às Escrituras e ao ensino religioso não deveria estar restrito ao latim, mas se dar em linguagem compreensível ao povo. Como assinala Boto (2017, p. 99), a Reforma desenhou um “prospecto de ensino universal” que passava necessariamente pela democratização da leitura e da instrução na língua materna. Essa atitude, no entanto, não pode ser desvinculada do seu contexto histórico, fim da Primeira Guerra Mundial e as sanções que foram aplicadas aos países responsáveis pelo conflito bélico, especialmente, a Alemanha, o que inexoravelmente refletia nas colônias aqui instaladas, sendo a aprendizagem da língua pátria uma necessidade.

Também o uso do catecismo como instrumento didático não apenas confirma a tradição iniciada por Lutero, como também reforça a simbiose entre fé e alfabetização promovida pelo luteranismo. A leitura do catecismo e da Bíblia se constituía, ao mesmo tempo, como prática devocional e como exercício pedagógico. Segundo Arnaut de Toledo (1999), os escritos educacionais de Lutero não podem ser dissociados de sua teologia: ensinar a ler era, em última instância, um ato de serviço a Deus. Isso justifica o investimento no ensino da leitura desde os primeiros anos de vida, conforme aparece implicitamente a revista.

O relato sobre os primeiros exames finais realizados no Seminário Concórdia em setembro de 1918 (edição de outubro) demonstra o zelo pela formação sólida dos candidatos ao ministério pastoral:

Os exames finais. - Desde o dia 7 até o dia 13 de Setembro passou uma semana de trabalho intenso para os dous candidatos B. Flor e R. Hasse. Realizaram-se durante estes dias os exames finais. Primeiro fizeram os candidatos provas por escripto acerca das diversas disciplinas theologicas: Exegese do Velho e Novo Testamento, Dogmatica, Historia Ecclesiastica, Catechetica, etc. Por fim no dia 13 reuniram-se todos os pastores que estavam presentes por ocasião da nossa conferencia districtal, na sala espaçosa do seminário, para assistirem os exames oraes. Ficaram bem satisfeitos todos os assistentes com os resultados do exame. Admiraram-se todos de ouvir, quanto tinham alcançado estes candidatos, apesar de serem obrigado de concluir o seu curso em cinco mezes, em vez do que num anno inteiro. Todos estenderam os seus parabéns mais sinceros ao Prof. J. F. Kunstmann em plena vista deste seu successo. R. (*Mensageiro Luthero*, 1918, p. 67).

A estrutura curricular, aqui indicada, reitera a centralidade da doutrina na formação teológica, o que corresponde ao modelo educacional luterano, centrado em

sólida preparação bíblica e sistemática, como preconizado por Lutero. Conforme defendido por Weber (2004), a racionalização da conduta cristã no mundo exige uma preparação teológica refinada, capaz de sustentar uma vida santa em meio às estruturas seculares.

O êxito dos alunos Benjamin. Flor e R. Hasse, mesmo com o curso concluído em apenas cinco meses, foi motivo de comemoração e reconhecimento público ao professor Kunstmann. Essa celebração do sucesso educacional confirma que a comunidade luterana brasileira valorizava a excelência acadêmica, mesmo em contextos de adversidade. A prática de exames públicos orais diante de conferência pastoral amplia a dimensão social do processo educativo, transformando-o em um ritual de validação pública da competência teológica, prática muito comum nas tradições protestantes, onde o ensino é visto como parte constitutiva da identidade confessional (Barbosa, 2007).

O impresso revela também que a tarefa pedagógica era entendida como parte indissociável da vocação pastoral. O pastor não era apenas pregador, mas também professor. Isso dialoga com a concepção de Lutero de que a missão da Igreja envolve não apenas a salvação das almas, mas a formação de consciências críticas e bem instruídas, capazes de discernir a verdade da Palavra. Febvre (2012) destaca que, para Lutero, a instrução era meio necessário de superação da ignorância religiosa que assolava os fiéis. Nesse sentido, o seminário funciona como uma resposta institucionalizada à necessidade de formar lideranças educadoras e não apenas celebrantes dos sacramentos.

A ênfase nas “disciplinas theologicas” mostra também uma filiação direta ao modelo de currículo protestante que associa teologia, história e prática catequética. Essa lógica de formação é reforçada na proposta de Lutero segundo a qual o ensino deveria abranger conteúdos espirituais e seculares de forma integrada, e não compartimentalizada. Como assinala Arnaut de Toledo (1999), a escola cristã ideal, na visão do reformador, devia preparar o fiel para ser tanto um bom cidadão quanto um bom cristão, missão que a IELB buscou assumir. Todavia, a ideia de cidadão neste momento está ligada às condições impostas pelo período da nacionalização, o que gerou uma certa vigilância em torno das comunidades de imigrantes, obrigando-lhes a desenvolver estratégias de patriotismo e inserção nacional.

À luz da teoria de Chartier (1990), é possível interpretar esses fragmentos do impresso como expressões das representações e práticas pedagógicas da cultura

luterana imigrante no Brasil. Os documentos não são neutros, mas carregam intencionalidades formativas, seja na escolha do idioma, na estrutura curricular ou nos modelos de avaliação adotados. Os impressos religiosos como o *Mensageiro Luterano* são, assim, práticas culturais que participam da constituição de identidades e da socialização religiosa dos sujeitos, como reforça Burke (1992) ao comentar a centralidade dos textos na produção das culturas letradas.

Vê-se, então, que os excertos entre 1917 e 1920 mostram que a recepção do pensamento educacional de Lutero no contexto teuto-brasileiro não se deu como mera confirmação, mas como adaptação a um novo espaço e tempo. Essa adaptação manteve o núcleo doutrinário e pedagógico do luteranismo, como a valorização do catecismo, da leitura bíblica, da formação de professores/pastores e da língua vernácula, mas também dialogou com as especificidades da missão no Brasil, como a escassez de estudantes e a necessidade de formar líderes com urgência, sobretudo, ante a premente necessidade de adequação às exigências do período de nacionalização. Essa tensão entre fidelidade e reinvenção marca o modo como a IELB transmitiu o legado educacional de Lutero no início do século XX no Sul do Brasil, são aspectos das distintas apropriações que discutimos nas páginas a seguir.

5.2 A PEDAGOGIA LUTERANA E A MISSÃO EDUCATIVA DA IELB SEGUNDO O MENSAGEIRO LUTERANO (1921–1925)

Pode-se ler na edição de fevereiro de 1922 de *Mensageiro Luterano*:

Dias depois no primeiro Culto dado pelo Rev. Mundel expoz ele a idéa da fundação de um collegio nesta villa, obrigando-se a leccionar gratuitamente as creanças pobres e cobrando uma modica contribuição dos demais; essa idéa foi desde logo, como era de esperar, recebida com as mais efusivas demonstrações de sympathia e apreço pela população (*Mensageiro Luterano*, fev/1922, p.12).

Esta passagem evidencia que a missão luterana no Brasil se institui desde o início com um compromisso prático com a educação, especialmente das populações economicamente vulneráveis. Tal postura está profundamente alinhada à ética da responsabilidade educativa defendida por Lutero, para quem ensinar era um dever cristão inegociável, um serviço à comunidade e ao Reino. A gratuidade do ensino às crianças pobres remete ao ideal de “ensino como mandamento de Deus”, tema que Lutero explorou ao afirmar que negligenciar a educação seria um pecado diante do Criador, pois “Deus e o mundo exigem isso de ti” (Lutero, 2018, v. 5, p. 351).

O compromisso com a preparação dos mestres e pastores é destacado::

Todos os pastores e professores do Synodo passam por consciencioso exame antes de serem admittidos no officio [...] prometter solemnemente [...] confessar-se sem restricção á Biblia como infallivel Palavra de Deus e ás Confissões da Igreja Lutherana como a verdadeira exposiçõ da Escripura Sagrada (*Mensageiro Lutherano*, ago/1922, p. 59).

A exigência de sólida formação doutrinária e fidelidade pública à tradição luterana está em consonância com a crítica de Lutero à ignorância clerical. O reformador alemão sublinhava que os “mestres ignorantes” eram piores que “porcos e cães” (Lutero, 2002), pois conduziam os fiéis ao erro. Assim, a IELB mantém esse zelo institucional, perpetuando a tríade: saber, fé e responsabilidade pública como base do magistério pastoral e escolar.

A revista também destaca o papel da Igreja em garantir a difusão da doutrina: “o Synodo tem o cuidado, que a Palavra de Christo habite nellas abundantemente [...] especialmente os seus filhos de instrucção escolar proficiente [...] mantenham e cultivem aulas semanárias para tal fim” (*Mensageiro Lutherano*, ago/1922, p. 60). Esse zelo pela instrução sistemática das crianças ressoa com a compreensão luterana de que a fé cristã deve ser ensinada, repetida e vivida desde os primeiros anos. Como lembra Siepierski (2016), o próprio Erasmo de Roterdã, de quem Lutero inicialmente se aproxima, já havia insistido na centralidade das Escrituras para a vida cristã e na necessidade de restaurar a Igreja por meio da instrução, ideia que Lutero aprofundou com base na *Sola Scriptura* e sistematizou em seus textos pedagógicos.

Um dos excertos mais emblemáticos afirma:

Segundo o exposto a Igreja Lutherana só procura o bem do Estado. Cria e educa-lhe bons cidadãos [...] ella mesma mantem os seus estabelecimentos de ensino [...] Ella quer aulas, onde possa criar e educar os seus filhos na doutrina e admoestação do Senhor, Ephesios 6:4 [...] a juventude é educada proficientemente nas sciencias seculares (*Mensageiro Lutherano*, set/1922, p. 71-72).

Essa defesa da autonomia das escolas luteranas expressa o ideal de separação entre Igreja e Estado, mas também aponta para uma pedagogia do engajamento público. Conforme Altmann (1994), Lutero viveu entre o colapso do sistema medieval e o nascimento de um novo nascimento de uma era e, nessa transição, concebeu uma educação que formasse tanto o cristão quanto o cidadão. O trecho da revista reforça essa proposta: educação confessional sim, mas com forte ênfase na formação ética e intelectual para o mundo. No entanto, esta não parece ser uma atitude desinteressada, é que o período aqui em análise remonta o fim da

Primeira República, período de fortes instabilidades políticas no país, bem como início da década modernista em 1922, que marcou uma ruptura na literatura, nas artes plásticas e na música, valorizando a identidade brasileira e novas formas de expressão, o que também influenciou as instituições nacionais das quais a IELB não pode ser apartada.

Ao afirmar que “os cidadãos que procedem das aulas luteranas são os melhores”, o impresso sustenta um discurso meritocrático confessional. Isso se conecta ao princípio luterano do “sacerdócio universal”, segundo o qual todo cristão é vocacionado a servir à sociedade. Marcondes (2004) observa que a Reforma abriu espaço para o indivíduo pensar e agir por si mesmo, sem mediações eclesiais opressivas. Formar bons cidadãos era, portanto, formar indivíduos conscientes de seu papel social e capazes de pensar criticamente, o que se buscava, em última instância, nas escolas luteranas. Notadamente, este juízo de valor é o que busca transmitir o impresso, no entanto, nos fornece indícios sobre a visão que o jornal transmite sobre o que significava naquele contexto ser descendente de imigrantes germânicos, qual seja, sujeitos que se guiavam pela candeia do reformador alemão e buscavam encontrar pertencimento no país tropical.

Já em março de 1924 pode-se ler: “Creio, por isso eu estudo; [...] quero esforçar-me e preparar-me bem para o santo officio para que também outros pela palavra de Deus venham ao conhecimento de seus pecados e da reconciliação por Christo” (*Mensagem Luterano*, mar/1924, p. 23). Este fragmento, que dá nome à tese, expõe o cerne da pedagogia luterana: a fé como fundamento e finalidade do estudo. O aprendizado teológico não surge do simples desejo de saber, mas da convicção de que o conhecimento da Palavra é um ato de serviço. Febvre (2012) lembra que Lutero foi compelido pela angústia de sua própria salvação, o que o levou a colocar a verdade bíblica no centro da vida intelectual. O saber, portanto, nasce do crer e visa o anunciar.

Lê-se, na mesma edição que: “O professor admoestou os discipulos de que a fé delles [...] devia induzil-os ao estudo e que somente isso devia ser o único motivo de incital-os a dedicar se [...] ao estudo da theologia” (*Mensagem Luterano*, mar/1924, p. 23). Aqui, a pedagogia se torna ascese: aprender teologia é resposta ao chamado, não simples formação técnica. Mondin (1981) reconhece a Reforma como um marco do fim de uma era e começo de outra, e essa ruptura incluiu a valorização

do estudo individual como forma de graça ativa. O ensino, portanto, é vocacional, ancorado em um horizonte de salvação que exige preparo.

Em conferência realizada em Erechim em 1923 e reproduzida na revista afirma-se que: “os paes já desde os primeiros dias devem começar a educar a creança [...] a educação na aula é só uma continuação da começada [...] a Bíblia para ele é um livro sellado [...] no nosso Brasil ainda temos 85% de analfabetos!” (*Mensageiro Lutherano*, fev/1923, p. 13). A defesa da alfabetização é, aqui, uma defesa da possibilidade de salvação. O analfabeto, para a teologia luterana, é privado da Escritura e, portanto, da fé plena. Como afirma Rosa (2004), uma das principais razões da Reforma foi justamente a ruptura com o monopólio interpretativo da Igreja, o que exigia a universalização do acesso à leitura, um projeto teológico e político ao mesmo tempo.

“O’ quão triste para o homem não saber ler nem escrever!” repete a revista em tom quase litúrgico (*Mensageiro Lutherano*, fev/1923, fls. 13). Essa formulação carrega a visão luterana de que a ignorância é um mal não apenas social, mas espiritual. A leitura da Bíblia é meio de conversão e transformação, e sua inacessibilidade representa um déficit de humanidade. Como explicita Marcondes (2004), a Reforma aparece como defesa da “liberdade individual” baseada na consciência iluminada, o que só é possível mediante o letramento. Todavia, no contexto da IELB, a leitura e o letramento não deixam de ser também um meio de controle e doutrinação simbólica exercidos pela Igreja frente aos fiéis, haja vista que, como reforça o impresso, o pensamento teológico luterano aqui já se mostra depurado, logo, esta leitura não parte de uma exegese individual, mas de um sentido apropriado e transmitido pela própria igreja.

O trecho que afirma que o educador “em primeiro logar ele deve ser christão, pedindo de Deus a sabedoria e prudência necessaria para leccionar e educar; por outra que ele seja amigo da humildade” (*Mensageiro Lutherano*, fev/1923, fls. 13) indica um ideal de professor que está muito além da técnica: trata-se de alguém que ora, serve e se submete ao chamado pedagógico. Segundo Certeau (2011), os textos são também espaços de construção de práticas. Nesse sentido, pode-se ler também os textos religiosos, como o dos impressos da IELB. Esse modelo de educador não é um tecnocrata, mas um mediador espiritual, um modelo que se impõe como prática vivida, não apenas dita, o que revela a ortodoxia da instituição.

A afirmação de que “o aluno finalmente já com 6 anos devia frequentar a aula” (*Mensagem Luterano*, fev/1923, fls. 13) reforça o compromisso da IELB com a educação infantil, ressoando a crítica de Lutero aos pais que negligenciam a instrução dos filhos. Como lembra Manacorda (1992), a educação protestante surge com a convicção de que cada um deve poder ler e interpretar a Escritura pessoalmente, e isso só é possível com uma base educacional firme desde os primeiros anos. O batismo, mencionado no mesmo texto, sela esse compromisso pedagógico com a comunidade cristã, “e, como aqui se trata duma educação cristã é preciso a criança ser batizada porque sem o batismo não há educação cristã” (*Mensagem Luterano*, fev/1923, fls. 13), o que revela como a instituição molda às práticas educativas associando-as às religiosas.

Já em março de 1924 lê-se:

Um dos estudantes recém-entrados pertence á raça preta [...] deve causar alegria a todos nós quando o evangelho de Christo será anunciado puramente por um pregador, cuja raça até agora tão pouco ouviu da boa nova, principalmente aqui no Brasil” (*Mensagem Luterano*, mar/1924, p. 23).

A inclusão de um estudante negro nos quadros do seminário pode ser lida como ressonância do princípio reformador da universalidade do Evangelho. Para Lutero (2002), “todos são sacerdotes” e “todos são iguais pela fé”, uma tese que, em seu tempo, já contrariava a hierarquia clerical. Nesse sentido, a entrada desse aluno representa uma quebra de barreiras étnicas e a extensão do ideal pedagógico da Reforma. Todavia, em um contexto de herança escravocrata, essa admissão tardia revela um sobrelevado hiato desde à fundação do Seminário e da própria IELB até a inclusão de pessoas pretas em seus quadros, o que induz refletir acerca da falta de iniciativas anteriores de missão entre os negros, sobretudo, porque ainda neste período viviam uma complexa situação de marginalização social pós libertação, mas, ainda dotados de alma.

Por fim, os fragmentos de 1921 a 1925 revelam como a IELB ressignificou o legado educacional luterano em solo brasileiro: ora reafirmando os pilares doutrinários herdados da Reforma, ora se adaptando às realidades locais como o analfabetismo, a pobreza e a diversidade étnica. A educação não foi um apêndice da missão, mas o próprio corpo da ação pastoral e comunitária. Como diria Chartier (1990), os textos não apenas dizem, mas constroem. No caso da *Revista Mensagem Luterano*, pode-se dizer que esta foi, para os luteranos do Brasil, um texto formador, um campo

discursivo de formação de uma identidade religiosa e pedagógica em continuidade com o espírito da Reforma.

5.3 IMPRESSOS, EDUCAÇÃO E MISSÃO LUTERANA NO BRASIL SEGUNDO O MENSAGEIRO LUTERANO (1926–1930)

Em janeiro de 1927 era possível ler no *Mensageiro Luterano* a seguinte mensagem:

É incalculável a benção produzida por um bom folheto. Um exemplar do folheto Que é um luterano, p. ex., circulou por diversos annos entre um grupo de pessoas que o obtiveram de uma maneira singular, muito distante do logar onde tinha sido distribuido, preparando um campo para o Evangelho. Hoje temos immenso prazer de pregar ali em tres localidades diversas o Evangelho não falsificado aos que amam a verdade. Tudo isto é obra dum pequeno folheto. Oxála que nossa igreja dê mais atenção a estes mensageiros silenciosos do Senhor, os quaes muitas vezes seguem caminhos maravilhosos e penetram onde o missionario não pode entrar* (*Mensageiro Luterano*, jan/1927, p. 3).

Esse relato sobre a circulação de folhetos evidencia uma estratégia de educação religiosa que remonta diretamente à ênfase de Lutero na centralidade do texto. Segundo Weiduschadt (2012), os impressos são formas de apropriação do saber e da fé, e, na Reforma, tornaram-se instrumentos ativos na construção da experiência religiosa. A circulação dos escritos como agentes educativos e evangelizadores ecoa a pedagogia luterana que confiava na força didática do impresso como meio de edificação e transformação espiritual, lado outro, o *Mensageiro Luterano* surgiu também da necessidade de uma resistência pacífica que respondia às exigências estatais, mas que também operou como um veículo de instrução ideológica entre os seus leitores.

No fragmento de julho de 1929 lê-se: “Queremos criar tambem cidadãos uteis á pátria. Nossa igreja cuida da educação religiosa de seus filhos desde a infância.” (*Mensageiro Luterano*, jul/1929, p. 56). A afirmação une fé e utilidade social, recuperando a compreensão de Lutero de que a escola deve formar não apenas o cristão, mas também o cidadão. Como afirma Manacorda (1992), para Lutero a educação era útil quando preparava homens para governar e mulheres para gerir o lar. A ideia de “cidadão útil” indica que a formação religiosa promovida pela IELB tinha em vista um projeto de sociedade, e não apenas de espiritualidade individual.

A respeito da atuação docente feminina, a revista informa: “Nossos crentes de Butiá estão de parabens. O Senhor ouviu nossas preces quando ainda estávamos fallando. Possuem, desde o dia 1º deste mez, uma escola christã, dirigida pela exma. professora Hedwig Ratz” (*Mensageiro Lutherano*, nov/1929, p. 85). A presença de uma professora no ensino primário, em contraste com a exclusividade masculina do seminário, sugere uma tensão implícita no modelo educacional adotado. Embora Lutero valorizasse a educação feminina, sobretudo no âmbito doméstico, não a propôs de forma institucionalizada como o fez para os homens. No entanto, o exemplo de Hedwig mostra uma abertura local à atuação educacional de mulheres, embora restrita ao espaço das crianças. Essa ambiguidade reafirma o caráter historicamente situado da recepção do luteranismo no Brasil. De outro ponto, assim como o sacerdócio era restrito aos homens, a formação no seminário também se mantinha exclusivamente masculina, o que revela uma lacuna sobre o tipo de formação que as professoras paroquiais recebiam.

Em agosto de 1928, a revista afirma: “A sciencia verdadeira não rejeita, pois, o christianismo - H.” (*Mensageiro Lutherano*, ago/1928, p. 62). Este enunciado revela uma tentativa de conciliação entre fé e razão, em sintonia com a reforma educacional proposta por Lutero. Segundo lembra Marcondes (2004), a Reforma foi um movimento que valorizou a consciência individual e o uso da razão para alcançar a verdade. A afirmação da compatibilidade entre cristianismo e ciência aponta para uma pedagogia que não teme o saber secular, mas o incorpora dentro de limites éticos e confessionais, nisto o Mensageiro expressou em diversas edições a ciência como caminho para fortalecer a fé, não para refutá-la.

A instalação de um professor de português no seminário é noticiada assim: “Eis a primeira installação de um lente de nosso Seminário na bella língua de Camões” (*Mensageiro Lutherano*, abr/1929, p. 32). Embora louvando o feito, o texto omite críticas à escolha de um italiano convertido, o rev. F. Carchia, para esse cargo. O fato de não se priorizar um docente nativo, plenamente fluente na língua portuguesa, mostra que, apesar do reconhecimento do valor da língua vernácula, tão cara a Lutero, ainda persistiam resquícios de um eurocentrismo eclesiástico na condução dos processos educativos. Como destaca Rosa (2004), a Reforma foi também uma luta contra o monopólio de línguas inacessíveis. Ao preferir um estrangeiro, corre-se o risco de reintroduzir barreiras linguísticas que a própria Reforma buscou abolir.

Sobre acessibilidade, a revista traz um feito que merece destaque:

Mensageiro Lutherano dos Cegos'. — [...] agora ella tambem publica uma revista para os cegos, em lingua ingleza [...] não se vê lettras senão pontos salientes [...] o alphabeto dos cegos é composto de ordens de pontos [...] Vieram cartas commoventes de cegos da Inglaterra e nesmo da longingua Ocea-mia, [...] expressando sua grande alegria devido a publicação desta revista de nossa igreja." (*Mensageiro Lutherano*, abr/1928, p. 30).

Essa iniciativa representa o alargamento da proposta pedagógica luterana de universalização da instrução. A fé que se comunica por todos os meios, inclusive o Braille, confirma a radicalidade do princípio reformador segundo o qual a palavra de Deus deve ser acessível a todos. Para Lutero, a Escritura pertence ao povo e não à casta dos letrados. A iniciativa é, portanto, coerente com o modelo de inclusão por meio da leitura, também destacado por Boto (2017), que entende a Reforma como abertura para um projeto de ensino universal.

O trabalho com os cegos descrito na mesma edição apresenta outra dimensão do pensamento luterano: "Deste modo tambem os cegos corporaes, e espirituaes chegam a vê espiritualmente" (*Mensageiro Lutherano*, abr/1928, p. 30). A sobreposição entre cegueira física e cegueira espiritual, bem como a alusão à visão da fé, remete ao simbolismo bíblico recorrente nos escritos de Lutero. Em *Da Liberdade do Cristão* (Lutero, 1998), ele argumenta que o cristão vive "pela fé, não pela vista", e que somente a fé ilumina a consciência. A missão com os cegos, nesse sentido, extrapola a filantropia e se configura como pedagogia teológica: ensinar é curar.

Neste mesmo trecho, destaca-se também "agora ella tambem publica uma revista para os cegos, em lingua ingleza, intitulada, em portuguez, *Mensageiro Lutherano dos Cegos*" (*Mensageiro Lutherano*, abr/1928, p. 30), o fato de o material para cegos ser publicado em inglês, e não em português ou alemão, revela uma abertura internacional da IELB, mas também uma limitação quanto ao alcance imediato dessa ação no Brasil. A iniciativa se associa ao movimento missionário transnacional, mas sua eficácia local é mitigada. Essa contradição reflete o que Chartier (1990) entende como disputa de representações: o impresso é espaço de poder, onde se negociam sentidos. A linguagem, nesse contexto, torna-se uma ferramenta inclusiva apenas se acessível.

A repetida defesa da utilidade da educação reforça a perspectiva reformadora sobre o valor do saber. Em *Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha*, Lutero (2018, v. 5, p. 351) pergunta: "Acaso não é servir a Deus quando se colabora na

manutenção de sua ordem e do regime secular?”. O compromisso com a formação de “cidadãos úteis” não é, portanto, simples pragmatismo, mas expressão de uma teologia da responsabilidade. A revista, ao reiterar esse ponto, se mantém fiel ao núcleo pedagógico da Reforma, todavia, assenta o ideal de formação deste cidadão útil e espiritual através da propagação de valores e princípios identitários com base no disciplinamento ideológico.

A persistência da presença masculina no seminário e a limitação das mulheres ao ensino primário, como revelado pela nomeação da professora Hedwig Ratz, expõe uma dimensão não resolvida da recepção da pedagogia luterana. Embora Lutero valorizasse o papel educativo das mulheres na família, ele não propôs um modelo de igualdade docente. Contudo, sua ênfase na instrução universal poderia, em contexto moderno, justificar a ampliação da participação feminina nos diversos níveis de ensino, possibilidade que, no período analisado, não se efetivou. Isso evidencia que, como lembra Burke (1992), toda pedagogia é também uma prática cultural situada, sujeita a tensões e contradições.

A regularidade com que o jornal reporta novas escolas, professores e esforços missionários demonstra que a educação era prática estruturante da IELB. Como destaca Mendonça (2008), os missionários que atuaram nas zonas rurais brasileiras tinham consciência de que o ensino era condição para a permanência da fé. O impresso, ao publicizar esses fatos, performa um papel histórico: construir a memória educativa da Igreja.

5.4 A EDUCAÇÃO LUTERANA NO BRASIL ENTRE DISPUTAS CONFESSIONAIS E EXPANSÃO PEDAGÓGICA (1931–1935)

Em edição de maio de 1931, o *Mensageiro Luterano* publicou uma reflexão crítica a respeito da reintrodução do ensino religioso nas escolas públicas brasileiras, por meio de decreto assinado pelo então Ministro da Instrução Pública, Francisco Campos. A revista denuncia:

O ensino religioso nas escolas públicas. – O que ainda hontem parecia impossível, hoje é facto. Um homem como nosso Ministro da Instrução, ao que parece, arrastado por aspirações políticas, servindo-se de seus melhores propagandistas, os padres, para recompensá-los, elaborou um decreto que determina o ensino religioso facultativo nas escolas públicas. E o chefe do Governo Provisório, que hontem combateu ardorosamente semelhante ideia, hoje assina o desastroso decreto do sr. Francisco de Campos, destruindo em

parte, uma das mais belas conquistas da República, que é a mais ampla liberdade de consciência. (maio/1931, fl. 37).

Essa crítica se articula com o espírito reformador de Lutero, que, embora atrelado a uma cosmovisão cristã, também defendia o acesso universal à instrução sem coerção dogmática. Segundo Barbosa (2007), Lutero sustentava que o conhecimento da Escritura deveria ser resultado da leitura crítica e livre, não de imposições clericais ou estatais. Por isso, a tensão entre fé e liberdade de consciência ressurgiu aqui como questão pedagógica e política. À época, vale lembrar, o ensino religioso correspondia ao ensino do catolicismo nas escolas, logo, flagrante a estratégia do impresso em atuar frente à defesa dos princípios protestantes.

Em janeiro de 1933, o impresso destaca dados sobre a Escola Concórdia, centro de formação teológica e docente da IELB. A ênfase dada à formação docente está em sintonia com a proposta luterana, conforme Volkmann (1984), de que o bom ensino depende de mestres bem preparados teologicamente e pedagogicamente. Para Lutero, como também sustenta Boto (2017), a escola deveria estar equipada não apenas com infraestrutura, mas com pessoas capacitadas a instruir nas Escrituras e nos saberes seculares.

Ainda em janeiro de 1933, a mesma edição celebra as publicações litúrgicas em língua portuguesa promovidas pelo Sínodo. Esse esforço de tradução e produção de materiais pedagógicos acessíveis remete diretamente ao projeto luterano de letramento religioso através da língua do povo. Lutero, ao traduzir a Bíblia para o alemão, almejava garantir que qualquer cristão pudesse ler e interpretar por si mesmo as Escrituras, um gesto radical de democratização do saber.

Como lembra Barbosa (2007), a alfabetização em língua vernácula era vista por Lutero como instrumento de emancipação espiritual e intelectual. No contexto da IELB, essa iniciativa revela também uma estratégia adotada frente às primeiras ações do Governo provisório Vargas que implementou políticas de nacionalização, a exemplo do uso da língua portuguesa com restrição de línguas estrangeiras em escolas e jornais.

A edição de março de 1935, por sua vez, apresenta o seguinte texto:

Que Deus abençoe a viagem e os estudos daqueles irmãos no continente negro. Christo mandou pregar o evangelho a todas as nações. Por isso a nossa igreja desconhece o preconceito de raça e de côr. (*Mensageiro Lutherano*, 1935, p. 23).

Em termos pedagógicos, o pensamento de Lutero, conforme discutido por Nunes (1980), apontava para uma educação universal, ainda que limitada por certas restrições de gênero e classe. Se, no Brasil, a presença de negros no espaço escolar luterano começa a ser visualmente representada, isso pode refletir uma apropriação ampliada dos ideais reformadores de educação como direito coletivo, algo que Barbosa (2007) associa à noção de dignidade humana presente no ideal de escolarização da Reforma, no entanto, vê-se que esta iniciativa não foi imediata e levou alguns anos até as suas primeiras ações missionárias, mesmo após a abolição.

A edição de março de 1935 dedicou também uma coluna à música sacra, com homenagem a Johann Sebastian Bach. Tal ênfase na música litúrgica relaciona-se a uma dimensão importante da proposta educativa de Lutero. Como lembra Eby (1976), a música era um dos componentes centrais do currículo idealizado pelo reformador, pois não apenas embelezava o culto, mas era ferramenta de memorização e interiorização da doutrina. A valorização de Bach, símbolo da teologia musical luterana, reforça a permanência dessa dimensão estético-pedagógica na prática educativa da IELB no Brasil. Como nota Cambi (1999), a Reforma não apenas provocou rupturas doutrinárias, mas também fundou uma nova cultura pedagógica em que a arte, especialmente a música, desempenhava função formativa.

5.5 A CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL DA IELB E SUA NACIONALIZAÇÃO PEDAGÓGICA (1936–1940)

Na edição de janeiro de 1937, a revista resgata a fundação do próprio *Mensageiro Luterano*, mencionando:

Foram fundadores do Mensageiro Luterano o então presidente da Igreja Evangelica Lutherana do Brasil, sr. rev. Emilio Mueller, o rev. professor Luiz Carlos Rehfeldt e o rev. Theophilo Strieter, todos ardorosos apologistas da evangelização luterana brasileira (*Mensageiro Luterano*, jan/1937, p. 1-2).

Ao expor os nomes dos fundadores, o texto mostra a íntima relação entre evangelização e projeto pedagógico, já que esses mesmos fundadores foram responsáveis pela organização do Seminário, da imprensa luterana e da expansão educacional da IELB. Como lembra Barbosa (2007), a proposta educacional luterana nasceu de um movimento teológico-pedagógico em que a Palavra de Deus deveria

ser propagada a todas as camadas da população, mediante o uso da língua materna, bons professores e materiais acessíveis.

Ainda em janeiro de 1937, a revista registra o crescimento do público leitor: “quase 600”. Embora conciso, esse dado revela um aumento da circulação de ideias entre luteranos brasileiros, possibilitado pelos impressos e pelo fortalecimento da cultura escrita. Essa estratégia dialoga com o compromisso luterano com a alfabetização e com a leitura da Bíblia em língua vernácula, como Lutero expressou desde seus catecismos e na tradução das Escrituras. Como afirma Hilsdorf (2006), a produção e circulação de materiais didáticos e religiosos em língua do povo foram centrais na proposta de escolarização promovida por Lutero e seus seguidores.

A edição de novembro de 1938 traz uma síntese da atuação educacional da IELB, destacando o vínculo entre nacionalidade brasileira, alfabetização e fé cristã. Afirma-se: “A Igreja Evangelica Lutherana do Brasil muito logo fundou um seminário, o qual se acha em Porto Alegre, com o fim de criar um ministério e um magistério recrutados dentre os filhos do país [...]” (*Mensageiro Lutherano*, nov/1938, p.84). Conforme aponta Albrecht (2024), o projeto reformado teve como uma de suas marcas a formação de um novo modelo de intelectual eclesiástico, não apenas teólogo, mas também professor, a serviço da comunidade. Essa preocupação com a nacionalização do corpo docente e pastoral reflete o esforço de adaptação do luteranismo alemão ao solo brasileiro. Não se pode, no entanto, perder de vista que neste período a ditadura Vargas adotou medidas autoritárias através da “Campanha de Nacionalização” que buscava a integração e homogeneização dos imigrantes estrangeiros e seus descendentes na população brasileira, forçando-os a desenvolver estratégias de adaptação e resistência pacífica.

Na mesma edição de novembro de 1938, aprofunda-se o compromisso com a educação pública e cristã ao afirmar:

Numa casa editora própria, publica ela os seus livros escolares e a mais de quatro mil crianças, em grande parte de origem germânica, em numerosas escolas primárias disseminadas pelo vasto Brasil, ensina a língua lusitana, a amar sua querida pátria brasileira, em cujo céu resplandece o cruzeiro, e a sujeitar-se às nossas leis e autoridades, integrando-as na nação brasileira no que porventura ainda lhes possa faltar para serem íntegros cidadãos do país [...] (*Mensageiro Lutherano*, nov/1938, p. 85).

A passagem articula o ideal luterano da educação à construção da cidadania sedimentada no esforço de integrar, cada vez mais, a IELB ao Brasil, ensinando aos estudantes na língua vernácula e inculcando-lhes os valores e princípios pátrios. Além

disso, abraça o propósito de Lutero quanto à produção e circulação de impressos religiosos, necessários à ação evangelizadora, mas, também contributiva para a ação pedagógica formadora. Como salienta Barbosa (2007), Lutero propunha uma educação que servisse não apenas ao céu, mas também à terra, isto é, que formasse bons cristãos e também cidadãos úteis e responsáveis ao estamento social. Também nesta passagem, vislumbra-se mais uma forma de resistir às políticas cerceadoras, uma vez que demonstra a busca pela comunidade à adequação das leis e cultura brasileira.

Ainda na edição de novembro de 1938, está presente o argumento de que a IELB atuou como precursora da alfabetização em zonas rurais:

Especialmente nas zonas rurais, nos afastados recantos da imensa gleba brasileira, povoados por multidões que sinceramente fizeram do Brasil sua pátria, nossa igreja precedeu há dezenas de anos os nossos poderes públicos na exímia campanha de alfabetização entre essas mesmas multidões [...]” (*Mensageiro Lutherano*, nov/1938, p. 85).

Esse trecho evidencia o protagonismo da Igreja em regiões negligenciadas pelo Estado, revelando um *ethos* luterano de valorização do ensino básico e da leitura da Bíblia como prioridade formativa, alcançando, através da estratégia missionária, novos adeptos que, além do amparo espiritual, recebiam também o educacional, relegado pelas autoridades, afinal, "a escola paroquial é o viveiro da igreja. Uma congregação sem escola paroquial onde possa educar as gerações futuras para preencher os claros feitos pelo tempo é condenada a muito pouco progresso e dificilmente terá bons membros" (*Mensageiro Lutherano*, jan/1940, p. 8), também aqui é revelada uma estratégia de atuação com relação à escolha destes campos missionários que se encontravam distantes dos centros urbanos, carentes da assistência estatal e sem forte presença da Igreja Católica, logo, representavam espaços privilegiados para a efetivação do ideal expansivo da IELB.

A preocupação com a formação do jovem luterano, é tomada desde cedo como um dever moral e religioso, "na mesma escola os pequeninos são criados na doutrina e admoestação do Senhor. E as congregações luteranas insistem em que os seus membros mandem os seus filhos á escola paroquial, onde possam ser educados de modo cristão" (*Mensageiro Lutherano*, jan/1940, p. 8). Esse chamamento, alinha-se à defesa de Lutero quanto à incumbência dos pais de enviar os filhos à escola. Nesse sentido, Boto (2017) destaca que, na perspectiva reformada, a alfabetização era mais que técnica: era um direito espiritual e civilizatório, capaz de transformar o indivíduo e

a comunidade. Além disso, educar as crianças desde a tenra idade dentro dos princípios luteranos asseguraria o futuro existencial da Igreja e atenuaria a dissidências de seus membros.

Na mesma sequência, reforça-se a exigência do domínio da língua portuguesa por parte dos educadores e pastores: “Os nossos obreiros, sem exceção, deverão aprender com urgência e eficiência a língua do país [...]” (*Mensagem Luterano*, nov/1938, p.85). Essa diretriz expressa o deslocamento gradual da IELB do uso exclusivo do alemão para um projeto educacional eclesial enraizado no vernáculo. Para Lutero, segundo Barbosa (2007), a língua do povo era o instrumento fundamental para o acesso à Palavra de Deus, e sua valorização tinha implicações teológicas e pedagógicas. Nesse sentido, o compromisso da IELB com o idioma nacional reitera essa herança reformada, aplicada agora ao contexto brasileiro endossado pela política de nacionalização que os obrigava a adotar tais medidas.

Em maio de 1938, aparece um excerto que critica as consequências do racionalismo sobre a fé e a educação: “A Reforma foi suplantada pelo racionalismo, a religião da razão, que seguiu o pietismo frouxo e superficial [...]” (*Mensagem Luterano*, maio/1938, p.40). Esta crítica aponta para uma defesa de um retorno à ortodoxia luterana e ao modelo de formação cristã que valorize tanto a razão quanto a fé revelada, rejeitando desvios teológicos ou métodos pedagógicos desvinculados da doutrina. Conforme Hilsdorf (2006), Lutero não rejeitava a razão, mas a subordinava à Escritura, e sua pedagogia equilibrava o ensino secular com os fundamentos bíblicos.

No mês seguinte, a edição de junho de 1938 aprofunda essa crítica afirmando: “O racionalismo religioso havia transformado a igreja evangélica da Alemanha num deserto árido, pior do que o paganismo” (*Mensagem Luterano*, jun/1938, p.47). A imagem do “deserto árido” evoca o vazio deixado por uma educação que se afasta da Palavra. A denúncia não é apenas teológica, mas também pedagógica, pois sugere que a formação desprovida de conteúdo espiritual enfraquece a comunidade. Para Volkman (1984), a pedagogia reformada deve ser sustentada por uma espiritualidade viva, e os desvios racionais, se não ancorados na Escritura, tornam-se estéreis, o que é notado na IELB que reforça a sua ortodoxia através do impresso.

Em novembro de 1939, a revista registra a ordenação do primeiro pastor negro da IELB: “Formou-se ali, já faz anos, o primeiro pastor luterano brasileiro de côr, o operoso rev. João Alves, que já colaborou nas colunas deste nosso jornal”

(*Mensageiro Luterano*, nov/1939, p.73). O reconhecimento de João Alves marca um momento significativo na ampliação da representatividade racial dentro da estrutura eclesial tendo sido o único negro noticiado no impresso no período analisado, questionando-se a ausência de iniciativas inclusivas nos anos anteriores desde o início da missão. Embora Lutero não tenha tratado explicitamente da questão racial, sua defesa da educação como direito universal, como observa Barbosa (2007), abria espaço para uma pedagogia integradora. A menção ao trabalho do pastor João Alves como colaborador do jornal também destaca sua participação intelectual ativa. A imagem deste pastor negro aparece anos depois no *Mensageiro Luterano*, edição de janeiro de 1943:

Figura 19 – O Pastor João Alves.



Pastor João Alves

Fonte: *Mensageiro Luterano*, janeiro de 1943, p. 03.

Por fim, a edição de julho de 1940 menciona que o curso do Seminário tinha a duração de dez anos, e em novembro de 1939 informa que até então haviam se formado 90 pregadores e professores. Esses dados revelam o investimento de longo prazo na formação teológica e pedagógica dos líderes da IELB. O tempo dedicado à formação e o número de egressos evidenciam a estruturação de um sistema educacional próprio, alinhado aos princípios da Reforma, mas adaptado ao contexto brasileiro. Trata-se, pois, da continuidade histórica do ideal luterano de formar obreiros e mestres não só para o púlpito, mas para a sala de aula e a sociedade e, trata-se também da consolidação dos ideais expansionistas do Sínodo de Missouri e da IELB em solo brasileiro.

5.6 A CONSOLIDAÇÃO DO IDEAL EDUCACIONAL LUTERANO NO BRASIL SEGUNDO O MENSAGEIRO LUTERANO (1941–1947)

Quando se analisa o *Mensageiro Luterano* no período de 1941 a 1947, vê-se uma reafirmação intensa do ideal educacional luterano vinculado diretamente à herança da Reforma.

De início, a edição de abril de 1941 afirma categoricamente:

A religião, de fato, deve orientar toda a vida escolar. Nós luteranos não aceitamos outra educação escolar senão aquela que é inteiramente orientada pela religião. Por isso mantemos com grande sacrifício as nossas escolas paroquiais em que os cordeiros de Jesús são diariamente apascentados nos campos da Palavra de Deus. O professor da escola luterana é verdadeiro guia espiritual de seus alunos. Na igreja luterana nunca a educação escolar teve cunho diferente. Esta herança já lhe vem do reformador, o pai da instrução pública. (*Mensageiro Luterano*, abr/1941, p. 29).

Expressa-se aqui com clareza a continuidade histórica entre o pensamento de Lutero e a prática educacional da (IELB), ecoando o que Barbosa (2007) descreve como um dos pontos principais do pensamento educacional de Lutero, qual seja, a defesa da educação pública como um dever do Estado e um direito de todos, mas sempre fundada em valores cristãos.

Ainda na mesma edição de abril de 1941, encontra-se uma formulação emblemática da visão luterana da alfabetização: “Um bom luterano bebe as verdades eternas da Bíblia com as primeiras letras e é, por isso, bom cristão. E um bom cristão é sempre bom cidadão. O luteranismo é o paladino da alfabetização” (*Mensageiro Luterano*, abr/1941, p. 29). Tal afirmação dialoga diretamente com a ideia, presente em Barbosa (2007) e Boto (2017), entre outros, de que Lutero compreendia a leitura como meio de emancipação espiritual e social. Ensinar a ler era, portanto, um gesto de inclusão no corpo da fé e no corpo da sociedade. Ainda, o trecho revela a idealização transmitida no impresso de que sendo cristão, é também um bom cidadão, pois a verdadeira cidadania se inicia com a apropriação da fé através das Escrituras, destacando ao luteranismo lugar central na construção deste sujeito.

Já a edição de janeiro de 1941 atenta para a compreensão do processo de institucionalização da formação pastoral no Brasil, ao registrar: “São os seguintes os nomes dos primeiros pastores luteranos formados no Brasil [...] Reinaldo Gueths, Guilherme Doege, Evaldo Hirschmann, Curt Raschke e Bertoldo Ergang” (*Mensageiro Luterano*, jan/1941, p. 4). Essa nota insere a formação teológica nacional no horizonte da reforma educacional preconizada por Lutero, que, conforme Barbosa (2007), exigia que houvesse formação sólida, espiritual e intelectual, dos futuros mestres e líderes religiosos. A nomeação dos formandos brasileiros representa a

concretização do ideal luterano de uma educação comprometida com os pilares da fé luterana.

Outro destaque aparece na edição de novembro/dezembro de 1942, que comemora o jubileu de prata do periódico: “Faz vinte e cinco anos a Comissão Missionária do Sínodo Evangélico Luterano do Brasil nomeou três pessoas para redigir uma revista na língua do país para servir de elo entre as igrejas e obreiros na vinha do Senhor” (*Mensageiro Luterano*, nov-dez/1942, p. 81). O trecho não apenas revela o compromisso com a educação e com a cultura escrita, mas reforça um dos princípios defendidos por Lutero e apontado por Eby (1976): o uso da língua materna como instrumento de instrução e aproximação entre fé e povo. Percebe-se, mais uma vez, que a criação do *Mensageiro Luterano* não se deu apenas pela necessidade de elaboração de mais um periódico pelo Sínodo, mas pela demanda de um impresso em língua nacional que pudesse contestar de forma pacífica as medidas de nacionalização, esquivando-se da repressão cultural, política e linguística.

A edição de novembro de 1943, ao celebrar os 40 anos do Seminário, traz informações sobre o currículo, programa e organização da formação teológica. A própria persistência da formação dos estudantes — com destaque para os anos de 1941 (com cinco novos pastores), 1942 (sete) e 1943 (quatro), mostra que a proposta educacional da Reforma se manteve como alicerce da missão luterana no Brasil, reafirmando o que Barbosa (2007) destaca como o “compromisso radical do reformador com a escolarização”, agora assumida também pela igreja confessional.

Por fim, a edição de janeiro de 1947 que celebra os 30 (trinta) anos do impresso, endossa, mais uma vez, a informação de que é o primeiro jornal luterano publicado em língua portuguesa e já alcançava naquele período a edição de 2.300 exemplares. Pode-se conceber que a criação do *Mensageiro Luterano* na língua portuguesa encarna esse ideal luterano da democratização do saber religioso.

As análises realizadas ao longo desta seção revelam, de maneira consistente, que o projeto pedagógico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), conforme registrado nas páginas da revista *Mensageiro Luterano* entre 1917 e 1947, esteve profundamente enraizado no pensamento educacional de Martinho Lutero.

A partir da análise dos excertos, constatou-se que há uma reiteração constante da concepção de escola como espaço de formação moral, religiosa e cívica, pautada na doutrina da justificação pela fé e na centralidade das Escrituras. A defesa de uma educação que alia piedade cristã e competência técnica dialoga diretamente com os

escritos de Lutero, sobretudo *Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha* (1524), em que ele clama por escolas cristãs públicas, de responsabilidade estatal, voltadas para a formação integral da juventude. O *ethos* presente nos textos do *Mensageiro* é, portanto, de continuidade pastoral e de fidelidade à proposta luterana original, mesmo em um novo território e sob novas circunstâncias históricas.

Outro aspecto que emerge das análises é o papel desempenhado pela educação como instrumento de manutenção da identidade étnico-confessional dos imigrantes luteranos e seus descendentes, afinal, ser de origem germânica neste contexto acometeu uma série de implicações. A forte presença da língua alemã e a preocupação com a formação de professores fiéis à doutrina luterana são traços que apontam para um projeto pedagógico que não se entende como neutro, mas como meio de resguardar um modo de vida.

Ao mesmo tempo, essa insistência na preservação da tradição não impede o surgimento de tensões, como demonstram os trechos que problematizam a obrigatoriedade da escola, o desafio de formar professores em território nacional e a adaptação do ensino cristão às exigências do contexto brasileiro. Trata-se, assim, de uma pedagogia marcada pela continuidade e, ao mesmo tempo, por deslocamentos e rearticulações no contato com a realidade local.

As análises demonstram ainda que a educação luterana, no período em questão, não se limita à instrução escolar formal, mas está inserida em um projeto missionário mais amplo, em que o ensino é compreendido como extensão da tarefa eclesial. A formação teológica, o preparo de obreiros e a edificação das famílias cristãs são apresentados nos excertos como fins principais da escolarização, o que reafirma a indissociabilidade entre fé e saber no horizonte luterano. Ao mesmo tempo, observa-se uma preocupação crescente com a qualidade do ensino, com o preparo dos professores e com a valorização do magistério, temas que ressoam diretamente com as propostas de Lutero, especialmente sua crítica à pedagogia autoritária medieval e seu apelo por métodos mais humanos, lúdicos e eficazes.

Por fim, as análises permitem concluir que o *Mensageiro Luterano* entre 1917 e 1947 constitui-se como um impresso crucial para a compreensão da recepção brasileira do pensamento educacional luterano. Ele evidencia que a IELB, embasada numa ortodoxia religiosa e também pedagógica, assumiu para si a missão de formar cristãos instruídos, firmados na doutrina e capazes de contribuir com a sociedade, sem abdicar de sua tradição teológica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese investigou a atuação do periódico Mensageiro Luterano, editado no Brasil, no período entre 1917 e 1947, como veículo de circulação de valores religiosos, morais e educacionais entre os membros do Sínodo de Missouri. O objeto da pesquisa, insere-se em uma zona fértil de intersecção entre história da educação e história das religiões, evidenciando como os impressos podem ser compreendidos não apenas como portadores de doutrinas, mas como agentes ativos na construção de identidades e práticas sociais.

Ancorado nos aportes teóricos da História Cultural, especialmente na obra de Roger Chartier, esta pesquisa consistiu em analisar como se deram a recepção e a apropriação do pensamento educacional de Martinho Lutero no contexto teuto-brasileiro, especialmente entre os membros da IELB, através das publicações periódicas do jornal Mensageiro Luterano (1917-1947).

Nos escritos luteranos analisados, Lutero exorta pais e autoridades civis a assumirem o dever divino e social de educar, considerando a escola como espaço de serviço a Deus e de fortalecimento da cidadania. Sua concepção pedagógica integrava saber teológico, saber prático e compromisso com o bem comum. A figura do professor, elevada a ministério, reforça essa ética de responsabilidade e serviço, compreende-se que a educação, para Lutero, é meio de construção de sujeitos históricos, capazes de unir fé, razão e ação para transformar a sociedade.

A análise do jornal Mensageiro Luterano pode ser concebida como artefato cultural e pedagógico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), através do que revelam sua materialidade, circulação, usos e disputas. O Mensageiro surgiu, viu-se, em 1917, como uma resposta institucional aos anseios de formação religiosa e identitária da IELB, redigido em língua portuguesa, mas trazendo, em seus primeiros números, seções em inglês e outras marcas da multiculturalidade dos luteranos de imigração. Assim, desde sua origem, o jornal foi concebido como instrumento de doutrinação e mediação cultural, capaz de negociar entre a tradição germânica e as exigências do Estado nacional brasileiro, afirmando-se como uma resistência pacífica.

Nesse sentido, entende-se que o periódico não apenas transmitia conhecimentos religiosos, mas também fomentava práticas educativas alinhadas à ética protestante do trabalho, da disciplina e da responsabilidade social, reforçando a ideia de que a fé deveria estar entrelaçada à vida cotidiana. Sob esse viés, destaca-

se que a apropriação das propostas educacionais de Lutero pelo Mensageiro revela um modelo de educação integral, que buscava preparar os indivíduos não apenas para o reino espiritual, mas também para os desafios do mundo secular, reafirmando a relevância histórica e contemporânea do legado reformista nas comunidades luteranas brasileiras.

Ao explorar os recursos visuais e linguísticos do jornal, o texto ressalta que o Mensageiro Luterano se apresentava com uma diagramação simples, mas estratégica, marcada por colunas doutrinárias, mensagens pastorais, textos catequéticos e relatos missionários. A análise da materialidade do impresso aponta para o uso recorrente de imagens de igrejas, templos e símbolos reformadores, como o retrato de Martinho Lutero, além de cabeçalhos em latim ou português que reforçavam a identidade confessional. Tais escolhas gráficas e textuais, viu-se, ainda que aparentemente neutras, são interpretadas como elementos da construção de um *ethos* luterano disciplinado e ordenado, que operava como dispositivo de poder simbólico no interior da comunidade teuto-brasileira. Nesse sentido, o Mensageiro Luterano é visto não apenas como meio de difusão ideológica, mas como um agente ativo na formação das subjetividades religiosas e sociais dos fiéis da IELB.

Um outro aspecto é o esforço em contextualizar historicamente o Mensageiro Luterano, demonstrando que as mudanças estéticas e editoriais do jornal acompanharam transformações sociais mais amplas. O periódico passou por diversas reformulações visuais, como a substituição de cabeçalhos com elementos germânicos por títulos em português, o abandono da coluna em inglês, e a adoção de um discurso mais acessível ao público luso-brasileiro. Tais modificações não são vistas como meras atualizações gráficas, mas como indícios de uma reconfiguração identitária promovida pela IELB, que buscava manter sua ortodoxia doutrinária ao mesmo tempo em que ampliava sua base de leitores e integrava-se ao Estado nacional.

Outro ponto de destaque é a análise do Seminário Concórdia, instituição central para a formação de professores e pastores da IELB, cuja trajetória se entrelaça com a história do jornal. O Mensageiro funcionava como extensão pedagógica do Seminário, divulgando seus eventos, publicando artigos de seus docentes e orientando pedagogicamente as comunidades paroquiais. A seção mostra que o Seminário, assim como o jornal, operava como um espaço de negociação e controle das práticas confessionais, funcionando sob uma lógica disciplinar que valorizava a ortodoxia doutrinária, a moral rígida e o engajamento comunitário. Essa articulação

entre instituição formadora e veículo de comunicação revela uma pedagogia luterana abrangente, na qual o impresso religioso é uma peça-chave de socialização, doutrinação e formação identitária.

Demonstrou-se, também, que o Mensageiro Luterano não pode ser compreendido apenas como fonte de informação religiosa, mas sim como um instrumento de construção simbólica. A materialidade do jornal, suas disputas internas, as estratégias de circulação e o papel pedagógico vinculado ao Seminário Concórdia mostram que estamos diante de um objeto cultural que produz sentidos, molda práticas e estrutura relações de poder. O periódico revela-se, assim, como um documento histórico privilegiado para se compreender a pedagogia luterana no Brasil, sua articulação com as transformações sociais e os modos de apropriação do legado reformador de Martinho Lutero em um contexto culturalmente híbrido e politicamente instável.

Compreendeu-se que a abordagem educacional presente no jornal está diretamente vinculada à pedagogia luterana, que remonta aos escritos de Martinho Lutero, especialmente aqueles voltados à defesa da criação de escolas cristãs. Lutero é constantemente evocado nas colunas como uma autoridade fundacional da educação protestante, sendo seus textos e ideias reinterpretados para justificar a importância da formação religiosa desde a infância. A defesa da escola paroquial aparece como um imperativo moral e espiritual, e a educação é apresentada como uma missão divina confiada à Igreja e às famílias. Tal concepção de ensino como extensão do cuidado pastoral torna-se um elemento-chave para a compreensão da IELB enquanto instituição que combina fé, cultura e disciplina social.

Há que se considerar a forma como o jornal articula a figura do professor e do pastor como educadores espirituais. A formação docente aparece sempre vinculada à fé e à moral, sendo o professor visto como extensão do trabalho ministerial. Essa sobreposição entre função religiosa e pedagógica revela uma concepção teológica de educação que transcende o ensino de conteúdos escolares e abrange a formação integral do caráter cristão. A educação é, portanto, compreendida como um processo de santificação, que deve ocorrer no espaço da escola confessional, sob a supervisão da Igreja.

Ainda que o uso do português tenha se intensificado ao longo dos anos, os textos analisados revelam uma constante tensão entre a necessidade de adaptação ao contexto nacional e o desejo de manter a tradição étnico-religiosa. Os autores das

colunas frequentemente apontam os perigos de uma educação pública laica, vista como indiferente ou até mesmo hostil à fé cristã, reforçando a ideia de que apenas a escola luterana poderia assegurar a formação espiritual adequada. Nessa perspectiva, os discursos impressos não são meras transmissões de conteúdo, mas atos sociais que constroem fronteiras simbólicas e moldam a experiência dos sujeitos em contextos específicos.

A análise mostra ainda que, mesmo com o passar dos anos e as mudanças políticas, a estrutura discursiva das colunas mantém-se relativamente estável, reiterando os mesmos temas centrais: a autoridade dos pais e pastores na educação dos filhos, o perigo do afastamento da fé, a importância do ensino doutrinário, a defesa da escola cristã como bastião moral e a rejeição da pedagogia laica.

Conclui-se que os excertos educacionais presentes no Mensageiro Luterano constituem um elemento central na consolidação da pedagogia luterana no Brasil, articulando tradição reformadora, identidade étnico-confessional e resistência às pressões da modernidade secular. Ao longo das décadas, o jornal reafirmou, por meio de suas colunas, uma concepção de ensino baseada na autoridade divina, na disciplina e na moral cristã. Essa concepção revela um projeto educativo amplo, que ultrapassa os limites da sala de aula e abrange a formação de uma comunidade inteira sob os moldes da fé luterana.

A análise do periódico, portanto, não apenas ilumina um aspecto importante da história da IELB, mas oferece também uma contribuição significativa para os estudos sobre impressos religiosos, práticas escolares e pedagogia confessional no Brasil. Com isso, a tese reafirma a importância de se compreender os impressos, à maneira de Chartier, como artefatos históricos fundamentais para a construção das subjetividades e das formas de pertencimento no mundo moderno.

Pode-se destacar, então, as limitações deste estudo. A mais evidente delas refere-se à delimitação temporal do corpus documental, que contempla apenas as edições do Mensageiro Luterano entre 1917 e 1947. Essa escolha, embora justificada pela celebração dos trinta anos do periódico, pela acessibilidade do acervo e pelos eventos históricos que impactaram este período, impede uma análise longitudinal mais extensa que abarque os desdobramentos posteriores da apropriação luterana da educação em contextos históricos distintos, como os regimes autoritários do pós-guerra ou a expansão da IELB em novos territórios.

As perspectivas futuras da pesquisa se abrem em múltiplas direções, especialmente no que tange à ampliação do escopo empírico e ao aprofundamento do diálogo entre história da educação, estudos da leitura e teoria da recepção. Um caminho promissor consiste em estender a análise para o período posterior a 1947, investigando como as transformações políticas e culturais da segunda metade do século XX impactaram a produção editorial do Mensageiro Luterano e sua função pedagógica no seio da IELB.

Ademais, tornar-se-ia relevante incorporar métodos de história oral, sobretudo com ex-leitores e membros da comunidade luterana, de modo a reconstruir práticas leitoras e usos pedagógicos que escapam ao discurso institucional, além de averiguar a existência de vozes dissidentes na comunidade, que pouco aparecem nas páginas do impresso e reforçam a ortodoxia da IELB. Como o Mensageiro Luterano era lido? Em cultos, escolas ou no ambiente doméstico? São outras possibilidades de investigação. Outra vertente fecunda reside no cotejamento com outras publicações confessionais, católicas, evangélicas e pentecostais, a fim de delinear um panorama comparativo da imprensa religiosa no Brasil como artefato formador.

Percebeu-se, por fim, que os princípios pedagógicos do reformador Martinho Lutero, como o ensino universal, a formação moral e religiosa do indivíduo e o papel da educação na construção da cidadania cristã, foram adaptados, ressignificados e reelaborados de acordo com as demandas específicas das comunidades teuto-brasileiras e os desafios históricos enfrentados no Brasil entre 1917 e 1947. O Mensageiro Luterano, nesse sentido, funcionou como um espaço de mediação simbólica entre a tradição reformista e as circunstâncias locais, veiculando uma pedagogia que, embora fiel ao núcleo teológico luterano, reinventava-se frente as contingências do mundo secular, das tensões linguísticas, das imposições políticas e das transformações culturais vividas pelas comunidades luteranas no sul do país.

Dessa maneira, pode-se afirmar que a apropriação do pensamento educacional de Lutero operou-se por meio de um processo dialético, em que tradição e inovação coexistiram. A IELB, por intermédio de seu principal periódico, reafirmou a centralidade da formação cristã integral e da leitura como práticas emancipadoras, mas também incorporou estratégias educativas que respondiam às exigências sociais e institucionais do Brasil republicano.

FONTES

O MENSAGEIRO CHRISTÃO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 25 de dez. 1917.

O MENSAGEIRO CHRISTÃO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 15 de jan. 1918.

O MENSAGEIRO CHRISTÃO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 1º de mar. 1918.

O MENSAGEIRO CHRISTÃO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 15 de mar. 1918.

O MENSAGEIRO CHRISTÃO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 1º de abr. 1918.

O MENSAGEIRO CHRISTÃO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 15 de abr. 1918.

O MENSAGEIRO CHRISTÃO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 1º de mai. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 15 de mai. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 1º de jun. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 15 de jun. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 1º jul. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 15 de jul. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 1º de ago. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 15 de ago. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 1º de set. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 15 de set. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 1º de out. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 15 de out. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 31 de out. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 15 de nov. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 1º de dez. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano I, 15 de dez. 1918.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 1º de jan. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 15 de jan. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 1º de fev. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 15 de fev. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 1º de mar. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 15 de mar. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 1º de abr. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 15 de abr. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 1º de mai. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 15 de mai. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 1º de jun. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 15 de jun. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 1º de jul. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 15 de jul. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 1º de ago. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 15 de ago. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 1º de set. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 15 de set. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 1º de out. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 15 de out. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 1º de nov. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 15 de nov. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 1º de dez. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano II, 15 de dez. 1919.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 1º de jan. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 15 de jan. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 1º de fev. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 15 de fev. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 1º de mar. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 15 de mar. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 1º de abr. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 15 de abr. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 1º de mai. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 15 de mai. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 1º de jun. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 15 de jun. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 1º de jul. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 15 de jul. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 1º de ago. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 15 de ago. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 1º de set. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 15 de set. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 1º de out. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 15 de out. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 31 de out. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 15 de nov. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 1ª de dez. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano III, 15 de dez. 1920.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, 1ª de jan. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, 15 de jan. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, 1ª de fev. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, 15 de fev. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, 1ª de mar. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, 15 de mar. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, 1ª de abr. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, 15 de abr. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, 1ª de mai. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, jun. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, jul. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, ago. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, set. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, out. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, nov. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano IV, dez. 1921.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano V, jan. 1922.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano V, fev. 1922.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano V, mar. 1922.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano V, abr. 1922.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano V, mai. 1922.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano V, jun. 1922.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano V, jul. 1922.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano V, ago. 1922.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano V, set. 1922.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano V, out. 1922.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano V, nov. 1922.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano V, dez. 1922.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VI, jan. 1923.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VI, fev. 1923.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VI, mar. 1923.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VI, abr. 1923.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VI, mai. 1923.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VI, jun. 1923.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VI, jul. 1923.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VI, ago. 1923.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VI, set. 1923.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VI, out. 1923.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VI, nov. 1923.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VI, dez. 1923.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VII, jan. 1924.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VII, fev. 1924.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VII, mar. 1924.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VII, abr./mai. 1924.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VII, jun. 1924.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VII, jul. 1924.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Typographia Concórdia, ano VII, ago. 1924.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VII, set. 1924.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VII, out. 1924.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VII, nov. 1924.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VII, dez. 1924.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VIII, jan. 1925.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VIII, fev. 1925.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VIII, mar. 1925.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VIII, abr. 1925.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VIII, mai. 1925.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VIII, jun. 1925.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VIII, jul. 1925.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VIII, ago. 1925.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VIII, set. 1925.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VIII, out. 1925.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VIII, nov. 1925.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano VIII, dez. 1925.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano IX, jan. 1926.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano IX, fev. 1926.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano IX, mar. 1926.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano IX, abr. 1926.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano IX, mai. 1926.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano IX, jun. 1926.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano IX, jul. 1926.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano IX, ago. 1926.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano IX, set. 1926.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano IX, out. 1926.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano IX, nov. 1926.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano IX, dez. 1926.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano X, jan. 1927.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano X, fev. 1927.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano X, mar. 1927.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano X, abr. 1927.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano X, mai. 1927.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano X, jun. 1927.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano X, jul. 1927.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano X, ago. 1927.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano X, set. 1927.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano X, out. 1927.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano X, nov. 1927.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano X, dez. 1927.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XI, jan. 1928.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XI, fev. 1928.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XI, mar. 1928.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XI, abr. 1928.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XI, mai. 1928.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XI, jun. 1928.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XI, jul. 1928.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XI, ago. 1928.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XI, set. 1928.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XI, out. 1928.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XI, nov. 1928.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XI, dez. 1928.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XII, jan. 1929.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XII, fev. 1929.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XII, mar. 1929.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XII, abr. 1929.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XII, mai. 1929.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XII, jun. 1929.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XII, jul. 1929.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XII, ago. 1929.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XII, set. 1929.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XII, out. 1929.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XII, nov. 1929.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XII, dez. 1929.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIII, jan. 1930.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIII, fev. 1930.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIII, mar./abr. 1930.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIII, mai. 1930.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIII, jun. 1930.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIII, jul. 1930.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIII, ago. 1930.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIII, set. 1930.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIII, out. 1930.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIII, nov. 1930.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIII, dez. 1930.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIV, jan. 1931.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIV, fev. 1931.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIV, mar. 1931.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIV, abr. 1931.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIV, mai. 1931.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIV, jun. 1931.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIV, jul. 1931.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIV, ago. 1931.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIV, set. 1931.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIV, out. 1931.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIV, nov. 1931.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIV, dez. 1931.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XV, jan. 1932.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XV, fev. 1932.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XV, mar. 1932.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XV, abr. 1932.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XV, mai. 1932.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XV, jun. 1932.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XV, jul./ago. 1932.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XV, set. 1932.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XV, out. 1932.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XV, nov. 1932.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XV, dez. 1932.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVI, jan. 1933.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVI, fev. 1933.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVI, mar. 1933.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVI, abr. 1933.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVI, mai. 1933.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVI, jun. 1933.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVI, jul. 1933.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVI, ago. 1933.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVI, set. 1933.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVI, out. 1933.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVI, nov. 1933.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVI, dez. 1933.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVII, jan. 1934.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVII, fev. 1934.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVII, mar. 1934.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVII, abr. 1934.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVII, mai. 1934.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVII, jun. 1934.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVII, jul. 1934.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVII, ago. 1934.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVII, set. 1934.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVII, out. 1934.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVII, nov. 1934.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVII, dez. 1934.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVIII, jan. 1935.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVIII, fev. 1935.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVIII, mar. 1935.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVIII, abr. 1935.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVIII, mai. 1935.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVIII, jun. 1935.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVIII, jul. 1935.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVIII, ago. 1935.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVIII, set. 1935.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVIII, out. 1935.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVIII, nov. 1935.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XVIII, dez. 1935.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIX, jan. 1936.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIX, fev. 1936.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIX, mar. 1936.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIX, abr. 1936.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIX, mai. 1936.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIX, jun. 1936.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIX, jul. 1936.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIX, ago. 1936.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIX, set. 1936.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIX, out. 1936.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIX, nov. 1936.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XIX, dez. 1936.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XX, jan. 1937.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XX, fev. 1937.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XX, mar. 1937.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XX, abr. 1937.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XX, mai. 1937.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XX, jun. 1937.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XX, jul. 1937.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XX, ago./set. 1937.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XX, out. 1937.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XX, nov. 1937.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XX, dez. 1937.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXI, jan. 1938.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXI, fev. 1938.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXI, mar. 1938.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXI, abr. 1938.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXI, mai. 1938.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXI, jun. 1938.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXI, jul. 1938.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXI, ago. 1938.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXI, set. 1938.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXI, out. 1938.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXI, nov. 1938.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXI, dez. 1938.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXII, jan. 1939.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXII, fev. 1939.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXII, mar. 1939.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXII, abr. 1939.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXII, mai. 1939.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXII, jun./jul. 1939.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXII, ago. 1939.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXII, set. 1939.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXII, out. 1939.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXII, nov. 1939.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXII, dez. 1939.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIII, jan. 1940.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIII, fev. 1940.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIII, mar./abr. 1940.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIII, mai. 1940.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIII, jun. 1940.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIII, jul. 1940.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIII, ago. 1940.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIII, set. 1940.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIII, out. 1940.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIII, nov. 1940.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIII, dez. 1940.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIV, jan. 1941.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIV, fev. 1941.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIV, mar. 1941.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIV, abr. 1941.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIV, mai. 1941.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIV, jun. 1941.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIV, jul. 1941.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIV, ago. 1941.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIV, set. 1941.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIV, out. 1941.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIV, nov. 1941.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIV, dez. 1941.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXV, jan. 1942.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXV, fev. 1942.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXV, mar. 1942.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXV, abr. 1942.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXV, mai. 1942.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXV, jun. 1942.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXV, jul. 1942.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXV, ago. 1942.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXV, set. 1942.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXV, out. 1942.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXV, nov./dez. 1942.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVI, jan./fev. 1943.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVI, mar. 1943.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVI, abr. 1943.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVI, mai. 1943.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVI, jun. 1943.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVI, jul. 1943.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVI, ago. 1943.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVI, set. 1943.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVI, out. 1943.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVI, nov. 1943.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVI, dez. 1943.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVII, jan. 1944.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVII, fev. 1944.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVII, mar. 1944.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVII, abr. 1944.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVII, mai. 1944.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVII, jun. 1944.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVII, jul. 1944.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVII, ago. 1944.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVII, set. 1944.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVII, out. 1944.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVII, nov. 1944.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVII, dez. 1944.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVIII, jan. 1945.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVIII, fev. 1945.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVIII, mar. 1945.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVIII, abr. 1945.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVIII, mai. 1945.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVIII, jun. 1945.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVIII, jul. 1945.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVIII, ago. 1945.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVIII, set. 1945.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVIII, out. 1945.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVIII, nov. 1945.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXVIII, dez. 1945.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIX, jan. 1946.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIX, fev. 1946.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIX, mar. 1946.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIX, abr. 1946.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIX, mai. 1946.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIX, jun. 1946.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIX, jul. 1946.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIX, ago. 1946.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIX, set. 1946.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIX, out. 1946.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIX, nov. 1946.

MENSAGEIRO LUTHERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXIX, dez. 1946.

MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXX, jan. 1947.

MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXX, fev. 1947.

MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXX, mar. 1947.

MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXX, abr. 1947.

MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXX, mai. 1947.

MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXX, jun. 1947.

MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXX, jul. 1947.

MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXX, ago. 1947.

MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXX, set./out. 1947.

MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXX, nov. 1947.

MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, ano XXX, dez. 1947.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, E. **Cartilhas em língua alemã produzidas pelos Sínodos Luteranos no Rio Grande do Sul: usos e memórias (1923-1945)**. 2019. 224 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas/ UFPEL, Pelotas/RS, 2019.

ALBRECHT, Elias. **A revista *Jovem Luterano*: educação, doutrinação e sociabilidade na identidade juvenil do Sínodo do Missouri (1929-1971)**. Tese de Doutorado. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2024.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História**. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. 1. ed. Bauru: Edusc, 2007.

ALMEIDA, João Luiz. **História do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação: Releitura de Lutero em perspectiva latino-americana**. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

ARNAUT DE TOLEDO, C. de A. A Questão da Educação na Obra de Martinho Lutero. **Acta Scientiarum**, Maringá, v.21, n.1, p.129-135, 1999. Disponível em: file:///D:/DOCUMENTOS/Downloads/4199-Texto%20do%20artigo-11938-1-10-20080702.pdf. Acesso em: 27 dez. 2023.

ARNAUT, César; RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. Estrutura e organização das Constituições dos jesuítas. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 24, n. 1, p. 103-113, 2002.

ATKINSON, James. **Lutero y el nacimiento del protestantismo**. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

BACELAR, J. **Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da imprensa**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Lisboa, 1999. Disponível em: http://bocc.ufp.pt/pag/bacelar_apontamentos.pdf Acesso em: 03 jul. 2024.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PÍNSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**, 2.ed., São Paulo: Contexto, 2008, p. 23-80.

BARBANTI, Maria Lúcia S. H. **Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

BARBOSA, L. M. R. **As origens do direito à educação: Martinho Lutero e a reforma protestante**. Curitiba: Crv, 2017.

BARBOSA, L. M. R. Estado e educação em Martinho Lutero: a origem do direito à educação. **Cad. Pesqui.** [online]. 2011, vol.41, n.144, pp.866-885. ISSN 0100-1574. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15742011000300012&script=sci_abstract Acesso 14 set. 2024.

BARBOSA, Roseane do Socorro Gomes. **A prática de ensino religioso não confessional: uma análise da perspectiva e do conteúdo da revista *Diálogo* à luz do modelo das ciências da religião.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2013.

BARROS, J. A. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BARTH, K. Evangelho e Lei. In: BARTH, K. **Dádiva e Louvor: ensaios teológicos de Karl Barth.** ALTMANN, W. (Org.). São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.

BELO, A. **História & livro e leitura.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulinas, 1985.

BERTEN, André. **Modernidade e desencantamento – Nietzsche, Weber e Foucault.** Tradução: Marcio Anatole de Sousa Romeiro. São Paulo: Saraiva, 2011.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada.** Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

BIBLIOTECA DO SEMINÁRIO CONCÓRDIA. Acervo histórico do Mensageiro Luterano (1917-1947). São Leopoldo, RS.

BOTO, Carlota. **A liturgia escolar na Idade Moderna.** Campinas, São Paulo: Papirus, 2017.

BOUDON, Raymond. **La rationalité du religieux selon Max Weber,** L'Année sociologique, vol. 51, p. 9-50. 2001.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BURKE, Peter. História Cultural: passado, presente e futuro. BURKE, P. **O Mundo como Teatro,** São Paulo: DIFEL, 1992.

BURMANN, Claudir. Reforma Protestante: uma caminhada de 500 anos. **Encontros Teológicos.** Florianópolis, v.31. n.2, mai.-ago. 2016 p. 217-234. Disponível em <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/download/69/63> Acesso 13 set. 2024.

CAIRNS, E. E. **O Cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2008.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo, Fundação Editora da UNESP (FEU). 1999.

CARVALHO, Alonso Bezerra de. **Educação e Liberdade em Max Weber**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004, 312 p. (Coleção Fronteiras da Educação).

CARVALHO, L. de C. O pensamento Educacional de Martinho Lutero, **Revista de Educação – Educare**. p.46-53Vol. 7 nº 14 jul./dez. 2012. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/6529>. Acesso em: 05 jan. 2024.

CASANOVA, J. Public Religions Revisited. In: VRIES, H. (Ed.). **Religion: Beyond a Concept**. Nova Iorque: Fordham University Press, 2008. p. 101-119.

CAVALCANTE, Ronaldo. **As relações entre protestantismo e modernidade: história e memória**. São Paulo: Paulinas, (Coleção iguais e diferentes). 2017.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertand, 1990.

CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas, Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 2003.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor? Revisão de uma genealogia**. São Carlos: UFScar, 2012.

CHAUNU, Pierre. **O tempo das reformas (1250-1550): a crise da cristandade**. Lisboa: Edições 70, 1993.

CITOT, V. Le processus historique de la Modernité et la possibilité de la liberté (universalisme et individualisme), **Le Philosophoie**, 2005/2, nº 25, p. 35 – 76. **confins da Terra: uma história ilustrada do Cristianismo**. Tradução de Itamir N. de confins da Terra: uma história ilustrada do Cristianismo. Tradução de Itamir N. de

COSTA, Douglas Lima da. Imprensa e Impresses Estudantis: A Importância da Imprensa na Ação Reformadora de Martinho Lutero. In: OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Histórias da educação em perspectiva: impressos, instituições, disciplinas e patrimônio educativo**. Aracaju: Criação Editora, 2024. cap. 1, p. 37–58. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/historias-da-educacao-em-perspectiva-impressos-instituicoes-disciplinas-e-patrimonio-educativo/>. Acesso em: 3 mar. 2025.

COSTA, Douglas Lima da. **Cosmovisões em conflito: discurso cristão x discurso acadêmico na Universidade Federal de Sergipe**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/13689>. Acesso em: 16 set. 2025

COSTA, Gicélia Santos. Protestantes na “Atenas Sergipana”: conflitos religiosos na inserção do presbiterianismo em Laranjeiras (1884-1899). In: CORREA, Marina

Aparecida de Oliveira dos; SANTOS, Rogério Andrade dos; SANTOS, Joe Marçal G. (Coords.). **Religião em foco: Formação & Pesquisa**. Curitiba: CRV, 2020.

COSTA, S. **Voluntariado religioso: uma análise da Revista Adventista (1982-2018)**. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2019.

DESCARTES, René. **Princípios da filosofia**. Tradução: João Gama. Lisboa: Edições 70, 1997.

DREHER, M. **História do povo luterano**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

DURKHEIM, Emile. **Educação e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

DURANT, Will. **A Reforma**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

EBY, Frederick, 1874-1968. **História da educação moderna: teoria, organização e práticas educacionais**. Tradução de Maria Ângela Vinagre de Almeida, Nelly Aleotti Maia e Malvina Cohen Zaide. 2. ed. Porto Alegre: Editora Globo.1976.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Uma história dos costumes. v.1, 2ª.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2000.

FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

FIGUR, E. N. A Igreja Evangélica Luterana no Brasil: história, formação de identidade e uso da mídia. **Anais da CONACIR**, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 1, n. 1, 2015.

FORGIONE, Jose D. **Antologia Pedagógica Universal**. Buenos Aires: Editorial EL Ateneo, 1950.

GEORGE, T. Ansiando pela graça: Martinho Lutero. In: GEORGE, T. **Teologia dos reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. Tradução de Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova.1994.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GILMONT, J.-F. Reformas protestantes e leituras. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.

GILSON, Étienne. **O espírito da filosofia medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GONÇALVES, Dilza Pôrto. **A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ÉTNICAS: UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE “ALEMÃES” E “NEGROS” EM CANGUÇU**. 2008. Dissertação (Mestre em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2254/1/400704.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GONZALEZ, Justo. A era dos Reformadores. In: GONZÁLEZ, Justo L. E até os GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores**. Vol. 6. São Paulo: Vida Nova, 1983.

GRUMAN, Marcelo. O lugar da cidadania: Estado moderno, pluralismo religioso e representação política. **Revista de Estudos da Religião**. n. 1, 2005.

HACK, Osvaldo H. **Protestantismo e educação brasileira**. São Paulo: Editora Presbiteriana, 1985.

HASSELHOFF, Göрге K. Martin Bucer e os judeus. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo. v. 57. n. 1. p. 60-78. jan./jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22351/et.v57i1.2953> Acesso em: 27 abr. 2023.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da história**. Tradução Maria Rodrigues e Hans Harden. 2. ed. Brasília: UnB, 1999.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da história**. Tradução Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: UnB, 1996.

HERRERA, A. **A mídia religiosa e a esfera pública em Cuba: o papel desempenhado pela revista católica Espacio Laical**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

HIGUET, Etienne A. “Alguns aspectos do catolicismo brasileiro atual – Considerações a partir da visão da modernidade em Paul Tillich”. In: **Revista Eletrônica Correlatio**. n. 1 – abr. de 2002. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=C9yeE60AAAAJ&citation_for_view=C9yeE60AAAAJ:2osOgNQ5qMEC Acesso em: 21 jun. 2024.

HILSDORF, M. L. S. **O aparecimento da escola moderna: uma história ilustrada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HUIZINGA, Johan. **O declínio da Idade Média**. Tradução: Augusto Abelaira. 2 ed. Lisboa: Ed. Ulisseia, 1985.

IUNG, S. **Ensino superior na ieclb: uma primeira história**. 2010. 138f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Teologia, Religião e Educação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/163/1/iung_s_tm225.PDF. Acesso em: 23 dez. 2023.

INSTITUTO HISTÓRICO DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL – IELB. **Acervo histórico do Mensageiro Luterano (1917-1947)**. Porto Alegre, RS.

JARDILINO, J. R. L. **Lutero e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n.1, p. 9-45, 2001.

HUFF JÚNIOR, A. E. . **Vozes da Ortodoxia: O Sínodo de Missouri e a Igreja Luterana do Brasil: processo de formação e relações nos contextos da I Guerra Mundial e do final do Regime Militar**. Tese de Doutorado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006.

KEIM, E. J. A Educação a Revolução Social de Martinho Lutero. **EccoS – Revista Científica**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 219–238, 2010. DOI:

10.5585/eccos.v12i1.1907. Disponível em:

<https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/1907>. Acesso em: 12 jan. 2024.

KREUTZ, Lúcio. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

KUNG, Hans. **Os grandes pensadores do Cristianismo**. Lisboa: Presença, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

KLUG, Reiner. **Martinho Lutero: a Reforma e o nascimento do protestantismo**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1998.

LIENHARD, M. **Martim Lutero: Tempo, Vida e Mensagem**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LINDBERG, Carter. **História da reforma**. Tradução: Elissamai Agostinho Bauleo. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LOPES, E. M. T. **Origens da educação pública: instrução na revolução burguesa do século XVIII**. São Paulo: Loyola, 1981.

LORTZ, Joseph. **Historia de la Iglesia em la perspectiva de la historia del pensamiento**. 2 vols. Madrid: Cristiandad, 1972.

LOWANDE, Walter Francisco Figueiredo. A História Transnacional e a Superação da Metanarrativa da Modernização. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 219–245, dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/56515> Acesso em: 6 jul. 2025

LUTERO, M. **Obras selecionadas: ética - fundamentos - oração- sexualidade - educação- economia**. Tradução: Martin N. Dreher. 3 ed. atualizada. v. 5. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2018.

LUTERO, Martinho. **A liberdade cristã (1520)**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

LUTERO, Martinho. **Da liberdade do cristão (1520)**: prefácios à Bíblia. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo, UNESP, 1998.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**: ética - fundamentos - oração- sexualidade - educação- economia. Tradução: Martin N. Dreher. 3 ed. atualizada. v. 5. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2018.

LUTERO, Martinho. Tratado sobre a liberdade cristã. In: **Obras selecionadas**. vol. 2. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo/RS: Sinodal, RS: Concórdia, 2000.

LUTERO, Martinho; MELANCHTHON, Philipp. **Instrução para os Visitadores das Escolas da Saxônia (1528)**. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

LUZURIAGA, L. A Educação pública religiosa. In: LUZURIAGA, L. **História da educação pública**. São Paulo: Nacional, 1959.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. Tradução de Gaetano Lo Monaco. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**. Dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MATOS, Alderi Souza de. A Reforma Protestante do Século XVI. Vox Faifae: **Revista de Teologia da Faculdade FASSEB**. Goiás. v. 3, n. 1 (2011). ISSN: 2176-8986. Disponível em: <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfaifae/issue/view/7>. Acesso em: 19 dez. 2022.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir**: A inserção do Protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**: um estudo de caso. Juiz de Fora: EDUFJF; S. Bernardo do Campo: EDITEO, 1994.

MONDIN, Battista. **Curso de filosofia**. Tradução do italiano de Benôni Lemos. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

MONIZ, Jorge Botelho. As falácias da secularização: análise das cinco críticas-tipo às teorias da secularização. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 1, n. 36, maio/ago. de 2017.

NASCIMENTO, Maria Natividade Pereira. **A religiosidade popular na Revista Família Cristã**: uma análise das matérias que aparecem na seção Cultura Popular das edições de 1980 a 1981. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2007.

NELSON, E. C. **The rise of world Lutheranism, an American perspective**. Philadelphia: Fortress Press, 1982.

NUNES, R. A. da C. Evolução da instituição escolar. In: NUNES, R. A. da C. **Estrutura e funcionamento da educação básica - leituras**. São Paulo: Pioneira, 1998.

NUNES, R. A. da C. **História da Educação no Renascimento**. História da Educação no Renascimento Paulo: EPU, 1980.

PAHL, J. Recriando a América: Ministério da Juventude e mudança social, 1930-1999. **A enciclopédia da educação informal**. 2003.

PONCE, A. **Educação e luta de classes**. 11. ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1991.

RADÜNZ, Roberto. **A terra da liberdade, o protestantismo luterano em Santa Cruz do Sul no século XIX**. Tese (Doutorado em História), PUCRS, Porto Alegre, 2003.

RAMALHO, Jether P. **Prática educativa e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

RAMOS, O. A. **Historia social y política de Alemania**. V. 1. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995.

REHFELDT, M. L. **Um grão de mostarda: a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. Vol. 1. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

RIETH, R. W. Raízes Históricas e Identidade da Igreja Evangélica Luterana no Brasil (IELB). **Estudos Teológicos**, v. 49, n. 2, 2009.

RIVERA, Paulo Barrera. Pluralismo Religioso e Secularização: Pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo no Brasil. **Rever, Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, p. 50-76, mar. 2010. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2010/t_rivera.pdf. Acesso em: 29 abr. de 2022.

ROPS, Daniel. **A Igreja da Renascença e da Reforma**. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Editora Quadrante, 1996.

ROSA, M. da G. de. **A História da Educação Através dos Textos**. São Paulo: Cultrix, 2004.

ROSA, Maria da Glória de. **A História da Educação Através dos Textos**. São Paulo: Cultrix, 1971.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. 2.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHNEIDER, Arno. A presença luterana no Brasil: de 1824 até os dias de hoje. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1995.

SELL, C. E. **Sociologia clássica**. Itajaí: Edifurb, 2002.

SELLARO, Leda Rejane. **A Educação e religião**. Dissertação de Mestrado, UFPE, 1987.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes com a questão nacional. **Mana**. Rio de Janeiro: v.3, n.1, p. 95-131, 1997. Disponível online em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid. Acessado: 25 jan 2025.

SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. Erasmo botou o ovo que Lutero chocou: a contribuição da obra literária de Erasmo de Roterdã ao início da Reforma Protestante. **Plura, Revista de Estudos de Religião**. v. 7, n. 1, p. 268-291. 2016. Disponível em: https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/download/1183/pdf_150/ Acesso em: 11 abr. de 2022.

SILVA, E. **Família e prosperidade no discurso da Igreja Messiânica Mundial do Brasil**: as experiências da fé na *Revista Izunome* (2007-2011). Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SILVA, Elisângela Marina de Freitas e. **Família e prosperidade no discurso da Igreja Messiânica Mundial do Brasil**: as experiências da fé na *Revista Izunome* (2007-2011). Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

STEYER, W. O. **Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o luteranismo**. Porto Alegre: Singularart, 1999.

TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e Igreja**: As comunidades- Livres no Contexto da Estruturação do Luteranismo no Rio Grande do Sul. 1996. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia/EST, São Leopoldo/RS, 1996.

TILLICH, P. **Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX**. São Paulo: Aste 2010.

TODD, M. **Authority vested**: a story of identity and change in the Lutheran Church-Missouri Synod. Grand Rapids, Michigan; Cambridge, UK: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000.

TROELTSCH, Ernst. **Protestantism and Progress**: The Significance of Protestantism for the Rise of the Modern World. Philadelphia: Fortress, 1986.

VILAS-BÔAS, Ester Fraga. **Origens da Educação Protestante em Sergipe**: 1884-1913. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2000.

VOLKMANN, M. Lutero e a Educação. In: DREHER, Martin. (Org.). **Reflexões em torno de Lutero**. São leões em torno de Lutero Leopoldo: Sinodal, 1984. v. 2. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/lutero-e-educacao>. Acesso em: 06 jan. 2024.

WACHHOLZ, W. **“Atravessem e ajudem-nos”, a atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899)**. Tese (Doutorado em Teologia), Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1999.

WALKER, Williston. **História da igreja cristã**. 4.ed. Tradução de N. Duval da Silva. São Paulo: ASTE, 2015.

WARTH, Carlos Henrique. **Crônicas da Igreja: Fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1900- 1974)**. Porto Alegre, Concórdia S. A., 1979.

WEBER, Max. **A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 7ª ed. Livraria Pioneira Editora, 1992.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEIDUSCHADT, P. **A revista *O Pequeno Luterano* e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas- RS (1931-1966)**. Tese de Doutorado. São Leopoldo: UNISINOS, 2012.

WEIDUSCHADT, P. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: Identidade e cultura escolar**. 2007. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas/RS, 2007.

WEIDUSCHADT, Patrícia. TAMBARA, Elomar. **O SÍNODO DE MISSOURI E O SEMINÁRIO TEOLÓGICO-PEDAGÓGICO EM SÃO LOURENÇO DO SUL- RS (1903-1905)**. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, n.48, p. 199-224 Dez.2012 - ISSN: 1676-2584.

WEIDUSCHATD, Neuci. **O pequeno luterano: identidade, memória e produção cultural teuto-brasileira (1917-1947)**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

WIENS, Victor. **Refugiados e Embaixadores: Missões Menonitas no Brasil**. Rio de Janeiro. Amazon Digital Services LLC, 2018.

WOODS. T. E. J. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. Trad. Élcio Carillo. São Paulo: Quadrante. 2008.

ZEPEDA, José de Jesús Legorreta. **Secularização ou Ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização**. Tradução de Paula Carpenter. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 25, n. 73. p. 129-141, jun. 2010.

APÊNDICE A – Tabela com todas as revistas utilizadas

Impresso	Mês e ano	Nº Edição	Título da Publicação
O MENSA- GEIRO CHRIS- TÃO	ano I, 25 de dez. 1917.	1	Boas Festas
O MENSA- GEIRO CHRIS- TÃO	ano I, 15 de jan. 1918.	2	O Mensageiro
O MENSA- GEIRO CHRIS- TÃO	ano I, 1º de mar. 1918.	3	Quaresma
O MENSA- GEIRO CHRIS- TÃO	ano I, 15 de mar. 1918.	4	Sexta-feira da Paixão
O MENSA- GEIRO CHRIS- TÃO	ano I, 1º de abr. 1918.	5	Ressureição de Jesus
O MENSA- GEIRO CHRIS- TÃO	ano I, 15 de abr. 1918.	6	Paz seja comvosco
O MENSA- GEIRO CHRIS- TÃO	ano I, 1º de mai. 1918.	7	O Dia da Ascensão
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 15 de mai. 1918.	8	Sermão
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 1º de jun. 1918.	9	Sermão
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 15 de jun. 1918.	10	Jesus recebe Peccadores

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 1º jul. 1918.	11	Pesca Maravilhosa
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 15 de jul. 1918.	12	Dar Graças
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 1º de ago. 1918.	13	Dar Conta
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 15 de ago. 1918.	14	Misericórdia
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 1º de set. 1918.	15	Caridade
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 15 de set. 1918.	16	Não andeis cuidadosos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 1º de out. 1918.	17	O Grande Mandamento
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 15 de out. 1918.	18	Signaes e Milagres
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 31 de out. 1918.	19	Luthero e Justificação
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 15 de nov. 1918.	20	Nossos Negocios
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 1º de dez. 1918.	21	Advento
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano I, 15 de dez. 1918.	22	Natal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 1º de jan. 1919.	1	Ao Começar do novo anno
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 15 de jan. 1919.	2	O que é um Lutherano?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 1º de fev. 1919.	3	O que é um Lutherano?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 15 de fev. 1919.	4	Sermão de Confirmação sobre Proverbios 23,26
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 1º de mar. 1919.	5	O que é um Lutherano?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 15 de mar. 1919.	6	O que é um Lutherano?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 1º de abr. 1919.	7	Sermão
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 15 de abr. 1919.	8	A ressurreição de Jesus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 1º de mai. 1919.	9	O que é um Lutherano?

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 15 de mai. 1919.	10	O que é um Lutherano?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 1º de jun. 1919.	11	Pentecostes
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 15 de jun. 1919.	12	Trindade
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 1º de jul. 1919.	13	Em Prol da Missão
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 15 de jul. 1919.	14	Os Fundamentaes
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 1º de ago. 1919.	15	A lucta cessou?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 15 de ago. 1919.	16	O Peccado
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 1º de set. 1919.	17	Misericordia
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 15 de set. 1919.	18	Justificação
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 1º de out. 1919.	19	A Santificação
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 15 de out. 1919.	20	Luthero inventou uma nova Religião?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 1º de nov. 1919.	21	Carta de Luthero ao Papa Leão X
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 15 de nov. 1919.	22	Advento
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 1º de dez. 1919.	23	A esperança dos Povos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano II, 15 de dez. 1919.	24	Natal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 1º de jan. 1920.	1	Bom Anno
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 15 de jan. 1920.	2	A Santa Familia
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 1º de fev. 1920.	3	Idolatria Romana
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 15 de fev. 1920.	4	Idolatria Romana
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 1º de mar. 1920.	5	Quaresma
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 15 de mar. 1920.	6	Vigiae e Orae

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 1º de abr. 1920.	7	Resuscitou!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 15 de abr. 1920.	8	Orae e trabalhae
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 1º de mai. 1920.	9	Fundação da comunidade Evangelica-Luthe-rana em Lagôa Vermelha
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 15 de mai. 1920.	10	O Consolador
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 1º de jun. 1920.	11	Celibato
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 15 de jun. 1920.	12	Corpus Christi
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 1º de jul. 1920.	13	Os Fundamentaes
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 15 de jul. 1920.	14	Sempre o mesmo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 1º de ago. 1920.	15	Da Oração
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 15 de ago. 1920.	16	Perdão das Injurias
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 1º de set. 1920.	17	Eternidade
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 15 de set. 1920.	18	Eternidade
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 1º de out. 1920.	19	Eternidade
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 15 de out. 1920.	20	Reconciliação fraternal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 31 de out. 1920.	21	Reconciliação fraternal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 15 de nov. 1920.	22	Reconciliação fraternal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 1ª de dez. 1920.	23	Advento
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano III, 15 de dez. 1920.	24	O Renovo de Jessé
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, 1ª de jan. 1921.	1	Anno Novo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, 15 de jan. 1921.	2	Permaneçamos na Palavra de Jesus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, 1ª de fev. 1921.	3	Permaneçamos na Palavra de Jesus

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, 15 de fev. 1921.	4	Permaneçamos na Palavra de Jesus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, 1ª de mar. 1921.	5	Eis aqui o homem!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, 15 de mar. 1921.	6	O Alleluia Paschoal da Igreja de Christo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, 1ª de abr. 1921.	7	Alleluia, Jesus resurgiu!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, 15 de abr. 1921.	8	Sermão
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, 1ª de mai. 1921.	9	Pentecostes
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, jun. 1921.	10	Justificação do Peccador
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, jul. 1921.	11	Discurso Synodal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, ago. 1921.	12	Discurso Synodal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, set. 1921.	13	Discurso Synodal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, out. 1921.	14	Discurso Synodal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, nov. 1921.	15	Reforma
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IV, dez. 1921.	16	Natal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano V, jan. 1922.	1	Anno Bom
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano V, fev. 1922.	2	Catechese
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano V, mar. 1922.	3	Catechese
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano V, abr. 1922.	4	Está consummado
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano V, mai. 1922.	5	Súplicas
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano V, jun. 1922.	6	Pentecostes
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano V, jul. 1922.	7	As doutrinas lutheranas
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano V, ago. 1922.	8	1847 - Jubileu de nosso Synodo-mãe - 1922

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano V, set. 1922.	9	Aquelle que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano V, out. 1922.	10	Centenario da Independencia
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano V, nov. 1922.	11	As 95 Theses
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano V, dez. 1922.	12	Natal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VI, jan. 1923.	1	Anno Bom
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VI, fev. 1923.	2	O que o Synodo de Missouri, Ohio e outros Estados ensinou durante sua existencia de setenta e cinco annos e ainda ensina
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VI, mar. 1923.	3	O que o Synodo de Missouri, Ohio e outros Estados ensinou durante sua existencia de setenta e cinco annos e ainda ensina
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VI, abr. 1923.	4	O que o Synodo de Missouri, Ohio e outros Estados ensinou durante sua existencia de setenta e cinco annos e ainda ensina
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VI, mai. 1923.	5	O que o Synodo de Missouri, Ohio e outros Estados ensinou durante sua existencia de setenta e cinco annos e ainda ensina
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VI, jun. 1923.	6	Pentecostes
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VI, jul. 1923.	7	Alguma cousa para a meditação
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VI, ago. 1923.	8	O papa mesmo prova que é o antichristo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VI, set. 1923.	9	Uma palavra contra os rebeliões
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VI, out. 1923.	10	O anjo com o Evangelho eterno
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VI, nov. 1923.	11	O anjo com o Evangelho eterno
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VI, dez. 1923.	12	Natal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VII, jan. 1924.	1	Prefacio
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VII, fev. 1924.	2	Porque Creio que a Sagrada Escripura é a Palavra de Deus, Guia Unico á Salvação e Eterna Vida
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VII, mar. 1924.	3	Por quem?

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VII, abr./mai. 1924.	4	Subiu aos Céus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VII, jun. 1924.	5	Pentecostes
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VII, jul. 1924.	6	E mariolatria idolatria?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VII, ago. 1924.	7	Discurso do Rev. Krainovic
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VII, set. 1924.	8	A Origem do Mal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VII, out. 1924.	9	A Reforma
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VII, nov. 1924.	10	Hymno
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VII, dez. 1924.	11	Natal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VIII, jan. 1925.	1	Prefacio
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VIII, fev. 1925.	2	Vulto historico de Maria, mãe de Jesus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VIII, mar. 1925.	3	Peccado
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VIII, abr. 1925.	4	Paschoa
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VIII, mai. 1925.	5	Pentecostes
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VIII, jun. 1925.	6	Pelo 4º Centenario do Matrimonio de Lutero
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VIII, jul. 1925.	7	Pelo 4º Centenario do Matrimonio de Lutero
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VIII, ago. 1925.	8	Pelo 4º Centenario do Matrimonio de Lutero
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VIII, set. 1925.	9	25 annos debaixo do Cruzeiro do Sul
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VIII, out. 1925.	10	O Reformador prega sobre as boas obras
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VIII, nov. 1925.	11	25 annos debaixo do Cruzeiro do Sul
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano VIII, dez. 1925.	12	Natal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IX, jan. 1926.	1	Prefacio

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IX, fev. 1926.	2	Prefacio da Epistola aos Romanos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IX, mar. 1926.	3	Prefacio da Epistola aos Romanos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IX, abr. 1926.	4	Resurrexit, Alleluia!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IX, mai. 1926.	5	A Vinda do Consolador
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IX, jun. 1926.	6	Justiça
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IX, jul. 1926.	7	Justificação
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IX, ago. 1926.	8	Graça
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IX, set. 1926.	9	Fé
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IX, out. 1926.	10	Christo - Rei
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IX, nov. 1926.	11	Todos Peccaram
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano IX, dez. 1926.	12	Bemaventurados os que não viram, e creram
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano X, jan. 1927.	1	Qual é o irmão
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano X, fev. 1927.	2	Pela Graça sois salvos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano X, mar. 1927.	3	Ha um só Mediador
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano X, abr. 1927.	4	Cordeiro de Deus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano X, mai. 1927.	5	O Millenio
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano X, jun. 1927.	6	Lutheranismo e Romanismo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano X, jul. 1927.	7	Esposa Divorciada
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano X, ago. 1927.	8	Sola Fide e a Sagrada Escripura
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano X, set. 1927.	9	Sola Fide e os Santos Padres
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano X, out. 1927.	10	Quem fundou uma igreja nova, Lutero ou os papistas?

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano X, nov. 1927.	11	Quem fundou uma igreja nova, Lutero ou os papistas?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano X, dez. 1927.	12	Natal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XI, jan. 1928.	1	1928
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XI, fev. 1928.	2	O Baptismo Infantil
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XI, mar. 1928.	3	Não é o Sabbado nem o Domingo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XI, abr. 1928.	4	Resurreição dos Mortos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XI, mai. 1928.	5	A Morte
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XI, jun. 1928.	6	A Alma depois da morte
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XI, jul. 1928.	7	A Alma depois da morte
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XI, ago. 1928.	8	Os mortos sabem dos vivos?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XI, set. 1928.	9	Juizo Final
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XI, out. 1928.	10	Lutero e a Reforma
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XI, nov. 1928.	11	Juizo Final
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XI, dez. 1928.	12	Nascimento do Salvador
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XII, jan. 1929.	1	Prece de Anno Bom
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XII, fev. 1929.	2	O Antichristo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XII, mar. 1929.	3	Ceia do Senhor
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XII, abr. 1929.	4	Redempção
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XII, mai. 1929.	5	Quarto Centenario dos Catechismos de Lutero 1529-1929
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XII, jun. 1929.	6	Quarto centenario do nome "protestantes"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XII, jul. 1929.	7	Fim do mundo

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XII, ago. 1929.	8	Inferno
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XII, set. 1929.	9	Ha Purgatorio?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XII, out. 1929.	10	Quarto centenario da Conferencia de Marburg
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XII, nov. 1929.	11	Zwinglio, Calvino e Cranmer foram apostatas?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XII, dez. 1929.	12	A nova de Natal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIII, jan. 1930.	1	1930
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIII, fev. 1930.	2	Vida eterna
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIII, mar./abr. 1930.	3 e 4	Estado e Igreja
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIII, mai. 1930.	5	Estado e Igreja
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIII, jun. 1930.	6	Quarto Centenario da Confissão Lutherana de Augsburg
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIII, jul. 1930.	7	Estado e Igreja
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIII, ago. 1930.	8	A potestade superior
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIII, set. 1930.	9	Ha Deus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIII, out. 1930.	10	Intus ex autem fide vivit ou O segundo apostolo da justificação
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIII, nov. 1930.	11	A Igreja
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIII, dez. 1930.	12	Prece de Natal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIV, jan. 1931.	1	No Limiar Dum Novo Anno
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIV, fev. 1931.	2	40 Anos de Liberdade Religiosa no Brasil
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIV, mar. 1931.	3	Nossa epocha á luz das Escripturas
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIV, abr. 1931.	4	Deante do tribunal de Christo resuscitado
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIV, mai. 1931.	5	A Proximidade real de Christo

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIV, jun. 1931.	6	Operemos a nossa salvação com temor e tremor!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIV, jul. 1931.	7	O Poder do Peccado
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIV, ago. 1931.	8	O meu nome está escripto no livro da vida?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIV, set. 1931.	9	A Egreja
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIV, out. 1931.	10	Reforma
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIV, nov. 1931.	11	O Caminho A' Vida
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIV, dez. 1931.	12	Nasceu o Redemptor!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XV, jan. 1932.	1	Permaneçamos na Palavra de Jesus!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XV, fev. 1932.	2	Creio uma vida Eterna
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XV, mar. 1932.	3	Jesus Resuscitou!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XV, abr. 1932.	4	A Sciencia occulta aos sabios e entendidos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XV, mai. 1932.	5	Voltaremos ao velho officialismo religioso?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XV, jun. 1932.	6	Repouso do povo de Deus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XV, jul./ago. 1932.	7 e 8	A Heresia
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XV, set. 1932.	9	"Resta ainda um repouso"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XV, out. 1932.	10	"Sahi do meio delles!"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XV, nov. 1932.	11	Perdoado!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XV, dez. 1932.	12	Advento
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVI, jan. 1933.	1	Anno Novo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVI, fev. 1933.	2	O fundamento da esperança da nossa Salvação
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVI, mar. 1933.	3	"Não andeis cuidadosos!"

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVI, abr. 1933.	4	19º Centenario da Redempção
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVI, mai. 1933.	5	19º Centenario da Igreja Christã
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVI, jun. 1933.	6	Os Lutheranos e as imagens
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVI, jul. 1933.	7	Os Lutheranos e as imagens
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVI, ago. 1933.	8	Restricção da natividade espiritual
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVI, set. 1933.	9	Por que evangelico-lutherano e não catholico-romano?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVI, out. 1933.	10	Worms e Marburg
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVI, nov. 1933.	11	Luthero: o seu 450º anniversario
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVI, dez. 1933.	12	Bethlehem
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVII, jan. 1934.	1	O nome de Jesus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVII, fev. 1934.	2	Sexto Preceito
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVII, mar. 1934.	3	De que maneira posso conhecer e obter toda a certeza de que o Evangelho que encontro na Biblia, é de facto e verdadeiramente o Evangelho de Deus?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVII, abr. 1934.	4	Vive o Redemptor!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVII, mai. 1934.	5	Perguntas de Consciencia
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVII, jun. 1934.	6	Debaixo de suas azas
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVII, jul. 1934.	7	Não ha desculpa!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVII, ago. 1934.	8	Ainda que mortos, viveremos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVII, set. 1934.	9	A Biblia
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVII, out. 1934.	10	Dizendo Nosso Senhor e Mestre Jesus Christo...
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVII, nov. 1934.	11	Provae-vos a vós mesmos

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVII, dez. 1934.	12	Pensamentos de Natal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVIII, jan. 1935.	1	Anno Novo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVIII, fev. 1935.	2	Victoriosos na Tentação
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVIII, mar. 1935.	3	Um só caminho ao pae
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVIII, abr. 1935.	4	Santa Cruz
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVIII, mai. 1935.	5	Ainda está em tempo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVIII, jun. 1935.	6	O espirito de Deus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVIII, jul. 1935.	7	O espirito Santo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVIII, ago. 1935.	8	Consolação
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVIII, set. 1935.	9	Respostas Divinas
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVIII, out. 1935.	10	A Reforma Lutherana e os Catholicos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVIII, nov. 1935.	11	"Vós sois o sal da terra"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XVIII, dez. 1935.	12	Appareceu o Salvador!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIX, jan. 1936.	1	Não ha tempo!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIX, fev. 1936.	2	"Até que eu venha"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIX, mar. 1936.	3	"A vossa redempção está proxima"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIX, abr. 1936.	4	O sangue de Jesus fala melhor do que o de Abel
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIX, mai. 1936.	5	Esperando
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIX, jun. 1936.	6	Nunca desesperes!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIX, jul. 1936.	7	Lutheranos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIX, ago. 1936.	8	Meios sempre tem

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIX, set. 1936.	9	Allocução
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIX, out. 1936.	10	Quem é o papa?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIX, nov. 1936.	11	O melhor amigo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XIX, dez. 1936.	12	Natal e juízo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XX, jan. 1937.	1	20 annos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XX, fev. 1937.	2	Caridade
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XX, mar. 1937.	3	O preço da traição e a redempção
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XX, abr. 1937.	4	Nós e a salvação dos outros
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XX, mai. 1937.	5	"Não vos deixarei"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XX, jun. 1937.	6	Meu ingresso na Igreja Lutherana
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XX, jul. 1937.	7	A seriedade da morte e a vaedade da vida
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XX, ago./set. 1937.	8 e 9	Igreja da Paz
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XX, out. 1937.	10	Reforma e Oração
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XX, nov. 1937.	11	Por que pertencer a uma Igreja?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XX, dez. 1937.	12	Fez-se Pobre para nos Enriquecer
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXI, jan. 1938.	1	"Senhor, deixa-a este anno"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXI, fev. 1938.	2	Esposa de S. Pedro
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXI, mar. 1938.	3	Ao amigo incredulo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXI, abr. 1938.	4	O mais formoso dentre os filhos dos homens
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXI, mai. 1938.	5	Contra Deus somente
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXI, jun. 1938.	6	Amém

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXI, jul. 1938.	7	Noemi
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXI, ago. 1938.	8	A Bíblia é palavra de Deus?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXI, set. 1938.	9	O dia derradeiro
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXI, out. 1938.	10	Reforma
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXI, nov. 1938.	11	Revestidos de Christo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXI, dez. 1938.	12	"Consolai, consolaio meu povo!"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXII, jan. 1939.	1	Concentração
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXII, fev. 1939.	2	Canção noturna
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXII, mar. 1939.	3	Três grandes perguntas
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXII, abr. 1939.	4	O Christo de Deus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXII, mai. 1939.	5	A unidade da Igreja Cristã
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXII, jun./jul. 1939.	6 e 7	Glorias a Deus! Um século de ortodoxia
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXII, ago. 1939.	8	A bênção das ofertas cristãs
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXII, set. 1939.	9	Pacifismo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXII, out. 1939.	10	Hino Luterano
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXII, nov. 1939.	11	A familia á luz da palavra de Deus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXII, dez. 1939.	12	"Bem-aventurada esperança"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIII, jan. 1940.	1	Nas mãos de Deus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIII, fev. 1940.	2	Respeito à ordem de Deus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIII, mar./abr. 1940.	3 e 4	40 anos de bênçãos divinas
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIII, mai. 1940.	5	A dupla revelação de Deus

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIII, jun. 1940.	6	Ortodoxia
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIII, jul. 1940.	7	A excelência do direito de membro de uma Congregação Cristã
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIII, ago. 1940.	8	Os Cristãos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIII, set. 1940.	9	A comunhão dos Santos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIII, out. 1940.	10	Luthero, o homem das Escrituras
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIII, nov. 1940.	11	És cristão?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIII, dez. 1940.	12	"Levantai as vossas cabeças!"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIV, jan. 1941.	1	Que sucederá em 1941?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIV, fev. 1941.	2	A fé justificadora
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIV, mar. 1941.	3	A Alegria dos Filhos de Deus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIV, abr. 1941.	4	Morte e Ressurreição de Cristo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIV, mai. 1941.	5	"Este Evangelho do Reino será prègado em todo mundo"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIV, jun. 1941.	6	Pentecostes
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIV, jul. 1941.	7	"Mene, mene, tekel, upharsin"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIV, ago. 1941.	8	"Eu sou a porta"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIV, set. 1941.	9	Causas das Guerras
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIV, out. 1941.	10	Paulo e Lutero
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIV, nov. 1941.	11	Lutero e a Fé
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIV, dez. 1941.	12	"Deus é caridade"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXV, jan. 1942.	1	Jesús teve grande compaixão da multidão
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXV, fev. 1942.	2	Por que frequentar a Igreja?

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXV, mar. 1942.	3	Hora grave
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXV, abr. 1942.	4	Páscoa - mudança em tudo!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXV, mai. 1942.	5	O Espírito Santo e a Igreja Cristã
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXV, jun. 1942.	6	No mundo sem sermos do mundo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXV, jul. 1942.	7	Preparação necessária
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXV, ago. 1942.	8	Condescendência
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXV, set. 1942.	9	Quem pode e deve ser membro de uma Congregação cristã?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXV, out. 1942.	10	Quem é Lutero?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXV, nov./dez. 1942.	11 e 12	Vinte e cinco anos
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVI, jan./fev. 1943.	1 e 2	A luz dos gentios
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVI, mar. 1943.	3	Quem é bom membro de sua Congregação?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVI, abr. 1943.	4	Jesús - Salvador
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVI, mai. 1943.	5	Já achámos o Messias
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVI, jun. 1943.	6	"Creio no Espírito Santo" e "na santa Igreja cristã, a comunhão dos santos"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVI, jul. 1943.	7	Decisão necessária
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVI, ago. 1943.	8	O cântico espiritual
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVI, set. 1943.	9	O povo adquirido
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVI, out. 1943.	10	Lutero um sinal contraditado
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVI, nov. 1943.	11	Seminário Concórdia 1903 - 1943
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVI, dez. 1943.	12	"Os seus não o receberam"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVII, jan. 1944.	1	Nosso Guarda Não Tosqueneja Nem Dorme

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVII, fev. 1944.	2	Pensamentos de Paz e não de Mal
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVII, mar. 1944.	3	Ventura
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVII, abr. 1944.	4	O padecimento e a morte de Cristo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVII, mai. 1944.	5	A Bênção da tribulação
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVII, jun. 1944.	6	Sinal característico da Igreja Luterana
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVII, jul. 1944.	7	"Examinai-vos a vós mesmos"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVII, ago. 1944.	8	Não estamos sós na aflição
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVII, set. 1944.	9	"O Mistério de Cristo"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVII, out. 1944.	10	"Não vos deixeis levar em redor por doutrinas várias e estranhas"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVII, nov. 1944.	11	A Alma do Cristianismo
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVII, dez. 1944.	12	O Natal trazendo graça
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVIII, jan. 1945.	1	Nossa certeza em Deus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVIII, fev. 1945.	2	"Vigiai e Orai"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVIII, mar. 1945.	3	Jesús ou Barrabás?
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVIII, abr. 1945.	4	A ressurreição de Jesús - nossa vitória
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVIII, mai. 1945.	5	O Mistério da Santa Ceia
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVIII, jun. 1945.	6	As mãos ajudadoras
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVIII, jul. 1945.	7	Aprendeis de mim!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVIII, ago. 1945.	8	Confessemos a Cristo!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVIII, set. 1945.	9	Ainda é o tempo aceitável
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVIII, out. 1945.	10	Lutero e o Ofício da Prêgração

MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVIII, nov. 1945.	11	Jesús recebe Pecadores
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXVIII, dez. 1945.	12	Deus é amor
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIX, jan. 1946.	1	"Certamente cedo venho" -- "Ora vem, Senhor Jesús!"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIX, fev. 1946.	2	Saber e Crer
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIX, mar. 1946.	3	"Segundo a lei, deve morrer!"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIX, abr. 1946.	4	A Ressurreição de Jesús Cristo e a Vitória do seu Evangelho
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIX, mai. 1946.	5	Conformação Cristã
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIX, jun. 1946.	6	O Milagre que não cessa
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIX, jul. 1946.	7	Sublime Bênção do Senhor
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIX, ago. 1946.	8	"Reconcilia-te"
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIX, set. 1946.	9	Tesouraria de Deus
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIX, out. 1946.	10	Ainda é Dia!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIX, nov. 1946.	11	Deus não se deixa escarnecer!
MENSAGEIRO LUTHERANO	ano XXIX, dez. 1946.	12	Natal
MENSAGEIRO LUTERANO	ano XXX, jan. 1947.	1	Trinta anos!
MENSAGEIRO LUTERANO	ano XXX, fev. 1947.	2	Os mortos viverão
MENSAGEIRO LUTERANO	ano XXX, mar. 1947.	3	A crise se aproxima!
MENSAGEIRO LUTERANO	ano XXX, abr. 1947.	4	Os Saxões
MENSAGEIRO LUTERANO	ano XXX, mai. 1947.	5	Ascensão e Segunda Vinda
MENSAGEIRO LUTERANO	ano XXX, jun. 1947.	6	Trindade
MENSAGEIRO LUTERANO	ano XXX, jul. 1947.	7	"Ide...!"

MENSAGEIRO LUTERANO	ano XXX, ago. 1947.	8	Dois Caminhos
MENSAGEIRO LUTERANO	ano XXX, set./out. 1947.	9 e 10	Nosso Centenário e a Oração do Senhor
MENSAGEIRO LUTERANO	ano XXX, nov. 1947.	11	Não posso falar de outro modo!
MENSAGEIRO LUTERANO	ano XXX, dez. 1947.	12	O segredo de nossa alegria cristã